

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LINGUÍSTICA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SEMIÓTICA E LINGUÍSTICA GERAL

JOÃO PAULO DA SILVA

**Ações bucais como práticas na emergência de entendimentos situados
em interação sinalizada**

Versão corrigida

São Paulo
2023

JOÃO PAULO DA SILVA

**Ações bucais como práticas na emergência de entendimentos situados
em interação sinalizada**

Versão corrigida

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em
Semiótica e Linguística Geral, do Departamento de
Linguística da Faculdade de Filosofia, Letras e
Ciências Humanas da Universidade de São Paulo
para obtenção do título de Doutor em Letras.

Orientadora: Profa. Dra. Evani de Carvalho Viotti

São Paulo
2023

**ENTREGA DO EXEMPLAR CORRIGIDO DA
DISSERTAÇÃO/TESE**

Termo de Anuência do (a) orientador (a)

Nome do (a) aluno (a): João Paulo da Silva

Data da defesa: 17/03/2023

Nome do Prof. (a) orientador (a): Evani de Carvalho Viotti

Nos termos da legislação vigente, declaro **ESTAR CIENTE** do conteúdo deste **EXEMPLAR CORRIGIDO** elaborado em atenção às sugestões dos membros da comissão Julgadora na sessão de defesa do trabalho, manifestando-me **plenamente favorável** ao seu encaminhamento ao Sistema Janus e publicação no **Portal Digital de Teses da USP**.

São Paulo, 16/05/2023



(Assinatura do (a) orientador (a))

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo na Publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo

S586a Silva, João Paulo da
Ações bucais como práticas na emergência de entendimentos situados em interação sinalizada / João Paulo da Silva; orientador Evani de Carvalho Viotti - São Paulo, 2023.
194 f.

Tese (Doutorado)- Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.
Departamento de Linguística. Área de concentração: Semiótica e Lingüística Geral.

1. Expressão corporal. 2. Semiótica. 3. Interação social. 4. Compreensão. 5. Língua de sinais brasileira (libras). I. Viotti, Evani de Carvalho, orient. II. Título.

SILVA, João Paulo da. Ações bucais como práticas na emergência de entendimento situado em interação sinalizada.

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Semiótica e Linguística Geral do Departamento de Linguística da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, para a obtenção do título de Doutor em Letras.

Aprovado em 17/03/ 2023.

Banca Examinadora:

Profa. Dra. Evani de Carvalho Viotti (presidente)

Instituição: Universidade de São Paulo (USP)

Julgamento: Aprovado

Profa. Dra.: Evangelina Maria Brito de Faria

Instituição: Universidade Federal da Paraíba (UFPB)

Julgamento: Aprovado

Prof. Dr.: Leland Emerson McCleary

Instituição: Universidade de São Paulo (USP)

Julgamento: Aprovado

Prof. Dr.: Tarcísio de Arantes Leite

Instituição: Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)

Julgamento: Aprovado

*Ao meu pai, Jorginho,
com saudades.*

AGRADECIMENTOS

À minha orientadora, Profa. Evani Viotti, pela orientação dedicada, pela boa convivência e amizade ao longo dos anos e por todo o seu trabalho para me oferecer uma formação ampla em linguística de um ponto de vista interdisciplinar que possibilitou o encaminhamento desta tese tal como foi desenvolvida;

Ao Prof. Leland McCleary, pela orientação informal ao longo do processo, nos cursos que ministrou e nas reuniões do Laboratório ‘Linguagem, Interação, Cultura e Cognição’, de que participo desde 2009, além das muitas conversas que tivemos ao longo desse tempo;

Aos professores que participaram da banca de qualificação deste trabalho: o Prof. Leland McCleary, o Prof. Tarcísio de Arantes Leite, a Profa. Fernanda Miranda da Cruz e a minha colega de grupo de pesquisa e pesquisadora de língua de sinais Renata Lúcia Moreira. Agradeço por poder contar com a suas leituras e arguições e receber contribuições que me foram valiosas para a finalização deste trabalho. Espero ter incorporado todas elas adequadamente a esta tese; agradeço ainda aos professores que compuseram a banca de defesa desta tese por suas leituras e arguições: o Prof. Leland McCleary e o Prof. Tarcísio Leite e a Profa. Evangelina Maria Brito de Faria.

Aos colaboradores desta pesquisa, Regiane Agrella e Wilson Santos Silva, por participarem da gravação de uma conversa em língua de sinais brasileira e por permitir o uso dos dados e de suas imagens nesta tese. Sem as suas valiosas contribuições, este trabalho não teria sido possível. Estendo meus agradecimentos a outros professores e colegas surdas e surdos, com os quais tenho aprendido muito ao longo dos anos: minha querida professora de libras Sylvia Lia, meus colegas de curso na UFSCar Prof. Rimar Segala, Profa. Mariana Campos e Prof. Guilherme Nichols, e a toda a comunidade surda, a que esta pesquisa prioritariamente é destinada;

Ao Prof. Jörg Keller, pelo pronto envio de um dos seus textos sobre ações bucais em língua de sinais alemã (DGS), a que não consegui ter acesso de outro modo naquele momento;

Às Profas. Livia Oushiro e Fernanda Cruz pela formação conjunta que fizemos para o uso do software ELAN, da qual obtive alguns macetes para tornar a atividade de transcrição menos custosa do que do modo como eu estava realizando até aquele momento;

Ao Departamento de Linguística da USP por acolher esta pesquisa; aos professores que estiveram na arguição do projeto, por suas perguntas e suas sugestões valiosas: Profa. Luciana Storto, Prof. Ronald Beline e Prof. Thomas Finbow; à secretária da pós-graduação em Semiótica e Linguística Geral do Departamento de Linguística da USP, Érica Flávia, pelas diversas vezes que esteve pronta a me ajudar em questões burocráticas;

Ao Departamento de Psicologia e ao Curso de Bacharelado em Tradução e Interpretação em Libras/Língua Portuguesa (TILSP) da UFSCar, pelos afastamentos parciais que me foram concedidos para cursar as disciplinas do doutorado e o afastamento integral para escrita da tese; a todos os colegas do Curso TILSP, pela compreensão para a necessidade de ajustes na distribuição de atividades do curso para que este doutorado fosse possível;

Aos meus colegas e amigos de longa data: à Aline Markezani pelas conversas que tivemos quando eu estava ansioso com a escrita; à Janaina Cabello e à Sarah Leite, pela convivência gostosa de sempre; aos colegas do LLICC, pelas discussões que tivemos nos nossos encontros: à Joana Franco, à Cecília Farias, à Júlia Whitaker, à Bruna Rodrigues, à Dora Savoldi, ao Rodrigo Madrid e à Juliana Ángel-Osorno; à Juliana agradeço em especial pelos textos que sugeri que lêssemos no grupo, sempre estimulantes e esclarecedores e pela organização, junto à nossa colega de pós-graduação Clarissa Monteiro, de uma atividade de saúde mental na pós-graduação, de cujas reuniões me beneficiei; a outros participantes egressos ou itinerantes do grupo, com os quais a amizade se fortaleceu ao longo dos anos: ao André Xavier, ao Thyago Santos, à Thaís Bolgueroni e à Renata Moreira, com quem pude conversar sobre a pesquisa e sobre a vida;

Ao Leonardo Alves Coêlho, pelo suporte emocional e psicológico na etapa final da pesquisa;

Por fim, mas não menos importante, aos meus pais, que me deram todo o apoio sempre. À minha mãe, que está comigo na finalização deste trabalho, e ao meu pai, que já não está; ele nos deixou, sendo uma das vítimas da pandemia de Covid-19, durante o processo desta pesquisa. A saudade que sinto é imensa.

RESUMO

SILVA, J. P. da. **As ações bucais como práticas na emergência de entendimentos situados em interação sinalizada.** Tese (Doutorado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, São Paulo: Universidade de São Paulo (USP), 2023.

O objetivo desta tese é descrever o processo semiótico que se desenvolve em uma conversa em libras entre dois surdos adultos fluentes nessa língua, analisando de que modo as ações bucais empregadas por eles podem constituir práticas corporeadas de criar entendimentos situados na conversa (STREECK, 2009; ENFIELD, 2013). Para tanto, tomo como base os fundamentos do que está sendo chamado de ‘Semiótica das Interações’, isto é, um campo de pesquisa interdisciplinar que perpassa o trabalho de pesquisadores que, em uma postura que se distancia dos ditames da Modernidade, ocupam-se em descrever aquilo que há de local, temporal, contingencial na significação emergente nas interações entre seres vivos. Essa semiótica envolve uma parceria entre as teorias de base enativa, inspiradas pelo trabalho de Varela e seus colegas (VARELA; ROSCH; THOMPSON, 1991), e aquelas obras filosóficas e científicas que agrupam reflexões e descrições desenvolvidas sob o rótulo de ‘perspectiva de habitação’ (POLANYI, 2009; HEIDEGGER, 1971; INGOLD, 2000; STREECK, 2015; GOODWIN, 2018). Dessa perspectiva, a semiose é vista como um sistema complexo que se auto-organiza dinamicamente em face a perturbações, em um processo em que não há lugar para descrições estáticas. Com base nas noções (neo)peirceanas de signos, o entendimento é o de que, em eventos que reconhecemos como enunciados multidimensionais, instigadores do processo semiótico (R) se co-constituem dinamicamente e temporalmente com objetos de interpretação (O) enquanto promovem sua co-emergência com eventos interpretantes (I), formando assim as unidades temporais de significação a partir das quais as conversas se desenvolvem. As descrições apresentadas nesta tese se voltam para a participação das ações bucais nesse processo, tal como elas são empregadas pelos surdos na conversa em questão. Os resultados apontam para a necessidade de uma maior abertura nas ciências da linguagem para aquilo que sempre foi deixado de lado nesses estudos, a saber, o caráter situado, local, temporal, corporeado e contingencial das ações que constituem as diferentes facetas do processo semiótico no mundo experiencial dos seres vivos.

Palavras-chave: Ações bucais. Semiose. Práticas corporeadas. Entendimentos situados. Libras.

ABSTRACT

SILVA, J. P. da. **Mouth actions as practices in the emergence of situated understandings in signed interaction.** Thesis (Doctorate) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas – São Paulo: Universidade de São Paulo (USP), 2023.

This thesis aims at describing the semiotic process that takes place in a conversation in Libras between two fluent deaf adults, analyzing how their use of mouth actions can constitute embodied practices that create situated understandings in conversation (STREECK, 2009; ENFIELD, 2013). The basis for the work is the semiotics of interaction, an interdisciplinary field distant from the dictates of Modernity, as it aims at describing that which is local, temporal, contingent in meaning emerging in the interactions of living beings. This semiotics involves a partnership between enactive theories inspired by the work of Varela and his colleagues (VARELA; ROSCH; THOMPSON, 1991), with those philosophical and scientific works that describe and develop what is known as a “dwelling perspective” (POLANYI, 2009; HEIDEGGER, 1971; INGOLD, 2000; STREECK, 2015; GOODWIN, 2018). Semiosis is seen as a complex system that dynamically self-organizes in the face of disturbances, in a process in which there is no place for static descriptions. Based on (neo)Peircean notions of signs, the understanding is that in events we recognize as multidimensional utterances, instigators of the semiotic process (R) dynamically and temporally co-constitute themselves with objects of interpretation (O) while fostering their co-emergence with interpretant events (I), thus forming the temporal units of meaning from which conversations develop. The descriptions presented here focus on the participation of mouth actions in this process, as they are used between two deaf people in a conversation. This study points at the need for language studies to open up for what has always been left aside: the situated, local, temporal, corporeal, and contingent character of the actions that constitute different facets of the semiotic process in the experiential world of living beings.

Keywords: mouth actions; semiosis; embodied practices; situated understandings; Libras.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Estrutura do conhecimento tácito segundo Polanyi	33
Figura 2 - Sistema multi-agentes como organizações autônomas de autossustentação co-emergentes intra- e intercorporeada	40
Figura 3 - Construção de uma nova ação por meio de transformações cumulativas desempenhadas sobre materiais criados por ações prévias de outros atores ...	46
Figura 4 - A co-constituição de ações co-operativas e materiais, práticas corporeadas e contextos de inteligibilidade	47
Figura 5 - Representamen, objeto e interpretante em co-constituição no tempo	65
Figura 6 - Cadeias semióticas de representamen-objeto-interpretante no tempo na atividade de uma bactéria em busca de nutrientes	67
Figura 7 - Cadeia de Representamen-Objeto-Interpretante envolvendo mais de um agente	68
Figura 8 – Relações sígnicas e suas principais tricotomias	73
Figura 9 - Um processo semiótico em cadeia, com interpretante/representamen em múltiplas modalidades.....	75
Figura 10 - Ações manuais como andaime na emergência de ações bucais	78
Figura 11 - Exploração semiótica em um jogo de amarelinha	81
Figura 12 - Hábitos distribuídos em históricos de interação interligados em multi-escalas de tempo	88
Figura 13 - Enquadramentos capturados pelas gravações a partir do uso de diferentes câmeras no estúdio.....	94
Figura 14 - Olhar do interlocutor direcionado para as mãos, capturado por uma das câmeras	94
Figura 15 - Imagem da tela do ELAN com quatro vídeos inseridos e anotações feitas em diferentes trilhas	96
Figura 16 - Possível transcrição da palavra ‘tomate’ usando um sistema de anotação baseado em visemas	98
Figura 17 - Tentativa inicial de transcrição da ação bucal acompanhada do sinal EGOÍSTA por um sistema de visemas.....	99
Figura 18 - Fases do gesto em um sinal fora de contexto de uso	101
Figura 19 - Estrutura dos sinais e dos gestos manuais, em contexto de uso	102
Figura 20 - Alinhamento das ações da mão e da boca em termos de correspondência das fases de preparação e expressiva dessas ações	104
Figura 21 - Fase expressiva da ação bucal realizada como suspensão independente	105
Figura 22 - Fase expressiva da ação bucal realizada como suspensão dependente seguida de golpe.....	106
Figura 23 - Três diferentes padrões de ação bucal em termos de suspensões e movimentos.....	106
Figura 24 - Ação bucal constituída de suspensão e movimento em estrutura semelhante à da articulação de uma sílaba	108
Figura 25 - Modelo de apresentação de figura no capítulo de análise e de link para acesso ao vídeo [Trecho 6]	113
Figura 26 - Ações de ambos os interlocutores se co-constituindo como ação co-operativa em uma unidade de significação [trecho 1].....	119

Figura 27 - Ação facial de R como demonstração de entendimento [trecho 2].	120
Figura 28 - Ações co-operativas da cabeça, olhos, torso, boca e mão na elaboração de ações construídas de um diálogo [trecho 3]	121
Figura 29 - Reuso de ação bucal na elaboração de uma demonstração de entendimento na interação corrente e em um diálogo construído	122
Figura 30 - Digitalização manual da palavra 'nota' em português simultânea a ações de boca remetendo a alguns aspectos da articulação bucal dessa palavra [trecho 4]	125
Figura 31 - Realização manual do sinal NOTA em libras simultânea a ações de boca remetendo a certos aspectos da articulação bucal da palavra 'nota' em português [trecho 5]	126
Figura 32 - Análise da primeira ocorrência de digitalização manual e articulação bucal de palavra no trecho inicial da conversa [trecho 6]	128
Figura 33 - Digitalização manual e articulação bucal do nome de um colega em português [trecho 7]	130
Figura 34 - Digitalização manual e articulação bucal como ação intra- e intercorporeada [trecho 8].	131
Figura 35 - Ação co-operativa como prática habitual resgatada de interações passadas [trecho 9]	133
Figura 36 - Articulação bucal como reuso com transformações de materiais oferecidos na própria interação [trecho 10].	134
Figura 37 - Digitalização manual e articulação bucal em pergunta reformulada [trecho 11]	135
Figura 38 - Preparação de um dos interlocutores para o início da conversa [trecho 12]	136
Figura 39 – A primeira unidade entoacional na conversa em análise [trecho 13]	137
Figura 40 - Relações semióticas envolvidas em um signo [trecho 15]	141
Figura 41 - As unidades entoacionais na conversa em análise [trecho 16].	143
Figura 42 - Diferentes padrões de alinhamento temporal das ações bucais em relação a outras ações	144
Figura 43 - Ação bucal de estender a língua para fora na co-constituição de objetos envolvendo uma avaliação depreciativa [trecho 17]	146
Figura 44 - Ação de estender a língua para fora em avaliação negativa feita por um enunciador em reuso no trecho da conversa [trecho 18]	146
Figura 45 - Ação bucal de estender a língua para fora na avaliação negativa feita por um enunciador: diferentes alinhamentos com outras ações	148
Figura 46 - Ação de assoprar na expressão da noção de processo contínuo em curso [trecho 22, trecho 23 e trecho 24].	149
Figura 47 - Ação de sugar as bochechas na expressão de 'falta' [trecho 25, trecho 26 e trecho 27].	150
Figura 48 - Língua estendida para fora durante a realização do sinal É e no apontamento precedente a esse sinal [trecho 28, trecho 29, trecho 30 e trecho 31]	151
Figura 49 - Ações bucais na constituição perceptual de estados de c (recipiente cheio) e de processos (flúidos, com vibração, com expansão a partir de um centro) [trecho 32]	151
Figura 50 - Co-operação intracorporeada na organização de um apontamento para as mãos envolvendo o uso da língua [trecho 33]	154

Figura 51 - Protrusão de língua em co-operação com apontamento manual [trecho 34].....	156
Figura 52 - Chamada de atenção com ação manual de acenar para o interlocutor [trecho 35].....	156
Figura 53 - Chamada de atenção com ação bucal de acenar para o interlocutor [trecho 36].....	157
Figura 54 - Ausência de ação bucal como parte significativa de uma ação construída [trecho 37].....	159
Figura 55 - Prática de listagem com ações bucais durante o contato visual [trecho 38].....	160
Figura 56 - Ausência de ação bucal durante o direcionamento do olhar para as mãos [trecho 39].....	162
Figura 57 - Co-operação de ações das mãos, da boca e dos olhos na elaboração de um cenário em dimensão reduzida.....	163
Figura 58 - A elaboração de um cenário icônico de dimensão reduzida em frente ao corpo [trecho 40].....	165
Figura 59 - Cenário emergente da co-operação das mãos, olhos e boca em imaginação situada [trecho 41].....	166
Figura 60 - Apresentação de outros detalhes do cenário [trecho 42].....	167
Figura 61 - Apresentação do evento no cenário do evento (fonte: elaboração própria) [trecho 43].....	167
Figura 62 - Apresentação de detalhe mais específico do evento (local onde o menino bateu a cabeça) (fonte: elaboração própria) [trecho 44].....	168

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	16
1. FUNDAMENTOS DE UMA SEMIÓTICA DA VIDA	26
1.1. Semiótica de corpos vivos em ação em um mundo material, social e culturalmente constituído	30
1.2. Abordagens de inspiração enativa: em busca de bases biológicas para a descrição do processo semiótico nas interações	34
1.3. A co-constituição de ações co-operativas e de uma perspectiva de habitação	44
1.4. Uma proposta para tratamento das práticas corporeadas na organização multimodal e multidimensional	50
1.5. Conclusão	58
2. A AÇÃO DOS SIGNOS EM UMA SEMIÓTICA DA VIDA	60
2.1. A semiose em curso na dinâmica da vida: signos, objetos e interpretantes em co-emergência e co-constituição no tempo	64
2.2. A co-constituição entre indivíduos em interação local e a emergência de um sistema multiagentes: a semiose como sistema complexo, dinâmico e auto-organizado	70
2.3. A semiose nas interações: signos em co-constituição	73
2.4. A emergência de práticas estruturadas nas interações sinalizadas	85
2.5. Conclusão	89
3. A TRANSCRIÇÃO DAS AÇÕES BUCAIS E OUTROS ASPECTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA	90
3.1. Os dados da pesquisa: coleta e tratamento	92
3.1.1. A coleta dos dados	92
3.1.2. O tratamento dos dados	95
3.1.3 Fases do gesto: uma aplicação à transcrição das ações bucais	100
3.2. Desenvolvimento de um sistema de anotações das ações bucais	108
3.3. A apresentação dos dados	112
3.4. Conclusão	113
4. AS AÇÕES BUCAIS COMO PRÁTICAS NA EMERGÊNCIA DE ENTENDIMENTOS SITUADOS	115
4.1 A interação face a face: a face na expressão de atitudes, emoções e entendimentos	118
4.2. A articulação bucal de (partes de) palavras como reuso de recursos de línguas orais	124
4.2.1. Análise 1 - Digitalização manual com articulação bucal de palavra como forma de produzir entendimento situado	127
4.2.2. Análise 2 - Digitalização manual <i>sem</i> articulação bucal de palavra na listagem de membros de um grupo	129

4.2.3. Análise 3 - Digitalização manual da expressão ‘ondas sonoras’ com articulação bucal parcial de palavra	130
4.2.4. Análise 4 - Digitalização manual da expressão ‘física atômica’ com articulação bucal de palavra quando há demonstração de entendimento	132
4.2.5. Análise 5 - Digitalização manual e articulação bucal da expressão ‘física atômica’ como reuso de ações produzidas pelo interlocutor na interação	133
4.2.6. Análise 6 - Digitalização manual e articulação bucal da palavra ‘física’ em pergunta reformulada	134
4.3. Co-constituição das ações das mãos e da boca e de outras partes do corpo na emergência de unidades icônicas, indexicais e/ou simbólicas	136
4.3.1. Análise 1 - A unificação entre as ações das mãos e da boca quando há contato visual entre os interlocutores	136
4.3.2. Análise 2 - A unificação entre a) as ações das mãos e da boca e b) ações da boca e de outras ações não manuais durante um diálogo construído	142
4.3.3. Análise 3 – Co-constituição potencialmente simbólica da ação das mãos e da boca: a língua estendida para fora	145
4.3.4. Análise 4 - Co-constituição potencialmente simbólica da ação das mãos e da boca: outros casos envolvendo iconicidade e/ou indexicalidade	148
4.3.5. Análise 5 – Co-constituição icônica das ações das mãos e da boca no relato de eventos em uma aula no laboratório	151
4.3.6. Análise 6 – Co-constituição indexical das ações da mão, da boca e dos olhos: apontamento feito com a língua	153
4.4. Ações bucais como estratégias para a chamada de atenção e possíveis indicações de movimento para tomada e manutenção do turno	156
4.5. A ausência de ação bucal em diferentes práticas na conversa: análise de trechos selecionados	158
4.5.1. Análise 1: Ação construída sem ação bucal	158
4.5.2. Análise 2: O direcionamento do olhar para as mãos na elaboração de uma prática de listagem	159
4.5.3. Análise 3: O direcionamento do olhar para as mãos na elaboração de cenário em dimensão reduzida	161
4.5.4. Análise 4: O uso reiterado de ações manuais durante a prática de criar um cenário em dimensão reduzida e o uso progressivo de ações bucais: direcionamento do olhar para as mãos e para a face	164
4.6. Conclusão	169
CONCLUSÃO	173
REFERÊNCIAS	179
ANEXO A – DOCUMENTO DO COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA (CEP)	190

“Deixa o teu corpo entender-se com outro corpo.
Porque os corpos se entendem, mas as almas não.”

(Manuel Bandeira)

INTRODUÇÃO

Nas situações em que interagimos presencialmente com outras pessoas, sempre usamos diferentes partes do corpo para nos fazer entender. Um motociclista que, em movimento no trânsito, deseja pedir passagem para um motorista que vem atrás dele sabe que pode fazer um movimento com o braço para sinalizar o seu pedido e para sugerir qual será a sua próxima manobra. Do mesmo modo, alguém que se comunica com uma pessoa a uma distância razoável em um ambiente ruidoso sabe que precisará fazer gestos manuais, gestos com a cabeça, e articular bem as palavras labialmente para se fazer entender minimamente. Em uma situação em que duas pessoas que tentam manter uma comunicação em uma língua que não dominam bem, elas certamente usarão gestos feitos por diferentes partes do corpo na tentativa de chegar a algum entendimento comum a respeito da ação que estão dispostas a fazer conjuntamente naquele momento.

Apesar de bastante corriqueiras, ações como as descritas acima costumam passar praticamente despercebidas no curso de um conjunto de ações constitutivas de uma dada atividade. Atentas ao projeto compartilhado que está em andamento em uma determinada interação e tendo que lidar com as contingências da situação que têm no momento, as pessoas se relacionam cotidianamente umas com as outras, realizando as mais diferentes formas de ação em contextos particulares sem se dar conta de como cada uma de suas ações está contribuindo para o desenvolvimento das atividades que elas estão elaborando com outros. Contanto que as atividades sejam bem sucedidas, as ações espontâneas e normalmente improvisadas servem bem ao propósito da comunicação sem que os interactantes se voltem conscientemente para as próprias ações. Não obstante, essas ações são fundamentais para o desenvolvimento das atividades e é difícil imaginar como lidaríamos com as mais diversas situações de interação se não pudéssemos lançar mão de recursos como os que são tomados no exemplo acima.¹

¹ Não quero dizer, tomando essas ações como exemplo, que apenas elas sejam responsáveis pela elaboração de entendimentos nas situações descritas. Muitos outros elementos que estão envolvidos na organização da interação entram na constituição de entendimento alcançado localmente.

É curioso notar que ações como essas normalmente passam despercebidas não só aos participantes das interações, mas também ao olhar de muitos daqueles que se propõem a explicitar o processo semiótico que sustenta o uso da língua. Há ainda hoje uma dificuldade em reconhecer o papel das ações corporais nos processos semióticos, o que tem resultado em conferir a elas um lugar marginal nas investigações sobre língua e linguagem. A tendência geral de ignorar as ações corporais, assentada nos pilares construídos pelas ciências da Modernidade, é parte dos projetos daqueles pesquisadores que têm se ocupado em explicitar aquilo que as línguas têm de abstrato, universal, sistemático, geral e atemporal. Ainda são poucos os trabalhos que se voltam para a observação daquilo que de mais concreto caracteriza o mundo da vida, isto é, o conhecimento local, particular e assentado na temporalidade da interação humana (TOULMIN, 1992; VIOTTI, 2013a).

Essa tendência vem sendo revista por pesquisadores que, desenvolvendo trabalhos em programas de pesquisa individuais, aproximam-se uns dos outros pelo interesse no estudo do processo semiótico em andamento na interação, em uma postura assumidamente anticartesiana, e que se distanciam, em maior ou menor grau, dos ideais científicos erigidos pela Modernidade (cf. COWLEY; FESTER, 2017; ENFIELD, 2009; GOODWIN, 2018; KOCKELMAN, 2011; MCCLEARY; VIOTTI, 2017; STREECK, 2009; 2015). Para levar adiante esse empreendimento, esses pesquisadores desenvolvem os seus trabalhos de modo interdisciplinar, em tal medida que não é fácil buscar uma clara delimitação disciplinar para fazer referência a suas pesquisas. Na busca de um denominador comum aos autores que tomo como referência, podemos lançar mão do rótulo ‘Semiótica das Interações’, usado por alguns deles: são pesquisas que se concentram na *interação*, um fenômeno eminentemente multimodal e multidimensional.² Para esses autores, a interação é um processo de semiose contínua que envolve corpos em ação fazendo uso de todos os recursos corporais disponíveis, em sua ação como suporte material desse processo: além da voz, com as variadas qualidades e impositões, todas as demais ações corporais, como as ações faciais, as ações do tronco e dos membros superiores e inferiores, ações manuais, direcionamento do olhar, dentre outros (MCCLEARY; VIOTTI, 2017, p.172). Enquanto

² Neste trabalho, a multimodalidade é entendida como o uso de diferentes modos ou canais de expressão, como a cadeia de fala, com os contornos melódicos, ritmos e duração de segmentos que lhes é característica e os gestos produzidos por diferentes partes do corpo, com as diferentes modulações que podem ser produzidas nas suas realizações. A multidimensionalidade diz respeito à dimensionalidade do corpo em ação, que envolve as três dimensões espaciais nas quais as ações podem ser produzidas e percebidas visualmente, e a temporalidade, que constitui a quarta dimensão envolvida na realização das ações.

as pesquisas a respeito das línguas orais nesta perspectiva buscam entender como os falantes usam recursos que organizam e orquestram temporalmente, a um só tempo, elementos visuais e sonoros, além de outros recursos materiais, as pesquisas sobre as línguas de sinais, ainda raras sob essa perspectiva, têm o desafio de explicitar de que maneira os surdos, nas comunicações nas línguas de sinais, predominantemente visuais, orquestram ações realizadas por diferentes partes do corpo e como essas ações contribuem com o entendimento a que se chega na interação. Para além desses recursos, a interação comunicativa pode também se valer de toda a materialidade do entorno em que a interação acontece: a localização espacial fundamental para os apontamentos e para o direcionamento do olhar e os objetos próximos aos interactantes que podem ser manipulados para fins semióticos, entre outros.

Esta tese se volta para a descrição de um aspecto específico desse processo: a maneira como as ações bucais participam do processo semiótico de conversas entre surdos fluentes em língua de sinais brasileira (libras). Esse tipo de análise envolve o exame do papel semiótico que essas ações têm nas interações entre surdos, buscando combinar a perspectiva de todos os interactantes. Desse ponto de vista, a semiose é entendida como ação intersubjetiva e, portanto, analisada como um *processo* em curso nas atividades que as pessoas desenvolvem em sua vida social cotidiana. A semiose faz emergir um sistema multiagentes que, nas interações humanas, eventualmente reconhecemos como uma prática comunicativa (FROESE; DI PAOLO, 2011). Embora essa seja uma questão fundamental para esclarecer como se dá o entendimento dos participantes em uma interação sinalizada, são quase inexistentes os trabalhos que procuram entender a conversa nas línguas de sinais desse ponto de vista intercorporeado e situado.

O fenômeno investigado nesta pesquisa tem como pano de fundo um fato comum a praticamente todas as comunidades surdas: os surdos habitam um mundo em que as pessoas, majoritariamente ouvintes, quando se comunicam com outras pessoas, usam a boca e outros órgãos do aparelho vocal para produzir ações que resultam em sons das línguas orais. Nas interações entre ouvintes em línguas orais, os movimentos bucais que resultam em tais sons são um produto contingencial das ações articulatórias dos órgãos da fala; já nas conversas entre surdos em línguas de sinais, em grande parte dos casos, não há uma relação necessária entre a produção de fala e os movimentos bucais (ou seja, os surdos não movem a boca porque estão necessariamente falando uma língua oral enquanto

sinalizam)³ e nem mesmo entre os sinais manuais e os movimentos bucais (diferente dos movimentos de boca na fala, a sinalização não é um produto contingencial dos movimentos da boca); isso, por si só, distingue essas ações em interações sinalizadas daquelas feitas em interações faladas. Além disso, durante a interação, mesmo quando essas ações envolvem a produção de algum som, o som produzido só poderá ser tomado como recurso semiótico por um interlocutor surdo caso ele não tenha a perda total da audição. Essas ações, tomadas exclusivamente no seu aspecto visual, parecem criar, com outras ações corporais, formas específicas de orquestrar um arranjo de ações, de um modo que parece ser particular a interações realizadas em modalidade gesto-visual.

Pela semelhança entre muitas ações bucais produzidas por surdos em suas conversas e as articulações bucais produzidas por ouvintes enquanto estão falando uma língua oral, a literatura, de modo geral, vem atribuindo a uma grande parte dessas ações o *status* de articulação bucal de palavras (*mouthings*), o que caracterizaria o fenômeno como resultante do contato linguístico entre línguas orais e sinalizadas (MOHR, 2012), conferindo a essas articulações bucais o *status* de empréstimo linguístico das línguas orais para as línguas de sinais. Apesar de essa posição ser amplamente aceita na literatura, alguns autores recomendam tomá-la com cuidado. Fontana (2008) diz que “do ponto de vista dos usuários [de línguas de sinais], a relação entre língua falada e a articulação bucal de palavras (*mouthings*) é irrelevante. Nós devemos nos perguntar, em vez disso, por que elas são sentidas como parte da língua” (2008, p. 115, tradução minha).⁴ De fato, tomando as ações bucais isoladamente fora de um contexto real de uso, os pesquisadores não discutem o fato de que quase não há garantia - em especial porque as descrições negligenciam o momento-a-momento da interação - de que o sinalizador conheça a palavra da língua oral que estaria articulando com a boca, e de que o interlocutor reconheça o significado daquela palavra da língua oral de modo que a articulação bucal pudesse estar contribuindo com o entendimento. A respeito das ações bucais que não parecem ter nenhuma relação com a articulação de sons de língua oral, denominadas ‘gestos bucais’, assume-se que sejam, em alguns casos, parte do sistema gramatical das línguas de sinais (AJELLO; MAZZONI; NICOLAI, 2001; BERGMAN; WALLIN, 2001, BRAEM, 2001; SUTTON-SPENCE;

³ Naturalmente, existem situações em que surdos oralizados falam oralmente e sinalizam manualmente ao mesmo tempo, mas esse tipo de sinalização cria uma outra forma de ecologia sinalizada, que está fora do escopo de investigação desta tese. Um exemplo de sinalização em que o sinalizador sinaliza e oraliza ao mesmo tempo pode ser visto em: <https://www.youtube.com/watch?v=Bcq6GPyMfPo>

⁴ No original: I have already said that from the users’ point of view the spoken language link of mouthings is irrelevant. We should rather wonder why they are felt as part of the language.

DAY, 2001; VOGT-SVENDSEN, 2001; PÊGO, 2013, 2021) ou ainda que sejam gestos que mimetizem as ações bucais de outras pessoas, como assoprar para significar a própria ação de assoprar (CRASBORN *et al.*, 2008).

Apesar de as pesquisas já feitas sobre as ações bucais revelarem aspectos importantes dessas ações em diferentes línguas de sinais, a ausência de estudos que analisem tais ações no curso de interações reais, levando em consideração tanto as ações de um sinalizador quanto as ações responsivas do interlocutor, ainda deixa em aberto questões sobre a natureza dessas ações bucais em discursos sinalizados e sobre o modo em que elas são efetivamente empregadas. Tomar as ações bucais precipitadamente como sendo articulação bucal de palavras (*mouthings*) ou atribuir de antemão aos ditos gestos bucais uma natureza gramatical pode ser problemático, pois existe o risco de essa posição envolver uma projeção do que acontece nas línguas orais sobre os dados sinalizados. Esse enviesamento pode se dar não só por se assumir que certas ações sejam de fato articulação de palavras da língua oral, mas também pela crença de que as línguas de sinais operem com as mesmas categorias gramaticais que as línguas orais. Esse segundo viés se revela na posição assumida por pesquisadores que, distinguindo as ações bucais tidas como linguísticas daquelas que, para eles, não têm esse *status*, concentram as suas análises nas primeiras, dando às demais um caráter periférico (para uma discussão do *status* dessas ações para diferentes autores, cf. JOHNSTON; VAN ROEKEL; SCHEMBRI, 2015).

Nesse sentido, a proposta desta pesquisa é a de analisar essas ações bucais a partir de uma interação espontânea entre surdos e, considerando todas as ações bucais sem distinção, procurar deixar, tanto quanto possível, que os dados mostrem aquilo que é relevante para a descrição dessas ações em uma interação sinalizada. Esta tese apresenta, portanto, uma descrição de uma interação espontânea em libras, que leva em consideração não somente aquilo que as teorias linguísticas mais influentes vêm classificando como língua, mas também todos os elementos que compõem a prática comunicativa em curso: os agentes, seus corpos, a temporalidade de suas ações, os recursos materiais disponíveis, as histórias passadas, os gerenciamentos mútuos: tudo isso opera simultaneamente para criar um entendimento situado. Esses elementos estão na base de um conceito fundamental para

este trabalho, que é a noção de ação co-operativa (GOODWIN, 2018), apresentada mais adiante. Essa é a noção de base que norteará as análises apresentadas nesta tese.⁵

Apesar de argumentar a favor do estudo das ações bucais a partir de uma conversa entre surdos, esta pesquisa não deve ser entendida como um estudo que toma para si as ferramentas conceituais da análise da conversa. Trata-se, antes, de uma *análise semiótica da interação* sinalizada. A necessidade de realizar a análise a partir de uma conversa decorre do entendimento de que a semiose é um *processo* que constitui a ação intersubjetiva dos participantes, não como um *produto* dessa ação, ou como um meio para que a interação se faça possível (MCCLEARY; VIOTTI, 2017, p.184). A fundamentação teórica apresentada na tese, portanto, não vai se concentrar em temas caros à análise da conversa (como troca de turno, sobreposições, reparos etc.), mas na discussão de propostas que visam a esclarecer de que maneira a semiose é entendida dentro da perspectiva da Semiótica das Interações, e dos desafios que precisam ser enfrentados nas análises de cunho multidimensional que tomam como objeto as línguas sinalizadas.

O capítulo 1 apresenta alguns dos fundamentos teóricos sobre os quais se assenta esta tese. Ele se inicia com a discussão sobre a natureza do processo semiótico visto da perspectiva de corpos vivos em ação. Para isso, assumo como base fundamental a conciliação entre as propostas teóricas e filosóficas assentadas sobre uma ‘perspectiva de habitação’, explicitada ao longo do capítulo, e propostas teóricas inspiradas na abordagem cognitiva da enação, de Francisco Varela, desenvolvida a partir de trabalhos com Humberto Maturana sobre a natureza do conhecimento de uma perspectiva biológica. Essa conciliação tem o intuito de associar este trabalho ao dos autores que buscam uma aproximação entre os estudos da natureza e da cultura, dissolvendo o abismo que se cria na descrição de fenômenos humanos e não humanos, ainda persistente na investigação dos fenômenos da vida.

Ao longo da discussão, apresento, em face da literatura, algumas das implicações de assumir uma noção de corpo diferente daquela noção limitada que vem sendo assumida pelas teorias linguísticas mais influentes e pelos estudos da linguagem de modo geral.

⁵ Apesar de possíveis relações que possam ser feitas com algumas noções bakhtinianas, a noção de ação co-operativa difere daquelas desenvolvidas por Bakhtin porque, na ação co-operativa, o que está em questão é a *interação*, isto é, o *processo* em curso que se desenvolve nas ações dos interactantes. Na teoria desenvolvida por Bakhtin, diferentemente, o interesse está no *produto* dessas interações, nos enunciados, sempre relacionados a campos diversos da atividade humana.

Contrariamente a um entendimento de corpo como um canal pelo qual as mensagens são expressas, assumo, a partir da conciliação mencionada, a noção semiótica de corpos vivos em ação em um mundo material e sociocultural habitado com outros. A noção de ação cooperativa, de Charles Goodwin (2018), central para a perspectiva de habitação assumida nesta pesquisa, é entendida nesta tese com um fenômeno fundamental não somente para aquilo, como argumenta Goodwin, “que nos faz humanos” (2018, p. 9), mas para aquilo que constitui os organismos vivos, de modo geral, que se sustentam a si mesmos através do uso semiótico dos recursos disponíveis no domínio em que eles habitam. Dessa perspectiva, voltando-me mais propriamente para as interações humanas em língua sinalizada, argumento, a partir de uma noção de língua em interação como prática corporeada (STREECK, 2009), que, tal como as ações manuais nas interações em línguas orais, as ações bucais nas interações sinalizadas não devem ser vistas como um código, mas como uma família de práticas comunicativas de usar a boca para criar entendimentos situados.

A noção de entendimento situado, que tomei inicialmente de Streeck (2009), será desenvolvida no capítulo 2 em termos de uma semiose de inspiração peirceana (ATÃ; QUEIROZ, 2019, 2021; KOCKELMAN, 2011; LEMKE, 2000, 2006; MCCLEARY; VIOTTI, 2017; QUEIROZ; EL-HANI, 2006). Essa noção sustenta, alinhada à noção de corpos vivos em ação, a assunção de que as práticas de uso da boca para criar entendimentos locais não são elaboradas individualmente, mas como uma unidade semiótica (produção e interpretação de eventos sígnicos vistas como uma *unidade* e não como um *conjunto*, isto é, como ações que emergem e se co-constituem mutuamente e não como processos que ocorrem separadamente) no curso de práticas comunicativas desempenhadas com outros. Essas práticas comunicativas são elaboradas por processos de ação cooperativa, em que os participantes elaboram as suas ações não do zero, mas a partir do reuso com transformações de recursos empregados no ambiente público da interação ou resgatados de interações passadas, com as devidas contribuições da situação presente (GOODWIN, 2018). Ao longo do capítulo, discuto diferentes formas de semiose, chamando a atenção para aspectos relevantes para as análises. Encerro o capítulo argumentando que a ordem e o imprevisto, bem como o hábito e a criatividade, são duas faces indissociáveis da nossa condição corporeada de habitar o mundo com outros, de fazer sentido nesse mundo e de formar e atualizar novos habitantes em comunidades que emergem de nossas práticas históricas, engajadas em um mundo material, orgânico e sociocultural.

A análise das ações bucais enquanto ação co-operativa envolve uma anotação acurada de cada uma das ações bucais e de sua relação com outras ações do corpo do sinalizador, bem como com as ações responsivas - bucais ou não - do interlocutor. Nesse sentido, esta pesquisa incluiu o desafio de organizar um sistema de transcrição para as ações bucais que, por um lado, estivesse desvinculado de um possível enviesamento de língua oral e, por outro, garantisse um grau de legibilidade dos dados transcritos que favorecesse as análises. O capítulo 3, de cunho metodológico, apresenta esse sistema, incorporado ao modelo de transcrição de dados sinalizados inicialmente proposto por McCleary, Viotti e Leite (2010) juntamente com o software usado para transcrição dos dados e com outros aspectos metodológicos nesta pesquisa. Para tanto, o capítulo se inicia com uma apresentação da proposta de Kita, van Gijn e van der Hulst (1998) para identificação de fases dos gestos manuais e uma proposta de aplicação desse modelo para a identificação das ações bucais, distinguindo as fases de realização das ações. Em seguida, apresenta o modelo usado para anotar as ações bucais (inspirado em HANKE *et al.*, 2001), as adequações feitas no modelo para os fins desta pesquisa, além de discutir possíveis consequências das escolhas metodológicas para as análises que serão apresentadas no capítulo seguinte.

O capítulo 4 apresenta uma análise dos dados, descrevendo as ações bucais como prática de uso da boca para criar entendimentos situados. Como o entendimento é o de que as ações intra- e intercorporeadas emergem como parte do sistema multiagentes,⁶ as análises contemplam simultaneamente ambas as formas de ação. Do ponto de vista das ações intracorporeadas, farei uma discussão sobre o papel das ações bucais no orquestramento das ações realizadas por diferentes partes do corpo. O propósito é mostrar que a sincronização se dá, antes de mais nada, num nível sensorio motor, entre mãos e boca (por movimento motor ajustado). O movimento da boca, ajustado ao padrão motor dos movimentos das mãos, produz mudanças no ambiente perceptual do outro agente, levando-o a integrar perceptualmente mãos e face, o que torna possível tomar ações distintas produzidas por órgãos diferentes do corpo, posicionados em regiões diferentes do espaço perceptual no campo de visão, como estando relacionadas. Para tanto, o capítulo apresenta

⁶ O entendimento de ações intra- e intercorporeadas neste trabalho diz respeito às organizações autônomas de autossustentação que co-emergem da sinergia desenvolvida entre as ações de diferentes partes do corpo de um mesmo agente e das ações de corpos de agentes diferentes, respectivamente, nas atividades de acoplamento com o ambiente e na interação dos agentes entre si. Essas noções estão na base do conceito de sistema multiagentes, desenvolvido por Froese e DiPaolo (2011), como discutido no próximo capítulo.

trechos da conversa, retirados da sinalização de cada um dos participantes, em que é possível, por meio da transcrição, verificar tal ajuste.

O argumento nessa parte da discussão é o de que essa parece ser uma das características centrais de uso da boca nas interações sinalizadas, uma vez que, como outros autores já vêm sugerindo, as possibilidades de realização das ações bucais intracorporais parecem ser restringidas por esse ajuste motor (FONTANA, 2008; KELLER, 2001). Associadas a essa, outras práticas intracorporeadas podem ser desenvolvidas. Ao longo dessa seção, apresento trechos da conversa em que outras práticas são realizadas, como a articulação bucal de palavras, já mencionadas anteriormente, dentre outras. Do ponto de vista intercorporeado, é relevante observar como as ações intracorporeadas de um agente emergem como uma resposta a ações do interlocutor, de modo que é possível observar que as ações intra- e intercorporeadas emergem como uma unidade, e não como um conjunto. As análises revelaram que as ações bucais elaboram práticas intra- e intercorporeadas que, por vezes, são empregadas como parte de outras práticas mais abrangentes, participando de suas organizações.

As práticas identificadas foram aquelas que i) participam da interação de modo intercorporeado como ações responsivas às ações do interlocutor, na demonstração de emoções, atitudes, entendimento, dentre outros; ii) constituem reusos com transformações de ações empregadas na demonstração de emoções, atitudes, entendimento, etc., para fazer referência a ações de outros em práticas de construir ações de referentes (denominada na literatura *ação construída*); iii) articulam, em co-operação intracorporeada com as ações manuais, certos aspectos de palavras de uma língua falada; iv) emergem como um todo multidimensional com as ações manuais e, fazendo emergir diferentes formas de semiose (pela associação entre ações icônicas, indexicais e/ou simbólicas), formam com elas uma unidade de significação, em ações que designam atitudes, estados e/ou processos; participam do apontamento para um referente no espaço de sinalização e/ou elaboram certos aspectos icônicos em co-operação intracorporeada com as ações manuais, com o direcionamento do olhar e, eventualmente, com outras ações do corpo; v) promovem unificação perceptual entre as ações da boca com ações manuais e não manuais, dando maior perceptualidade às ações com as mais a ação bucal entra em co-operação intracorporeada; e v) demonstram preparação ou pedido para a tomada de turno.

A discussão das práticas mencionadas acima tem como pano de fundo a assunção de que o hábito e a inovação são duas faces importantes das mais diversas práticas corporeadas que desenvolvemos intersubjetivamente. Nesse sentido, as análises procuram demonstrar - apesar de reconhecer o lugar dos hábitos nas práticas comunicativas e de que eles criam um tipo de signo denominados, nos termos da teoria peirceana, 'símbolos' - como o uso dos recursos na interação, incluindo os próprios símbolos usados na própria interação ou em interações passadas, recebe contribuições ao longo da interação presente. Os trechos analisados da conversa vão mostrar que os sinalizadores, em face dos recursos empregados pelo interlocutor na interação, reusam esses recursos, dando-lhes nova roupagem. Com as análises, pretendo mostrar os ganhos de estudar as ações a partir de uma perspectiva semiótica que abarque a dinamicidade envolvida em uma interação. O estudo desenvolvido possibilitou o levantamento e descrição de práticas corporeadas de uso da boca em interações sinalizadas. O capítulo final, conclusivo, retoma os principais tópicos discutidos na tese, sumariza as principais descrições, apresentando algumas das questões sugeridas pelo próprio trabalho aqui realizado, e que se mantêm abertas para futuras pesquisas. Finalmente, o capítulo se encerra com uma ênfase para a necessidade de uma abertura, por parte das ciências da linguagem, para os aspectos que caracterizam o mundo experiencial dos seres vivos e para uma necessidade de se levar em consideração nos estudos da linguagem a dinâmica de corpos vivos que significam no seu engajamento com as atividades que desenvolvem cotidianamente no mundo da vida.

CAPÍTULO 1

FUNDAMENTOS DE UMA SEMIÓTICA DA VIDA

A questão sobre como os humanos fazem sentido de suas práticas e do mundo à sua volta tem, de longa data, levantado debates de natureza filosófica e científica. Na filosofia, a discussão sobre a capacidade de conhecer, que remonta à Antiguidade e ganha novo impulso a partir do século XVII, se assenta, para correntes mentalistas (e.g. objetivismo ou realismo metafísico), sobre o pressuposto da existência de um mundo independente do entendimento dos sujeitos e o de que esse mundo é passível de ser conhecido. Dessa perspectiva, uma das questões que se colocam é de que maneira é possível ao sujeito apreender um determinado objeto de conhecimento. Quando essa questão é posta a partir da assunção da existência de um mundo pré-dado, não resta alternativa senão a de considerar que a apreensão do objeto pelo sujeito se dá quando o sujeito toma o objeto como parte de si, internamente, na forma de uma representação. Esse pressuposto filosófico, fortemente arraigado no pensamento ocidental, está na base de diversas teorias científicas erigidas a partir dos ideais da Modernidade, dentre as quais estão as principais teorias linguísticas sobre língua e linguagem, erguidas a partir do final do século XIX (cf. LAKOFF; JOHNSON, 1999).

Uma nova tendência, emergente especialmente a partir do século XX, vem desafiando essa visão sobre a natureza do conhecimento e questionando a dualidade sujeito-objeto e o modo como fazemos sentido do mundo (GALLAGHER, 2009; HOFFMEYER, 2018). Essa nova tendência é proveniente das obras de pensadores como John Dewey, Michael Polanyi, Martin Heidegger e Merleau-Ponty, dentre outros, e delas advêm as principais noções que buscam dissolver essa dualidade. No campo científico, os debates levantados por esses pensadores encontram ressonância em trabalhos desenvolvidos no âmbito da psicologia (Vygotsky; Gibson), da biología (von Uexküll; Varela), da antropología (Ingold), da sociologia (Garfinkel; Schutz), da economia e da política (A. Weber), da semiótica das interações (Enfield; Goodwin; Kockelman; Streeck; Cowley), dentre outros. Esses cientistas chamam a atenção a partir do estudo de objetos diferentes, em tratamentos que reúnem seus objetos em torno de diferentes aspectos do processo semiótico de corpos em ação, para o caráter *situado, corporeado, local, temporal* e, em última instância, *vivo* da nossa condição, que não pode ser ignorado na descrição de como

um determinado agente faz sentido do seu meio e de suas atividades no domínio em que se encontra inserido. Suas propostas teóricas, embora voltadas para fenômenos distintos, tomam a semiose como um processo inerente às atividades mundanas, podendo ser entendidas, em certo sentido, como teorias sobre processos semióticos de corpos em interação.⁷ A virada epistemológica que esses pesquisadores empreendem, embora lenta e gradual, vem dando mostra de esforços no sentido de dissolver barreiras antes colocadas por campos disciplinares e contribuindo não só para a expansão de alguns objetos como para a investigação de outros antes tratados separadamente por disciplinas distintas, a exemplo da biosemiótica que passa a conciliar o estudo de mundos subjetivos experienciais, significado e vida biológica, tomando-os todos como parte indissociável do mesmo objeto, não podendo ser distinguidos disciplinarmente na compreensão do fenômeno (SHAROV; MARAN; TØNNESEN, 2015).

Essa mudança de posicionamento nos dá mostras de que uma tendência ainda tímida, mas cada vez mais profícua, está em curso: a de ampliar o escopo de pesquisas desenvolvidas em programas distintos em um esforço de reunir em projetos interdisciplinares os principais avanços dessa tendência que busca se afastar do pensamento da Modernidade. O objetivo de projetos que seguem essa tendência é o de lançar um olhar mais abrangente e unificado sobre o processo semiótico emergente nas interações - que, desse ponto de vista, não se restringe apenas às interações humanas, mas se volta para a semiose como um fenômeno da vida dos seres vivos que interagem entre si e com entidades não vivas, como artefatos materiais e culturais, que participem de seus mundos experienciais. Dessa perspectiva, a própria vida passa a ser entendida como semiótica (SEBEOK, 1988; WEBER, 2013),⁸ no sentido de que, visto que a principal atividade desempenhada por organismos vivos é a de se sustentarem a si mesmos em face a eventos percebidos como possibilidades e perturbações causadas por suas necessárias interações com o ambiente que os rodeia, os organismos precisam assumir uma perspectiva ativa sobre

⁷ Essa afirmação pode ser tomada com algum estranhamento se quisermos reconhecer nas várias teorias que esses autores desenvolvem uma abordagem teórica unificada, reunidas sob um rótulo preciso. Não é esse o caso. Em tais propostas, os limites disciplinares são normalmente difusos, tornando impraticável a referência a essas teorias por um rótulo bem estabelecido, como em teorias com limites disciplinares mais rígidos. A visão de uma semiose de corpos em ação manifesta-se mais propriamente nas bases epistemológicas assumidas, e não no estabelecimento preciso de um rótulo que agrupe todas essas teorias.

⁸ Para Sebeok, a semiose é entendida como “aquilo que distingue tudo o que é animado do que é sem vida” (1988, p.1089, tradução minha; no original: “Semiosis is what distinguishes all that is animate from lifeless”). Esse entendimento é compartilhado pelas abordagens de inspiração enatista, baseadas, como desenvolvido a seguir, na proposta de Varela (1992) e em trabalhos anteriores do autor em parceria com Humberto Maturana (MATURANA; VARELA, 1980).

o ambiente com o qual interagem, produzindo ações no ambiente que lhes permitam satisfazer as condições necessárias para manutenção e perpetuação de suas vidas. Essas ações são semióticas na medida em que delas emergem significados.

Desde organismos unicelulares, como as bactérias e os protozoários, até os multicelulares, como as diferentes espécies vegetais e animais do planeta, incluindo as células individuais de organismos multicelulares, todos os seres vivos experienciam ativa e corporeadamente encontros com o seu meio, e, a partir desse encontro, produzem, de sua perspectiva de organismos enquanto unidades autônomas, significação para a continuidade do curso da vida. Essa significação produzida pela atividade endógena do organismo constitui o seu mundo experiencial (*Umwelt*) (von UEXKÜLL, 1957), ou seja, um mundo semiótico em que o organismo se constitui enquanto tal e pode se manter ao longo de um processo autônomo de autossustentação, isto é, de manutenção de uma identidade (VARELA, 1992).^{9,10} Ou seja, a interação dos organismos com seu ambiente constitui simultaneamente seu mundo experiencial e sua identidade como organismo. Esse é o modo pelo qual os seres vivos *habitam* os seus mundos vividos, subjetivos, nas práticas operadas conjuntamente que os constituem nas atividades dos fluxos correntes de suas vidas (POLANYI, 1965).^{11,12} Nesse sentido, assumo nesta tese que a ‘perspectiva de habitação’, apresentada a seguir, é não uma forma de existência, conhecimento e semiose exclusivamente humanos, mas um mecanismo que fundamenta as diversas formas de vida, sem o qual nenhum organismo poderia manter a sua existência. Dessa perspectiva, entendendo a semiose como um processo da vida, os recortes muitas vezes arbitrários

⁹ Como ilustra Thompson a partir de um exemplo da interação de um organismo celular com o seu meio (2007, p.74), enquanto a sacarose é uma condição físico-química do ambiente para algumas células, o seu *status* enquanto nutriente é relacional, vinculado ao metabolismo da célula: a sacarose, enquanto tal, pertence ao ambiente; a sacarose-como-nutriente só existe no mundo experiencial da célula (*Umwelt*), no processo relacional por meio do qual a esse componente químico é estabelecido como tendo significação para ela. Essa é uma das razões pelas quais esse processo é entendido como semiótico.

¹⁰ Dizer que um organismo é um sistema dinâmico autônomo de autossustentação não significa afirmar que ele seja independente do ambiente, ao qual ele está permanentemente acoplado. Autonomia neste modelo não deve ser entendida como ‘independência’, mas como ‘manutenção de uma identidade’ que é sustentada pela própria atividade do sistema, em acoplamento com o ambiente.

¹¹ *Conhecer por habitação*, uma forma de conhecimento tácito, é um modo de existência que se dá fundamentalmente pelo engajamento de um organismo com o seu mundo vivido, no sentido de estar absorvido por esse mundo e esse mundo ser parte constitutiva do que o organismo é, em uma ontologia que não existe a partir da distinção moderna entre sujeito e objeto. Essa noção é equiparável ao ser-no-mundo (*being-in-the-world*) de Heidegger. Voltaremos a esse tópico mais adiante no desenvolvimento do capítulo.

¹² Streeck (2015) chama a atenção para um movimento de possível fusão entre uma concepção não dualista de corpo, baseada na teoria enativa (MATURANA; VARELA, 1980), e avanços nas pesquisas de interação social, que se voltam cada vez mais para as práticas de interagir e habitar o mundo com outros (INGOLD, 2000, 2011; STREECK, 2009). Essas teorias entendem o corpo em seu engajamento vital com o mundo, e não mais como uma mente descorporeada, no centro das discussões sobre conhecimento e atuação no mundo.

impressos nos fenômenos descritos pelas semióticas tradicionais precisariam ser revistos. Em uma semiótica de corpos vivos em ação, os princípios erigidos das análises devem se mostrar compatíveis com a realidade biológica dos seres vivos em geral (sejam células, organismos multicelulares, ou seres humanos) concebida como sendo eminentemente interacional considerando-se os domínios específicos em que eles estão inseridos.

O objetivo deste capítulo é discutir o modelo semiótico no qual se fundamenta esta pesquisa. Nessa discussão, procuro apresentar os conceitos-chave para as análises realizadas nesta tese, mostrando como essa abordagem trata de dissolver dicotomias que são postas a priori em estudos semióticos tradicionais. Valendo-me da aproximação, delineada por Streeck (2015), entre a teoria da enação de Varela, desenvolvida em obra escrita com Rosch e Thompson (VARELA; ROSCH; THOMPSON, 1991), a partir de seus próprios trabalhos anteriores (Varela, 1979, dentre uma lista bibliográfica extensa) e de ideias concebidas a partir de sua parceria sobre os processos de conhecimento vistos de uma perspectiva biológica com Maturana (MATURANA; VARELA, 1973, 1980, 1987), e a perspectiva de habitação (POLANYI, 1965; HEIDEGGER, 1971; INGOLD, 2000, 2011), apresentadas a seguir, pretendo evidenciar outras aproximações, a partir dos desdobramentos trazidos à perspectiva de habitação pela noção de ação co-operativa de Goodwin (2018).

Ao longo do capítulo, deverá ficar claro como um olhar unificado para os processos de interesse em abordagens de inspiração enativa e aquelas voltadas mais frequentemente para fenômenos humanos sob o tratamento de uma perspectiva da habitação - tais como autonomia, emergência, distribuição, corporeamento, significação e experiência - pode contribuir para lançar luz sobre elementos deixados de lado em outros tratamentos semióticos. Em relação ao objeto desta pesquisa, essa abordagem unificada abre espaço para o estudo das ações bucais em línguas sinalizadas como um fenômeno dinâmico de ação co-operativa em multi-escalas, do qual participam múltiplos elementos simultaneamente. Essas ações participam da co-constituição do mundo experiencial (Umwelt) do indivíduo surdo, no sentido de que essas ações são elaboradas pelos surdos nos processos de interação, contribuindo para criar e manter a sua identidade e habitar o mundo com outros. Diante disso, a conclusão é a de que, em face da complexidade do fenômeno, algumas das questões já levantadas pela literatura sobre as ações bucais

precisam ser redirecionadas, de modo a não ignorar a sua particularidade nas interações sinalizadas.

Essa mudança epistemológica no entendimento dos processos semióticos certamente abre espaço para novos caminhos de análise. Em primeiro lugar, é preciso entender o papel do corpo e dos movimentos corporais na organização das ações e da própria interação. Assumir de antemão que as ações bucais constituam algum tipo de unidade simbólica, requisito fundamental para análises semióticas que operam com unidades estáticas, pode obscurecer o entendimento de como essas ações de fato participam da significação. Essas ações, como vou sugerir na discussão a seguir e desenvolver no capítulo de análise, são mais bem descritas como resultantes de eventos convergentes que se desenvolvem simultaneamente em múltiplas escalas de tempo, na interação heterocrônica dinâmica que caracteriza os eventos de sustentação da vida e das ecologias em que os seres vivos nos mais variados domínios estão inseridos. As interações humanas, e as formas delas resultantes, que são ao mesmo tempo participantes e produtos das interações, não fogem à regra; antes são, como discutiremos a seguir, organizadas pelos mesmos mecanismos que organizam a vida.

1.1. Semiótica de corpos vivos em ação em um mundo material, social e culturalmente constituído

A descrição do processo semiótico em curso nas interações humanas a partir da assunção de bases biológicas e interacionais que fundamentam os mundos experienciais dos seres vivos, como entendidas por abordagens de inspiração enativa e de uma fenomenologia baseada em uma perspectiva de habitação, é um empreendimento que leva a caminhos de análise diferentes daqueles desenvolvidos por semióticas tradicionais, como a semiótica de base saussuriana, ou daqueles erigidos por vertentes teóricas que entendem a cognição como um processo mental separado do corpo, como é o modelo de gramática de base chomskyana. Em modelos como esses, advoga-se *grosso modo* por um sistema que pode ser entendido como representacional, contido na mente/cérebro dos indivíduos, em que estão inscritos os valores responsáveis pela significação gerada no uso da língua.

Dessa perspectiva, o pensamento e a linguagem, além de outros fenômenos cognitivos (e.g. memória, imaginação, criatividade), são entendidos como sendo “mentais”,

isto é, como atividades que se desenvolvem dentro da cabeça.¹³ Ações corporais como falar, dançar ou executar algum trabalho manual são vistos como *transcrições* de mecanismos mentais prévios em movimentos corporais e, por isso, o seu papel é secundário - quando não completamente irrelevante - para as análises do processo de significação (para contrapontos a essa posição, cf. INGOLD, 2000; MCCLEARY, 2011; MCCLEARY; VIOTTI, 2017; SHEETS-JOHNSTONE, 2012; STREECK, 2015, entre muitos outros). Ingold (2000) denomina essa assunção, que está na base de diversas áreas da ciência, “perspectiva de construção”, opondo-a àquela assumida por ele, denominada, a partir da obra de outros pensadores que já vinham desenvolvendo visões não racionalistas dos processos de conhecimento (e.g., HEIDEGGER, 1971; POLANYI, [s.d.], 1965), “perspectiva de habitação”.

A perspectiva de habitação é aquela segundo a qual o conhecimento resulta das ações de agentes e de seu engajamento nas atividades cotidianas e na interação com outros agentes e com o ambiente material, social e cultural constituído nas práticas corporeadas no mundo experienciado conjuntamente. A partir desse ponto de vista, o que emerge em uma determinada interação é concomitantemente participante e produto do processo dinâmico de engajamento dos agentes nas particularidades dos eventos em que eles se envolvem nos seus mundos experienciais. Nesse processo, o corpo *vivo*, biológico, dos agentes é um dos elementos que participam dos processos de habitação. Outros elementos, como os objetos materiais que estão à disposição dos agentes, seus corpos em um dado ambiente físico, o histórico de interações que eles têm até aquele momento, suas expectativas culturais, dentre outros, entram em jogo no processo. O que importa, dessa perspectiva, é como todos os elementos operam conjuntamente para a dinâmica de um sistema de inter-relações não lineares e, eventualmente, para a criação daquilo que tem sido chamado ‘um entendimento situado’.¹⁴

¹³ Como explica Sheets-Johnstone, “existe o pressuposto de que o pensamento é relacionado à linguagem, que ele é realizado somente por meio da linguagem e, mais, que o pensamento e a linguagem são ambos vinculados à racionalidade” (2012, p.400; tradução minha. No original: there is the presumption that thinking is tied to language, that it takes place only via language and further that thinking and language is both tied to rationality).

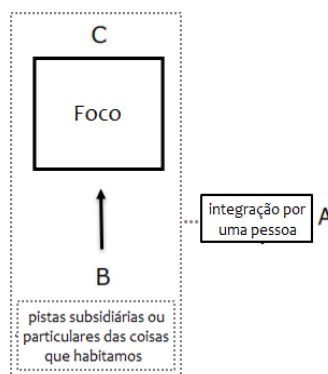
¹⁴ Esse termo, empregado por Streeck, vem das abordagens de cognição enativa e situada para explicitar a ideia de que o entendimento é sempre concebido como interacional, local, temporal e abarca todas as contingencialidade das situações concretas.

Conhecer por habitação consiste em habitar os particulares daquilo com que nos engajamos no mundo da vida. Esse processo, descrito por Michael Polanyi em termos da Psicologia Gestalt, se estrutura a partir de dois tipos de consciências: uma consciência proximal (subsidiária) e uma consciência distal (focal). Enquanto a primeira está em um nível de consciência a que o indivíduo não tem acesso direto, a segunda está no foco da sua atenção. Essas duas consciências são integradas por um agente, em uma organização *de-para*, de modo que os agentes de um determinado conhecimento partem *das* pistas subsidiárias - ou, particulares das coisas que habitam - *para* aquilo que está no foco de sua atenção em uma atividade de nível mais global. De acordo com essa perspectiva, o significado no nível global emerge da integração das partes mais elementares, não percebidas conscientemente em atividades aparentemente triviais, como reconhecer os rostos das pessoas com as quais alguém convive, comunicar-se fluentemente em línguas maternas, ou mesmo em atividades complexas, como entender operações das atividades cotidianas em campos especializados, como as práticas científicas, a organização das instituições, dentre outros.

A figura 1 a seguir esquematiza um dos mecanismos envolvidos na estruturação do conhecimento tácito, a saber, a integração tácita, que é um processo por meio do qual o agente habita os particulares de um determinado evento de modo a chegar ao significado de alguma coisa em um nível mais global, emergente dos elementos constitutivos desse nível, mas não redutível exclusivamente aos elementos que o constituem. Esse é um processo por meio do qual as partes e o todo se co-constituem mutuamente: o todo emerge da integração das partes, mas não porque o agente esteja atento àquilo que o constitui; antes porque ele habita corporeadamente as partes sem atentar para elas, voltando a sua atenção para o significado global emergente da integração tácita (e.g. um pianista habilidoso perderia toda a destreza na execução de uma peça complexa se tentasse se ater a cada um dos movimentos que realiza na execução; ver também NÖE, 2004). O esquema a seguir ilustra um dos exemplos apresentados por Polanyi e Prosch, em que os autores nos convidam a pensar em uma situação em que um palestrante aponta para um determinado objeto e diz à audiência: olhem para isso! A audiência, então, segue o apontamento do dedo e olha para o objeto. Nessa situação, em que o objeto está no foco da atenção, a consciência que as pessoas têm do dedo é subsidiária e deixaria de o ser, contudo, se alguém dirigisse

ao dedo uma atenção focal.¹⁵ Nesse sentido, como esclarecem Polanyi e Prosch, “qualquer coisa que sirva como pista subsidiária deixa de servir quando a ela é dirigida atenção focal. Ela se torna outra coisa. Assim, os subsidiários são – por essa razão, e não por não podermos encontrá-los – essencialmente não especificáveis” (POLANYI; PROSCH, 1977, p.39, ver também POLANYI 1965, 2009).

Figura 1 - Estrutura do conhecimento tácito segundo Polanyi



Fonte: elaboração própria, inspirado em Polanyi e Prosch (1977)

Esse é um modelo que busca mostrar que os processos de conhecimento - e por extensão, a linguagem e o pensamento - não estão vinculados apenas à racionalidade, como assumido por modelos racionalistas de ciência, mas ao engajamento dos agentes no fluxo das atividades cotidianas em que eles se envolvem corporeada e situadamente em um processo de criação de conhecimentos relevantes para cada momento das suas vidas. Esse entendimento, cujo fundamento não se inicia com os trabalhos de Polanyi, Heidegger ou Ingold, mas vem de longa data,¹⁶ se distancia de um modelo de conhecimento e, por extensão, de semiose que vê a língua e outros sistemas semióticos como apartados dos fluxos da vida, bem como de um modelo de cognição que separa a mente do corpo e ambos, corpo-mente, do engajamento com atividades no mundo.

¹⁵ Embora Polanyi chame a atenção nesse exemplo para o apontamento como pista subsidiária para o objeto que está em consciência focal no momento, não podemos deixar de reconhecer que toda a organização da interação (não apenas o enunciado pronunciado ao mesmo tempo em que o apontamento é realizado, como a postura do corpo do palestrante e da audiência, que coloca o objeto dentro do espaço de interação e que permite que ele seja posto em atenção conjunta) serve como subsídio para que a atenção ao objeto se torne possível, como será discutido mais adiante.

¹⁶ Gallagher (2012, p. 2), discutindo os fundamentos da abordagem cognitiva conhecida como cognição situada, que tem aproximações com as abordagens assumidas nesta tese, diz que há uma longa tradição de filósofos anteriores ao século XX que poderiam ser considerados proponentes desse modelo de cognição. Ele considera como parte dessa tradição aqueles filósofos que assumem alguma forma de conhecimento dependente das situações práticas e particulares, a exemplo de Aristóteles, com a noção de frônese (*phronesis*), i.e., sabedoria prática, ou dos estóicos, com a sua defesa das decisões baseadas em situações concretas.

Assim, em um modelo semiótico de corpos vivos em ação, nem o signo pode ser entendido como uma entidade estática, pré-definida, encapsulada no interior de um sistema de relações, como é visto por uma semiótica de base saussuriana, nem a cognição pode ser entendida como uma propriedade de uma mente computacional dentro do cérebro, como entendida pela gramática chomskyana. Os signos e a cognição devem ser entendidos como *processos em curso* nas atividades em que os agentes se engajam, e como resultantes, momento a momento, desses processos. Para abarcar essa dinamicidade, um modelo semiótico de corpos em ação precisa incorporar as dimensões temporal, interativa, distribuída e emergente desses fenômenos, de modo que seja possível explicitar o encadeamento de ações ao longo de uma determinada sequência de eventos inter-relacionados nas múltiplas escalas de tempo que são características de grande parte dos eventos com os quais nos envolvemos em nossas atividades cotidianas nos nossos mundos experienciais (GOODWIN, 2018; HUTCHINS, 2010; LEMKE, 2000; STREECK; JORDAN, 2009).

Vista a partir da perspectiva da habitação, a semiose é entendida como um fenômeno complexo, dinâmico e adaptativo, que tem a *ação*, e não a abstração, como seu fundamento. Algumas propostas relativamente recentes têm buscado dar conta da dinamicidade envolvida nesses fenômenos para entender de que maneira eles podem ser descritos a partir de perspectivas de bases que fundamentam uma discussão dos processos envolvidos na dinâmica de corpos vivos. Nesse sentido, tendo em vista a necessidade de trazer à cena os corpos vivos (e não aqueles que funcionam meramente como canais para transmissão de conteúdos tidos como mentais) participantes do processo semiótico envolvido nas interações sinalizadas, e a realização de ações bucais envolvidas nesse processo, esta pesquisa investigou as propostas teóricas de base enativa que poderiam servir de fundamento para a discussão do processo semiótico nessas interações, que se relacionam a uma perspectiva de habitação e a teorias de sistemas dinâmicos.

1.2. Abordagens de inspiração enativa: em busca de bases biológicas para a descrição do processo semiótico nas interações

A enação, abordagem cognitiva desenvolvida pelo neurobiólogo Francisco Varela a partir de seus próprios trabalhos anteriores (VARELA, 1979, 1992, 1999, dentre uma extensa lista de publicações) e das ideias seminais entretidas em parceria com o também neurobiólogo Humberto Maturana (VARELA; MATURANA, 1980), apresenta-se como

uma alternativa corporeada e fenomenologicamente informada ao modelo computacional dominante nas ciências cognitivas desde os primeiros anos da chamada revolução cognitiva (MILLER, 2003).¹⁷ Ela consiste em uma abordagem que reúne um núcleo central de conceitos fundados na biologia dos organismos - como autonomia, *significação* (*sense-making*), emergência, distribuição, corporeamento e experiência - que têm sido empregados para tratar fenômenos relacionados ao modo como organismos vivos e seu Umwelt se co-constituem na interação com o mundo. Esses conceitos se aplicam no que diz respeito à dinâmica da vida tanto enquanto fenômeno de autoprodução no nível celular dos organismos, quanto enquanto fenômenos relacionados à dinâmica das interações entre agentes vivos e seu meio de modo mais abrangente, envolvendo as interações entre animais de mesma espécie com o ambiente, como os humanos em suas interações com o mundo social e culturalmente constituídos (FROESE; DI PAOLO, 2011), e nas interações entre animais e/ou seres vivos de diferentes espécies em uma formação ecológica mais ampla (SEBEOK, 1988).

Da perspectiva da enação, a cognição é entendida como sendo um sistema de autossustentação (i.e., um sistema cuja identidade é mantida pela própria atividade do sistema) de ações em múltiplas escalas de tempo (e.g. ações neuronais, comportamentais e outros eventos do mundo), fundamentado na dinâmica sensório-motora das interações entre um organismo e o seu ambiente (STEWART, 2010) e resultante da inter-relação entre sistemas caracterizados por múltiplos níveis de elementos em interação, em que diferentes propriedades co-emergem dinamicamente nos diferentes níveis de organização. A co-emergência nesse modelo diz respeito ao fato de que não só o todo emerge de suas partes, mas as partes também emergem do todo (THOMPSON, 2007, p.38). Desse modo, os níveis mais globais de um sistema não podem ser reduzidos simplesmente aos elementos individuais que levam à sua emergência. Isso significa dizer que, por exemplo, os corpos têm propriedades diferentes das dos órgãos, que, por sua vez, têm propriedades diferentes das dos tecidos e das células; o cérebro tem propriedades diferentes daquelas que tem um circuito neural que, por sua vez, tem propriedades diferentes das dos neurônios individuais; um grupo de pessoas tem propriedades diferentes em relação a cada uma das pessoas do grupo, e assim por diante (HUTCHINS, 2010, p.425). A cognição, então, vista como um

¹⁷ Essa abordagem é fenomenologicamente informada porque, diferente de outras abordagens cognitivas, a experiência não é vista para a enação como um epifenômeno, mas como um fenômeno central para entendimento da cognição e que precisa ser investigada cuidadosamente do ponto de vista fenomenológico (THOMPSON, 2007, p. 13).

sistema dinâmico corporeado e situado no mundo, é intrinsecamente distribuída (no sentido de que não é um processo que se desenvolve pelas ações e/ou atividades neurais unicamente nem de um único indivíduo), co-emergente e temporal. Um dos entendimentos centrais dessa abordagem é o de que o acoplamento sensório-motor entre o organismo e o ambiente modula a formação de padrões endógenos de atividade neural, que, por sua vez, informa o acoplamento sensório-motor (THOMPSON, 2007, p.13).

A partir das noções originais de autopoiesis e acoplamento (MATURANA; VARELA, 1980), e da proposta da enação desenvolvida posteriormente por Varela, com a colaboração de Rosch e Thompson (VARELA; ROSCH; THOMPSON, 1991), alguns autores vêm discutindo de que maneira essa abordagem biológica dos fenômenos da vida dos organismos pode ser estendida para dar conta de fenômenos interacionais, sociocognitivos e culturais das atividades humanas. Para discutir algumas dessas propostas, apresento primeiramente os aspectos centrais da abordagem enativa.

O conceito mais fundamental da abordagem que veio a ser denominada ‘enação’ por Varela é a *autonomia*. Com base nesse conceito, Maturana e Varela (1973) propuseram, em seus trabalhos iniciais, uma descrição da organização dos sistemas vivos que diz respeito à autoprodução metabólica dos organismos unicelulares implicada na produção e manutenção da vida, denominada *autopoiese*. Varela, posteriormente, define a autonomia de um sistema - em diferentes níveis, tais como organismos unicelulares, sistema imunológico, sistema nervoso, sistemas sociais - como fechamento organizacional (*organizational closure*, VARELA 1979, p.58). Segundo ele, um organismo autônomo é organizacionalmente fechado, não porque ele não interaja com o seu exterior, mas porque ele cria para si uma identidade sensível ao contexto, que não se confunde com a do ambiente, apesar de se manter permanentemente acoplado a ele. Nesse sentido, é preciso enfatizar que o conceito de ‘autonomia’ na abordagem enativa está associado a ‘manutenção da identidade’, mais do que a independência. A identidade do organismo não é estática, mas dinâmica, emergente, pois os componentes que produzem o organismo autônomo desapareceriam se não fosse a atividade ativa da auto-organização e sustentação de si mesmo. Isso significa dizer que, nessa dinâmica de co-emergência, a autonomia gera autonomia: o organismo é autônomo (i.e., tem uma identidade dinâmica autodefinida), bem como o ambiente, e o que resulta da interação deles também é autônomo (STREECK; JORDAN, 2009), como deverá ficar claro ao longo do capítulo.

No processo de gerar-se a si mesmo, o organismo e o ambiente modulam os domínios de suas possíveis interações, ou seja, os modos potenciais em que o organismo pode se relacionar com o ambiente sem deixar de existir em face aos eventos percebidos como perturbações no curso de uma dada interação. Como esses eventos são vistos da perspectiva do organismo, o processo de constituir significação (i.e., definir aquilo que é parte constitutiva das interações de um organismo com o meio) está assentado em uma dada perspectiva assumida pelo organismo. Esse processo de significação (*sense-making*) é um fenômeno semiótico em que a ação do organismo estabelece, em co-constituição com o meio, aquilo que é parte significativa do mundo vivido, subjetivo e experiencial daquele organismo. Trata-se, portanto, de uma significação produzida pela atividade endógena do organismo, como visto de sua própria perspectiva, distinta daquela de um observador externo. Essa significação corresponde ao conceito de mundo experiencial (*Umwelt*), de von Uexküll (1957), acima mencionado. Desse modo, o ambiente adquire uma configuração especial que é estabelecida da perspectiva do organismo, que, por sua vez, estabelece nesse encontro o que constitui significação para si mesmo a partir de sua necessidade de perpetuação (e.g. uma célula reconhecendo certas moléculas como nutrientes) em um processo que se realiza momento a momento nas interações do organismo com o meio. Como o organismo é um sistema dinâmico e está em constante movimento, também a natureza relacional da significação gerada pelo acoplamento do organismo com o ambiente é dinâmica, processual e situada, de modo que ela se manifesta para o organismo em cada situação específica tendo em vista as necessidades do organismo em um dado momento.

No momento em que depara com eventos percebidos como perturbações, um organismo precisa compensar de alguma maneira certas tendências deletérias, a fim de que possa continuar existindo e mantendo sua autonomia. Essa necessidade de compensação, prevista na elaboração original da teoria, foi explicitada posteriormente por Di Paolo (2005) e Froese e Di Paolo (2011), que chamam a atenção para a necessidade de incluir na teoria um meio de lidar com as nuances de significado daquilo que se apresenta para o sistema e que o leva à sua busca por compensação em face a perturbações. Para isso, os autores defendem que, ao falar de significação produzida por um organismo (*sense-making*), é preciso levar em conta uma certa robustez sensível ao contexto, que envolve o monitoramento ativo dos eventos percebidos como perturbações e das compensações para superá-los, assumindo não só uma autonomia do organismo em relação ao ambiente, mas

uma autonomia *adaptativa*, que permita ao sistema lidar com tendências que poderiam levá-lo à sua extinção.

Assim, uma vez que a significação (*sense-making*) depende da regulação ativa do meio interno do sistema autônomo, a autonomia adaptativa do organismo é entendida, do ponto de vista biológico, como uma forma de vida básica (Froese e Di Paolo, 2011, p. 09), isto é, um processo biológico fundamental para a subsistência de uma organização mínima de vida (i.e., uma célula). A existência dos organismos vivos, nesse sentido, não pode ser entendida como uma condição; ela é uma *atividade* da vida, ou, mais especificamente, uma conquista da atividade gerada internamente pelo organismo (não algo que ele sofre passivamente) e que requer uma regulação adaptativa com os mecanismos internos e externos a ele. Froese e Di Paolo concluem que, assim como a autonomia adaptativa é, biologicamente, a forma de vida mais básica, a significação (*sense-making*) é o processo mais básico da vida (FROESE; DIPAOLO, 2011, p. 09; ver também THOMPSON, 2004). Esse processo é fundamental tanto quando consideramos *sistemas autônomos*, como o sistema nervoso, como quando consideramos *agentes autônomos*, propriamente ditos, como é o caso de animais que possuem um sistema nervoso que lhes garante movimento em um ambiente.

Essas explicitações de conceitos que estavam inicialmente desenvolvidos mais implicitamente na abordagem inicial se mostram relevantes para tratar das bases interacionais de uma perspectiva enativa, porque é a partir da noção de adaptabilidade, ou mais propriamente de ‘agência adaptativa’, que Froese e Di Paolo defendem a ideia de que aquilo que corriqueiramente costumamos chamar de ‘interação’ deve ser visto antes como um sistema multiagentes com uma organização autônoma, emergente dos processos metabólicos de regulação adaptativa e de ajuste sensório-motor (2011, p.12). Nas palavras dos autores, “é possível que, quando dois agentes adaptativos que compartilham um ambiente começam a se engajar em um acoplamento sensório-motor mútuo, sua interação mútua resulte em um processo interativo que seja caracterizado em si mesmo como uma organização autônoma, isto é, uma estrutura emergente em seu próprio direito” (FROESE; DiPAOLO, 2011, p. 12),¹⁸ formando um “domínio irreduzível da dinâmica que pode ser

¹⁸ No original: It is possible that when two adaptive agents who share an environment begin to engage in mutual sensorimotor coupling, that their activities become entwined in such a manner that their mutual interaction results in an interaction process that is itself characterized by an autonomous organization, i.e. an emergent structure in its own right.

constitutiva da agência individual” (JAEGHER; FROESE 2009) e da cognição social” (JAEGHER; Di PAOLO, GALLAGNER, *et al.*, 2010)” (FROESE; DiPAOLO, 2011, p.02).¹⁹ Para eles, o sistema multiagentes é um nível intermediário entre a agência individual, organizada por valores metabólicos, e o nível social, ou mais propriamente sociocognitivo, em que operam valores não metabólicos, como reconhecimento do outro enquanto tal, que estão na base da realização das ações conjuntas, que são aquelas ações que podem ser reconhecidas como propriamente sociais (FROESE; DiPAOLO, 2011, p.23). Como nesse modelo os níveis co-emergem e se co-constituem, todos os níveis estão imbricados e formando-se uns aos outros mutuamente.

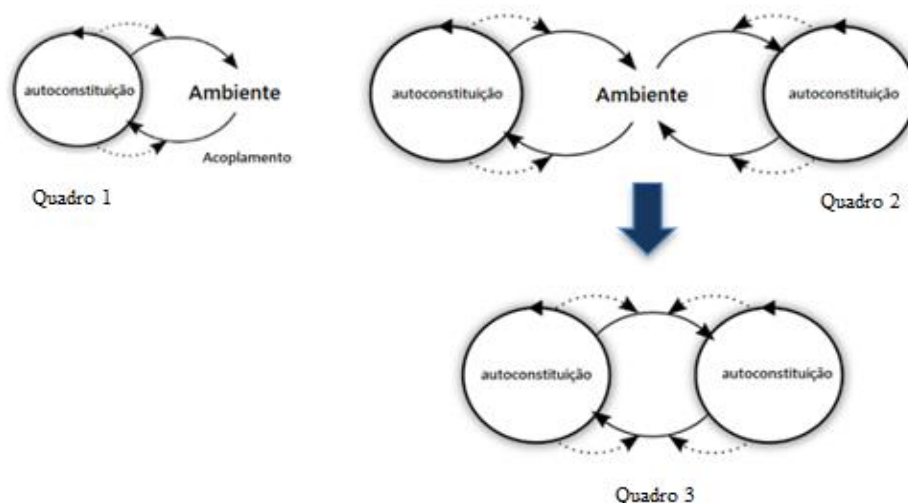
A relevância dessas considerações para a discussão proposta nesta tese é a de que, ao considerar a autonomia adaptativa e a agência adaptativa como elementos constitutivos do engajamento dos agentes em um nível ainda não propriamente social (e.g. duas pessoas tentando passar uma pela outra em um corredor estreito sem esbarrar uma na outra), é possível reconhecer, a partir de uma perspectiva biológica, que as ações de diferentes partes do corpo de um mesmo agente ou de partes do corpo de diferentes agentes não estão fundadas simplesmente na soma, respectivamente, das ações individuais de partes do corpo dos agentes ou na soma das ações dos corpos dos agentes entre si, mas em *organizações autônomas de autossustentação* emergentes da dinâmica dos corpos em ação. Isso significa dizer que, dessa perspectiva, podemos entender que, de um ponto de vista intracorporeado, as ações realizadas por diferentes partes do corpo de um interactante se organizam enquanto um sistema autônomo adaptativo de ações em coordenação entre si em um funcionamento motor de auto-organização emergente, que funciona como um todo bem ordenado. Do ponto de vista intercorporeado, as ações de corpos de interactantes diferentes, que, por si só, já estão se regulando do ponto de vista da intracorporealidade, também fazem emergir um sistema autônomo de autossustentação, co-emergente das ações dos agentes e constitutiva de suas ações.

Essas organizações autônomas de autossustentação co-emergentes intra- e intercorporeadas constituem parte daquilo que, de uma perspectiva biológica, é fundamental para os seres vivos nas atividades de habitar o mundo com outros. Não há diferença, nesse nível, entre o que acontece nas interações entre animais humanos e não

¹⁹ No original: It is recognized that the interaction process itself forms an irreducible domain of dynamics which can be constitutive of individual agency (JAEGHER; FROESE 2009) and social cognition (JAEGHER; Di PAOLO, GALLAGNER, 2010).

humanos: um sistema multiagentes é entendido antes de qualquer coisa em sua natureza metabólica, que significa que esse processo leva o organismo a autorregular a sua atividade intracorporeada como uma resposta adaptativa necessária à atividade motora de se acoplar ao ambiente (quadro 1 abaixo). A minha leitura das figuras abaixo, adaptadas de Froese e Di Paolo, é a seguinte: o círculo formado por uma seta circular corresponde à atividade de autoconstituição (i.e., formação e manutenção da identidade); as setas preenchidas que saem do círculo para fora e de fora para dentro correspondem à atividade corporeada de engajamento com o ambiente; e as setas pontilhadas correspondem ao ajuste autorregulatório sensório-motor e metabólico (intracorporeado) necessário à atividade mais global de se engajar em um dado ambiente.

Figura 2 - Sistema multi-agentes como organizações autônomas de autossustentação co-emergentes intra- e intercorporeada



Fonte: adaptado de Froese e Di Paolo (2011)

Quando há um segundo agente autônomo interagindo no mesmo ambiente (quadro 2), a sua atividade corporeada causa modificações no ambiente perceptual do primeiro agente (e vice versa), gerando um evento que é percebido como perturbação à atividade de acoplamento sensório-motor ao ambiente. O entendimento que desenvolvo nesta tese, a partir de Froese e Di Paolo, é o de que essa regulação deve ser, nas interações que contam com dois ou mais agentes em um ambiente, simultaneamente *intra- e intercorporeada*. Embora os autores não usem esses termos, acredito que eles sejam, além de adequados à sua proposta, úteis para descrição das ações desempenhadas nas interações sinalizadas. Essas regulações que estou chamando de intra- e intercorporeadas são o que, para Froese e

Di Paolo, faz emergir a organização de autossustentação que eles denominam *sistema multiagentes* (quadro 3).²⁰

O conceito de sistema multi-agentes é relevante para a descrição das ações bucais em interações sinalizadas na medida em que, como vou demonstrar nas análises, as ações corporais dos interactantes em uma interação parecem se organizar não como uma soma das ações individuais realizadas por diferentes partes de seus corpos (e.g., as ações bucais em relação às ações manuais e às ações de outras partes do corpo) ou pela soma de ações dos interactantes entre si (e.g. ações de um interactante em relação às ações bucais, manuais e de outras partes do corpo de outro interactante), mas como um todo que se constitui mutuamente e mantém uma estrutura emergente auto-organizada. O argumento é o de que, visto que os surdos habitam um mundo em que as pessoas (ouvintes ou surdas) movem a boca ao se comunicar, o seu engajamento nas atividades com outros os leva a incorporar tais movimentos de boca, de modo que eles podem vir a participar, em sintonia com outros movimentos corporais, da organização das ações intra- e intercorporeadas em um sistema multi-agentes, como será mais bem discutido nas análises.

Como Froese e Di Paolo, outros autores vão propor, na esteira da abordagem da enação aberta por Maturana e Varela e tantos outros muitos anos antes, a emergência de organizações autônomas constitutivas das ações dos agentes em uma dada interação. Sem fazer distinção entre um nível social e outro mais fundamentalmente biológico, Streeck e Jordan (2009) argumentam que a própria comunicação é um sistema de autossustentação dinâmico com uma organização autônoma (i.e., com uma identidade sustentada pela própria atividade do sistema), emergente das nossas ações com artefatos materiais e semióticos (como os objetos físicos, a estrutura física dos ambientes, o corpo humano e de ações comunicativas feitas por ele, como a fala, os gestos, as impoções vocais, dentre outros). Além de argumentar, como na proposta de Froese e Di Paolo, a favor da emergência de uma organização dinâmica de autossustentação resultante da ação sintonizada dos movimentos dos corpos dos interactantes,²¹ Streeck e Jordan defendem que

²⁰ Chemero (2016), em uma discussão afim, que apresento mais adiante, emprega os termos *intra- e interpessoal* para falar dos movimentos corporais de diferentes partes do corpo de um indivíduo e das ações dos corpos de indivíduos diferentes entre si, respectivamente.

²¹ Por meio da análise fina dos movimentos dos corpos de vendedor e cliente em uma loja de carros, eles mostram que os diferentes arranjos da configuração proxêmica (nessa interação, arranjos face-a-face, olhando um para o outro, e lado-a-lado, com o olhar voltado para o carro) emergem não através de uma sequência de ação e resposta, mas por uma orquestração dos passos de cada um em relação às ações simultâneas do outro,

os sistemas semióticos constituem eventos que possibilitam a geração e sustentação de outras coordenações multiescalares. Um aceno, por exemplo, feito por uma pessoa em direção a um motorista em um taxi, pode ‘simbolizar’ a necessidade que aquela pessoa tem de um taxi nessa situação porque esse gesto possibilita ao motorista e ao potencial passageiro uma maneira de organizar e manter uma dada coordenação entre si. À medida que esse gesto produz resultados esperados, a sua utilização se perpetua, podendo se tornar um hábito individual ou grupal (STREECK; JORDAN, 2009, p.451).

Streeck e Jordan seguem a argumentação defendendo a ideia de que a diferença de sofisticação de um sistema semiótico em relação a outro está na constelação de escalas de tempo nas quais o sistema pode sustentar as coordenadas. Eles dizem que o que permite aos humanos, e não aos demais animais, coordenar suas ações de hoje para caçar juntos no dia seguinte é a possibilidade de se coordenar em torno de entidades virtuais como ‘amanhã’, que requerem a utilização de um evento (por exemplo, um objeto, um gesto ou uma palavra falada ou escrita) no aqui e agora capaz de proporcionar aos humanos a

resultando em uma coprodução em que cada etapa é significativa na constituição dessa orquestração. Com base na descrição da interação entre vendedor e comprador em uma loja de veículos, fica evidente como as ações de todo o corpo, e não apenas a cadeia de fala e os gestos das mãos, participam do trabalho multiescalar de manter determinado olhar e configurações corporais gerais que servem para sustentar o contexto imediato de interação e o contexto de escala maior, culturalmente corporeado, de um participante como ‘cliente’ e o outro como ‘vendedor’. O argumento dos autores, em consonância, a meu ver, com o desenvolvido por Froese e Di Paolo, é o de que os agentes sintonizam os movimentos do corpo com os de outros agentes porque seus sistemas motores ecoam o movimento do corpo no outro (KNOBLICH; THOMPSON; GORSJEAN; SHIFFRAR, 2006; RIZZOLATTI; CRAIGHERO; 2005; WILSON; KNOBLICH, 2005, citados por STREECK; JORDAN, 2009, p.456).

Análises semelhantes são desenvolvidas no quadro teórico da enação por Chemero (2016), com o conceito de ‘empatia sensório-motora’ (*sensoriomotor empathy*), que ele define como uma sinergia, na qual os agentes, em uma conexão sensório-motora intra- e intercorporeada (nos termos dele, intra- e interpessoal), engajam suas ações às de outro(s) agente(s) para formar temporariamente uma unidade em que as ações de um agente responde às ações do corpo de outro agente, ao mesmo tempo que as restringe (p.10) (ver também GALLESE, 2009, com a noção de simulação corporeada).

No cerne dessa discussão, está a ideia de que cada movimento dos seres vivos tem um componente cognitivo (SHEETS-JOHNSTONE, 2012). Da perspectiva de uma abordagem que toma a cognição como ação corporeada, identificar movimentos de seres vivos com a cognição é, como nos lembra Streeck (2015, p.421), nossa ‘atitude natural’ no mundo da vida (SCHUTZ, 1967 [1932]). Streeck observa que, para além dos movimentos publicamente disponíveis aos outros na interação, que certamente participam do processo de significação (*sense-making*) nas interações, há ainda um conhecimento corporeado tácito do mundo que consistem em padrões de ação arraigados no sistema motor que são ativados não só quando realizamos uma determinada ação, mas também quando *vemos* outros se movendo de modo familiar (JEANNEROD, 2006, citado por STREECK, 2015), de modo que reconhecemos e entendemos ações que sabemos como produzir, sendo possível antecipar suas trajetórias antes que elas tenham sido realizadas. Isso significa dizer que os animais percebem os movimentos não somente com os olhos, mas também habitando corporeadamente aquelas ações dos outros que já tenham sido suficientemente praticadas em uma determinada comunidade da qual alguém é membro.

capacidade de se coordenar dentro de seu espaço virtual compartilhado.²² Esses espaços virtuais compartilhados, bem como os eventos e objetos empregados para expressá-los e compartilhá-los, são, nos termos do que estamos discutindo neste capítulo, parte do processo de habitar os particulares daquilo que conhecemos.²³ É nesse processo de habitação que organismo e meio se co-constituem e criam possibilidades de interação que são, para o organismo naquele contexto, formas de significação (*sense-making*). Por meio de ações co-operativas sobre artefatos materiais e semióticos, as pessoas são capazes de habitar corporeadamente experiências intersubjetivas que atravessam múltiplas escalas de tempo.

A meu ver, as abordagens de inspiração enativa apresentadas nesta seção se mostram compatíveis com aquela apresentada por Goodwin (2018) em suas análises sobre ações co-operativas. Goodwin mostra, a partir de um extenso trabalho descritivo sobre fenômenos variados, como as ações que nós desempenhamos sobre os materiais deixados por outros (ou sobre as ações produzidas por outros) criam e sustentam organizações de inteligibilidade que são onipresentes nas mais diferentes atividades que desenvolvemos na vida humana.²⁴ Nessas descrições, como nossas ações sobre materiais criados por outros são parte de nosso engajamento corporeado em ações que perpassam diferentes escalas de tempo. Ele descreve como as ações locais, situadas e temporalizadas e, sobretudo, co-operativas, sobre materiais encontrados no ambiente público de um dado evento são uma ferramenta poderosa para experienciar com outros, presentes ou não, um mundo

²² Jordan explica que ele usa o termo ‘virtual’ para significar que o conteúdo é “sobre” eventos que não existem no presente contexto de um dado evento, como no caso de um leão que, ao perseguir uma gazela, não se dirige exatamente à localização em que ela está naquele momento, mas, antecipando a trajetória que a gazela vai fazer ao fugir, faz uma curva e se dirige a um local que a gazela ainda não ocupa, impulsionando-se em direção ao futuro da gazela.

²³ Nos termos de Streeck e Jordan, eles são ‘corporeamentos do contexto’, que, como será apresentado na próxima seção a partir da noção de ‘ação co-operativa’, diz respeito ao do engajamento corporeado dos agentes no reuso com transformações de artefatos materiais e semióticos que participam de um determinado domínio e atravessam diferentes escalas de tempo.

²⁴ Por tratar de fenômenos reconhecidamente humanos, como língua, cultura, organização social, aprendizagem de campos especializados, etc, parece que a proposta de Goodwin é a de que a ação co-operativa é um fenômeno exclusivamente humano. O autor dedica uma boa parte da discussão inicial a argumentar que os animais não humanos realizam ações ‘cooperativas’, no sentido de colaboração mútua, e, embora “não negue a possibilidade de ação co-operativa (no sentido de reuso de materiais com transformações) em alguns animais” (GOODWIN, 2018, p.8), faz questão de distinguir ‘cooperação’ e ‘co-operação’, para enfatizar que a ‘co-operação’ é um mecanismo poderoso que nos permite habitar as ações uns dos outros e é “absolutamente central para o que nos faz humanos” (p.9). Embora eu concorde com o argumento central do autor, noto que, quando lemos a sua proposta a partir da perspectiva da enação, observamos que os organismos vivos vivem em redes ecológicas, sem as quais não poderiam se manter. É nessas redes que eles se valem dos recursos que encontram no meio para convertê-los em energia vital. Esse processo é, na minha interpretação, uma forma de ação co-operativa, por meio da qual os organismos fazem uso, com transformação, dos recursos que eles necessitam para gerar a sua própria subsistência.

intersubjetivamente constituído.²⁵ A aproximação entre essas propostas pode ser vista como um passo na direção de aproximar estudos da natureza e cultura e em dissolver o abismo que existe entre humanos e não humanos, que ainda persistem em descrição dos fenômenos da vida, mesmo em trabalhos que buscam se distanciar de uma perspectiva de ciência da Modernidade.²⁶

1.3. A co-constituição de ações co-operativas e de uma perspectiva de habitação

A partir daquilo que já foi apresentado na discussão até o momento, podemos nos voltar a partir de agora mais especificamente para a natureza das ações co-operativas e para o modo como as ações co-operativas e uma perspectiva de habitação se co-constituem. A partir de uma apresentação geral dos fundamentos da enação e de alguns de seus desdobramentos relevantes para a discussão proposta nesta tese, vimos que uma preocupação central das abordagens de inspiração enativa, por sua vez assentadas sobre as teorias de sistemas dinâmicos, é a de explicar como a atividade de agentes vivos, em diferentes níveis, cria organizações autônomas de autossustentação que são constitutivas da agência individual dos organismos em um sistema multiagentes. Esse processo, a meu ver, é perfeitamente compatível com o que foi apresentado inicialmente como 'perspectiva de habitação', normalmente empregados pelos autores que a assumem para descrever fenômenos notadamente humanos. Uma leitura aproximativa das propostas de inspiração enativa e daquelas entendidas como de habitação nos leva a crer que a impressão persistente sobre a distinção entre fenômenos humanos e não humanos nesses trabalhos precisaria ser atenuada.

A tese de que nós *habitamos as ações uns dos outros* nas nossas práticas cotidianas é a base da noção de ação co-operativa, desenvolvida por Charles Goodwin (2018). A partir da análise de fenômenos variados (como língua, organização social, desenvolvimento de ferramentas, formação de comunidades e diversificação de culturas, dentre outros), Goodwin mostra que a ação local, situada e temporalizada sobre materiais encontrados no

²⁵ Nesse sentido, essas ações são co-operativas porque são elaboradas por elementos que operam conjuntamente (e não 'cooperativas' no sentido de que os agentes estabelecem ajuda mútua).

²⁶ Isso pode ser visto nas reflexões de Heidegger sobre o *Dasein* (entendido em sua filosofia como a existência humana), ou em trabalhos descritivos como os de Streeck (2009), que mantém, conforme uma observação que será feita mais adiante, alguns aspectos de uma concepção de corpo ainda fundada em noções da Modernidade, ou ainda em Goodwin (2018), que, embora não negue a possibilidade de ação co-operativa no mundo animal, descreve-a como um fenômeno central para entender o que "faz de nós humanos" (p.9), dentre outros.

ambiente de um dado evento é, a um só tempo, um poderoso mecanismo que nos permite experienciar com outros, presentes ou não, um mundo intersubjetivamente constituído e conectar experiências aparentemente desconectadas (e.g. as várias conversas que mantemos ao longo da vida com uma determinada pessoa que consideramos íntima) em diferentes escalas de tempo, por meio de artefatos materiais e semióticos que vinculam experiências separadas no espaço e no tempo. Essa ideia já havia sido preconizada por Lemke (2000), em uma discussão no âmbito da teoria de sistemas dinâmicos em que ele chamou a atenção para o papel dos artefatos materiais e semióticos no fenômeno que relaciona eventos de longa duração e de curta duração via objetos materiais.

Por definição, a ação co-operativa é um fenômeno que se manifesta no reuso com transformações de recursos materiais disponibilizados por outros agentes, sejam aqueles que foram criados imediatamente em uma interação face a face ou aqueles deixados como produtos de ações temporalmente remotas. Quando reusamos os materiais produzidos por outros, nós habitamos as suas ações, materializadas nos artefatos que eles produziram. Nesse processo, a materialidade dos artefatos é relevante por pelo menos duas razões: ela fornece as possibilidades (*affordances*) para as ações sobre os artefatos e permite que os materiais se conservem durante um determinado período, conectando, por meio de sua existência física, experiências aparentemente desvinculadas (e.g. o livro que é usado durante um determinado semestre letivo, bem como o ambiente físico em que as aulas acontecem, o corpo das pessoas - alunos, professores -, as ações realizadas por eles, que manifestam uma certa identidade, vinculam materialmente, ao longo do tempo, as experiências de escala de tempo estendidas que entendemos como um semestre letivo; Lemke, 2000). Além de sua natureza material, os artefatos (ou qualquer outro elemento que participe de uma ação co-operativa) também têm natureza semiótica, não porque eles tenham um significado pré-definido, mas porque, dada a sua participação em uma rede ecológica de significação (i.e., por serem constitutivos de um dado (*Umwelt*)), eles estarão aptos a ser interpretados por um agente no curso das interações nas quais o processo semiótico se desenvolve. Trataremos no próximo capítulo do modelo de signo adotado nesta tese para entender a semiose como um processo dinâmico, situado, corporeado e local.

Como normalmente os materiais usados por outros são formados por partes que podem ser identificadas, os agentes têm uma liberdade relativamente ampla para operar com os materiais, produzindo a partir deles novas ações diferentes daquelas que lhe

serviram de substrato. O exemplo inicial apresentado por Goodwin é um que envolve o uso da língua por duas crianças que estão brincando juntas e se envolvendo em uma certa disputa durante a brincadeira, como demonstra o exemplo a seguir.²⁷

Figura 3 - Construção de uma nova ação por meio de transformações cumulativas desempenhadas sobre materiais criados por ações prévias de outros atores



Fonte: Goodwin (2018, p.04)

Como se observa na ilustração, Chopper constrói a sua ação, um enunciado linguístico, por meio do reuso com transformações no material criado pela ação de Tony. Essas operações são: decompor o arranjo combinatório criado por Tony, dividindo-o em duas partes; reusar essas partes, incorporando-as como elementos do seu próprio enunciado; e rearranjar essas partes adicionando algo novo: “make me”. Ao reusar os recursos disponibilizados pela ação de Tony, Chopper transforma-os em algo novo e diferente. Além dessas operações, a estrutura linguística ainda apresenta uma maleabilidade que permite que o enunciado de Tony seja reusado por Chopper com uma prosódia diferente da empregada por ele, que dá ao enunciado de Chopper um tom novo, adequado aos seus propósitos na atividade específica de se envolver em uma disputa. As ações são sempre híbridas, envolvendo elementos de campos semióticos diferentes que formam um todo que é diferente da simples soma de suas partes.

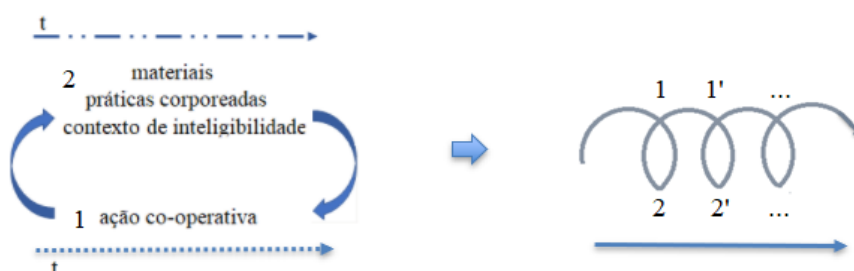
O enunciado inicial, de Tony, também envolve o reuso com transformações de palavras proferidas por outros e/ou por ela mesma em tantas outras interações, o que, por si só, já faz dessa interação local um evento atravessado por elementos que coexistem em diferentes escalas de tempo, em um processo denominado *heterocronia*, por meio do qual “processos de longa duração e eventos de curta duração são vinculados por meio de objetos materiais que funcionam semiótica e materialmente” (LEMKE, 2000, p.281, tradução minha).²⁸ Uma determinada língua, nesse exemplo o inglês, é um processo histórico de um

²⁷ Apesar de o exemplo inicial envolver o uso da língua, Goodwin rapidamente esclarece que o fenômeno que ele está tratando não é exclusivamente linguístico e nem a língua desempenha qualquer papel de destaque.

²⁸ No original: longer-term processes and shorter-term events linked by a material object that functions in both cases semiotically as well as materially.

acúmulo coletivo de ações co-operativas ao longo de um período de longa duração, comparado às ações locais, de curta duração, que está vinculado à ação das crianças pelo reuso local com transformações de expressões do inglês pronunciadas por uma das crianças e, que, por sua vez, oferece contribuições para esse processo histórico de longa duração em curso. Na figura que apresento a seguir para ilustrar esse processo, uso duas setas horizontais diferentes para significar que, apesar de o tempo de ações co-operativas poder coincidir com a do material criado (como no exemplo anterior, em que os enunciados criados são evanescentes), dada a acumulação propiciada pela criação contínua de materiais gerados pela ação, gradualmente, esses materiais, práticas e contextos podem se sustentar em uma escala de tempo de duração mais ampla do que aquela da ação específica em que eles são empregados. Ainda assim, os materiais, práticas e contexto só participam do processo semiótico na sua efetiva participação em ações co-operativas; enquanto isso não acontece, eles existem materialmente enquanto recursos que oferecem certas potencialidades de ação. Esse processo é ilustrado no esquema a seguir.²⁹

Figura 4 - A co-constituição de ações co-operativas e materiais, práticas corporeadas e contextos de inteligibilidade



Fonte: Ángel-Osorno (2020)

Uma vez que as ações são temporalizadas, alguma dimensão indexical pode estar presente na elaboração de ações co-operativas. Goodwin apresenta análises de como Chil, um senhor que, em virtude de um comprometimento em sua capacidade de produção linguística após um acidente vascular cerebral, ficou impedido de falar fluentemente, apesar de poder compreender outras pessoas. Além de gestos icônicos e indexicais, as únicas palavras que Chil era capaz de produzir eram “no” (não), “yes” (sim) e “and” (e). As análises de Goodwin mostram como, por meio de ações co-operativas que consistiam em

²⁹ Esse esquema foi elaborado por minha colega Juliana Ángel-Osorno, do laboratório de pesquisa LLICC (Laboratório ‘Linguagem, Interação, Cultura e Cognição’), da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (USP), em um manuscrito de sua autoria, não publicado. Agradeço à Juliana por permitir o reuso, com transformações, do esquema proposto por ela.

um vocabulário reduzido, ele era capaz de se comportar como um falante habilidoso na interação, por meio da adição de incorporações indexicais à fala dos outros, pronunciando “yes” ou “no” no exato momento em que a pessoa enunciava algo com que ele podia contribuir, confirmando ou negando. A habilidade de participar da interação, contribuindo com ela apesar de um vocabulário de três palavras, se dava porque Chil aproveitava as ações e os significados de sua interlocutora (Candy, nesse exemplo) para, a partir deles, elaborar algo novo. A incorporação indexical de “no no. no:.” no exato momento em que sua interlocutora dizia “In the last year” (no ano passado), enquanto simultaneamente ele fazia um gesto manual que apontava para um lugar no espaço e, em seguida, para o outro lugar ao lado dele, foi suficiente para contribuir com o significado criado por Candy e elaborar novos significados a partir das ações dela. A partir da incorporação indexical e icônica (o gesto manual metafórico, “tempo como espaço”) de Chil, Candy reelabora o seu enunciado, dizendo “er the year before last” (o ano antepassado), ao que Chil introduz nova incorporação indexical, dizendo ‘yes’ ao mesmo tempo em que Candy pronuncia a parte final do enunciado.³⁰

Com base nesse exemplo, é possível ver como as ações co-operativas se manifestam nas interações que envolvem língua como um fenômeno pelo qual a atividade de falar é mais bem entendida como uma ação distribuída entre enunciados e corpos de diferentes agentes. As ações e os significados são, em uma perspectiva de habitação criada pelas próprias ações co-operativas, isto é, reações responsivas (além da ressonância simultânea das ações dos outros, já mencionada) àquilo que se apresenta como significativo num dado contexto interacional. Nesse processo, as pessoas se engajam nas ações uns dos outros, bem como quaisquer elementos que possam ter alguma influência no modo como as ações são realizadas, tais como os agentes e seus corpos, elementos materiais (incluindo a própria estrutura linguística dos enunciados, elementos prosódicos e gestuais), histórico de interações, status de conhecimento que as pessoas têm a respeito de um assunto em relação ao status de outros, etc., operam simultaneamente para a emergência e distribuição das ações e para que os agentes de uma interação possam chegar a um entendimento situado.

³⁰ Estou considerando o gesto de apontar para uma região do espaço e depois para outra ao lado dela, para significar “o ano antepassado”, como sendo, além de indexical, (icônico) metafórico porque essa elaboração envolve conceitualizar o espaço designado pelos apontamentos como períodos de tempo distintos, levando à conceitualização metafórica discutida por Lakoff e Johnson (1980) “tempo como espaço”.

Os participantes de uma interação (com os seus corpos, suas identidades - parcialmente flutuantes, parcialmente fixas - historicamente constituídas, suas experiências etc.), também são, eles mesmos, “artefatos” materiais e semióticos que servem como meio de sustentar e restringir interações entre atividades em escalas de tempo separadas (LEMKE, 2000, p. 286; STREECK; JORDAN, 2009, p.447). Nas palavras de Lemke (discutindo os artefatos materiais e semióticos em uma sala de aula),

“o estudante também é um objeto material, em que podem ser inscritos - como roupas, tatuagens, padrões neuromusculares de hábitos, memórias verbais - signos significativos. Certamente esse corpo é um objeto material e semiótico, um participante e um produto de processos, práticas e atividades, e algo que circula como “objeto fronteiro” que vincula um evento e tempo e espaço a outro” (LEMKE, 2000, p. 282, tradução minha).³¹

Nesse processo, ao reconhecer o corpo como objeto material e semiótico, um participante e um produto de processos, práticas e atividades, podemos analisar os movimentos dos corpos como heterocrônicos, isto é, movimentos que em um evento de curta duração mantém relação com eventos em outras escalas de tempo, de menor duração (e.g. disparos de neurônios que criam uma dada ação) que lhes dão as possibilidades de realização, e de maior duração (e.g. os movimentos de corpos enculturados em uma interação entendida como de professor e aluno) que sustentam organizações ainda mais globais. Os movimentos dos corpos em ações locais informam tais organizações e são informadas por elas, ao mesmo tempo em que são criadas pelas possibilidades anatômicas que o corpo oferece no seu contato com o mundo com o qual está em permanente constituição.

Tendo em vista os propósitos específicos das análises apresentadas nesta tese, e não porque o corpo seja um elemento mais central do que outros nas ações co-operativas, é relevante nos voltarmos agora especificamente para o papel da anatomia corporal no processo semiótico que se desenvolve nessas ações. Nessa discussão, interessa especialmente discutir de que maneira as ações se organizam umas em relações às outras nas interações presenciais, em uma coordenação multimodal, de modo a esclarecer de que maneira os agentes coordenam múltiplas ações, produzidas simultaneamente por diferentes

³¹ No original: “The student is also a material object, a body on and in which can be inscribed—as clothing, tattoos, neuromuscular habit patterns, verbal memories—meaningful signs. Surely this body is also a material-semiotic artifact, a participant in and a product of longer-term social processes, practices, and activities, and one which circulates as a “boundary object” linking one event and time and place with another”.

partes do corpo, de acordo com os meios de que se valem, seja em línguas orais ou sinalizadas. Um olhar mais atento para como as diferentes partes do corpo co-operam entre si com funções distintas e complementares é o fio condutor da discussão empreendida na próxima seção.

1.4. Uma proposta para tratamento das práticas corporeadas na organização multimodal e multidimensional

Discuti até aqui a ideia de que as ações co-operativas reiteradas ao longo de diversas interações promovem a emergência de certas práticas corporeadas - inscritas nos corpos como padrões neuromusculares - que, por sua vez, sustentam as possibilidades de elaboração de novas ações co-operativas. Tendo em vista que os hábitos são ambientais e se mantêm somente na existência de um ambiente adequado (NÖE, 2009, p.97), a atenção se volta para a ecologia em que tais práticas se desenvolvem e se sustentam. A exploração dessa ecologia de práticas do corpo envolve investigar a relação entre as possibilidades de ação, percepção e cognição de diferentes partes do corpo e a maneira como os diferentes órgãos do corpo atuam nas práticas corporeadas, de modo geral, e naquelas tidas mais propriamente como comunicativas, em particular.

Um passo importante nesse sentido foi dado por Streeck (2009), em seu trabalho seminal sobre gestos manuais. Nesse trabalho, Streeck defende que os gestos sejam estudados em seu *habitat* natural, isto é, no seu engajamento corporeado com as mais variadas atividades cotidianas, e não apenas no estudo de narrativas como vinha sendo feito predominantemente nas pesquisas em estudos do gesto (e.g. MCNEILL, 1992). Essa mudança não é simplesmente metodológica, mas tem implicações na conceitualização dessas ações, que passam a ser entendidas não como um código ou como parte da língua (ou de qualquer outro código convencional) mas como *famílias de práticas* de uso das mãos para a criação de entendimentos situados em diferentes contextos.³² Com essa proposta, Streeck traz contribuições relevantes para os estudos dos gestos, na medida em que o autor consegue se desvencilhar de categorias rígidas, sustentadas pela noção de gesto primeiramente como código, e reconhecer práticas heterogêneas, porém assemelhadas, de

³² Nas análises, Streeck descreve diferentes ecologias gestuais, que são vistas a partir do acoplamento que os gestos manuais estabelecem i) com o mundo à mão ou à vista; ii) com o mundo imaginado em frente ao corpo; e iii) na regulação das ações dos outros; dessa perspectiva, são estudadas as famílias de práticas elaboradas pelas mãos para criar entendimentos situados.

produzir significação e entendimento situado por meio da ação das mãos em seu engajamento com o mundo material. Nas palavras do autor,

Gesto neste livro é entendido como uma família de práticas humanas: não como um código ou sistema simbólico ou (parte da) língua, mas como um conjunto de práticas em constante evolução - amplamente improvisadas, heterogêneas, parcialmente convencionais, parcialmente idiossincráticas, e parcialmente específicas da cultura, parcialmente universais - de usar as mãos para produzir entendimentos situados. (...) A compreensão gestual nesta visão não é o resultado de uma gramática ou léxico compartilhado, mas das ações corporais coordenadas das pessoas e suas perspectivas sobre o ambiente material e real dentro do qual elas interagem (STREECK, 2009, p. 05, tradução minha).³³

A diversidade de práticas descritas no trabalho revela como as mãos atuam ativamente no processo de significação (*sense-making*) em diferentes contextos em que os gestos emergem e em parceria com as ações de outras partes do corpo, como as expressões faciais, a direção do olhar, a postura e o movimento do torso, o movimento das pernas e pés, dentre outros (STREECK, 2009; STREECK; JORDAN, 2009). Essa parceria entre as ações revela, da perspectiva assumida nesta tese, que o corpo em ação se organiza organicamente de um modo *intracorporeadamente* co-operativo, isto é, pela operação de diferentes ações simultâneas no processo de significação.

Curiosamente, mesmo reconhecendo a parceria das ações manuais e de ações de outras partes do corpo, Streeck restringe a sua definição de gesto como ‘a ação comunicativa *das mãos*’ usando como justificativa a hipótese de que elas tenham, *ao lado do cérebro*, um “*status* extraordinário” no papel de criação do mundo em que os humanos habitam. Para Streeck, a mão humana foi, do ponto de vista evolutivo, fundamental para preparar a espécie para a produção de cultura, e argumenta que nenhum outro órgão, com exceção dos olhos, é tão importante quanto as mãos em nos munir de conhecimento do mundo. Ele conclui a sua defesa dizendo que “a mão que gesticula é interessante e distinta o suficiente para justificar um tratamento especial” (STREECK, 2009, p.04, tradução minha).³⁴ Embora esse tratamento tenha sido útil para trazer às mãos a atenção necessária

³³ No original: “Gesture in this book is conceived as a family of human practices: not as a code or symbolic system or (part of) language, but as a constantly evolving set of largely improvised, heterogeneous, partly conventional, partly idiosyncratic, and partly culture-specific, partly universal practices of using the hands to produce situated understandings. (...) Gestural understanding in this view is not the result of a shared grammar or lexicon, but of the coordinated embodied actions of people and their perspectives upon the material, real-world setting within which they interact.”

³⁴ No original: The gesturing hand is interesting and distinct enough to warrant special treatment.

ao trabalho minucioso que o autor pretendia executar, a defesa do papel das mãos e do cérebro na construção do mundo cultural humano parece reforçar uma perspectiva de corpo advinda de concepções da Modernidade, da qual o próprio autor, tendo em vista as referências que assume para o trabalho, parece querer se desvencilhar.³⁵ Da perspectiva assumida nesta tese, as ações de diferentes partes do corpo co-operam umas com as outras e com outros elementos para além do corpo em um processo dinâmico, situado e distribuído em múltiplas escalas de tempo, de modo que não cabe conceder a uma parte do corpo um tratamento especial: cada parte do corpo (bem como os produtos de suas ações, como no caso da fala articulada e da prosódia em línguas orais) está engajada de maneira distinta nas ações co-operativas, tendo em vista as suas possibilidades anatômicas e os níveis de organização em que as ações produzidas por eles se inserem.

Apesar dessa observação, a proposta de Streeck é relevante para esta discussão, pois ele estuda as ações manuais justamente em termos do engajamento das mãos nas atividades cotidianas, como aqui se advoga a partir da noção de ação co-operativa, chamando a atenção para as ecologias gestuais nas quais as mãos elaboram as diversas famílias de práticas de sustentar entendimentos situados. Propondo um estudo dos gestos manuais em termos de sua *manualidade*, isto é, nas possibilidades e restrições anatômicas que as mãos têm enquanto órgãos de ação, percepção e cognição, Streeck descreve seis ecologias de

³⁵ Segundo Ingold (2011, p. 70), a visão dualista cartesiana que divide os sujeitos em razão e matéria, conferindo um lugar de destaque à racionalidade, acabou por dividir o próprio corpo em termos de uma funcionalidade que passou a ser regulada tendo em vista a superior intelectualidade humana sobre outros animais. O corpo do homem moderno, dividido com uma linha imaginária na altura da cintura, tem as partes superiores do corpo separadas das inferiores: o humano seria, nessa visão, metade parte da *natureza* (designada nas partes inferiores), metade fora dela, no campo da *cultura* e da *racionalidade* (designadas nas partes superiores do corpo, nas mãos e cérebro, respectivamente). Nesse sentido, as mãos, acopladas ao cérebro, teriam criado as condições para o domínio e controle dos humanos sobre o ambiente material, enquanto as pernas e pés fariam a atividade mecânica, animal, de locomoção do corpo de um lado para o outro. Ainda assim, nem mesmo as partes inferiores do corpo seriam vistas como puramente biológicas; elas mesmas foram moldadas pela cultura. Os humanos europeus, ocidentais e modernos, não são homens e mulheres descalços (como os ditos “selvagens”), mas aqueles que, envolvidos em um conjunto mais amplo de mudanças que acompanharam o início da Modernidade, tiveram os pés moldados por botas de couro. Não são ainda homens e mulheres que se acocoram, inclinando o corpo e apoiando-se sobre as pernas (outra característica dos ditos “selvagens”), mas aqueles que se sentam em cadeiras e usam a cabeça (e não todo o corpo) para pensar, sem sentir o contato direito dos pés com a terra. É a marca de humanos que, cada vez mais, se separam da natureza para terem os seus corpos transformados pela cultura. Ao destinar às mãos um lugar de destaque ao lado do cérebro na construção do mundo cultural em que os humanos habitam, Streeck parece, de certa maneira, manter essa divisão constitutiva do corpo moderno.

Esse posicionamento, contudo, parece ser um ponto de transição na sua obra para uma concepção de corpo que cada vez mais se associa ao processo de habitação do mundo com outros, como é visto em publicação posterior (STREECK, 2015). Ainda na obra publicada em 2009, Streeck chama a atenção para a parceria indissociável entre as ações das mãos e dos olhos na realização de diferentes práticas corporeadas (como as de criar cenários imaginários a partir das ações das mãos em frente ao corpo, envolvendo um direcionamento do olhar para as mãos) e constantemente faz menção à parceria entre as ações das mãos e de outras partes do corpo.

ações das mãos, que organizam uma variedade de práticas relacionadas à maneira como as mãos agem em atividades gestuais vinculadas diretamente ao ambiente material imediato (em práticas como manipular objetos materiais ou apontar para eles) e desvinculadas do ambiente (em práticas como as de criar iconicamente no espaço em frente ao corpo um mundo de que se fala em uma forma de imaginação situada, ou como as de regular a interação, acenando para o interlocutor ao tentar alocar um turno de fala). Sendo assim, embora Streeck tenha pretendido destinar às mãos um tratamento especial, parece-me que a sua proposta se mostra apropriada também ao estudo das demais ações realizadas por outros órgãos do corpo.

Sem a intenção de reivindicar para as ações bucais um estatuto gestual por oposição a um estatuto linguístico, como acontece em uma discussão que é constante na literatura das línguas sinalizadas (ver JOHNSON; SCHEMBRI; ROEKEL, 2015), tendo em vista a compatibilidade que existe entre a definição de gesto proposta por Streeck com aquilo que, a meu ver, se observa nas ações bucais em interações sinalizadas, sou favorável à inclusão das ações bucais dentre as práticas interacionais entre surdos. Tal como as ações (ou gestos) manuais, as ações bucais em interações sinalizadas também parecem constituir famílias de práticas - amplamente improvisadas, heterogêneas, parcialmente convencionais, parcialmente idiossincráticas, e parcialmente específicas da cultura, parcialmente universais - de usar a boca, e em alguns casos, a face inteira, de modo mais abrangente, para criar entendimentos situados.

Esse entendimento nos leva a considerar também a segunda parte da citação de Streeck apresentada anteriormente na caixa de texto acima nesta seção, para entender que, apesar de muitas das ações bucais usadas nas interações sinalizadas serem habituais, a compreensão produzida por elas não é resultado de uma gramática ou léxico bem estabelecidos, dos quais essas ações seriam parte, mas da coordenação de ações *intra- e intercorporeadas* e das perspectivas dos indivíduos surdos sobre o ambiente material, social e cultural em que se inserem e no qual interagem. Desse modo, parece-me útil analisá-las em termos de sua *bucalidade*, de modo específico, e em termos da *facialidade* dessas ações, de modo mais abrangente. A ideia é explorar as possibilidades anatômicas que a boca, como parte da face, oferece como órgão de ação, percepção e cognição envolvido nas atividades mundanas. Além disso, pretendo explorar, da perspectiva do signo peirceano, que será apresentado no próximo capítulo, o andaime semiótico no qual se

desenvolvem as diferentes formas de significação que vão sendo elaboradas ao longo de uma interação.

O estudo da face dessa perspectiva se distancia de uma tradição de pesquisa que tem se voltado, de longa data, para o seu reconhecimento como o "espelho da alma", tendo como base a crença fortemente arraigada de que é por meio das expressões faciais que, observando-se o homem exterior, chega-se ao conhecimento do homem interior.³⁶ Ele se distancia também do estudo do rosto como "natureza morta", característico de trabalhos em fisionomia desenvolvidos a partir da Modernidade, mais especificamente no século XVIII, nos quais os estudiosos, perplexos com a variabilidade de expressões do rosto vivo e desperto, preferiam o estudo do rosto dormente e a dissecação de cadáveres para o estudo dos crânios e das faces apaziguadas, a partir dos quais tinham maiores chances de desenvolver estudos com a precisão exigida pelos ditames científicos do período do que considerando o estudo de corpos vivos.³⁷ Este estudo se aproxima, por um lado, daqueles que começaram a ser realizados a partir da segunda metade do século XVIII, nos quais os gestos passam a ser vistos como parte de um sistema ordenado de ações sensíveis e energéticas, indubitavelmente singulares, em um reencontro do movimento e de múltiplas temporalidades das ações; mas se distancia deles por rejeitar a tendência daquele período a classificações, que, paradoxalmente, levava os analistas a congelar, em benefício da classificação, as formas dos gestos analisados.³⁸ Finalmente, a perspectiva aqui assumida assemelha-se em partes àquela empregada por Darwin (2009 [1872]), nas suas descrições minuciosas das expressões de emoções nos animais não humanos e humanos, a partir de

³⁶ Essa crença, consolidada no século XVIII, tem suas raízes em estudos iniciados no século XIII, quando a fisionomia, a ciência do rosto, nasce com dupla origem: uma ligada às artes divinatórias, voltada à astrologia, e outra ligada à medicina, uma ciência natural. A ideia nesse período era a de que, pelo estudo do rosto, se revelaria o destino dos sujeitos (COURTINE, HAROCHE, 2016).

³⁷ Os estudos do rosto desenvolvidos durante a Modernidade, distanciando-se cada vez mais das artes divinatórias para se consolidar em uma medicina cada vez mais entendida como ciência natural, tiveram grandes avanços na investigação da anatomia das faces e dos crânios, mas, ainda assim, permaneceram separados do estudo da vida. Sob o compromisso com a exatidão matemática das descrições, o corpo descrito pela ciência que foi se consolidando a partir do século XVII não era o corpo vivo em engajamento com o mundo, mas o corpo dos cadáveres. Como evidenciam Courtine e Haroche (2016) ao descrever o trabalho de Johann Kaspar Lavater sobre a fisionomia humana no século XVIII: "Perturbado com a instabilidade das expressões, Lavater se volta para a observação das fisionomias em repouso: o aprendiz de fisionomista terá muito o que aprender no rosto apaziguado do homem que dorme, deverá inspecionar a fisionomia dos cadáveres, estudar as máscaras mortuárias, colecionar crânios, fazer os mortos falarem para compreender os vivos. O saber do fisionomista é uma arte da natureza morta." (p.114).

³⁸ As referências históricas até aqui apresentadas no parágrafo são relatadas por Courtine e Haroche (2016) em um interessante trabalho historiográfico das pesquisas sobre o rosto dos séculos XVI a XVIII. A edição citada aqui é uma tradução em português da edição de 2007, publicada originalmente em francês, a que não tive acesso para citar diretamente do original.

observação direta ou a partir de relatos escritos de colaboradores ao redor do mundo sobre as ações de humanos e outros animais em suas atividades mais básicas. A seguir, trato daqueles aspectos das suas descrições que me parecem relevantes para esta discussão.

Em descrições das ações dos animais humanos e não humanos, Darwin (2009 [1872]) leva em consideração a anatomia da parte do corpo do animal envolvida na ação, a maneira como a ação é realizada, dando detalhes da atividade de que ela participa, e faz conjecturas sobre o processo pelo qual as ações mais relacionadas às demandas ou funcionalidades imediatas de uma determinada atividade (e.g animais que lutam com os dentes abaixando as orelhas para evitar que elas sejam mordidas por outro animal da espécie em uma briga, na obra citada, p.99) tornam-se habituais e continuam a ser realizadas da mesma maneira, a despeito da ausência de demanda para a realização da ação (e.g. esse mesmo animal baixando as orelhas quando está assustado, mas sem que haja risco de mordida). Posteriormente, de alguma forma, essas ações fariam parte do processo evolutivo da espécie, tornando-se, para Darwin, inatas e hereditárias.³⁹ A parte das descrições que mais interessam a esta discussão diz respeito à realização das ações em termos das possibilidades anatômicas.

Em um estudo que parta da exploração das possibilidades anatômicas dos órgãos da face humana em seu engajamento nas atividades cotidianas, devem ser consideradas as diferenças anatômicas constituídas evolutivamente entre os corpos de animais não humanos e humanos, juntamente com as pesquisas que analisam as ações em termos de tais potencialidades, a partir das interações de que um dado animal participa. Do ponto de vista anatômico, é fato facilmente observável que, enquanto os animais não humanos, como a maioria dos mamíferos, por exemplo, exploram o mundo diretamente com a face, com os órgãos olfativos em contato diretamente com o solo e utilizando a boca como principal órgão de preensão dos objetos, os humanos, por se sustentarem sobre os pés, mantendo o corpo em posição vertical teriam sido parte de um processo evolutivo que lhes teria possibilitado liberar as mãos para as atividades de preensão e se distanciar do solo. Esse processo parece ter promovido também uma desvalorização do olfato como meio de exploração (FREUD, 1976 [1929]). Em vez de explorar o solo diretamente com a face, os humanos teriam passado a contar com a parceria entre as mãos e o rosto, de modo que os

³⁹ O autor não explica na obra quais seriam os mecanismos biológicos que levariam as ações a se desenvolverem em hábitos individuais e, eventualmente, em características hereditárias para a espécie.

objetos passaram a ser levados à face em vez de ela se dirigir diretamente a eles no chão, o que teria tornado os humanos menos sensíveis à exploração olfativa do ambiente e potencializado a exploração visual. Isso, por sua vez, teria possibilitado o uso da face para interações sociais, tornando-nos muito sensíveis às alterações da musculatura facial de outros indivíduos da espécie de modo a reconhecer nessas alterações alguma manifestação de estados privados (como dor, alegria) a que não se tem acesso diretamente.

Esse entendimento pode nos levar a concluir que, do ponto de vista biológico, a distinção entre o interior e o exterior dos organismos faz sentido não porque haja um sujeito interior que se revela nas ações exteriores do corpo, mas porque, biologicamente, estamos preparados, e evolutivamente fomos nos tornando cada vez mais aptos, para interagir com as faces de outros membros de nossa espécie e a tirar proveito da exploração visual para a interações que realizamos.⁴⁰ Essa alteração evolutiva nas funções do corpo humano fizeram com que as ações da face nos humanos fossem se desassociando do contato direto com as superfícies, especialmente com o solo, cedendo aos pés, e às mãos esse contato direto. Do ponto de vista da descrição das ações bucais nas interações sinalizadas, essa característica é relevante, pois essa parece ser uma das maneiras pelas quais as ações bucais se distinguem das ações manuais. Quando consideramos as ações da face, de modo mais abrangente, podemos dizer que a face é usada em práticas vinculadas ao ambiente direta e indiretamente: as diferentes formas de apontamento manual, que são, como descrito por Goodwin (2007), “gestos acoplados ao ambiente”, são acompanhados pelo direcionamento do olhar para objetos específicos e pelo direcionamento da face, que, junto com o gesto manual se vinculam, em certa medida, à atividade do ambiente via conexão física promovida pelo apontamento e o direcionamento conjuntos. As ações bucais, contudo, vistas isoladamente, parecem desempenhar predominantemente práticas desvinculadas de

⁴⁰ Isso não parece, contudo, ser exclusividade humana: outros organismos também estão aptos a interagir com as superfícies expostas dos corpos dos outros seres, reconhecendo, nessa interação, órgãos semi-autônomos do corpo que participam da nossa realidade biológica como unidades evolutivas hereditárias discretas. É o que Kleisner chama de *órgãos semânticos* (2015, p. 367). Para ele, os órgãos semânticos são aqueles que, a exemplo da face humana, do ornamento das asas das borboletas, da plumagem dos pássaros, são definidos não em termos de forma e função, mas pelo significado que adquirem por meio de um ato de percepção de um determinado observador (p. 372). Eles são, portanto, “entidades relacionais que passam a existir a partir de um ato de percepção, de modo que a sua forma depende tanto das potencialidades físicas do portador quanto da interpretação específica de uma espécie ou grupo receptor” (p.367). No cerne dessa argumentação, desenvolvida no âmbito da biossemiótica, está a ideia de que os organismos têm um papel ativo na remodelação das relações sógnicas, no sentido de que “os objetos no ambiente têm significados específicos para organismos diferentes”, de tal modo que “os organismos têm um papel central no desenvolvimento das relações de significado com o ambiente” (SHAROV, MARAN e TØNNESSEN, 2015, editorial).

uma interação direta com o ambiente imediato, sendo vinculadas, em vez disso, a outras ações corporais, realizadas pelas mãos ou outras partes do corpo, em termos da co-operação motora entre ações de diferentes órgãos. Essa parceria entre as ações da boca e das mãos, além daquela realizada com outras partes do corpo, não é naturalmente exclusiva das práticas comunicativas. A anatomia do corpo humano, sustentado sob os pés verticalmente e com mãos que permitem aos humanos agarrar e manipular objetos com precisão, possibilita uma dinâmica de interação com os objetos do mundo diferente daquela observada em outros animais. Em atividades elementares como a alimentação, as ações das mãos, da boca e da face (em especial dos olhos, mas também do olfato) são realizadas com fina coordenação motora.

Como reporta Woll (2014), em uma revisão de literatura sobre as bases neurobiológicas para a origem da linguagem, alguns estudos apontam para as relações entre as ações da boca em atividades como se alimentar e em atividades de produção linguística relacionada à fala (MACNEILAGE, 1998), chamando a atenção para a coordenação entre as ações da boca e das mãos, em ambas as situações. Nessa revisão, Woll reporta uma série de estudos realizados por Gentilucci e colegas (GENTILUCCI, 2003; GENTILUCCI; CORBALLIS, 2006; BARBIERI *et al.*, 2009, citados por WOLL, 2014) em que os pesquisadores solicitaram aos participantes que agarrassem objetos de tamanhos diferentes enquanto articulavam sílabas como /ba/ e observaram uma variação paralela entre o tamanho do objeto e o grau de abertura da boca e do espectro vocal das sílabas pronunciadas simultaneamente.

Um estudo das ações bucais em línguas sinalizadas que busque descrever as práticas bucais em interações comunicativas em língua sinalizadas de uma perspectiva de corpos vivos em ação precisa levar em consideração os aspectos acima mencionados. Há ainda que se considerar que os surdos habitam um mundo em que as pessoas ouvintes (além de surdos oralizados) movem a boca para se comunicar oralmente em uma língua sonora. Essas práticas realizadas em comunicações entre ouvintes, das quais os surdos rotineiramente participam, certamente fazem emergir certas práticas corporeadas e certos contextos de inteligibilidade que servem como substrato para a realização de ações cooperativas nas quais a boca participa, não só nas interações entre surdos e ouvintes, mas dos surdos entre si. A descrição das práticas comunicativas em que as ações da boca participam em interações sinalizadas é o objetivo das análises que serão apresentadas.

Para essa descrição, um aspecto do processo semiótico ainda precisa ser considerado. Em termos da sua constituição anatômica, a face é uma das partes do corpo humano com uma grande quantidade de músculos voluntários, o que lhe confere a possibilidade de fazer movimentos extremamente variados (MADEIRA, 2004). Tendo em vista a grande variedade de formas de boca produzidas em uma interação sinalizada, precisamos nos perguntar sobre como as diferentes formas de semiose são elaboradas durante a interação da perspectiva dos seus participantes e a partir dos elementos que já discutimos até aqui neste capítulo. Dedico, pois, o próximo capítulo a uma discussão sobre as formas de semiose de uma perspectiva peirceana, em termos da cadeia semiótica de eventos tomados como signos e seus interpretantes e de outros aspectos relevantes para esta discussão.

1.5. Conclusão

O objetivo deste capítulo foi apresentar as bases biológicas e interacionais do modelo semiótico sobre o qual se assenta esta pesquisa. Nessa apresentação, procurei chamar a atenção para algumas das diferenças fundamentais na base epistemológica que sustenta a semiótica tradicional, de base saussuriana, e uma semiótica de corpos vivos em ação. A motivação para assumir uma semiótica de corpos em ação para o estudo de uma língua de sinais, como se propõe nesta tese, decorre da observação de que as análises linguísticas que parte do pressuposto de que as ações bucais são, em primeiro lugar, códigos que parecem desconsiderar a natureza corporeada dessas ações e o modo como elas se organizam sinergicamente em relação a outras ações corporais, como as ações manuais e ações realizadas por outras partes do corpo. Da perspectiva de teorias que entendem os corpos em interação como organismos biológicos em organização intra- e intercorporeada tomar as ações corporais como sendo, em primeiro lugar, códigos obscurece as análises. O objetivo do capítulo, então, foi o de discutir um tratamento das ações bucais como práticas corporeadas de coordenação intra- e intercorporeada e de uso da boca para a criação de entendimentos situados em uma língua sinalizada. Nessa discussão, procurei mostrar de que maneira podemos entender a semiose da perspectiva das abordagens de inspiração enativa e dos processos de habitação.

A noção de co-operação de Goodwin (2018) é central nessa discussão, pois ela lança luz sobre o processo dinâmico por meio do qual objetos materiais e semióticos são postos em uso através de múltiplas escalas de tempo. Esses objetos se organizam dinamicamente

nas diversas práticas cotidianas que desenvolvemos uns com outros. Isso envolveu uma discussão sobre o papel da anatomia corporal humana e da relevância do estudo dos órgãos dos corpos em suas atividades mundanas. Nessa discussão, propus a inclusão das ações bucais em interações sinalizadas entre as práticas interacionais empregadas por surdos para entender que, tal como descrito por Streeck a respeito das mãos nas interações faladas, a boca também realiza, nas interações sinalizadas, práticas amplamente improvisadas, heterogêneas, parcialmente convencionais, parcialmente idiossincráticas e parcialmente específicas da cultura, parcialmente universais, para a criação de entendimentos situados. No próximo capítulo, discutirei como as dimensões materiais e semióticas das ações podem estar inter-relacionadas no curso das interações e de que modo podemos analisar as diversas facetas da semiose como processo dinâmico tomando como base o modelo de signo peirceano.

CAPÍTULO 2

A AÇÃO DOS SIGNOS EM UMA SEMIÓTICA DA VIDA

Conhecer por habitação, como discutimos no capítulo anterior, é uma forma de existência que se fundamenta na relação engajada dos agentes vivos nas atividades relevantes no momento a momento de suas vidas. Dessa perspectiva, a vida em si mesma é semiótica, pois ela é entendida como “a ação de signos”, e a semiose é entendida como “aquilo que distingue tudo o que é animado do que é sem vida” (SEBEOK, 1988, p. 1089, tradução minha).⁴¹ A diversidade de interações e de práticas nas quais os organismos se engajam envolve diversos modos de significação que começaram a ser exploradas a partir do modelo de signo de Charles S. Peirce no âmbito de várias áreas de conhecimento, como a biossemiótica, as abordagens de sistemas dinâmicos, a antropologia, etc. Esse modelo de signo tem se mostrado frutífero para descrever os fenômenos semióticos como vistos do ponto de vista dos processos inerentes aos sistemas dinâmicos (LEMKE, 2000; 2006) e aos sistemas cognitivos distribuídos (QUEIROZ; EL-HANI, 2006; ATÃ; QUEIROZ, 2019, 2021), dentre eles os sistemas vivos (HOFFMEYER, 2007; KRAMPEN, 1981; KULL; EMMECHE, 2011), os recursos semióticos empregados nas interações humanas (ENFIELD, 2013; GOODWIN 2018; KOCKELMAN, 2011; MITTELBERG, 2019), o desenvolvimento social e cultural dos povos em períodos remotos (ILIOPOULOS, 2016), dentre outros.

Um dos argumentos para a exploração do modelo de signo peirceano nesses trabalhos é o de que os estudos que assumem a primazia dos elementos estáticos e atemporais (grosso modo entendidos, nos estudos que procedem assim, como unidades de natureza fundamentalmente linguística e/ou textual; para uma discussão, ver MALAFOURIS, 2013; ILIOPOULOS, 2016) para o entendimento da semiose e da cognição, deixam inexplorado o *andaime semiótico* de base corporeada, dinâmica e temporal (HOFFMEYER, 2007; ILIOPOULOS, 2016) que leva à emergência de signos mais desenvolvidos em um processo semiótico contínuo. Um andaime semiótico é entendido como uma base material e/ou experiencial historicamente constituída que participa da co-emergência de novas práticas interacionais que sustentam as diferentes

⁴¹ No original: “Semiosis is what distinguishes all that is animate from lifeless”.

atividades dinâmicas animadas dos seres vivos (HOFFMEYER, 2007).⁴² Dessa perspectiva, os signos, cuja constituição envolve a participação de tais andaimes, deixam de ser entendidos como unidades estáticas para ser entendidos como *processos*: os materiais, as práticas e os contextos historicamente estabelecidos a partir de ações co-operativas anteriores podem servir dinamicamente como andaimes semióticos para o desenvolvimento de diferentes novas significações nas interações (e.g. a exemplo da língua, que sendo um hábito historicamente consolidado em uma comunidade, serve como uma condição inicial para novas interações entre falantes daquela língua, a partir das quais novos signos emergem dinamicamente).

Da perspectiva assumida nesta tese, as ações co-operativas estão diretamente relacionadas à formação desses andaimes. Essas ações criam, em um processo de co-constituição, materiais, práticas corporeadas e contextos de inteligibilidade que, por sua vez, sustentam a criação de novas ações co-operativas em semiose contínua. Nesse processo, os artefatos materiais criados por ações contemporâneas ou remotas à interação local apresentam certas possibilidades que se mostram disponíveis para ser interpretadas semioticamente (ENFIELD, 2013; GOODWIN, 2018; SIDNELL, 2020), desenvolvendo-se em outros signos, que vão sendo mais e mais bem elaborados ao longo do trabalho co-operativo que se desenvolve sobre os materiais envolvidos nas interações. A atividade de contínua transformação de uma ação (ou dos materiais criados por ela) em novas ações, dinamicamente emergentes e distribuídas no tempo, tratada no capítulo anterior como ação co-operativa, não é outra coisa senão o próprio processo semiótico descrito pela semiótica peirceana como o desenvolvimento de um signo em novos signos. Sendo assim, uma exploração da natureza dos signos de uma perspectiva peirceana se faz necessária para entender mais detalhadamente esse processo.

⁴² Os estudos desenvolvidos no âmbito da biossemiótica procuram descrever de que modo essas bases servem como andaimes para o desenvolvimento de novas ações que dão andamento aos processos semióticos que possibilitam a continuidade da vida (HOFFMEYER, 2007). Nas interações humanas, os andaimes semióticos mais explorados pelos estudos são aqueles que dizem respeito ao desenvolvimento de novas habilidades no uso de tecnologias, especialmente nas fases iniciais de desenvolvimento das crianças. Hoffmeyer sugere que talvez Vygotsky tenha sido o primeiro a falar da importância desses andaimes no desenvolvimento humano, apontando sua relevância na aprendizagem infantil, em experiências com estruturas externas de apoio (i.e., aquelas experiências em que algum recurso material (incluindo os enunciados) mediam a ação). Nessas situações, a participação dos adultos é crucial para fornecer à criança uma primeira experiência bem sucedida (em atividades como amarrar os cadarços do sapato) que servirá de base para ações futuras (HOFFMEYER, 2007, p.8).

A discussão proposta neste capítulo se volta mais especificamente para o modo como os eventos que se desenvolvem em signos no curso de uma dada interação podem criar entendimentos situados. Para tanto, retomo a discussão já empreendida no primeiro capítulo sobre os sistemas multiagentes para argumentar, a partir de um modelo semiótico de inspiração peirceana, que a semiose emergente nesses sistemas é, ela mesma, um sistema complexo, dinâmico e auto-organizado. O conceito de entendimento situado, introduzido no capítulo anterior a partir do trabalho de Streeck (2009), é retomado aqui e explorado a partir dessas propostas de entendimento do signo. Dessa perspectiva, o signo e o significado deixam de ser entendidos como entidades psíquicas convencionais pré-dadas, por isso descorporeadas e atemporais como são vistos pela semiótica de base saussuriana, para ser entendidos (tanto o signo quanto o significado) como aquilo que emerge quando algum evento leva um determinado agente a produzir um interpretante (o efeito produzido pelo evento em um agente), em um processo por meio do qual alguma coisa emerge como objeto de interpretação (ver ENFIELD, 2013, p. 36).⁴³

Desse modo, do ponto de vista dos agentes em interação local, nada é, em si mesmo, um signo fora do processo semiótico, nem mesmo aqueles elementos tomados como unidades convencionais (como as palavras e os recursos gramaticais de uma língua). *Qualquer coisa* pode participar de um evento como instigador do processo semiótico contanto que seja tomada por alguém (algum ser vivo) como algo que se co-constitui e/ou co-emerge com algo além de si mesmo (um objeto), produzindo um interpretante. Esse processo de desenvolvimento de interpretantes como parte dos signos que se estabelecem em co-constituição com objetos (criados a partir da percepção de um evento como disparador de um processo semiótico) pode ser visto tanto do ponto de vista da interação local quanto em escalas de tempo mais estendidas, como será discutido ao longo do capítulo. Os processos que caracterizam o funcionamento dos organismos vivos – dentre eles, o fato de os seres vivos serem sistemas abertos e em estado de não equilíbrio, como será discutido neste capítulo – são os mesmos que caracterizam os processos semióticos,

⁴³ Em sua definição de significado, Enfield diz que “o significado é aquilo que nós temos quando um signo leva alguém a produzir um interpretante, *revelando* assim um objeto de interpretação” (no original: Meaning is what we have when a sign gets someone to produce an interpretant, thus *revealing* an object of interpretation (ENFIELD, 2013, p. 36, *italico meu*)). Neste capítulo, vou sugerir que, da perspectiva da enação, é apropriado dizer que o objeto *co-emerge* com o elemento instigador do processo semiótico à medida que um agente age no mundo. A noção proposta por Enfield de que o objeto *se revela* pelo representamen e pelo interpretante instigado por ele pode levar ao entendimento de que o objeto está disponível para ser revelado por eles. Não é o caso: representamen, objeto e interpretante se co-constituem dinamicamente no processo semiótico.

de modo que o que é válido para descrever a vida também pode, mais abrangentemente, ser válido, por hipótese, para descrever os processos semióticos de modo geral.

Assumindo essa perspectiva para o estudo de interações faladas ou sinalizadas, um novo entendimento se apresenta para a natureza dos signos, isto é, o de que “eles devem ser vistos como *resultantes* da interação e não como um meio para ela” (MCCLEARY; VIOTTI, 2017, p. 184, itálico no original) e o de que eles emergem da dinâmica temporalmente distribuída de semiose em múltiplas escalas de tempo. Desse modo, a mudança de perspectiva em relação a outras visões semióticas envolve não tomar os signos como pré-determinados, mas como eventos emergentes: eles *podem* (ou, *tendem a*) ser interpretados de certa maneira no curso da interação, tendo em vista a sua participação em ações co-operativas em andamento em múltiplas escalas de tempo e todas as contingências envolvidas na situação de interação presente. No que diz respeito ao estudo das interações de uma perspectiva multimodal e multidimensional, esse modelo pode se mostrar bastante elucidativo do modo como os entendimentos são elaborados localmente.

Nos estudos de interações face a face, por exemplo, abre-se espaço para a exploração de diferentes semioses normalmente ignoradas nos trabalhos que se concentram apenas na cadeia de enunciados verbais que constituem um dado discurso. No caso das interações sinalizadas, em que as ações de diferentes partes do corpo têm papel fundamental tanto para a delimitação de unidades gramaticais, quanto para o estabelecimento da referência e para a organização dos discursos (ver LIDDELL, 2003; MOREIRA, 2007, 2016; LEITE, 2008; BARBOSA, 2013; MCCLEARY; VIOTTI, 2010, 2011, 2014; BARBOSA; VIOTTI, 2014; SILVA, J.P., 2014; PUUPPONEN, 2019, entre outros), um modelo de signo que se concentre nos elementos verbais tende a ter dificuldade em abarcar a coordenação de ações de diferentes naturezas semióticas. É a tarefa central deste capítulo, portanto, apresentar um modelo de signo que se mostre adequado à natureza do processo semiótico prenunciado no primeiro capítulo.

Apesar de serem cada vez mais frequentes os trabalhos que chamam a atenção para a multidimensionalidade e da multimodalidade da interação face a face, ainda são raros os estudos que tomam o modelo de signo peirceano para esse tipo de análise. Ao assumir essa perspectiva, esta pesquisa procurou se aliar aos esforços de outros pesquisadores que se deixam orientar para a investigação dos fenômenos a partir desse modelo sógnico, a fim de que seja possível iluminar alguns aspectos da nossa compreensão do processo semiótico

nas interações face a face que ainda são pouco compreendidos (MITTELBERG, 2019, p.194; ver PUUPPONEN, 2019 para uma análise de língua de sinais sobre essa perspectiva).

2.1. A semiose em curso na dinâmica da vida: signos, objetos e interpretantes em co-emergência e co-constituição no tempo

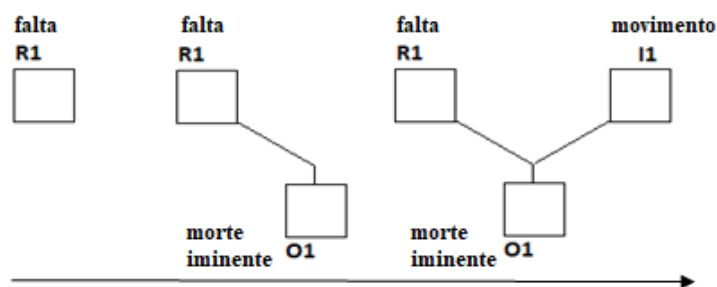
Da perspectiva assumida nesta tese, as formulações de Peirce podem ser entendidas do seguinte modo: o signo é um processo que se desenvolve no tempo, em cadeias de eventos que co-emergem e se co-constituem uns em relação aos outros: um evento instigador da semiose (R) emerge e se co-constitui dinamicamente com um evento que é objeto (O) desse primeiro evento enquanto promove sua co-emergência com um evento interpretante (I), em semiose contínua e ininterrupta. Mais especificamente, esse evento instigador de semiose, sendo percebido pelo organismo em uma situação específica, pode afetar o agente de tal modo que a sua ação responsiva (que é um novo evento) seja considerada um interpretante desses evento percebido por ele como um signo de algo naquela situação específica para aquele agente. Nesse processo, o objeto vai se co-constituindo com o elemento instigador da semiose e com o evento interpretante instigado a partir deles. Essa visão de signo como um processo que é a um só tempo situado e multiescalar é inteiramente adequada às discussões que fizemos no capítulo anterior sobre as bases epistemológicas de uma semiótica da vida e se mostra útil para descrever processos que acontecem nos mais variados sistemas multiagentes que organizam os sistemas biológicos e ecossociais, desde o nível das células até o nível global de um ecossistema.⁴⁴

Esse entendimento do processo sêmico se mostra em consonância com a noção enativa de cognição proposta por Varela segundo a qual ‘viver é produzir significação’

⁴⁴ Por outro lado, não podemos esquecer que as formulações peirceanas do signo, sendo construídas ainda sob a esfinge das ciências da Modernidade, apresentam algumas noções – tais como a noção de signo como *representação* – que não se mostram inteiramente compatíveis como propostas recentes de base enativa que venho discutindo nesta tese. Essas diferenças não têm passado despercebidas aos autores que discutem a adoção de certos aspectos desse modelo (ver KOCKELMAN, 2011; SONESSON, 2013). Nesse sentido, é relativamente comum em alguns desses trabalhos, especialmente aqueles que são desenvolvidos no âmbito da biosemiótica, observar a ressalva de que o que se pretende é desenvolver uma discussão de semiose de orientação peirceana, colhendo dessa filosofia extensa e ainda pouco explorada fundamentos para o desenvolvimento de um modelo semiótico mais adequado à descrição dos processos da vida, e não assumir a filosofia peirceana por inteiro. Esse modelo, que parte das noções gerais de Peirce levantando pontos críticos em vários momentos, tem sido denominado de *semiose neopeirceana* ou *pós-peirceana*. É esse modelo, e não a semiose peirceana em si mesma, que discuto nesta seção.

(THOMPSON, 2004, p.386).⁴⁵ Essa significação emerge no processo de co-constituição de um organismo e o seu mundo experiencial e/ou fenomenal (*Umwelt*). Nesse processo, ao interagir com seu ambiente, as ações do organismo revelam um certo modo por meio do qual o organismo incorpora uma dada perspectiva. É a partir, por exemplo, da percepção de uma falta que precisa ser suprida que uma bactéria se põe em movimento no seu ambiente, buscando elementos que possam suprir essa falta (VIOTTI c.p.; ver VARELA, 1992).⁴⁶ Enfatizando, uma vez mais, que para os proponentes da teoria da enação, vida é significação – portanto, semiose – tomemos o exemplo de um aspecto da vida de uma bactéria como uma primeira ilustração do modo como os eventos que participam do processo semiótico (ou da própria vida) se co-constituem e co-emergem temporalmente uns em relação aos outros. A figura a seguir esquematiza o processo que será descrito na sequência.

Figura 5 - Representamen, objeto e interpretante em co-constituição no tempo



Fonte: elaboração própria

Nesse processo em que a falta de nutriente vai sendo experienciada no tempo pelo organismo como iminência de morte, a falta se estabelece como instigador de um processo semiótico (nos termos da semiose peirceana, um *representamen* R, na figura a seguir ilustrada como R1) que levará a bactéria à ação responsiva no ambiente de se mover (nos termos da semiose peirceana, um *interpretante* I, na figura a seguir ilustrada como I1) em busca daquilo que possa suprir essa falta e manter a sua identidade, impedindo sua morte (nos termos da semiose peirceana, o objeto O, na figura a seguir ilustrada como O1). O

⁴⁵ No original: Francisco later came to prefer a different way of explicating the “living is cognition” proposition: Living is sense-making (THOMPSON, 2004, p.386).

⁴⁶ Essa discussão, feita por Varela (1992), foi tópico de uma das aulas do curso de pós-graduação Bases epistemológicas da Semiótica das Interações (FLL5163-1/1), ministrado pela Profa. Evani Viotti no primeiro semestre de 2022. Agradeço à Evani por ter chamado a minha atenção para esse aspecto particular da discussão, a partir do qual foi se consolidando para mim o entendimento de que, da perspectiva da enação, representamen-objeto-interpretante são sempre eventos em co-emergência e co-constituição. As imprecisões que a análise, porventura, venha a apresentar na sua versão escrita nesta seção são naturalmente de minha autoria.

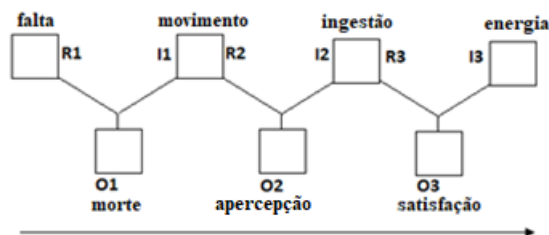
movimento da bactéria, como descrito por Thompson (2004), ativa o seu sistema perceptual, de tal modo que essa unidade de ação-percepção poderá dar continuidade ao processo semiótico, fazendo emergir novos objetos e interpretantes.⁴⁷

À medida que se move, a bactéria é capaz de sentir quimicamente a concentração de sacarose em seu ambiente local através de receptores moleculares em suas membranas, e eles são capazes de avançar girando seus flagelos em coordenação como uma hélice. Nesse processo, um *loop* sensorio-motor dinâmico é acionado: a maneira como ela se move depende do que ela sente, e o que ela sente depende de como ela se move (THOMPSON, 2004, p.386). Isso significa que os elementos físico-químicos *apercebidos* como nutrientes não preexistem, enquanto nutrientes, à ação da bactéria, mas se constituem como tal à medida que ela age no seu ambiente, movendo-se nele. Na fenomenologia de Husserl, a *apercepção* pressupõe a percepção e se fundamenta nela, mas não se limita àquilo que é realmente percebido, antes emerge como uma consciência que se toma como base a percepção, mas não se resume aos elementos que a constituem (ver MORAN; COHEN, p.39-40). Nesse sentido, o entendimento é o de que, enquanto as propriedades físico-químicas das moléculas são percebidas pela bactéria, a sua propriedade relacional como nutriente é apercebida por ela em um processo semiótico que cria uma estrutura global emergente, não redutível unicamente aos elementos diretamente percebidos. A experiência global envolvida nessa interação é mais abrangente do que a percepção dos elementos que dela participam (ver MÄÄTTÄNEN, 2010, p. 207, citando Peirce).⁴⁸ O ambiente da bactéria, incorporando a sua perspectiva, se torna o seu mundo experiencial (*Umwelt*) no momento-a-momento de suas ações. A figura a seguir ilustra o processo descrito na sequência em termos de uma cadeia de representações se co-constituindo com objetos e com interpretantes sequencialmente no tempo.

⁴⁷ Diante da dificuldade de expressar um processo altamente dinâmico, que se produz no tempo, por meio de escrita e imagem estáticas, busquei ilustrá-lo na figura acima repetindo os elementos que participam da co-constituição temporal do signo. Nesse sentido, a figura procura capturar a ideia de que o objeto (a iminência de morte da bactéria) desse evento instigador de um processo semiótico (a falta) não pré-existe ao evento; antes, ele se constitui enquanto tal à medida que a falta é percebida e se completa quando a percepção dessa falta como iminência de morte do sistema leva a bactéria a se mover em busca de alimento. Com isso não quero dizer que a co-constituição do elemento instigador da semiose e de seu objeto sejam sempre anteriores ao interpretante instigado por essa constituição; há sequências interacionais em que os interactantes se empenham na busca de um objeto que vai sendo constituído ao longo da sequência interacional que pode se prolongar por uma escala de tempo mais estendida (ver ÁNGEL-OSORNO, em preparação).

⁴⁸ O trecho a que me refiro é “(...) in Peircean pragmatism “the concept of *experience* is broader than that of *perception*” (CP 1.336, emphasis in the original).”

Figura 6 - Cadeias semióticas de representamen-objeto-interpretante no tempo na atividade de uma bactéria em busca de nutrientes



Fonte: elaboração própria

Desse modo, o movimento da bactéria (R2) ativa o sistema de tal modo que, na busca de elementos que propiciem a continuidade da vida, a apercepção da sacarose (O2) enquanto elemento supridor da falta co-emerge com o seu movimento, de sua perspectiva e da constituição corporeada que lhe é particular. A co-constituição e a co-emergência do movimento (R2) e da apercepção da sacarose (O2) fazem co-emergir dinamicamente, por sua vez, o evento interpretante dessa primeira co-constituição, a saber, a ingestão da molécula de sacarose pela bactéria como forma de suprir a falta inicial ainda persistente. À medida que a bactéria ingere (R3) moléculas de sacarose, seu organismo se co-constitui com as moléculas ingeridas, fazendo com que seu organismo se sinta satisfeito (O3) à medida que a ingestão é feita e produza, como resultado, energia (I3) para a continuidade da vida.

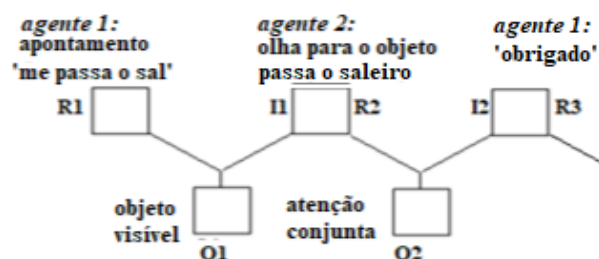
Ao satisfazer uma falta que é apercebida como um evento que pode levar à extinção do sistema, a sacarose-corno-nutriente tende a se constituir como um hábito de ação para a bactéria. É no momento da absorção e em situações posteriores de ingestão que uma molécula de sacarose (R3) se constitui como nutriente para a bactéria (O3), produzindo a energia necessária para continuidade das atividades da vida (I3). O hábito gerado dessa experiência constitui um andaime material e semiótico para o organismo, que passa a poder se valer daquela experiência no seu histórico de interações para interagir com o seu ambiente em outras situações de forma mais efetiva. Trataremos das diferentes semioses possíveis mais adiante. Essa mesma análise pode ser feita a respeito de outros organismos vivos mais complexos, examinando os elementos que constituem o seu mundo experiencial (*Umwelt*), o que, naturalmente, está fora do escopo de discussão neste capítulo.

Para os interesses desta discussão, cabe notar que a análise apresentada acima é abrangente o bastante para abarcar todos os modos de significação observados no mundo da vida em toda a sua riqueza de detalhes. Dentre esses modos, estão aqueles observados

nas conversas em línguas sinalizadas, pelas quais nos interessamos mais especificamente neste trabalho. Em uma conversa (como em qualquer interação envolvendo mais de um agente em interação com outros agentes), a primeira diferença a ser notada em relação à descrição feita do processo anterior, como ilustrado por alguns autores que trabalham com esse modelo sógnico no estudo de interações entre agentes humanos ou não humanos (KOCKELMAN, 2011; ENFIELD, 2013; MCCLEARY; VIOTTI, 2017, dentre outros), é o de que o interpretante de um evento instigador de semiose produzido por um agente pode ser tomado como evento instigador de semiose por outro agente, em uma cadeia de eventos que co-emergem e se co-constituem como unidades de significação (e não um conjunto de ação A + ação B) por meio dos quais uma interação avança.

Esse processo pode ser entendido a partir do seguinte exemplo, ilustrado pela figura abaixo: em uma interação entre duas pessoas em que uma delas aponta para um determinado objeto físico no ambiente, o apontamento, se bem sucedido, é tomado como instigador de um processo semiótico (R1) na medida em que ele, atraindo o direcionamento do olhar da outra pessoa (I1) para o objeto físico, se co-constitui com ele enquanto objeto de interpretação (O1) daquele apontamento (i.e., quem aponta provavelmente está fazendo um pedido como *me passa o sal*, por exemplo). O olhar da pessoa direcionado para o objeto físico no ambiente (interpretante do primeiro signo, I1) é tomado como um novo instigador de semiose pelo outro agente (R2), que tem a ver primeiramente com o estabelecimento da atenção conjunta, como um estado emergente da atenção para o mesmo objeto (O2), e com a entrega do saleiro, produzindo um novo interpretante (I2), que pode ser agradecer dizendo ‘obrigado’, ou eventualmente reformular o pedido e/ou o apontamento, caso o interpretante seja diferente daquele esperado (receber o saleiro).

Figura 7 - Cadeia de Representamen-Objeto-Interpretante envolvendo mais de um agente



Fonte: elaboração própria

Tal como no exemplo anterior envolvendo a bactéria em seu mundo fenomenal, o objeto de interpretação do apontamento por uma pessoa em uma interação não está “pronto”

para ser acessado, mas se constitui enquanto tal à medida que as pessoas agem e a interação avança. Em análises das ações manuais em interações faladas, Streeck (2009) descreve de que modo as diferentes formas de apontamento podem elaborar práticas manuais de ‘revelar o mundo à vista’ (*disclosing the world within sight*). Ele argumenta que “uma vez que o foco visual é estabelecido, o que é visto em conjunto pode ser estruturado pelos gestos, que projetam linhas, vetores, pontos, indicando como deve ser encarado aquilo que é visível” (STREECK, 2009, p.9, tradução minha).⁴⁹ Da perspectiva que estou assumindo aqui, esses estudos apresentam evidências de que, mesmo quando se trata de objetos materiais visíveis no mundo, o objeto de interpretação não está “pronto”, enquanto objeto de interpretação, para ser acessado a partir de um determinado apontamento, mas co-emerge e se co-constitui com o evento instigador do processo semiótico (uma determinada forma de apontamento) produzindo um determinado interpretante na interação em questão. É no momento do apontamento (i.e., da ação do agente no mundo) que um mundo de significação emerge para aquele agente, constituindo aquilo que passa a ser visto em uma dinâmica em que a percepção co-emerge com outras formas de ação que lhe serviu como instigadoras de semiose, permitindo o engajamento com o objeto em questão.⁵⁰

Os trabalhos desenvolvidos sob uma perspectiva enativa ou sob uma perspectiva de habitação (GOODWIN; GOODWIN, 1996; MURPHY, 2004, STREECK, 2009, dentre muitos outros) têm chamado a atenção para o mesmo aspecto: a percepção é uma forma de *ação* situada e, portanto, é por meio das mais variadas formas de ação de pessoas no mundo que objetos co-emergem e se co-constituem com essas ações à medida que os agentes as desempenham em suas atividades mundanas. Desse processo, novos eventos são instigados, constituindo-se e organizando-se com os eventos co-constituídos que os instigaram. Nesse sentido, a semiose é, em si mesma, um sistema complexo que se organiza dinamicamente em face a perturbações. Os organismos vivos, lidando com as demandas (e.g. suas *faltas*, nos termos de Varela), com as perturbações que se apresentam em suas vidas e com as suas necessidades interacionais com outros indivíduos, agem responsivamente como uma forma de significar as suas próprias existências

⁴⁹ No original: (...) once a shared visual focus is established, what is seen together can then be structured by gesture; motions of the fingers and hands project lines, vectors, points, etc. onto seen scenes, indicating how what is visible should be regarded.

⁵⁰ Como foi discutido anteriormente na nota de rodapé 43, o termo ‘disclosing’, usado por Streeck, não parece ser apropriado da perspectiva enatista, porque pode implicar que o objeto está pronto para ser apresentado pelo apontamento. Constituir um mundo experiencial é uma tarefa de *significação* de um organismo vivo. Sugiro que seria melhor dizer que certas formas de apontamento ‘constituem’ certos aspectos de um objeto para os agentes que com eles interagem, tornando-os perceptíveis.

individualmente ou com outros agentes e nesse processo fazem emergir os seus mundos semióticos e os elementos que deles participam.

2.2. A co-constituição entre indivíduos em interação local e a emergência de um sistema multiagentes: a semiose como sistema complexo, dinâmico e auto-organizado

A partir da discussão empreendida até aqui, pode-se chegar à compreensão da semiose nas interações como um sistema complexo, que se organiza dinamicamente em face a perturbações. A emergência de configurações globais de ação em uma interação é o próprio sistema multiagentes de dinâmica intra- e intercorporeada de que tratamos no capítulo anterior a partir da proposta de Froese e Di Paolo (2011). Nesse sistema, enquanto a ação dos indivíduos faz emergir uma configuração global, a configuração global emergente coloca as condições iniciais e restrições para a ação dos indivíduos no curso da interação. Desse modo, ao mesmo tempo em que a dinâmica da interação é constituída pelas ações individuais, ela mesma constitui também as ações, que deixam de funcionar autonomamente (como ação A + ação B) para integrar uma unidade nova co-constituída de ações intra- e intercorporeadas que caracterizam a interação como um sistema autônomo com identidade auto-organizada. A dinâmica de co-constituição e co-emergência de um processo sígnico é, portanto, a dinâmica do próprio sistema complexo buscando uma organização em estágio de não equilíbrio.⁵¹ Como em qualquer sistema complexo dinâmico, a configuração global da interação e as ações individuais se co-constituem mutuamente, constantemente em mudanças provocadas por perturbações e como resultado de sua interação com “outros sistemas, outras energias, outras forças e à medida que os membros do sistema interagem entre si, com o sistema e com fatores externos a ele” (VIOTTI, 2013b, p.151).

A semiose em curso na interação, enquanto unidade com uma identidade emergente, perturbada pelo acúmulo de energia fornecida pelo meio (i.e., proveniente, dentre outras coisas, das ações dos indivíduos na interação e dos recursos que eles empregam para

⁵¹ Essa é a dinâmica em que se sustenta um sistema complexo: a sua existência se situa permanentemente em um estágio entre o puro caos (a completa desordem) e a pura robustez (a ordem estática). Um sistema complexo, como são os sistemas vivos e os sistemas resultantes de suas interações, não pode, em condições normais de existência, se manter permanentemente em estágio de caos ou em estágio de robustez. No estágio caótico, as mudanças são tão frequentes que a instabilidade seria tanta que poderia levar o sistema a não se sustentar; já o estágio de total robustez, para os sistemas vivos e para os sistemas semióticos, significa a morte e a extinção. Um sistema complexo, dinâmico e adaptativo se mantém então à beira do caos, em contínuo movimento de autorregulação entre o caos (que traz consigo a novidade, a imprevisibilidade e a diversidade) e a ordem (que mantém consigo a permanência e continuidade) (VIOTTI, 2013, p.154).

interagir), busca constantemente uma auto-organização. Nesse processo, o sistema pode passar por alguns estágios no curso de uma interação em que alguns padrões emergem e buscam se sustentar. No entanto, a estabilidade do sistema não é uma conquista permanente: a depender das perturbações geradas por uma dinâmica interacional específica, o sistema pode tender ao caos e até permanecer momentaneamente nele, a partir do qual o sistema pode fazer emergir uma nova auto-organização. Nesse sentido, no que diz respeito à análise da participação das ações bucais no processo semiótico, entra em jogo toda a ecologia interacional localmente organizada que sustenta o seu uso, isto é, quem são os interactantes, em que atividade eles estão envolvidos, quais são as demandas que a interação apresenta, dentre outros.

Como as pessoas surdas estão em contínua interação tanto com pessoas que falam línguas orais quanto com pessoas que falam línguas sinalizadas, não é possível entender o uso das ações bucais de modo desvinculado das ecologias interacionais em que essas ações se situam. Nesse sentido, o fato de muitas ações bucais se assemelharem às articulações de palavra da língua falada com a qual os falantes de uma língua de sinais convivem mostra que as línguas de sinais, enquanto sistemas semióticos, são abertas e permeáveis aos influxos do meio em que se insere. Isso acontece porque *as pessoas* agem localmente com seus interlocutores na tarefa de produzir significação e, ao fazê-lo, se valem de todo e qualquer recurso disponível à sua volta para produzir semiose adequada aos seus propósitos em um dado momento de uma interação. Como o ambiente de práticas socioculturais habitado por pessoas surdas é abundante em ações de articular palavras de uma língua oral e outras formas de ação bucal, esses recursos estão disponíveis para o reuso com transformações (i.e., como ação co-operativa) e são recrutados sempre que, por alguma razão, se mostrar útil para os fins de uma dada interação.

Nesse processo, o uso potencialmente multimodal que as ações bucais têm em algumas interações (no que diz respeito ao uso do trato vocal na interação com ouvintes) é importante pelo fato de que as ações bucais empregadas por surdos podem participar de diferentes ecologias interacionais, adequando-se à dinâmica específica emergente em cada uma delas. Desse modo, as ações bucais tanto podem ser usadas em certas interações para possibilitar a leitura labial ou a articulação de certas palavras de uma língua oral quanto para integrar, com outras ações corporais, expressões visuais características das interações sinalizadas, constituindo um todo semiótico novo em ecologias específicas, na medida em

que se distinguem das práticas realizadas em línguas orais.⁵² Nesse sentido, os padrões observados parecem ser sempre entendidos como emergentes em interações específicas a partir de ações co-operativas que fazem surgir uma certa significação adequada àquela interação e à ecologia em que a interação se insere.

Assim, parece não ser muito útil que as ações bucais se fixem em padrões rígidos do tipo descritos modelos que buscam descrever a língua como um sistema estático. Afinal, essas ações parecem estar sempre se remodelando a partir das especificidades de cada interação. A heterogeneidade de idioletos que constitui uma dada comunidade de sinalizadores – como acontece também com as línguas orais em uma comunidade de falantes aparentemente mais homogênea – parece colocar o recrutamento desses recursos em um constante movimento em que o sistema se auto-organiza uma dada interação, para em seguida se mover na interação seguinte para um estágio que, inicialmente, pode até ser caótico, a partir do qual buscará uma nova auto-organização, constantemente desafiada pelas especificidades da interação presente.

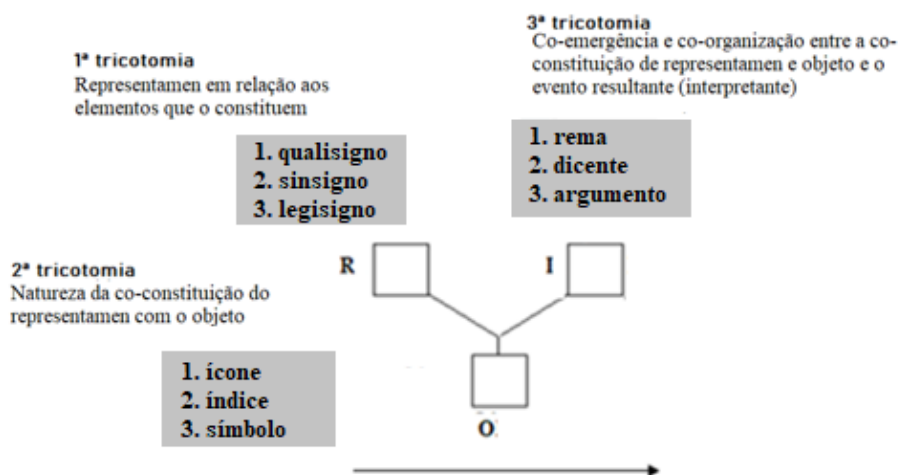
Na conversa analisada nesta tese, as ações bucais empregadas pelos surdos são entendidas como expressões visuais que constituem o todo multidimensional emergente da ação co-operativa do(s) corpo(s) de modo intra- e intercorporeado. Nesse sentido, as diferentes relações semióticas nos signos emergentes em uma interação precisam ser exploradas de pleno direito. Isso envolve considerar, como vimos fazendo nesta seção, os enunciados que constituem uma conversa sinalizada como um todo semiótico que co-emerge de diferentes ações em co-constituição. Para maior detalhamento desse processo, é preciso levar em consideração i) as relações semióticas que se estabelecem na co-constituição dos elementos instigadores da semiose em si mesmos, organizados uns em relação aos outros (primeiridade); ii) os elementos instigadores da semiose integrados e em co-constituição com objetos (secundidade); e iii) a co-constituição entre elementos instigadores da semiose e objetos fazendo co-emergir eventos interpretantes (terceiridade).

⁵² Nesse sentido, alguns estudos têm chamado a atenção para a necessidade de não assumir que as línguas de sinais operem com as mesmas categorias que as línguas orais e de empreender estudos empíricos que permitam observar unidades que são produzidas e percebidas pelos próprios participantes surdos (BAKER, PADDEN, 1978; LEITE, 2008; LEITE, MCCLEARY, 2013).

2.3. A semiose nas interações: signos em co-constituição

No processo de desenvolvimento da cadeia de eventos percebidos como instigadores de processo semiótico, os quais, por sua vez, estão em co-constituição com objetos e com interpretantes instigados a partir deles, os agentes habitam, por ação cooperativa, os particulares dos incontáveis contextos em que suas práticas têm se desenvolvido ao longo de suas vidas, de modo que os interpretantes não precisam ser elaborados do zero, mas podem aproveitar – e usualmente aproveitam – algumas ou todas as partes dos eventos semióticos que precederam o processo semiótico que está em elaboração em um dado momento. A figura a seguir esquematiza as diferentes relações semióticas em que um signo pode se desenvolver, que será descrito na sequência.

Figura 8 – Relações sgnicas e suas principais tricotomias⁵³



Fonte: elaboração própria, inspirada em Gomes, Gudwin e Queiroz (2005)

Entretanto, o argumento central que desenvolvo nesta seção é o de que, da perspectiva de propostas de base enatista, o signo deve sempre ser visto como um processo em co-constituição e co-emergência em qualquer uma das suas facetas. Uma análise de como os processos sgnicos se desenvolvem pode envolver distinguir as partes que compõem esse processo, mas em sua natureza processual, um signo emerge como um todo que se consolida no tempo pelo estabelecimento de eventos que se co-constituem com outros eventos, fazendo co-emergir significação durante o processo. Ao explorar esses percursos mais detalhadamente, não podemos deixar de ter em mente que as diferentes

⁵³ Inspirei-me, para elaborar a figura, naquela apresentada por Gomes, Gudwin e Queiroz (2005) em um artigo sobre agentes semióticos. A discussão que faço aqui, contudo, se distancia daquela apresentada pelos autores nesse artigo. A figura, modificada aos propósitos desta discussão, é apenas remanescente daquela proposta pelos autores, e não recupera a discussão feita por eles na mesma direção.

relações semióticas operam tanto simultânea quanto sequencialmente nos processos de significação, como discutido mais adiante, de modo que a sua combinação produz categorias logicamente ordenadas, que se desenvolvem em relações semióticas cada vez mais complexas, abstratas e gerais. Esses eventos sígnicos podem servir, em momentos posteriores, como andaimes materiais e semióticos para a formulação de novos signos. Na seção anterior, iniciamos uma discussão do modo como os eventos que integram o processo sígnico se co-constituem para criar significação no curso de uma interação. As diferentes relações semióticas emergentes são resultantes de diferentes formas de co-constituição dos eventos sígnicos e dos aspectos que cada um desses eventos pode explorar.

1ª tricotomia: o representamen em relação aos elementos que o constituem

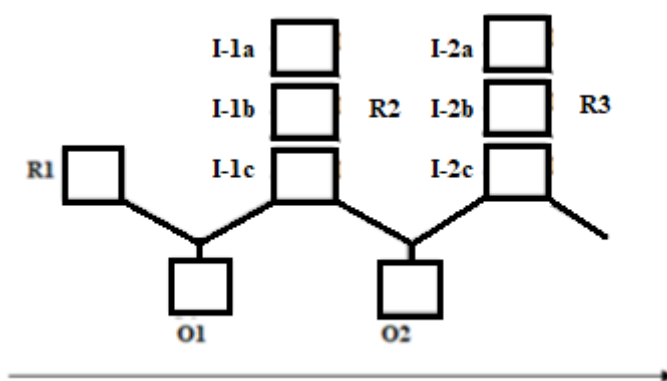
Em uma análise de interação face a face em língua falada ou sinalizada, considerar o veículo material do signo em si mesmo, instigador do processo semiótico, significa fazer considerações sobre a organização multimodal dos signos elaborados nas ações (i.e., nos enunciados multimodais) de um dado falante/sinalizador, chamando a atenção para como diferentes ações se co-constituem umas em relação às outras de modo intracorporeado, como introduzido no capítulo anterior. Em uma discussão sobre o processo de significação em que tomam exemplos de língua falada, McCleary e Viotti chamam a atenção para o fato de que os enunciados produzidos em interação face a face são sempre multimodais e multidimensionais. Eles dizem que “não só a cadeia de palavras, como também o tom, a qualidade e o ritmo da voz, a ação facial que acompanha as palavras, os movimentos do corpo, o gesto, podendo incluir também apontamentos em direção a, ou toques em, objetos do entorno” (MCCLEARY, VIOTTI, p.187) constituem os signos multimodais e multidimensionais que se coorganizam simultaneamente.⁵⁴

Como discutimos no capítulo anterior, todos esses elementos, constituindo enunciados multimodais que organizam a um só tempo diferentes relações semióticas, fazem emergir práticas corporeadas nas quais diferentes partes do corpo participam de

⁵⁴ Como explicitado na nota de rodapé 2, a multimodalidade é entendida como o uso de diferentes modos ou canais de expressão. No exemplo em discussão, observa-se que a cadeia de fala, os contornos melódicos, ritmos, duração de segmentos e gestos corporais com as diferentes modulações operam conjuntamente para a emergência da significação. Nesse processo, entra em jogo também a multidimensionalidade do corpo em ação, isto é, as três dimensões espaciais nas quais as ações podem ser produzidas e percebidas visualmente, e a temporalidade, que constitui a quarta dimensão envolvida na realização das ações. Nas interações presenciais, como discutido, os interactantes se valem de diferentes estratégias para direcionar o olhar do interlocutor para aquilo que é relevante em um dado momento, dentre o conjunto de ações que compõe esse todo multidimensional.

modos diferentes e complementares, organizando os diferentes aspectos da significação que emergem de uma dada interação. No exemplo apresentado pelos autores, que trata da interação de uma mãe com um filho que apresenta um mau comportamento em uma situação em que deveria se comportar bem, o interpretante exibido pela mãe ao comportamento do filho é expresso por vários elementos simultaneamente: o olhar fixo para a criança (I-1a), com expressão facial de braveza (I-1b) e possivelmente sussurrando seu nome por entre dentes cerrados (I-1c). Os autores dizem que o interpretante produzido pela criança a esse interpretante, que para a criança é um instigador de um novo processo semiótico, pode ser parar de se mexer (I-2a), desviando o olhar da mãe (I-2b), provavelmente com uma expressão emburrada (I-2c). A figura a seguir, adaptada da original apresentada pelos autores, procura ilustrar esse processo.

Figura 9 - Um processo semiótico em cadeia, com interpretante/representamen em múltiplas modalidades



Fonte: Adaptado de McCleary e Viotti (2017, p.187)

Os elementos que participam desses enunciados multidimensionais não são constituídos de uma mesma natureza semiótica, mas são complementares. O entendimento da variedade semiótica exige levar em conta a distinção entre diferentes naturezas de signo, a saber: os qualisignos, os sinsignos e os legisignos, que são entendidos como formas de existência caracterizados pelas *possibilidades*, *existência* e *hábito*. Antes de apresentar exemplos a respeito de como esses elementos podem estar (e normalmente estão) co-emergindo, se co-constituindo e se coorganizando uns com os outros simultaneamente, é preciso esclarecer esses conceitos, advindos da semiótica peirceana, para pensar em sua relevância para a análise de enunciados multidimensionais e multimodais.

Um *qualisigno* é uma qualidade que é um signo, isto é, uma diferença percebida no mundo por qualquer via sensorial (visto, ouvido, tocado etc), que, integra os signos de

existência real – os *sinsignos* – apresentados a seguir, se co-constitui com um objeto e faz emergir um interpretante. Quando consideramos a percepção de uma entidade ou um evento em si mesmos, sem relacioná-la/lo com alguma outra coisa (como a sua existência concreta e temporalizada), estamos lidando com as ‘possibilidades’ - i.e., as *affordances*, no sentido da psicologia de Gibson (ENFIELD, 2013, p.49) - que um determinado artefato material oferece em termos de como ele se apresenta à percepção. Esse é o domínio das possibilidades: uma determinada qualidade no mundo, ao ser percebida, se manifesta como uma *possibilidade de signo*, ou, nos termos de Peirce, um *qualisigno*. Essa possibilidade de signo, que ainda não é um signo de fato, pode vir a ser elaborada em um signo existente, atual, criado em uma interação real de um agente no mundo, naquele signo que Peirce chama de *sinsigno*.

Há aqui uma relação de envolvimento: todo *sinsigno* envolve *qualisignos*, que se manifestam nos *sinsignos* em termos das suas qualidades materiais perceptíveis (QUEIROZ, 2011[2004], p. 279). Mittelberg, estudando a semiose em gestos manuais usados em co-ocorrência com a fala, esclarece o uso do conceito em enunciados multimodais ao afirmar que um único gesto manual (enquanto *sinsigno*) consiste de vários *qualisignos* (configuração de mão, movimentos, localização etc) que atuam simultaneamente em um único gesto (2006, p. 32), organizando as suas qualidades perceptíveis. As diferenças decorrentes de modificações em aspectos da modulação dos movimentos desses gestos são da natureza dos *qualisignos* que os compõem. A mesma análise pode ser aplicada ao entendimento das ações bucais e de sua relação com as demais ações do corpo. Essa noção é relevante para esta discussão porque é a partir dela que buscamos entender de que modo as ações de diferentes partes do corpo se co-constituem de modo intracorporeado na emergência de signos multidimensionais.

À medida que lidamos recorrentemente com *sinsignos*, esses signos podem criar hábitos de percepção e ação. Esses hábitos se estabelecem como uma forma de interação com eventos semelhantes já vivenciados, que tendem a se perpetuar em face a certas circunstâncias ou desaparecer na ausência delas. Nesse caso, adentramos a terceira categoria de signos, os *legisignos*, que correspondem a uma regra geral (ou um hábito, convenção ou uma crença) que é um signo. Como os *qualisignos*, os *legisignos* se manifestam materializados em *sinsignos*: os *legisignos*, que são leis, precisam ser

instanciados em sinsignos enquanto signos materiais no mundo.⁵⁵ Como os hábitos podem se desenvolver ao longo de nossas ações cotidianas recorrentemente, os legisignos são onipresentes nas nossas ações, mas isso não quer dizer que todo sinsigno seja uma instanciação de um legisigno. Há sinsignos que são originais, inéditos, interpretados em um único momento, sem que necessariamente se tornem uma unidade habitual (i.e., um legisigno). Nas palavras de Mittelberg, “todo signo tem que ser um qualisigno e um sinsigno, mas não necessariamente uma réplica de um legisigno (como na língua)” (2006, p.33, tradução minha).⁵⁶ Essa é a primeira tricotomia peirceana dos signos.

A partir dessa apresentação inicial podemos observar que essas categorias se relacionam ordenadamente, sob o princípio de hierarquia: um qualisigno (primeiridade) pode ser uma possibilidade em si mesmo, mas não existe sinsigno (secundidade) que não envolva qualisignos (primeiridade) e nem legisignos (terceiridade) que não envolva qualisignos e sinsignos (primeiridade e secundidade).⁵⁷

Isso significa que certos signos podem servir de andaime semiótico para a emergência de outros signos, em um processo que envolve aproveitar as qualidades materiais e semióticas dos primeiros para a emergência dos segundos. Nas interações sinalizadas, em que as ações manuais se organizam sinergicamente com outras ações do corpo do sinalizador e com ações do corpo do interlocutor, é importante observar que essas

⁵⁵ Os legisignos e os sinsignos ficaram conhecidos, em disciplinas de representação do conhecimento que remontam à Antiguidade, como *tipo* e *token*, respectivamente. Um tipo é entendido, nessas disciplinas, como uma categoria geral, abstrata, que se instancia em entidades concretas (como a palavra 'cachorro', que é um tipo abstrato e designa a classe de mamíferos caninos, e não um indivíduo específico da categoria). Qualquer uso que fazemos de um legisigno é, segundo esse entendimento, sua instanciação em sinsigno. Ao designar um cachorro específico em um sintagma como "aquele cachorro", instanciamos um tipo abstrato em uma ocorrência real, concreta, isto é, em *token*, ou um sinsigno. Por envolver uma certa noção de representação abstrata, esses termos não estão sendo incorporados neste trabalho. Em vez disso, legisignos são entendidos nesta tese como *hábitos*, tal como entendido em seu sentido naturalista (NÖE 2009; MÄÄTTÄNEN, 2010, dentre tantos outros), isto é, formas de interação entre o organismo vivo e o seu ambiente, que, recuperando experiências passadas, antecipa certas formas de interagir em situações futuras, podendo ser (como normalmente são) readequadas às mudanças situacionais. Essas formas de interação podem ser, como discutido no capítulo anterior, inscritas em nossos corpos como padrões neuromusculares de ação, que modulam certas rotas de ação (ou como *atratores*, nos termos da teoria de sistemas dinâmicos; ver LANGACKER, 2000, p.96; VIOTTI, 2013b) para as quais um sistema tende a se inclinar para um determinado curso de ação.

⁵⁶ No original: Every sign has to be a qualisign and sinsign, but is not necessarily a replica of a legisign (as in language).

⁵⁷ Nas palavras de Iliopoulos, “somente uma possibilidade (i.e, um Primeiro) pode determinar um Primeiro; somente uma atualidade (i.e., um Segundo) pode determinar um Segundo e ele envolve um Primeiro; e somente uma lei (i.e, um Terceiro) pode determinar um Terceiro e ele envolve um Segundo e um Primeiro” (2016, p.254, tradução minha; no original: “(...) only a possibility (i.e., a First) can determine a First; only an actuality (i.e., a Second) can determine a Second and involve a First; and only a law (i.e., a Third) can determine a Third and involve a Second and a First”).

ações não são realizadas como um conjunto de ações simultâneas, mas como um todo que co-emerge e se co-constitui para elaborar certas práticas que criam certas formas de significação. O exemplo que nos interessa nesta discussão é o das ações bucais que parece ecoar o padrão motor da realização de um sinal manual, como no caso da realização do sinal APROVAR, cuja fase expressiva se inicia com as mãos abertas configuradas em B, com a palma da mão direita voltada para a esquerda, colocada em cima da mão esquerda aberta, com a palma para cima. Depois de uma rápida suspensão, a mão se move para frente, realizando um golpe. Simultaneamente, a boca, configurada em lábios pressionados, que também mantém uma suspensão sincronizada à suspensão realizada pela mão, se abre com uma soltura de ar, em uma configuração não arredondada, em um golpe que se sincroniza com o golpe manual.⁵⁸

Figura 10 - Ações manuais como andaime na emergência de ações bucais



Fonte: elaboração própria

Esse exemplo, extraído da conversa que será analisada, serve como uma evidência de que as ações da mão e da boca apresentam semelhanças na sua produção que não podem ser ignoradas. O argumento aqui é o de que os sinais manuais podem estar servindo como andaime material e semiótico para a emergência das ações bucais, em um processo semiótico em que essas ações aproveitam as qualidades de realização do movimento das mãos para a sua co-emergência icônica e temporalmente sincronizada e potencialmente outros aspectos semióticos recuperados de escalas de tempo mais estendidas.⁵⁹ Essas ações, como se pode notar apresentam movimentos de mãos e boca que se assemelham (i.e., apresentam uma certa iconicidade em termos da constituição dos qualisignos em si mesmos) que parece unificar perceptualmente mãos e face, fazendo das ações produzidas

⁵⁸ Não está mencionada aqui na emergência desse sinsigno a inclinação do corpo do sinalizador para a direita, que contribui para a emergência de uma prática de contraste, em que a possibilidade sinalizada com o corpo inclinado à direita, (i.e., ser aprovado na disciplina) se opõe àquela elencada quando o corpo se inclina, em seguida, à esquerda (não consta na figura, mas é dito em seguida: ser reprovado na disciplina). Para outras análises dessa prática em libras, ver LEITE (2008), e em língua de sinais finlandesa, ver PUPPONNEN (2019).

⁵⁹ Essa discussão será retomada no capítulo de análises.

por ambas um único sinsigno que integra essas duas porções do campo perceptual, unificando diferentes partes que co-emergem e se co-constituem para criar significação.

2ª tricotomia: a natureza da co-constituição entre o representamen e o objeto

Os sinsignos, enquanto eventos percebidos material e semioticamente como instigadores de um processo semiótico (R), podem desenvolver diferentes relações semióticas, de acordo com a relação que eles estabelecem com os objetos (O) com os quais eles se co-constituem. Há três semioses que podem ser apreendidas dessa relação: (i) aquela que se estabelece quando (R) e (O) se relacionam por alguma semelhança perceptual, nas co-constituições de instigadores de processo semiótico e objetos que reconhecemos como *icônicas*; ii) aquela em que essa relação se dá por alguma conexão física, ou alguma contiguidade espacial ou temporal ou de relação parte/todo, nas co-constituições de instigadores de processo semiótico e objetos que reconhecemos como *indexicais*; e iii) aquela em que a relação se deve a algum hábito, crença ou convenção, nas co-constituições de instigadores de processo semiótico e objetos que reconhecemos como *simbólicas*.

Nos três casos, essas relações semióticas tendem a se completar quando esses signos produzem interpretantes. São exemplos de co-constituições icônicas aquelas que emergem na compreensão de diagramas e as metáforas; de co-constituições indexicais, as que emergem no reconhecimento de pegadas de um animal no solo, da fumaça que sai de uma fogueira ou dos apontamentos feitos por diferentes partes do corpo; de símbolos, as que emergem do entendimento de enunciados (constituídos por palavras e recursos gramaticais convencionais de uma língua) e outras convenções sociais, como elementos usados em rituais, sinais de trânsito, dentre outros, e de hábitos de experiência, que levam um determinado ser vivo a associar uma experiência atual a uma experiência semelhante de seu histórico de interações com outros e com o seu mundo.

Como dito a respeito da primeira tricotomia, a relação ordenada entre as categorias de signo aqui também se mantém (bem como na terceira tricotomia, apresentada adiante): os ícones podem se voltar para si mesmos, de modo que a interpretação de um ícone depende de elementos encontrados no próprio elemento instigador da semiose (R), em semelhança com o objeto com o qual ele se co-constitui, mas os índices sempre envolvem

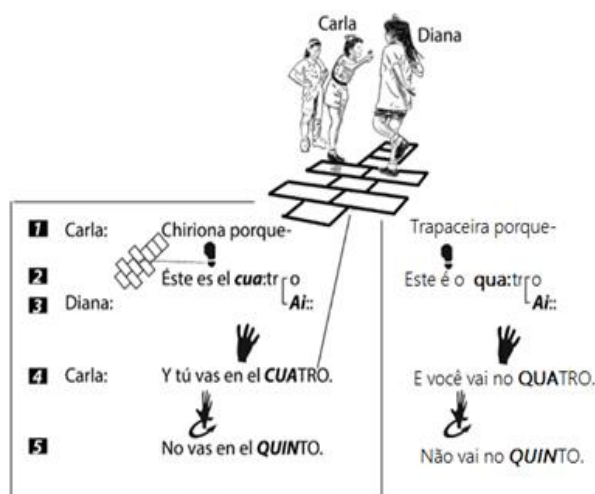
um aspecto icônico e os símbolos sempre envolvem aspectos icônicos e indexicais. Uma pegada de um animal no solo, enquanto *índice* da passagem do animal por uma região (nesse caso, que se revela na relação causal entre a pisada e a impressão da marca da pata no solo), envolve um aspecto icônico, manifesto no formato da pata do animal no solo, que permite ao observador reconhecer que tipo de animal passou por ali. Um semáforo, enquanto símbolo, que leva a um determinado interpretante (parar o carro ou fazê-lo avançar) a partir de uma convenção, não funciona sem o apoio de índices (a localização do semáforo em um ponto específico da via, indicando onde exatamente o motorista deve parar) e de ícones (as faixas pintadas no asfalto que dão suporte ao índice, criando uma espécie de contêiner, dentro do qual os carros devem permanecer enquanto o sinal vermelho simboliza ‘parar’. Essas categorias constituem a segunda tricotomia de signos proposta por Peirce.

No caso das ações bucais nas interações sinalizadas, o seu caráter ubíquo parece revelar relações semióticas para as quais não tem sido dada muita relevância em parte dos estudos já realizados sobre o tema: essas ações constituem um todo semiótico com outras ações corporais - manuais e ações de outras partes do corpo - que criam signos multidimensionais bastante elaborados. Ao mesmo tempo em que essas ações parecem apresentar sempre aspectos indexicais (tanto no sentido de que elas se sintonizam temporalmente com outras ações do corpo do sinalizador e com ações corporais do interlocutor, quanto no sentido de que, sendo ações produzidas ativamente na face, elas tornam a face um alvo para o qual olhar deve se dirigir, conforme discussão que será desenvolvida mais adiante), elas podem criar recursos semióticos icônicos e simbólicos, que integrados a outras ações corporais, constituem significação complexa em parceria com os símbolos (produzidos pelos itens lexicais da libras e por outros elementos de natureza gramatical). Como dito acima, os símbolos não poderiam funcionar isoladamente, sem a parceria que eles estabelecem com os elementos icônicos e indexicais produzidos pelas ações realizadas por diferentes partes do corpo. A parceria entre as ações das mãos, da boca e de outras partes do corpo cria nas interações sinalizadas relações semióticas que se manifestam como um todo multidimensional que integra diferentes formas de ação simultaneamente.

A análise que pretendemos apresentar nesta tese guarda semelhanças com aquela que foi apresentada por Goodwin (2018) a respeito da interação de meninas em um jogo de amarelinha. Nessa análise, Goodwin chama a atenção para como a estrutura material da

grade da amarelinha é fundamental, pois ela oferece as possibilidades e restrições semióticas para as ações que são desenvolvidas no jogo. A grade da amarelinha, enquanto um sinsigno, que é instância de um legisigno icônico, ao mesmo tempo em que apresenta, enquanto artefato material icônico, as possibilidades para que as ações do jogo sejam realizadas sobre um suporte físico, se vincula semioticamente às características de um signo de lei ou convenção, pois à grade se associam as regras específicas para que o jogo de amarelinha se desenrole.⁶⁰ A figura a seguir ilustra o momento em que há uma discordância entre as meninas, Carla e Diana, e Carla afirma que Diana está fazendo um movimento inapropriado.

Figura 11 - Exploração semiótica em um jogo de amarelinha



Fonte: Goodwin (2018, p. 174, tradução minha)

As ações das meninas durante o jogo são tomadas como signos emergentes da interação com outros signos mais duradouros que lhes servem como andaime material e semiótico para a sua emergência, bem como das contingências específicas no momento-a-momento da interação: o corpo de Diana, que pula dentro da grade, pisando nos espaços onde constam os números, é interpretado pelas colegas como um signo que segue uma

⁶⁰ Há, a partir dessa estrutura material e das regras pré-dispostas para as ações sobre essa estrutura durante o jogo, uma certa sequência de ações que são pré-determinadas para que o jogo se desenvolva, como i) jogar a pedra dentro das casas numeradas em ordem crescente e sequencial ao longo do jogo, sem deixar que a pedra caia fora da casa; ii) pular nos espaços numerados da grade amarelinha em ordem crescente, sem pisar no espaço específico em que a pedra caiu ao ser lançada na grade; iii) pisar dentro das casas numeradas sequencialmente, sem pisar nas bordas da casa; iv) pegar a pedra na volta, antes de passar por ela na casa em que ela foi jogada. Ao desobedecer a alguma dessas regras, o participante perde a vez no jogo, cedendo a pedra a outro participante até que ele (e outros que eventualmente estejam jogando) faça a sua jogada até o erro. Outro aspecto importante desse signo é a sua estabilidade material. Uma vez que ele se mantém perceptualmente disponível para uso por uma escala de tempo que se estende por toda a interação, a natureza da grade da amarelinha como andaime semiótico para as ações realizadas sobre ela torna possível a organização do jogo em torno da grade.

sequência projetável, dada pela natureza semiótica da amarelinha. No momento em que Diana infringe uma regra do jogo, pisando no quadrado de número *cinco*, quando deveria pisar no quadrado de número *quatro*, essa ação produz em Carla um efeito (um interpretante), e ela usa o seu corpo como signo material para se por diante de Diana na grade e impedir que ela prossiga. Essa ação corporeada é acompanhada do enunciado verbal apresentado na figura, além de gestos manuais e ações de outras partes do corpo apresentados na figura acima.⁶¹ Ela diz: “este é o **qua:tro**” enquanto estende a mão configurada com quatro dedos estendidos diante do rosto de Diana e, em seguida, diz “Não vai no **quinto**”, mudando a configuração da mão para apresentar cinco dedos estendidos.

A discussão apresentada por Goodwin, para a qual Sidnell (2020, p.298) também chama a atenção em seu comentário dessa análise, é a de que, em termos de conteúdo proposicional, parece que os gestos manuais somente duplicam o que foi dito verbalmente, o que caracterizaria esses gestos como uma redundância relativamente irrelevante. De uma perspectiva de corpos em ação, contudo, a ação semiótica que as mãos promovem desempenha um papel relevante para o andamento da interação: além de bloquear a passagem de Diana pela grade, com todo o resto do corpo que se coloca no caminho impedindo o avanço, a mão que gesticula torna-se um alvo para o qual olhar, seguida pelo pé, que é usado na sequência para apontar para o quadrado na grade da amarelinha no qual Diana deveria pular naquele momento.

Essa discussão é particularmente interessante quando levamos em consideração o estudo das ações bucais em línguas sinalizadas, porque uma tendência semelhante se manifesta na literatura sobre as ações bucais em línguas sinalizadas: a de, desconsiderando o papel semiótico do corpo em ação, tomar as ações das mãos e da boca como *símbolos* que expressam algum conteúdo proposicional. A conclusão a que alguns autores têm chegado na literatura das línguas sinalizadas a respeito das ações bucais (mais especificamente daquilo que a literatura denomina *mouthings*, ver SCHERMER, 1990, p. 137) se assemelha àquela rejeitada por Goodwin acima, isto é, a de que as ações da boca, em sua maioria, simplesmente duplicariam parte do que foi dito pelas mãos dos sinalizadores, especialmente naqueles casos em que a ação bucal é tomada como uma

⁶¹ Na análise que Sidnell (2020) faz dessa interação a partir do modelo peirceano, o corpo de Carla, impedindo a ação de Diana, é um representante da secundidade, ou *sinsigno*, na medida em que é tomado como um objeto material caracterizado por “esforço e resistência” (2020, p. 297).

articulação bucal de uma palavra equivalente em língua oral do significado do sinal produzido manualmente.⁶²

Da perspectiva assumida nesta tese, a análise deverá seguir o que é defendido por Goodwin nesse exemplo: em termos proposicionais, pode eventualmente haver alguma duplicação de parte do que é dito manualmente, mas isso não é tudo o que essas ações fazem. Como procuraremos mostrar nas análises, os movimentos da boca também promovem, em interações sinalizadas, uma chamada de atenção para a face do sinalizador, tornando a face um alvo para o olhar, de modo a integrá-la perceptualmente às mãos. Ao longo da interação, os sinalizadores parecem manejar a atenção dos interlocutores ora para uma unificação perceptual entre mãos e face, ora para as mãos, de modo a instanciar, no equilíbrio dinâmico entre aquilo que é relativamente estável e o que é relativamente novo, práticas corporeadas que podem levar à emergência de entendimentos situados.

Ao mesmo tempo em que garante a atenção compartilhada entre mãos e face, as ações bucais podem elaborar simultaneamente outras relações semióticas, criando, com as ações manuais e de outras partes do corpo, signos multidimensionais co-emergentes, cujo significado resultante não pode ser entendido como a "soma" dos significados produzidos por diferentes ações do corpo, mas como um todo semiótico novo, co-constituído e localmente produzido, muitas vezes como parte de práticas comunicativas mais abrangentes. Os enunciados verbais das línguas de sinais parecem, portanto, ser sustentados por outros recursos semióticos que configuram a sua natureza corporeada multidimensional. Buscar nessas ações uma possível natureza simbólica a priori pode obscurecer as análises de como as diferentes formas de ação se co-constituem na semiose emergente nas interações.⁶³

⁶² Cabe notar que para Schermer o fato de essas ações, que são a maior parte dos dados encontrados no seu corpus, serem "redundantes", não significa que sejam "supérfluas". Segundo ela, "apesar de não parecer preencher uma função específica na língua, isso não quer dizer que elas não sejam necessárias." (1990, p.137). Segundo ela, "são necessários outros estudos experimentais para determinar em que medida essas ações realmente são redundantes das conversas entre surdos (1990, p.137). A meu ver, apesar de consideração sobre as ações não serem superfluas chamarem a atenção para a necessidade de explorar outras funções possíveis para essas ações, ao questionar se essas ações seriam de fato redundantes, a autora parece se voltar novamente para o caráter simbólico dessas ações na expressão de conteúdos proposicionais.

⁶³ Desse modo, as ações bucais podem não ser sempre claramente classificáveis como icônicas, indexicais ou simbólicas no que diz respeito a uma possível co-constituição dessa ação com algum objeto, mas elas certamente apresentam alguma forma de "iconicidade" e de "indexicalidade" que sustenta a emergência de práticas globais mais abrangentes. No exemplo apresentado anteriormente enquanto apresentava a primeira tricotomia, a ação bucal de apertar os lábios para depois abri-los de modo sincronizado com as mãos não

3ª tricotomia: a co-constituição entre o representamen e o objeto em relação ao interpretante

Finalmente, outras facetas do processo semiótico podem ser reveladas quando observamos o modo como um interpretante se relaciona com a relação Representamen-Objeto. Como nas outras tricotomias, Peirce também distingue três categorias: relações de possibilidade (*rema*), de fato (*dicente*) ou de razão (*argumento*). A primeira relação, o rema, se manifesta em signos que se apresentam como possibilidades de interpretação para o agente semiótico, como “a primeira impressão, não refletida, de uma pessoa, de uma pintura, de uma sintonia, etc” (MITTELBERG, 2006, p.44); ou outras possibilidades, como em uma palavra tomada isoladamente, que carrega algum potencial de interpretação, mas não é suficiente para fazer uma declaração específica, dependendo, para tanto, de outros elementos (MITTELBERG, 2006, p.48). A segunda relação, o dicente, se manifesta em signos de existência real para a emergência do interpretante, como uma reação a um dado evento; por exemplo, se alguém grita atrás de mim, sou levado a reagir me virando para ver o que está acontecendo; ou em um enunciado linguístico, que, dando suporte material a alguma proposição, pode fazer uma declaração sobre o mundo (e.g. a cadeira é verde) (MITTELBERG, 2006, p.49). A terceira relação, o argumento, se manifesta em signos de lei (hábito, crença) para o agente semiótico, como a lógica elaborada em um silogismo, que elabora uma cadeia de pensamento racional até chegar a uma conclusão.

É importante considerar a natureza do interpretante produzido a partir da percepção de algum evento tomado como instigador de semiose, pois tanto os eventos instigados por um representamen quanto os efeitos que eles produzem (interpretantes) são tomados como uma unidade no processo semiótico e não como um conjunto de dois elementos postos juntos. Como discutido por McCleary e Viotti (2017, p.188), os interpretantes instigados

parece ser icônico em relação a algum aspecto do objeto “ser aprovado em uma disciplina, como uma das possibilidades (em oposição a ‘ser reprovado’)”, mas guarda semelhanças (i.e., iconicidade) com o movimento das mãos, de modo a promover uma unificação perceptual entre ambas as ações; e é indexical também, não por criar uma relação de contiguidade entre o elemento instigador da semiose e o objeto, mas em uma forma de indexicalidade que se manifesta na relação de sincronização de duas ações simultâneas, que possibilita que elas sejam interpretadas como uma unidade. Sem essas estratégias semióticas, essa prática de contraste (que é organizada com um movimento do torso para a esquerda) entre a possibilidade de ser aprovado e reprovado dificilmente poderia se estruturar. Eventualmente, essas ações bucais poderiam ainda ser interpretadas por um sinalizador que conheça bem o português como uma parte de uma palavra do português, isto é, a articulação do visema -pa- como parte da palavra ‘passar (na disciplina)’, mas não há evidência nesse momento da interação de que essa semiose possível esteja acontecendo. Assumir a priori que essa articulação seja uma articulação de uma parte de uma palavra pode obscurecer a análise aqui proposta. Isso não nega a possibilidade de, além dos aspectos mencionados, a articulação bucal ser reconhecida por algum sinalizador como uma parte de uma palavra do português.

por um determinado representamen não precisam ser produzidos *após* o evento instigador da semiose, mas podem ser produzidos simultaneamente enquanto a cadeia de eventos sógnicos vai sendo realizada. Grande parte desses interpretantes é produzida como ações responsivas da face ou do corpo que se manifestam como possibilidades de interpretação (*remas*) suficientes para a progressão da cadeia de fala ou para que alguma forma de reformulação seja empreendida pelo interlocutor que está com o turno de fala, sem que algum enunciado verbal seja explicitamente formulado. Em outros momentos, os enunciados verbais são formulados em turnos de fala (dicentes), acompanhados de toda uma ação corporal de natureza remática que constitui o enunciado e é co-constituído por ele. Finalmente, há momentos de discordância em uma conversa que pode levar a grandes seqüências argumentativas de cada um dos participantes a favor do seu ponto de vista na discussão do tópico que estiver em andamento na conversa.

Nas interações, as diversas facetas dos processos semióticos co-ocorrem, criando uma semiose rica e variada. Essa hierarquização dos signos leva a uma interação entre as diferentes facetas, com novos signos sendo construídos sobre signos anteriores, que, por sua vez, servem como andaimes semióticos para a ação dos novos signos. A combinação de signos em co-constituição produz categorias combinadas, que elaboram diferentes tipos de signo (QUEIROZ, 2011[2004], p.275-80). Não é objetivo desta discussão explicitar cada um dos tipos de signos possíveis a partir dessas combinações, mas elucidar as maneiras com que os diferentes aspectos da semiose emergem nas interações em que cotidianamente nos envolvemos. Além disso, o objetivo do trabalho é determinar como é possível descrever o processo semiótico levando em consideração o fato de que os signos mais abstratos e gerais (como uma proposição que é elaborada por símbolos igualmente abstratos e gerais) não funcionam sem a base material e corporeada que sustentam as formas de interação que desenvolvemos com outros na atividade de habitar o mundo com eles.

2.4. A emergência de práticas estruturadas nas interações sinalizadas

Nas interações sinalizadas, diferentes partes do corpo dos sinalizadores são usadas simultaneamente para elaborar práticas que devem ser interpretadas como um todo unificado que se co-constitui com um único objeto. É o caso de diferentes práticas envolvendo diferentes partes do corpo das quais as ações bucais participam, como aquelas

que ficaram conhecidas na literatura das línguas sinalizadas como *ação construída* e *diálogo construído* (METZGER, 1995),⁶⁴ e de outras práticas em que mãos e boca operam conjuntamente de modo mais proeminente para construir uma significação unificada em relação a diferentes aspectos de um único objeto. A análise dessas práticas deve levar em consideração a ‘versatilidade semiótica’ de diferentes partes do corpo enquanto instigadores do processo semiótico (WAGNER et. al, 2014; PUUPPONEN, 2019; ver também STREECK, 2009; 2015), isto é, do modo como as diferentes partes do corpo estão aptas a desempenhar certas formas de ação melhor do que outras, produzindo as diferentes significações que cada órgão pode elaborar. Como ilustram Wagner et. al, enquanto as mãos são mais adequadas para expressar o formato de certos objetos do que a cadeia de fala sonora, o rosto expressa melhor emoções e atitudes (2014, p.209). Uma análise semiótica das ações de diferentes partes do corpo é promissora para revelar a complexidade semiótica envolvida nos enunciados multidimensionais nas ações complexas e co-constituídas que cada parte do corpo está apto a desempenhar.⁶⁵

No caso do estudo das ações bucais em interações sinalizadas, a análise semiótica que será explicitada aqui envolve um exame minucioso das ações sem assumir noções a priori sobre uma ou outra forma de ação. A questão é particularmente desafiadora na medida em que é preciso levar em consideração a significação em curso em uma dada interação, tendo em vista um ecossistema de práticas no qual recursos prototipicamente usados em línguas de sinais e em línguas orais circulam e são recrutados como formas de ação co-operativa. Se, por um lado, a literatura vem dando evidência de que as ações bucais são onipresentes nas interações sinalizadas (BANK, 2014) e que, embora apresentem padrões passíveis de descrição, elas não podem ser entendidas como marcadores gramaticais convencionais (JOHNSTON; VAN ROEKEL; SCHEMBRI 2015) ou como

⁶⁴ Nessas práticas, o narrador emprega diferentes partes do corpo - como a posição da cabeça e do tronco, as ações faciais e movimentos corporais, que podem incluir posturas, trejeitos e formas manuais de manuseio de objetos - para demonstrar como um determinado agente atuou em uma situação em que estava envolvido. Nos termos do que estamos tratando nesta tese, essa prática é uma forma de ação co-operativa, em que a ação corporal de outra pessoa é reusada com transformações para re-atuar aquela ação em um modo de imaginação situada (VIOTTI, 2021; GOODWIN, 2018; MURPHY, 2004; CLARK, 1996; SILVA, J.P, 2014). A sugestão de que as ações construídas são uma forma de ação co-operativa de reuso de ações corporeadas não verbais foi feita pela Profa. Evani Viotti em uma apresentação no Grupo de Estudos Linguísticos (GEL) em 2021. Uma análise detalhada dessas práticas será apresentada no capítulo de análise desta tese.

⁶⁵ Essa proposta é levada adiante no estudo das línguas de sinais em uma perspectiva alinhada à que desenvolvo nesta tese por Puupponen (2019), que analisa, da perspectiva da semiótica peirceana, as diversas significações elaboradas por diferentes movimentos de cabeça nas interações sinalizadas para criar estratégias de significação icônicas (em demonstrações de ação, em metáforas de tempo), indexicais (em organização do discurso e em indicação de referentes) e simbólicas (em acenos de cabeça positivos e negativos).

instâncias de signos convencionais, ainda faltam estudos que descrevam o que essas ações fazem no momento a momento das interações e qual a sua natureza semiótica, vista da perspectiva de uma abordagem semiótica mais ampla, que permita investigá-las de pleno direito.

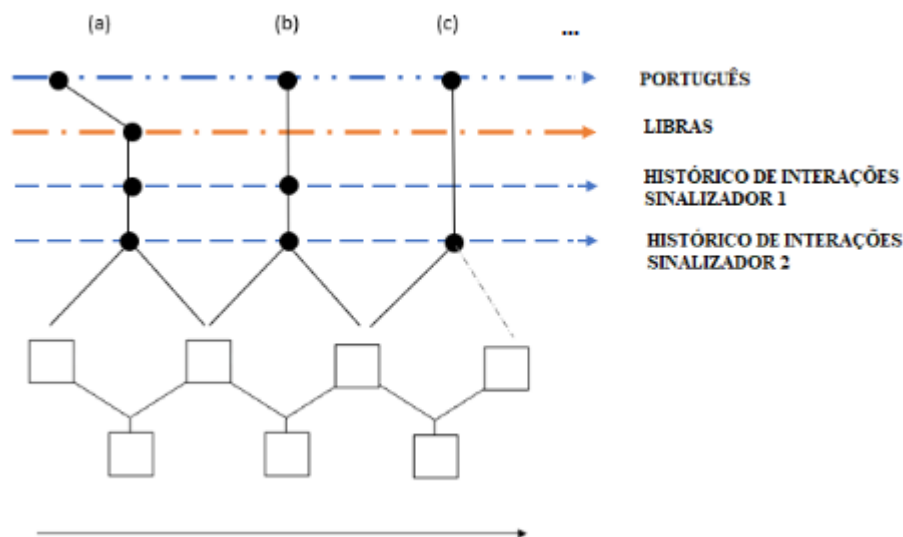
Os trabalhos de Johnston, van Roekel e Schembri (2015) e Puupponen (2019) chamam a atenção para a necessidade de considerar a complexidade semiótica que as ações bucais podem elaborar, mas deixam a proposta em aberto para estudos futuros, de modo que esta tese é desenvolvida no sentido de suprir essa lacuna. Os autores parecem concordar com o argumento de que as ações bucais são, em sua maioria, formas não convencionais que elaboram semioses icônicas, indexicais e, em alguns casos, são apenas potencialmente simbólicas. Da perspectiva assumida nesta tese, que considera as ações intersubjetivas humanas como formas de ação co-operativa, o desafio de descrição de unidades potencialmente simbólicas com uma alta variabilidade é dissolvido: os símbolos advindos de uma língua oral, fazendo parte da ecologia de práticas habituais que perpassam as interações da comunidade surda, *podem* ser reusados com transformações se seu uso for relevante em uma dada interação. No reuso local, essas ações são transformadas dinamicamente, de acordo com aquilo que estiver sendo realizado no momento, o que confere a elas uma variabilidade inerente a cada instância de uso.

As formas que servem como material para o reuso podem ser resgatadas do histórico de interações passadas de um dado sinalizador (ou de ambos) ou no curso da própria interação. A figura a seguir busca ilustrar o resgate de hábitos - para serem reusados com transformações - de um histórico de ações co-operativas de uma determinada comunidade linguística. No caso da comunidade surda brasileira, ela mantém, de modo geral, especialmente em grandes centros urbanos, um convívio permanente com falantes do português (muitos dos quais também são aceitos politicamente como parte da comunidade surda apesar de não serem biologicamente surdos; ver STROBEL, 2008).⁶⁶ O resgate de hábitos pode acontecer em casos em que a) as formas estariam convencionalmente associadas aos hábitos desenvolvidos em libras; b) ambos os sinalizadores conhecem bem

⁶⁶ Para os fins da discussão desta tese, cabe ressaltar, como já afirmei anteriormente tomando como referência a posição assumida pela pesquisadora surda Karin Strobel, que “as comunidades de sinalizadores são constituídas não só por pessoas surdas que usam uma determinada língua de sinais e se identificam culturalmente como membros de uma comunidade surda, também por indivíduos ouvintes que usam essa mesma língua de sinais, mas também de outros indivíduos que usam essa mesma língua de sinais e, dada a sua inserção nas práticas dessa comunidade, são aceitos como parte dela, apesar de não serem fisicamente surdos.” (SILVA, J.P., 2020, p. 1670-71, citando STROBEL, 2008).

a língua oral para recuperar uma certa ação bucal dos seus próprios históricos de interações; c) um sinalizador resgata uma palavra do português de seu próprio histórico de interações, sem que o interlocutor encontre equivalente em seu histórico de interações, mas eventualmente pode criar algum entendimento da ação bucal a partir de outros elementos disponíveis na interação, dentre outras possibilidades.

Figura 12 - Hábitos distribuídos em históricos de interação interligados em multi-escalas de tempo



Fonte: elaboração própria, inspirado em Queiroz, El-Hani (2006)

Uma descrição da significação produzida pelas ações bucais nas interações sinalizadas deve partir, portanto, de uma análise dos reusos com transformações feitos pelos sinalizadores nas interações, observando de que maneira essas ações fazem emergir algo novo, com uma nova significação. Tal como argumentam Streeck e Jordan (2009) ao discutir os movimentos dos pés e pernas do vendedor e do cliente em uma interação em uma loja de carros, em exemplo discutido no capítulo anterior, “o "significado" (ou seja, a natureza semiótica) do movimento (dos corpos dos interactantes) deriva dos contextos interligados em multi-escalas (de tempo) que (esses movimentos de corpos) servem para sustentar” (2009, p.457), ao mesmo tempo em que recebe contribuições da situação presente. Semelhantemente, as ações bucais em interações sinalizadas são entendidas como relacionadas aos contextos interligados em múltiplas escalas de tempo, que recuperam elementos do histórico de interações de um dado sinalizador e mantêm relações com as práticas acumuladas no histórico de interações de uma dada comunidade, de modo mais abrangente, com contribuições da situação presente. Em consonância com esses trabalhos, o propósito das análises que serão apresentadas nesta tese é descrever a natureza e a

regularidade desses hábitos e o modo como eles envolvem improvisações que são características das situações dinâmicas em que os surdos, conversando entre si, se engajam na tarefa de produzir entendimentos situados.

2.5. Conclusão

Este capítulo tratou da noção de entendimento situado a partir da perspectiva da semiose de base peirceana. A proposta do capítulo foi a de discutir, a partir de um modelo de signo processual, a semiose como um sistema complexo aberto que se organiza dinamicamente em face a perturbações. Esse entendimento é o fundamento para a noção de que, uma vez que as interações em línguas de sinais se organizam predominantemente em torno de elementos gestovisuais, ações emergentes dessas interações se co-constituem enquanto um sistema com identidade própria (i.e., um sistema multiagentes) que co-organiza temporalmente as diferentes partes que o compõe em face a perturbações advindas do ecossistema em que elas estão inseridas. A discussão sobre a co-constituição e co-emergência de um sistema multiagentes envolveu explorar as diferentes semioses que participam simultaneamente desses sistemas e de como essas significações integram simultaneamente os sistemas multiagentes que reconhecemos como interações sinalizadas.

O tratamento dado ao fenômeno neste capítulo envolveu a apresentação de propostas baseadas no modelo peirceano de signo para a compreensão do processo semiótico nos fenômenos da vida: a discussão envolveu entender de que maneira os signos podem funcionar como andaime semiótico para a realização de novas ações. Assim, discuti como os entendimentos são elaborados localmente, na cadeia de signos-objetos-interpretantes que se desenvolve na ação e/ou interação de um dado agente vivo em interação com elementos do seu mundo fenomenal. A discussão a respeito da interação entre as potencialidades dos artefatos materiais e seu uso semiótico nas interações levantou questionamentos sobre a natureza dos hábitos de ações bucais nas práticas em interações sinalizadas, que envolvem duas dimensões, que não podem ser negligenciadas: a ordem e a novidade. No próximo capítulo, tratarei de questões metodológicas desta pesquisa, com um destaque especial para as questões relativas à transcrição dos dados. Essa discussão envolve assumir uma posição em relação à natureza das ações bucais e sobre as implicações nas escolhas feitas a respeito de como transcrever os dados, como se verá a seguir.

CAPÍTULO 3

A TRANSCRIÇÃO DAS AÇÕES BUCAIS E OUTROS ASPECTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA

Um dos aspectos desafiadores da descrição das ações bucais em interações em línguas sinalizadas da perspectiva assumida nesta tese é o desenvolvimento de ferramentas metodológicas que permitam observar os dados de um modo menos enviesado possível pelo conhecimento que o analista tem de uma língua falada. Assumindo como objeto de análise as ações da boca em uma dada interação sinalizada, o pesquisador precisa lidar com decisões metodológicas - desde a coleta dos dados e a sua transcrição até a maneira de apresentá-los - que acabam por revelar um determinado entendimento sobre a natureza do fenômeno. Ao adotar um sistema de escrita fonética de uma língua falada para anotar os dados, o pesquisador muitas vezes está assumindo que as articulações de boca de pessoas surdas em interação entre si são instâncias de representações fonológicas de palavras de língua falada, mesmo quando há pouca ou nenhuma evidência de que os sinalizadores conheçam a língua falada suficientemente bem para articular palavras de uma língua oral semanticamente relacionadas aos sinais produzidos manualmente.

Keller (2001) foi um dos pesquisadores a chamar a atenção para o enviesamento das línguas orais na análise das ações bucais em língua sinalizada. Como alternativa a esse tratamento, ele sugere, a partir da análise de dados de língua de sinais alemã (DGS),⁶⁷ que um tratamento cinemático (*kinematic approach*) dessas ações é mais adequado para transcrever dados provenientes da sinalização de pessoas que nasceram surdas e não adquiriram uma língua oral antes de aprender língua de sinais, de modo que a transcrição de ações bucais dessas pessoas em interação sinalizada não carregaria o pressuposto de que o conhecimento de sequências segmentais de palavras de uma língua falada seria a base para elaborar essas ações. Apesar disso, como um sistema de transcrição cinemática ainda não havia sido desenvolvido, ele utiliza um sistema fonético de língua oral para transcrever os dados que analisa. Essa questão levantada pelo autor me parece pertinente, de modo que estou assumindo nesta tese a tarefa de organizar um sistema de anotações que não passe

⁶⁷ A maioria das línguas de sinais é identificada por siglas das iniciais da expressão 'língua de sinais + [nacionalidade]' na língua falada da região. Nesse caso, trata-se da sigla da expressão *Deutsche Gebärdensprache* em alemão.

por representações fonológicas de língua falada, evitando uma imposição de uma forma pré-existente antes de uma análise da ação em si mesma a partir de uma anotação menos enviesada.

Ao longo da discussão, Keller assume que a natureza genuinamente cinemática das ações bucais é mais propriamente vista na produção de pessoas que nasceram surdas sem aprender uma língua falada. Reconhecendo que muitas pessoas surdas adquirem, de alguma forma, a língua falada da região antes de adquirir uma língua de sinais ou enquanto a adquirem, ele argumenta que uma análise propriamente cinemática das ações bucais deve passar por uma seleção dos colaboradores mais adequados para a pesquisa, isto é, excluindo do estudo os ouvintes sinalizadores (como intérpretes, familiares ou qualquer outro profissional ouvinte fluente em uma língua de sinais) e os surdos que adquiram língua falada de alguma maneira, concentrando-se então pessoas surdas sem experiência auditiva prévia à aquisição da língua de sinais. Para ele, então, esse tipo de pesquisa envolve uma seleção de sinalizadores sem conhecimento da língua falada da região em que a língua de sinais é empregada, e a performance dessas pessoas deveria ser, segundo ele, o principal objetivo das investigações (KELLER, 2001, p. 202).

A perspectiva assumida nesta tese diverge da posição desse autor por algumas razões. A primeira delas é a de que a natureza cinemática das ações bucais independe de essas ações serem, por hipótese, elaboradas a partir de uma determinada representação fonológica de língua falada. Como o próprio Keller paradoxalmente afirma, as ações bucais de pessoas ouvintes falando uma língua oral produzem tanto uma dimensão segmental, depreendida da análise da cadeia sonora da fala, quanto uma dimensão cinemática, observada nos movimentos e configurações de boca que resultam em tais sons (2001, p. 207). A medida em que as ações bucais desses grupos diferem entre si é uma questão empírica, que deve ser abordada a partir de uma base suficientemente abrangente de dados adequadamente transcritos.

A segunda razão é a de que essa tarefa de ‘purificação’ dos dados a partir da seleção dos colaboradores não reflete o que acontece nas interações reais em língua sinalizada. Como discutido no capítulo 2, a comunidade surda (ou comunidade de sinalizadores) é um sistema dinâmico heterogêneo e multifacetado, em que interagem espontaneamente pessoas surdas, ou surdas e ouvintes com diferentes níveis de fluência em língua falada e sinalizada. Da perspectiva dos sinalizadores, o que parece importar é como as ações bucais são

empregadas pelos seus interlocutores para elaborar entendimentos situados, independentemente de elas terem conhecimento da língua falada ou não. A seleção de colaboradores segundo tais critérios, portanto, não é assumida nesta pesquisa. Desse modo, esta pesquisa se inspirou inicialmente em parte da proposta metodológica de Keller, mas ao longo do seu desenvolvimento, o aprofundamento teórico e empírico revelou diferenças importantes em relação à sua abordagem, que serão tratadas neste capítulo metodológico.

O objetivo deste capítulo é fazer uma apresentação das ferramentas metodológicas desta pesquisa, tendo em vista o entendimento assumido para a natureza do fenômeno em análise. Essa apresentação vai envolver, em primeiro lugar, uma exposição sobre os aspectos técnicos deste trabalho, tais como o programa de transcrição utilizado e o modelo de transcrição adotado para a anotação dos dados. O desenvolvimento de um sistema de anotações eminentemente cinemático para as ações bucais passa por uma discussão sobre aspectos de cunho teórico-metodológico, que visa a explicitar de que modo as ações bucais foram identificadas. Nessa discussão, proponho que as ações bucais sejam segmentadas em fases do gesto, tal como foi proposto por Kita, van Gijn e van der Hulst (1998) para a segmentação das ações manuais. Essa tarefa envolve explicitar como essa segmentação foi feita, adequando, às ações bucais, as diferentes fases já observadas nas ações das mãos. Em seguida, apresento uma tabela das ações bucais em um viés eminentemente descritivo e discuto os aspectos gerais envolvidos nas opções enumeradas. A partir do que foi discutido nesta introdução ao capítulo, apresentarei na próxima seção como estou operando com os dados na presente pesquisa.

3.1. Os dados da pesquisa: coleta e tratamento

3.1.1. A coleta dos dados

Como discutido anteriormente, a abordagem adotada nesta pesquisa difere de outros tratamentos teóricos no sentido de que a língua em interação é entendida como um *processo* - multimodal e multidimensional, intersubjetivo, compatível com a ideia de um sistema complexo, dinâmico e adaptativo - e não como um produto, como é visto em outras abordagens semióticas. Nesse sentido, a escolha metodológica desta tese foi a de trabalhar com dados de interação face a face, por meio dos quais seria possível cercar o processo

semiótico da perspectiva aqui assumida.⁶⁸ Desse modo, os dados analisados são provenientes de uma conversa semi-espontânea entre um surdo e uma surda adultos, Wilson Silva e Regiane Agrella, fluentes em libras, que já se conheciam antes da gravação. A gravação da conversa foi realizada em 2005, a partir de um convite aos colaboradores para participar voluntariamente da gravação, sem tópico previamente definido, em um estúdio - Centro de Comunicação Eletrônica (CCE) - da Universidade de São Paulo (USP).⁶⁹ De acordo com Leite, a única informação dada aos colaboradores foi a de que o pesquisador estava interessado em estudar o uso espontâneo da libras por surdos (LEITE, 2008, p.137).

O trabalho de captação dos dados foi feito por Tarcísio de Arantes Leite, na época aluno de pós-graduação na USP e membro do grupo de pesquisa Estudos da Comunidade Surda (ECS), atual Laboratório ‘Linguagem, Interação, Cultura e Cognição’ (LLICC), coordenado pelo professor Leland Emerson McCleary e pela professora Evani de Carvalho Viotti, dos Departamentos de Letras Modernas e Linguística da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, da USP, respectivamente.⁷⁰ Essa conversa foi analisada por Leite (2008) em sua tese de doutorado sobre a segmentação da libras a partir da conversa entre surdos. A conversa tem a duração de vinte minutos e foi gravada com cinco câmeras registrando diferentes ângulos: duas que captaram os rostos de cada um dos colaboradores, duas que captaram todo o espaço de sinalização e uma que captou os dois sinalizadores em uma única tomada, sentados um diante do outro, de perfil.

Esse cuidado na captação dos dados foi extremamente relevante para o tipo de análise que Leite desenvolveu na pesquisa e se mostra igualmente relevante para esta pesquisa sobre as ações bucais, porque sem a gravação que capta detalhes dos rostos, as análises desenvolvidas nesta tese seriam inviabilizadas. Desse modo, a disposição das câmeras permitiu captar detalhes que favoreceram a transcrição dos dados, como ilustra o conjunto de quatro vídeos que podem ser dispostos simultaneamente no programa de transcrição que será apresentado na sequência.

⁶⁸ Outras pesquisas sobre as ações bucais em interações sinalizadas, apesar de partir de conversas espontâneas entre surdos, concentram a atenção nas formas produzidas nessas interações, deixando de lado o processo semiótico em curso no momento-a-momento da interação (cf. BANK, 2014)

⁶⁹ Para usar os dados nesta tese, eu pedi novamente autorização aos colaboradores para uso de sua imagem neste trabalho. Os documentos assinados pelos participantes encontram-se arquivados no LLICC; o termo de consentimento livre e esclarecido assinado pelos participantes será apresentado nos Anexos deste trabalho.

⁷⁰ Atualmente Tarcísio de Arantes Leite é professor no curso de Letras Libras na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

Figura 13 - Enquadramentos capturados pelas gravações a partir do uso de diferentes câmeras no estúdio



Fonte: elaboração própria

Em alguns momentos da análise realizada nesta tese, foi necessário observar para onde o olhar dos participantes estava sendo direcionado. Em casos em que a mão de um dos sinalizadores era capturada pela filmagem que enquadrava o outro sinalizador, era possível verificar o direcionamento do olhar diretamente para as mãos, como se observa na figura abaixo, de modo que o posicionamento da câmera que enquadrava o corpo dos sinalizadores capturando a região do torso trouxe elementos que se mostraram úteis. Mas esse tipo de captação não aconteceu em todos os casos em que o olhar se direcionava às mãos do interlocutor. Em outros estudos para os quais o direcionamento do olhar seja relevante, é possível que novos posicionamentos das câmeras possam ser úteis para as análises.

Figura 14 - Olhar do interlocutor direcionado para as mãos, capturado por uma das câmeras



Fonte: elaboração própria

Como discute Leite no capítulo metodológico de sua tese, é relevante dentro do quadro teórico da análise da conversa, sob a qual ele desenvolveu a pesquisa, o registro e a explicação das circunstâncias da gravação, sendo possível avaliar a análise a partir do

contexto de sua emergência. Nas palavras do autor, “cada circunstância de fala particular, seja menos ou mais espontânea, deve ser sempre compreendida dentro das circunstâncias que a suscitam e que a restringem” (2008, p. 139). Leite conclui a discussão afirmando que “não é o ambiente da interação em si que irá revelar ao analista uma organização distinta, mas sim a orientação que os próprios participantes demonstram uns em relação aos outros no curso da conversa.” (2008, p.139). Desse modo, ainda que o fato de estarem sendo gravados enquanto conversam possa ter alguma influência na forma como os interactantes conversam, o modo como os interactantes se orientam em relação um ao outro e à interação é o que importou para o trabalho de Leite, e o que importa da perspectiva aqui assumida. Essa observação se faz igualmente relevante para as análises desta tese, porque a perspectiva aqui assumida compartilha com a abordagem explorada por Leite a ideia de que a organização gerada nas interações emerge em um sistema que, ao mesmo tempo que é conduzido por uma ordem, é sensível ao contexto. As circunstâncias em que se dá uma determinada interação e a orientação dos participantes na situação são fatores importantes para a descrição das interações.

3.1.2. O tratamento dos dados

No tratamento inicial dado aos vídeos da conversa em questão, Leite transcreveu os três minutos iniciais da gravação no software ELAN, desenvolvido pelo Max Planck Institute for Psycholinguistics, usando um sistema de transcrição que estava em desenvolvimento no grupo de pesquisa naquele momento. Esse sistema passou por uma fase mais rudimentar, em que a transcrição era feita manualmente em um editor de texto comum, sendo posteriormente, informatizado e os dados já transcritos transpostos para o ELAN (MCCLEARY; VIOTTI, 2007). O trabalho feito por Leite naquele momento sob orientação dos coordenadores do grupo foi uma parte fundamental da transposição dos dados para o sistema informatizado no ELAN. Esses dados transcritos ficaram armazenados em um banco do LLICC como parte de um projeto de criação de *corpora* em libras coordenado pelos professores Leland McCleary e Evani Viotti e desenvolvido pelos pesquisadores que compunham o grupo de estudo. Ao escolher trabalhar com essa gravação já iniciada, assumi a tarefa de transcrever os dezessete minutos restantes que ainda não haviam sido transcritos. A imagem a seguir ilustra a tela do software ELAN com quatro vídeos inseridos e algumas anotações feitas nas trilhas que correspondem às ações de

diferentes partes do corpo (mãos, cujas ações foram segmentadas em ‘fases do gesto’, direção do olhar e ações bucais aparecem na figura).

Figura 15 - Imagem da tela do ELAN com quatro vídeos inseridos e anotações feitas em diferentes trilhas

Grado	Texto	Legenda	Lexicon	Comments	Reconhecedores	Metadados	Controles	
>	N			Anotação		Tempo Inicial	Tempo Final	Duração
11						00:00:03.724	00:00:03.749	00:00:00.025
12	L28					00:00:03.749	00:00:03.846	00:00:00.097
13	L23					00:00:03.846	00:00:04.017	00:00:00.171
14	L28					00:00:04.017	00:00:04.256	00:00:00.239
15	L28					00:00:04.256	00:00:04.620	00:00:00.364
16						00:00:04.621	00:00:05.115	00:00:00.494
17	DF					00:00:05.482	00:00:05.587	00:00:00.105
18	DF					00:00:05.720	00:00:05.991	00:00:00.271
19	DF					00:00:06.191	00:00:06.608	00:00:00.417
20						00:00:06.774	00:00:06.875	00:00:00.101
21						00:00:07.042	00:00:07.108	00:00:00.066
22						00:00:07.241	00:00:07.275	00:00:00.034
23						00:00:07.408	00:00:07.475	00:00:00.067
24						00:00:07.675	00:00:07.776	00:00:00.101
25						00:00:07.976	00:00:08.117	00:00:00.141
26	DF					00:00:26.519	00:00:27.303	00:00:00.784

Fonte: elaboração própria

Tendo em vista os objetivos do presente estudo, a transcrição que realizei não envolveu todas as trilhas empregadas por Leite em seu trabalho, mas se limitou inicialmente à anotação em trilhas correspondentes às ações das mãos e da boca e eventualmente à transcrição de outras trilhas em trechos que se mostrassem relevantes para uma transcrição mais completa das ações de várias partes do corpo.⁷¹ Ao longo do desenvolvimento das análises, o direcionamento do olhar começou a se mostrar uma ação relevante, de modo que incluí essa trilha também dentre aquelas que seriam transcritas e realizei a transcrição dos vinte minutos para os dois sinalizadores.

Como expõe Leite no capítulo metodológico, esse modelo de transcrição de que me valho, realizando alterações que são específicas às finalidades deste trabalho, conta com trilhas que são constituídas por um repertório fechado e/ou restrito de possibilidades de

⁷¹ A escolha por transcrever trilhas específicas se deu por uma questão prática de tempo disponível para essa tarefa. Diferentemente da transcrição tipicamente feita para dados de línguas orais que se concentram na cadeia de fala sonora, uma análise de língua de uma perspectiva multimodal exige anotação de detalhes minuciosos de diferentes partes do corpo momento-a-momento, a fim de que a transcrição revele aquilo que pode ser relevante da perspectiva dos interactantes. Essa tarefa pode ser estender por um longo período da pesquisa, de modo que a escolha de quais trilhas transcrever às vezes se impõe como uma questão de tempo disponível para a tarefa.

anotação. Esse repertório, denominado “vocabulário controlado”, facilita o processo de transcrição porque o transcritor não precisa escrever originalmente as opções fechadas, mas precisa somente escolher a opção dentro do repertório fechado de possibilidades. Esse vocabulário controlado foi empregado na elaboração do modelo de transcrição do projeto VisiCast de Hamburgo, que possuía um levantamento de possibilidades registrado a partir da análise de língua de sinais germânica (HANKE *et al.*, 2001).

Seguindo o que foi proposto no projeto VisiCast, o modelo de transcrição adotado separou inicialmente as ações da boca em duas trilhas distintas: uma para a articulação oral de palavras, as chamadas figuras bucais (*mouth pictures*, ou *mouthings*) e outra para os gestos que não tinham relação com articulação de palavras de língua falada, os chamados gestos bucais (*mouth gestures*). Ao longo do desenvolvimento desta pesquisa, essa distinção foi deixando de ser eficiente para a observação dos dados do ponto de vista de como a natureza dessas ações passou a ser entendida, por duas razões principais: a primeira é que, não sendo uma trilha propriamente descritiva, a trilha das figuras bucais envolvia uma análise prévia da ação de modo a determinar se ela envolvia elementos provenientes de língua falada ou não; esse trabalho de análise, prévio à transcrição, envolvia um certo viés de “purificação” dos dados, em que era necessário um esforço, em alguns casos, para determinar se se tratava de um tipo ou de outro.

Depois de decidir se a ação bucal se tratava da articulação de uma palavra ou, na maioria dos casos, de um segmento específico de uma possível palavra, eu precisava decidir como anotar o que estava vendo. O exemplo a seguir é ilustrativo dessa dificuldade: em vários casos, a ação bucal da suposta palavra não era realizada como é realizado prototipicamente por um falante do português, como se vê no exemplo em que, ao fazer o que poderia ser entendido como a articulação bucal da palavra ‘tomate’, em português, R realiza o que supostamente seria uma ocorrência de um visema -t- inicial encostando a região central da língua nos dentes superiores, e não a ponta da língua no alvéolo, como é prototipicamente realizado por falantes de português. Depois disso, ela passa imediatamente à ação de comprimir os lábios superior e inferior, como na realização do visema -p-, abrindo a boca em seguida, com uma pequena abertura não arredondada dos lábios, um movimento maxilar para baixo, o que pode remeter à articulação do visema -a-. Em seguida, o que é feito poderia ser descrito como uma nova ocorrência do visema -t-, desta vez mais próxima de uma realização prototípica por um falante do português: R aproxima a ponta da língua dos dentes superiores, abrindo a boca levemente e seguida,

com o canto da boca esticado, que poderia levar o analista a anotar como o visema -e-, como se observa na figura a seguir.

Figura 16 - Possível transcrição da palavra 'tomate' usando um sistema de anotação baseado em visemas



Fonte: elaboração própria

Observe-se que, ao passo que as formas anotadas como -t- (1) e -t- (2) são bem diferentes entre si, -a- e -e- são bem semelhantes. Esse fato não é inusitado nas produções de fala de falante de língua oral, pois é bem sabido que i) nenhum falante configura seu corpo exatamente da mesma maneira que outro falante quando realiza um fone e ii) cada produção de fala é produzida de uma maneira singular, que difere de como foi realizado em um momento anterior. A diferença parece estar no fato de que, enquanto as pessoas ouvintes se valem dos sons para balizar as suas produções de modo que a diferença entre as suas produções não seja impactante de um modo relevante, as produções dos surdos não têm esse tipo de baliza. Assim, as diferenças de produção de um determinado visema parece ter a ver, de um lado, com as interações que os sinalizadores tiveram até um dado momento, com a melhor maneira de se comunicar com uma pessoa específica em uma dada interação e com características que tem a ver com o seu próprio corpo em ação, como discutido no capítulo anterior.

A relevância de tal observação é a de que assumir que as ações bucais podem ser classificadas em duas grandes categorias, as figuras bucais (*mouthings*) e os gestos bucais, pode indicar uma imposição precipitada do conhecimento que o analista tem da língua oral sobre aquilo que os dados apresentam. Foi isso o que ocorreu no caso da transcrição por meio dos visemas -a- e -e-, que apesar de relativos a usos que não apresentavam grandes diferenças de produção, foram anotados inicialmente de forma diferente por influência do conhecimento da palavra em português. Com o avanço da transcrição, eu fui percebendo que tomar como ponto de partida a distinção entre articulação de palavras (figuras bucais)

e gestos bucais não relacionados à língua falada estava me levando a impor sobre os dados um estatuto de ‘elemento de língua falada’ a certas ações mesmo quando elas se distanciavam muito de como seriam articuladas em língua falada, como o caso das ações bucais simultâneas ao sinal EGOÍSTA: ao julgar que se tratava da articulação da palavra ‘egoísta’, fiz, num primeiro momento, a transcrição que se observa na figura a seguir.

Figura 17 - Tentativa inicial de transcrição da ação bucal acompanhada do sinal EGOÍSTA por um sistema de visemas



Fonte: elaboração própria

Enquanto a segunda ação bucal apresenta algum arredondamento dos lábios que poderia levar a uma anotação como -o-, e a terceira ação apresenta a ponta da língua subindo em direção ao alvéolo sugerindo a realização de -t-, a primeira e a quarta ação definitivamente não se parecem com -e- ou -a-, como anotei em um primeiro momento. A anotação dos dados foi me levando ao convencimento de que a maneira mais eficaz de evitar esse enviesamento era justamente o de evitar tomar como ponto de partida a distinção inicialmente assumida sobre os tipos de ação bucal bem descritos na literatura.

Desse modo, a decisão foi a de unificar as trilhas das figuras bucais e dos gestos bucais, criando uma trilha única denominada “ação bucal” para, nessa trilha, fazer anotações a partir de um vocabulário controlado único. A ideia era a de que, se há elementos provenientes de língua oral nas ações bucais, esses elementos não precisariam ser transcritos por extenso, mas poderiam simplesmente compor o repertório de vocabulário controlado como qualquer outra ação bucal.

A questão passou a ser, então, a de determinar onde exatamente se inicia e onde termina uma determinada ação bucal. Nas tentativas iniciais de transcrição dos dados, a identificação de ações bucais passou por momentos em que, depois de haver transcrito um conjunto de ações da boca, eu passava, numa primeira revisão, a me questionar se aquela

segmentação estava adequada, em termos de onde ela se iniciava e terminava. A questão tinha a ver tanto com a determinação em relação a um único movimento de boca (em termos de suas fases de produção) quanto em termos de uma sequência de movimentos que poderia ser tomada como uma unidade, como na articulação de -sipls- simultânea aos sinais manuais SIMPLES PALAVRA PALAVRA, em que essa sequência de cinco visemas correspondendo à articulação da palavra ‘simples’ estaria sendo espreada sobre dois outros sinais manuais (LEITE, 2008, p.248). Uma leitura diferente seria a de que se trata de três ações bucais sintonizadas temporalmente, cada uma delas, com um sinal manual.

$$\frac{-si- \quad \quad \quad -pl- \quad \quad \quad -s-}{SIMPLES PALAVRA PALAVRA}$$

Essa questão tem relevância, por exemplo, para a análise daquilo que tem sido chamado de espreadimento de ações bucais sobre mais de um sinal manual. A questão, que exige uma análise acurada, pode, contudo, receber uma análise prévia já no momento da transcrição: ao anotar -sipls- como uma unidade, o analista pode estar assumindo que o falante e o interlocutor têm conhecimento suficiente do português para tomar uma sequência de ações da boca como um único elemento analisado em conjunto. Além disso, ele pode estar deixando que o seu conhecimento da língua falada seja um fator de relevância no julgamento do que é ou não espreado. Embora essa leitura seja possível, é preciso ter em mente que isso implica uma análise. A rigor, não há nesse caso uma única ação bucal, mas, no mínimo, três. Para evitar uma possível confusão entre transcrição e análise, a solução mais adequada me pareceu, então, ser a de que a transcrição dessas ações fosse inicialmente o mais isenta possível de determinações sobre possíveis unidades complexas como essa, que só deveriam ser estabelecidas a partir da análise propriamente dita. A proposta parte da adoção do modelo de fase de gesto de Kita, van Gijn e van der Hulst para transcrever, tal como foi proposto para as ações manuais, as ações bucais, segmentando-as internamente e classificando os segmentos individualmente. Apresento a seguir o modelo de segmentação e sua adequação a este trabalho.

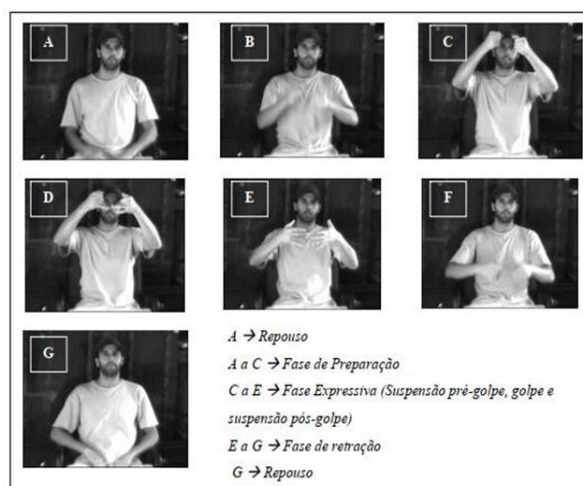
3.1.3 Fases do gesto: uma aplicação à transcrição das ações bucais

Para segmentar as ações bucais em fases, assumi nesta pesquisa a noção de fases do gesto (KITA; VAN GIJN; VAN DER HULST, 1998), segundo a qual, em sua versão original, as ações manuais dos falantes ou dos sinalizadores se organizam em unidades

gestuais, que, por sua vez, passam por diferentes fases de execução. Por meio desse modelo de segmentação, é possível delimitar precisamente o momento em que acontece a fase expressiva dos gestos manuais (definida a seguir) ao longo de uma unidade gestual. A aplicação dessa segmentação às ações bucais torna possível determinar com precisão onde se inicia a fase expressiva dessas ações. Visto que a proposta de Kita, van Gijn e van der Hulst está incorporada ao modelo de transcrição de que me valho neste trabalho, a terminologia aqui empregada é aquela adotada por Leite (2008), que, embora siga a proposta de Kita, van Gijn e van der Hulst, difere em relação à terminologia original. Apresento a seguir como esse modelo está sendo empregado nesta tese, tendo em vista os propósitos da transcrição que estou realizando.

Como originalmente proposto para segmentação das ações manuais, o conceito de unidade gestual corresponde ao período em que as mãos saem da posição de repouso até o momento em que elas voltam a essa posição. Ao longo desse período, a unidade gestual inclui fases do gesto, que, na elaboração das ações manuais, são, em contexto real de uso, pelo menos, a preparação e a fase expressiva. A figura a seguir ilustra todas as fases de um único gesto manual realizado em forma de citação. O sinal executado na figura é um item lexical da libras, que pode ser glosado como **EXPLICAR**.⁷²

Figura 18 - Fases do gesto em um sinal fora de contexto de uso



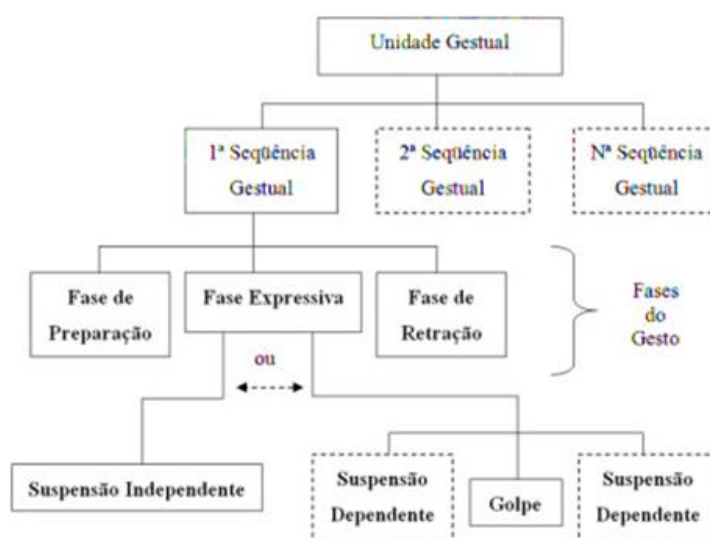
Fonte: Leite (2008, p.148)

⁷² McCleary, Viotti e Leite (2010), discutindo os desafios de transcrição de línguas sinalizadas, chamam a atenção para o fato de as glosas serem um mecanismo útil para a padronização dos dados sinalizados, facilitando as buscas em um corpus informatizado. Os autores alertam para o fato de que a glosa não deve ser uma tradução do sinal manual: trata-se antes da vinculação de uma determinada forma escrita a um sinal manual, mesmo em casos em que uma tradução contextual exigiria o uso de outra palavra. O seu propósito não é servir como tradução como sinal, mas como rótulo para buscas informatizadas. Esse mecanismo não está, contudo, livre de problemas. Possíveis enviesamentos da glosa são discutidos em Leite et. al. (2022).

Ambas as mãos estão em posição de repouso no quadro A. Do momento em que elas saem dessa posição até o momento em que elas alcançam a posição inicial de realização da fase expressiva, dizemos que as mãos estão na fase de preparação do sinal. A fase expressiva se inicia no quadro C e vai até o E. Observa-se na legenda da figura que a fase expressiva nesse sinal é constituída por uma suspensão pré-golpe, isto é, uma breve suspensão das mãos antes de iniciar o movimento da fase expressiva, e uma suspensão pós-golpe, que é uma breve suspensão das mãos depois do movimento da fase expressiva. Depois disso, as mãos começam a fase de retração, que é o movimento de retorno das mãos à posição de repouso.

Em contexto de interação, quando mais de um sinal é realizado sequencialmente, os sinais podem ser constituídos de fases de preparação e de fase expressiva seguidamente, até que, ao final do turno do falante/sinalizador, o último gesto ou sinal encerre a unidade gestual com a fase de retração, na qual a mão retorna para a posição de repouso. O diagrama abaixo esquematiza as possibilidades envolvidas nesse processo.

Figura 19 - Estrutura dos sinais e dos gestos manuais, em contexto de uso



Fonte: Leite (2008, p.147)

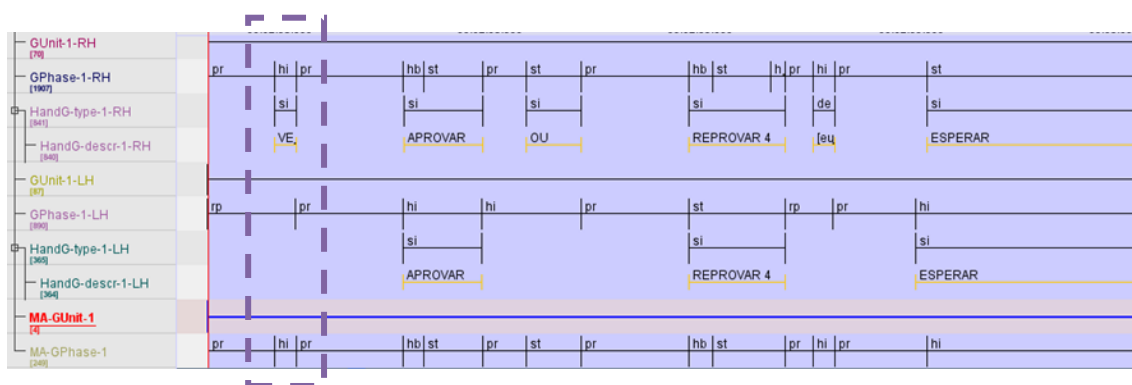
Note-se na imagem acima que a fase expressiva pode ser constituída por uma suspensão independente ou por um golpe, este podendo ser ou não ser precedido e sucedido de suspensão dependente. A suspensão independente corresponde a uma suspensão das mãos no espaço como fase expressiva, sem que essa suspensão das mãos no espaço seja a preparação para um golpe, como acontece no emblema que significa ‘positivo’: a mão se

prepara para uma suspensão no ar e quando alcança seu ponto de estabilidade, fica suspensa no ar como parte da fase expressiva desse gesto. No caso da suspensão dependente, trata-se de uma breve suspensão das mãos antes ou depois do golpe, como acontece no sinal EXPLICAR acima apresentado.

Com base nesse modelo de transcrição das fases dos gestos, a aposta inicial foi a de que, dada a coordenação entre ações manuais e ações bucais, o modelo de fases do gesto, pensado para as ações manuais, devesse ser aplicado também às ações bucais. Essa aplicação contribuiria para uma identificação precisa do início e fim de cada unidade, tal como é feito com as ações manuais a partir do modelo, sejam elas gestos elaborados por ouvintes ou sinais lexicais realizados por surdos. Ao longo da transcrição dos dados, esse modelo se tornou bastante útil para identificação das ações bucais e foi incorporado ao sistema de transcrição, conforme apresentação que farei a partir de agora, ilustrando como a segmentação foi realizada.

Visto que a atividade da boca em interações sinalizadas está intimamente relacionada à atividade das mãos, não propus a identificação de unidade gestual para as ações da boca. No caso das ações manuais, é facilmente identificável o momento em que elas saem da posição de repouso e voltam para essa posição, o que não acontece nas ações bucais, por conta da diferença de mobilidade no espaço que a boca apresenta quando comparada às mãos. Determinar o início de uma unidade gestual da boca como o momento em que os lábios começassem a se mover e o seu término quando eles parassem de fazer movimentos seria muito custoso, sem, aparentemente, nenhum ganho. Os movimentos labiais, diferente dos movimentos das mãos no espaço, em muitos momentos são extremamente sutis. Ainda assim, foi possível reconhecer a olho nu que os períodos de movimentação da boca correspondiam, grosso modo, aos períodos de movimentação das mãos, de modo que a unidade gestual das mãos parecia abarcar, em muitos casos, o movimento da boca. Em relação às fases do gesto, os dados anotados têm mostrado que, na quase totalidade dos casos, a fase expressiva das ações bucais é sincronizada de modo preciso com a fase expressiva das ações manuais; ou seja, enquanto as mãos estão se preparando (pr) para produzir a fase expressiva (hb, hi, st), a boca também está se preparando para a sua fase expressiva, como pode ser visto no excerto retirado da transcrição.

Figura 20 - Alinhamento das ações da mão e da boca em termos de correspondência das fases de preparação e expressiva dessas ações



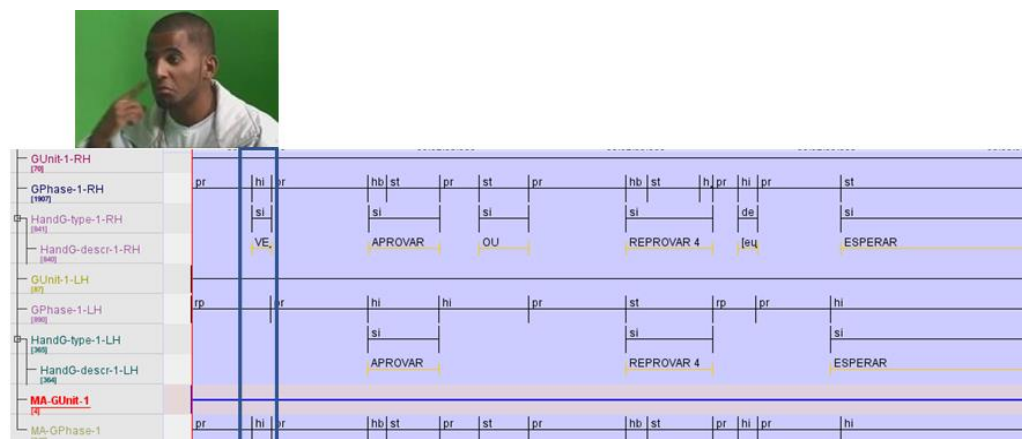
Fonte: elaboração própria

Feita uma primeira segmentação dessa maneira, identificando as fases de preparação e a fase expressiva do gesto bucal, comecei a me perguntar se seria possível me valer da mesma subdivisão para a fase expressiva, isto é, identificar essa fase como sendo elaborada por um uma suspensão independente ou por um golpe, antecedido e/ou seguido (ou não) por uma suspensão dependente, sendo finalizada por uma retração para uma configuração *default*. A observação da *Figura 20* acima mostra que a segmentação das ações bucais em fases de preparação, expressiva e retração (esta última não aparece na figura) se mostra bastante adequada para caracterizar a maneira como se comportam os dados analisados. Falemos, então, das possibilidades de anotação da fase expressiva. Como se observa acima, os dados anotados mostram uma sincronia afinada entre as fases de preparação expressiva das mãos e da boca: enquanto as mãos estão se preparando para fazer um sinal manual, a boca está se preparando para fazer uma ação bucal, de modo que, quando ambas estão preparadas, as fases expressivas de mão e boca se iniciam.

A primeira fase expressiva do sinal manual na figura é aquela realizada pelo sinal que glosei como VER-1. Na realização desse sinal, o sinalizador configura a mão direita em D e, com a palma virada para trás, toca a ponta do dedo indicador na região abaixo do olho direito. A fase expressiva desse sinal é marcada como suspensão independente, porque a mão fica parada durante a fase expressiva do sinal. O mesmo parece acontecer com a ação bucal que acompanha esse sinal: a boca se move na fase de preparação até atingir uma determinada configuração e, uma vez que aquela configuração atinge o seu ponto mais estável, ela permanece assim configurada, sem fazer nenhum movimento. A figura abaixo

ilustra a configuração bucal realizada pelo sinalizador durante a suspensão independente (hi).

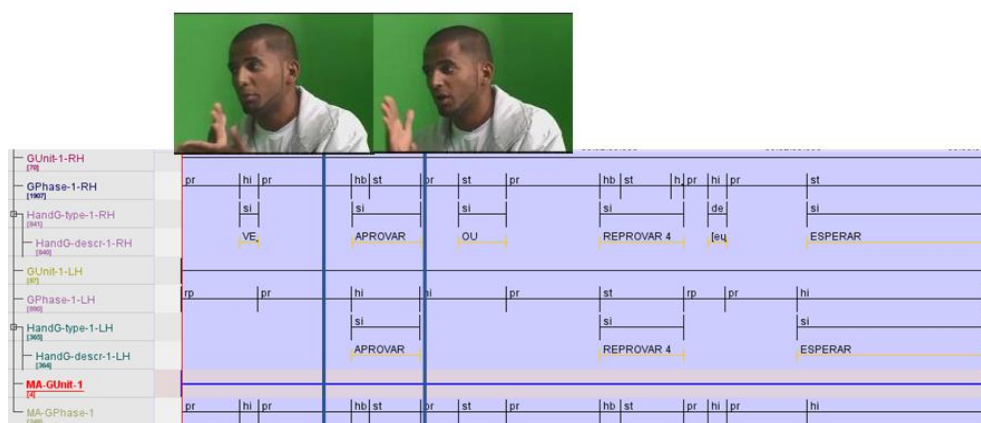
Figura 21 - Fase expressiva da ação bucal realizada como suspensão independente



Fonte: elaboração própria

Outra possibilidade é a de que a fase expressiva seja elaborada iniciando-se com uma suspensão dependente, seguida de um golpe, que é a fase do sinal em que há um pico de força no movimento das mãos. O sinal que vem a seguir na figura é desse tipo. Talvez não por mera coincidência, o sinal manual e a ação bucal seguem o mesmo padrão de fase expressiva, finalmente ajustado: ao final da realização da fase de preparação, a boca está configurada de modo que a ação é iniciada com os lábios pressionados. Essa configuração bucal se mantém enquanto a mão também realiza uma suspensão dependente. Configurada em B, a mão aberta, com a palma para a esquerda, é colocada em cima da mão direita aberta, com a palma para cima. Depois dessa pequena suspensão, a mão se move para frente, realizando um golpe. Simultaneamente, a boca, configurada em lábios pressionados, se abre com uma soltura de ar, em uma configuração não arredondada. Estou considerando a configuração de lábios pressionados como parte da suspensão dependente e a abertura dos lábios com soltura de ar como golpe.

Figura 22 - Fase expressiva da ação bucal realizada como suspensão dependente seguida de golpe



Fonte: elaboração própria

Finalmente, os casos em que a boca passa da fase de preparação para o golpe são aqueles em que, finalizada a fase de preparação, a configuração assumida já envolve a realização de algum movimento, como é o caso do sinal OU, em que o golpe manual consiste em um giro da mão, mudando da configuração O para a configuração U, sem qualquer suspensão prévia ao golpe. Enquanto a mão gira se modificando para a configuração em U, os lábios – já postos em uma configuração arredondada, vão se fechando ainda mais. Essa movimentação dos lábios consiste no golpe da ação bucal, realizada em sincronia com o golpe da ação manual.

Essas observações, advindas da transcrição dos dados a partir de uma segmentação das ações bucais em uma adequação do modelo de fases do gesto, nos fazem depreender diferentes padrões de ação bucal: aquelas ações em que i) a fase expressiva é realizada em posição estacionária, com a boca se mantendo em uma dada configuração sem que qualquer movimento faça parte da fase expressiva da ação bucal; ii) a fase expressiva é realizada pela combinação de diferentes ações bucais, sendo uma delas uma configuração em posição estacionária e a outra uma configuração com algum movimento; iii) a fase expressiva é a realização de algum movimento da boca em uma dada configuração. A figura a seguir ilustra essas possibilidades.

Figura 23 - Três diferentes padrões de ação bucal em termos de suspensões e movimentos



Fonte: elaboração própria

Essa observação parece ser importante para a análise das ações bucais no sentido de que, do ponto de vista estritamente material, ações como a que se apresenta no quadro (a) são aptas a se espriar ao longo de várias outras ações – manuais ou de outras partes do corpo – dada a sua capacidade de se estender temporalmente ao longo da realização de outras ações. As ações como as que se apresentam em (b) e (c), por fazer movimento pontual, estão fadadas a ser encerradas ao final do movimento, tendo limitações, aparentemente, para fazer espriamentos como em (a). Em relação aos casos como em (b), essas ações, que envolvem a combinação de duas ações bucais distintas, parecem criar uma unidade distinta, que se assemelha à articulação de uma sílaba, na pronúncia de palavras em português. Os padrões com semelhança a estruturas silábicas seriam constituídos de uma configuração de boca semelhante à de uma consoante, seguido de um movimento de abertura de boca – arredondado ou não – que corresponderia à articulação de uma vogal, produzindo padrões como -pa-, ou outros, com diferentes aberturas de boca, em formatos arredondado ou não arredondado. Com isso, não estou afirmando que essas ações sejam silábicas por natureza, mas que se assemelham à articulação de sílabas na articulação de palavras. Esse mesmo padrão pode ser observado em outras ações bucais que não poderiam ser consideradas articulação de palavras (ou de uma parte delas), como se vê na figura a seguir.

Figura 24 - Ação bucal constituída de suspensão e movimento em estrutura semelhante à da articulação de uma sílaba



Fonte: elaboração própria

Feito esse estudo da segmentação das ações da boca, a decisão, como dito, foi a de me desvencilhar, no momento da anotação dos dados da análise de se um conjunto de ações bucais constituíam uma possível articulação de palavra, anotando, nesse momento, cada ação bucal, depois de segmentada de acordo com o modelo adaptado de fases do gesto, de acordo com aquilo que eu estava vendo na realização daquela ação específica. Apresento a seguir o vocabulário usado para realizar tais anotações.

3.2. Desenvolvimento de um sistema de anotações das ações bucais

Uma vez que foram identificadas as fases expressivas das ações bucais, o trabalho passou a ser o de codificar as ações que compõem as fases expressivas. Para tanto, comecei a anotar as ações bucais valendo-me do vocabulário controlado que já era usado para anotação dos chamados “gestos bucais”, originalmente. Essa trilha passou a ser nomeada ‘Mouth actions’ (ações bucais) e o vocabulário controlado passou a incluir todas as ações bucais. Para cada ação bucal não identificada na lista de vocabulário controlado, eu criei um código e uma descrição a ele associada. Como dito anteriormente, esse vocabulário controlado foi originalmente emprestado do modelo de transcrição desenvolvido pelo projeto VisiCast (HANKE *et al*, 2001), com as adequações necessárias a este projeto. O vocabulário controlado, eminentemente descritivo, prevê uma caracterização das ações bucais em relação às bochechas (Cheeks), aos dentes (Dentes), à língua (Tongue) e aos

lábios (Lips). Para cada descrição, é atribuído um código, como pode ser observado nas tabelas a seguir.⁷³

Tabela 1 - Vocabulário controlado da trilha 'Mouth gesture', proveniente do modelo de transcrição proposto por McCleary, Viotti e Leite (2010), reutilizada neste trabalho sob o rótulo de 'mouth actions'

BOCHECHAS (Cheeks)

ENTRADAS	DESCRIÇÃO
C1	Bochechas infladas
C2	Áreas dos lábios e das bochechas infladas
C3	Bochechas inflando lentamente
C4	Uma bochecha inflada
C5	Uma bochecha inflada enquanto ar é solto lentamente
C6	Uma bochecha inflada enquanto ar é solto lentamente enquanto bochecha é empurrada por fora
C7	Bochecha sugadas (sem sugar ar)
C8	Bochecha sugadas, sugando o ar por pequena abertura nos lábios
C9	Língua passando visivelmente pela bochecha, sugando o ar por pequena abertura nos lábios
C10	Língua repetidamente passa pela bochecha de maneira visível

DENTES (Dens)

D1	Cantos da boca bem esticados para fora mostrando os dentes
D2	Dente superior sobre o lábio inferior
D3	Boca ligeiramente aberta se movendo para uma posição com os dentes superiores sobre o lábio inferior
D4	Boca aberta (mandíbulas mais abertas do que em D03) se movendo para uma outra posição em que os dentes superiores encostam sobre lábio inferior
D5	Dentes batendo (lábios ligeiramente abertos para mostrar os dentes)
D6	Dentes batendo com o lábio superior erguido
D7	Uma mordida que resulta em dentes fechados (os lábios se abrem para mostrar os dentes)

MANDÍBULA (Jaw)

J1	Mandíbula inferior se move para a esquerda e para a direita, os lábios ligeiramente para frente
-----------	---

LÁBIOS (Lips)

L1	Lábios se projetam para frente, com os dentes fechados e à mostra
L2	Lábios vibram (continuamente)

⁷³ A letra elegida para compor o vocabulário vem da palavra que designa o órgão bucal em inglês, com exceção dos dentes, cuja inicial D é proveniente do latim *dens*, por causa da indisponibilidade de uso de T, que designa as ações da língua (tongue).

L3	Lábios vibram (apenas um breve sinal)
L4	Lábios contraídos
L5	Lábios abertos e arredondados, a mandíbula inferior se move para baixo
L6	Lábios arredondados e ligeiramente abertos, a mandíbula inferior se move para baixo
L7	Lábios abertos e arredondados, a mandíbula inferior se abre e move para frente
L8	3 fases: movendo-se de lábios cerrados (com tensão) para lábios abertos e arredondados, a mandíbula inferior se move para baixo, e por fim para lábios fechados (ligeiramente pressionados/para dentro)
L9	3 fases: movendo-se de lábios cerrados (com tensão) para lábios abertos, a mandíbula inferior se move para baixo, e por fim para lábios fechados (ligeiramente pressionados/sugados)
L10	Movendo-se de lábios cerrados (com tensão) para lábios abertos, arredondados, a mandíbula inferior se move para baixo
L11	Movendo-se de lábios cerrados (com tensão) para lábios abertos, a mandíbula inferior se move para baixo
L12	Movendo-se de lábios cerrados (com tensão) para lábios abertos, um pouco para os lados, os dentes ligeiramente afastados
L13	Movendo-se de lábios cerrados (com tensão) para lábios abertos, bem para os lados, os dentes quase unidos
L14	Movendo-se de lábios cerrados (com tensão) para lábios projetados para frente, os dentes unidos e à mostra
L15	Movendo-se de lábios cerrados (com tensão) para cantos da boca bastante esticados para os lados e com os dentes à mostra
L16	Movendo-se de lábios cerrados (com tensão) para dentes superiores sobre o lábio inferior
L17	Lábios cerrados (com tensão) são rapidamente abertos por um pequeno sopro
L18	L17 é repetido diversas vezes
L19	Longo sopro de ar (sem inflar as bochechas)
L20	Longo sopro de ar (inflando as bochechas)
L21	Breve sopro de ar (sem inflar as bochechas)
L22	Breve sopro de ar (inflando as bochechas)
L23	Lábios pressionados um contra o outro (levemente, sem inspiração anterior)
L24	Rapidamente puxando ar pela boca, segura o ar com os lábios pressionados um contra o outro
L25	Sutil abertura e fechamento da mandíbula com os lábios um pouco para dentro e pressionados um contra o outro repetidamente
L26	Um lado do lábio superior erguido
L27	Articulação similar a de [p1] com os lábios e bochechas bem tensos
L28	‘a1’ – Boca ligeiramente aberta em formato não arredondado
L29	‘a2’ – Boca aberta em formato não arredondado, com a mandíbula se movendo para baixo

L30	‘a3’ – Boca aberta em formato não arredondado com abertura média, com a mandíbula se movendo para baixo
L31	‘a4’ – Boca aberta em formato não arredondado com abertura máxima, com a mandíbula se movendo para baixo
L32	‘o1’ – Boca ligeiramente aberta em formato arredondado
L33	‘o2’ – Boca aberta em formato arredondado, com a mandíbula se movendo para baixo
L34	‘o3’ – Boca aberta em formato arredondado com abertura média, com a mandíbula se movendo para baixo
L35	‘o4’ – Boca aberta em formato arredondado com abertura máxima, com a mandíbula se movendo para baixo
L36	Cantos da boca esticados com lábios pressionados [sorriso fechado]
L37	Lábios fechados projetados para frente
L38	Movendo de lábios fechados com pressão para lábios abertos com a língua esticada para fora
L39	Dentes superiores à mostra

LÍNGUA (Tongue)

T1	A ponta da língua protuberante, próxima do ou tocando o lábio superior
T2	A ponta da língua ligeiramente para fora da boca com os lábios um pouco abertos
T3	A ponta da língua para fora da boca, se movendo para cima e para baixo entre os lábios
T4	A língua é colocada para fora rapidamente
T5	Boca e mandíbulas abertas, a língua é colocada para fora
T6	A língua é colocada para fora várias vezes
T7	Boca e mandíbula aberta: a ponta da língua se move dentro da boca de uma posição próxima aos dentes superiores para a posição neutra várias vezes
T8	3 fases, repetidas várias vezes: a boca e mandíbula abertas (posição normal da língua), a língua move-se para cima (e um pouco para o lado) até o dente superior, e então move-se novamente para baixo e para dentro, a mandíbula se fecha um pouco mais
T9	3 fases: a boca e mandíbula abertas, a língua move-se para cima (e um pouco para o lado) até o dente superior, e então a língua entra novamente, com os dentes fechados e os lábios ligeiramente abertos
T10	A boca e mandíbula abertas, a língua no dente superior muda para a posição normal, as mandíbulas mais fechadas, dente superior sobre o lábio inferior
T11	3 fases: boca e mandíbulas abertas, língua no dente superior entra para dentro (posição normal), mandíbulas abertas apenas um pouco mais do que antes, e então a mandíbula se fecha, os dentes superiores sobre o lábio inferior
T12	Ponta da língua toca um canto da boca
T13	Boca aberta, ponta da língua está entre o lábio inferior e os dentes inferiores, a parte do meio da língua está aparecendo

T14	A ponta da língua está saliente e se movendo para esquerda e direita
T15	Movimento circular oval da língua na boca aberta
T16	A ponta da língua passa rapidamente entre os lábios pressionados
T17	A ponta da língua se aproxima da região dos alvéolos ou dos dentes superiores como na realização do visema -t-

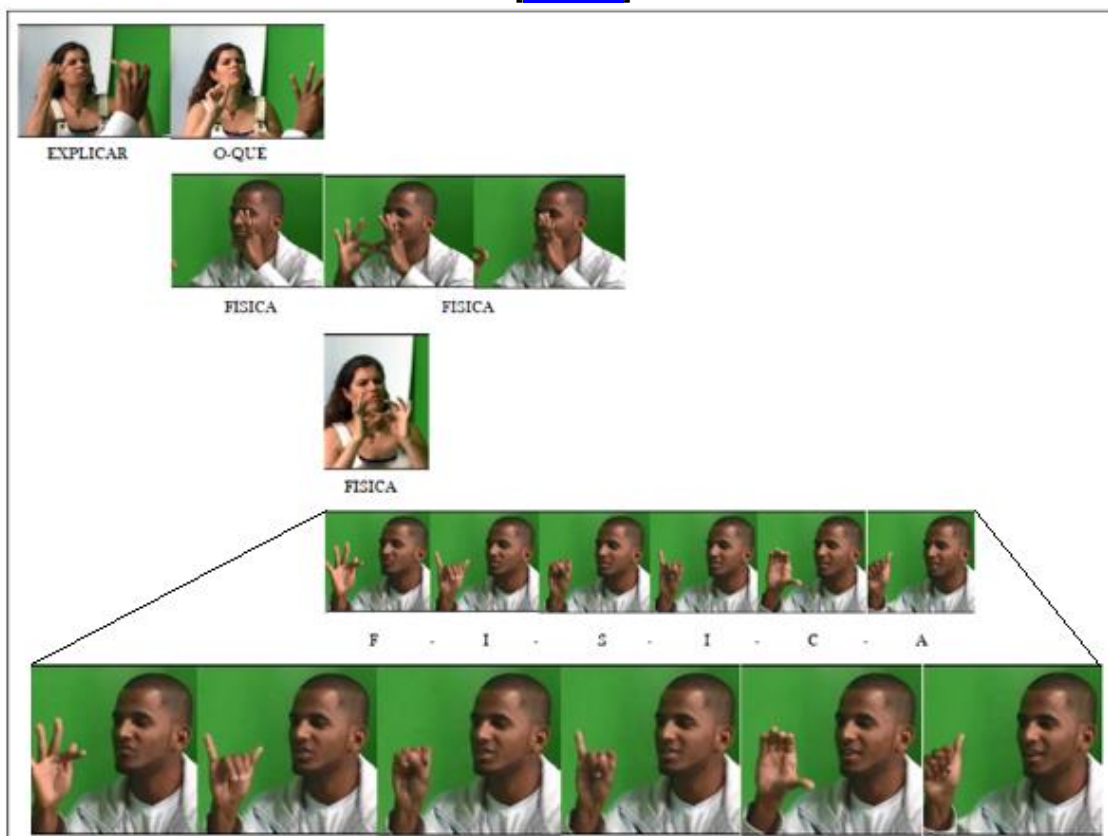
Fonte: Adaptado do modelo de transcrição proposto por McCleary, Viotti e Leite (2010), com empréstimos do projeto VisiCast (HANKE *et al*, 2001)

Passo, finalmente, à apresentação de como essas ações serão dispostas durante a descrição no próximo capítulo, a fim de que seja possível garantir um grau de legibilidade aos dados.

3.3. A apresentação dos dados

Como vem sendo discutido ao longo desta tese, a língua humana é vista aqui como uma forma de ação co-operativa intra- e intercorporeada, da qual participam elementos de múltiplas naturezas semióticas simultaneamente. Desse modo, como uma forma de ação intersubjetiva, as ações de ambos os agentes em um dado momento são relevantes para a descrição dos dados. Para abarcar a multiplicidade de elementos envolvidos na descrição, é necessário lançar mão de outros recursos além da escrita, para que os detalhes das ações de ambos os sinalizadores possam ser apreciados. Nesse sentido, as análises desta tese levam adiante o modelo de apresentação de dados que já vinha sendo assumido por Leite (2008) (ver também BOLGUERONI, 2013; SILVA, J.P, 2014), isto é, o de lançar mão de outros recursos, além da escrita, para apresentar os dados, tais como fotos das imagens dos participantes e links para arquivos contendo os trechos analisados das gravações. As análises serão acompanhadas de imagens dos trechos em questão, dispondo um aspecto geral das ações de ambos os sinalizadores em um dado momento, como ilustra a figura a seguir. Os vídeos disponibilizados a partir de *links* inseridos na legenda da figura também trarão os quadros das ações simultâneas de ambos os sinalizadores, sendo possível acessá-los na versão digital desta tese a partir de um computador conectado à internet, como é exemplificado a partir da figura abaixo. Para acessar, o leitor deve clicar com o botão direito do mouse na expressão ‘Trecho 6’.

Figura 25 - Modelo de apresentação de figura no capítulo de análise e de link para acesso ao vídeo [\[Trecho 6\]](#)



Fonte: elaboração própria

3.4. Conclusão

Este capítulo teve como objetivo fazer uma discussão sobre alguns aspectos metodológicos desta pesquisa, com destaque para a apresentação das ferramentas usadas para a transcrição dos dados e para aperfeiçoamento de um sistema de transcrição para as ações bucais. Vimos que o modelo de transcrição aqui usado para as ações bucais se assemelha à abordagem cinemática (*kinematic approach*) proposta por Keller (2001), embora se distancie dela porque não adotar os mesmos critérios relativos à seleção de colaboradores para a pesquisa. O entendimento aqui é o de que a língua é uma forma de ação co-operativa da qual participam muito elementos simultaneamente, distribuídos em múltiplas escalas de tempo. Dessa perspectiva, o que importa é como esses elementos co-operam na interação local para a criação de entendimentos situados.

Seguindo o que já vem sendo desenvolvido no grupo de pesquisa a que me associo, realizei a transcrição dos dados no software ELAN, valendo-me do modelo de transcrição proposto por McCleary, Viotti e Leite (2010). Durante o desenvolvimento das transcrições,

resolvi unificar trilhas que inicialmente eram distintas no modelo, para criar uma única trilha denominada 'mouth action' (ação bucal), com o objetivo de que as transcrições fossem o mais descritivas possíveis, evitando uma análise prévia das formas, o que poderia enviesar os dados. Essa modificação envolveu promover uma adaptação do modelo de segmentação das ações em fases do gesto, como foi proposto por Kita, van Gijn e van der Hulst (1998) a respeito das ações manuais, para que as ações bucais recebessem o mesmo tratamento. Essa adequação foi útil para que o início e fim de cada ação bucal pudesse ser delimitado precisamente. Uma adequação às diferentes partes de uma fase expressiva da ação bucal foi discutida.

Finalmente, fiz uma apresentação da tabela de vocabulário controlado usado para anotar as ações bucais. Essa tabela, assumida no modelo de transcrição adotado, advém do projeto VisiCast, desenvolvido para a descrição da língua de sinais alemã (HANKE *et al*, 2001). Durante a transcrição, fui anotando ações bucais que me pareciam não previstas na tabela, acrescentando-as ao modelo. Por último, fiz uma discussão sobre a forma como os dados serão apresentados e discutidos no próximo capítulo de discussão e análise dos dados. Como parte de ação co-operativa, procurarei apresentar do modo mais abrangente possível os elementos envolvidos no processo semiótico.

CAPÍTULO 4

AS AÇÕES BUCAIS COMO PRÁTICAS NA EMERGÊNCIA DE ENTENDIMENTOS SITUADOS

Neste capítulo, apresento uma análise das ações bucais no curso de uma conversa em libras entre dois surdos, buscando descrever de que maneira essas ações participam do processo semiótico que promove o desenvolvimento da interação comunicativa face a face. As análises apresentadas recuperam as bases discutidas nos capítulos teóricos para explicitar a participação das ações da boca na dinâmica intra- e intercorporeada de um sistema multiagentes que constitui uma conversa sinalizada. Ao longo da discussão, procurarei demonstrar que as ações co-operativas são a base dessa dinâmica, em dois sentidos: i) as ações dos corpos dos interactantes emergem como uma unidade em que as ações dos corpos e a unidade que emerge delas se co-constituem dinamicamente diante de perturbações, alterando a sua configuração no momento a momento da conversa, em face àquilo que se apresenta; e ii) os agentes fazem reuso com transformações de todo e qualquer recurso que eles julgarem relevante para os seus propósitos na interação, podendo resgatar esses recursos do próprio curso da interação presente ou de seus históricos de interações passadas.

Esses aspectos das ações co-operativas são parte daquilo que constitui as nossas práticas socializadas de interagir, entender e habitar o mundo com outros. Nesse processo de significação por habitação de ações, entra em jogo a versatilidade semiótica das diferentes partes do corpo em ação, isto é, o fato de que algumas partes do corpo estão mais aptas a alcançar certas significações do que outras (a face para expressar emoções, as mãos para expressar formatos de objetos, por exemplo). Nesse sentido, as ações que constituem a conversa sinalizada compõem umas com as outras - no momento a momento da interação - um todo multidimensional, em que diferentes órgãos do corpo operam conjuntamente e fazem emergir significação, em diferentes regiões do espaço perceptual. As práticas bucais que os sinalizadores desempenham nas conversas sinalizadas são todas aquelas que a face, de modo mais abrangente, e a boca, de modo mais específico, estão aptas para produzir, na tarefa de criar entendimentos situados, dentre as quais estão, entre outras possibilidades, as diferentes maneiras pelas quais se pode:

- i) expressar emoções e atitudes;
- ii) demonstrar entendimento;
- iii) elaborar certas ações que podem se assemelhar à articulação de palavras (ou de uma parte delas) da língua oral (no caso das ações em interações entre surdos brasileiros, o português brasileiro), com funções que podem não ser primeiramente as de contribuir com o conteúdo proposicional expresso manualmente;
- iv) pedir atenção, disputar o turno.

Dada a expressividade das ações faciais, possibilitada pelo fato de a face ser uma região do corpo com uma grande quantidade de músculos de movimento voluntário (MADEIRA, 2004), as ações que constituem as práticas mencionadas acima não se tornam excludentes entre si, mas frequentemente entram em co-operação, constituindo uma significação complexa. Em co-operação com as ações manuais, que são ainda mais flexíveis e, em certos casos, livres para elaborar diferentes movimentos no espaço, as ações da boca, junto com ações de outras partes do corpo, estão aptas a constituir uma ação cooperativa intracorporeada para situar objetos e cenários que organizam as narrativas no espaço perceptualmente constituído na interação. Alternativamente, as ações bucais podem entrar em co-operação intracorporeada com outras ações corporais, como movimentos de cabeça e do torso, além de direcionamento do olhar e, em alguns casos, os movimentos das pernas e dos pés para criar ações unificadas, que semioticamente se co-constituem, como signos (S), com um mesmo objeto (O). É pela ação cooperativa de reusar ações que são habituais às nossas práticas de agir com o corpo no mundo que os sinalizadores distinguem os níveis de intersubjetividade (quando o sinalizador age como narrador ou como personagem de uma história) indispensáveis para o entendimento de narrativas que compõem os relatos dos eventos em uma conversa sinalizada. Nesse sentido, as práticas que organizam narrativas também contam com ações bucais que, pelo que observei até o momento nas conversas sinalizadas, para além das possibilidades elencadas acima entre (i) e (iv), estão também aptas a:

- v) compor com as ações manuais e/ou com as ações de outras partes do corpo um todo multidimensional, que faz emergir processos semióticos de natureza icônica, indexical e/ou potencialmente simbólica que podem organizar outras práticas mais abrangentes (e.g., contrastes, listagem, demonstrações, narrativas); e

vi) compor com as ações de outras partes do corpo um todo multidimensional (predominantemente icônico) que distingue os diferentes níveis de intersubjetividade narrativa (e.g., ações construídas, diálogos construídos).

Este capítulo tem o propósito de explicitar de que maneira as ações bucais participam de tais práticas como ações co-operativas intra- e intercorporeadas, seja promovendo, em certos casos, uma maior perceptualidade aos signos de que elas participam, seja formando com as ações manuais e/ou com outras ações do corpo uma unidade icônica, indexical e/ou simbólica, de acordo com a prática que estiver sendo realizada em um dado momento. Nesse sentido, em termos de sua realização temporal, as ações bucais podem então apresentar diferentes formas de alinhamento com outras ações do corpo, a depender de elas comporem ou não uma unidade com as mãos ou com outras partes do corpo em um dado momento. Esse alinhamento das ações da boca com outras ações do corpo sugere que as ações da boca têm um papel importante na tarefa de guiar a percepção para aquilo que é feito por outras ações com as quais elas formam unidades de significação, não só participando de práticas mais ou menos habituais como as mencionadas acima, como também participando dinamicamente, junto com outras partes do corpo, na co-constituição de S e O, nos diversos processos semióticos que subjazem as ações co-operativas que vão, momento a momento, tecendo a conversa.

É preciso ter em mente que o que se assume aqui é uma descrição da semiose em andamento, como um fenômeno que ocorre em meio a ações co-operativas, que é parte fundamental dos processos interacionais e cognitivos dos seres vivos. Assim, apesar de as análises que vou apresentar a seguir se revelarem necessariamente como uma descrição estática daquilo que é, por natureza, dinâmico, não se pode perder de vista que a estaticidade dessas descrições tem a ver com a tarefa de registrar com papel, tinta e imagens imóveis aquilo que é inerentemente movente, dinâmico e processual, e não com a natureza do fenômeno em si mesmo. Desse modo, apesar de a descrição envolver uma certa organização de práticas das quais as ações bucais podem participar, o que é relevante para as análises que vou apresentar neste capítulo não são as categorias enquanto tais (porque as ações dispostas analiticamente em uma categoria podem a qualquer momento ser reusadas com transformações fazendo com que elas não mais correspondam, em outra situação, com aquilo que elas eram em um primeiro momento), mas a significação dinâmica emergente do uso de uma ação bucal em um dado momento da interação. Como a semiose é entendida como *processo* e não como um produto, o que os sinalizadores fazem em um dado momento

tem a ver com as condições em que o sistema multiagentes (que é a própria interação) se encontra *naquele momento* e tudo o que opera conjuntamente para a emergência das ações tal como são realizadas *naquele instante da interação*.

4.1 A interação face a face: a face na expressão de atitudes, emoções e entendimentos

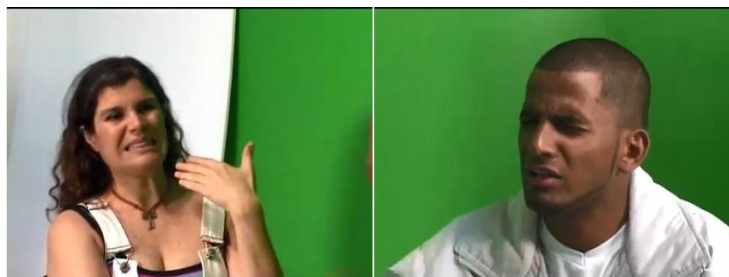
Nas conversas face a face, o direcionamento do olhar para a face dos interlocutores é uma parte fundamental da interação. Quando as pessoas estão envolvidas na interação com os seus interlocutores, as ações faciais participam de um todo multidimensional na sequência interacional com diferentes funções, dentre as quais está a apresentação de certas atitudes e/ou emoções dos agentes em relação às ações e/ou atitudes do outro e/ou àquilo que estiver em jogo no curso da interação. Em uma conversa face a face, vista como um fenômeno emergente de um sistema multiagentes, não está em jogo apenas aquilo que os falantes/sinalizadores que estão com o turno de fala estão fazendo em um dado momento: as ações do interlocutor são cruciais para a significação em curso (ver BAVELAS; GERWING 2011; LIMA, 2017).⁷⁴ De uma perspectiva intercorporeada, o que um falante/sinalizador diz e aquilo que o interlocutor faz naquele momento forma uma unidade de significação indissociável, indispensável para o processo semiótico em curso.

As ações simultâneas, temporalmente alinhadas à fala/sinalização, ou consecutivas, dadas em momentos cruciais da interação (e.g., no momento em que uma pergunta é feita), são elementos fundamentais para a progressão das conversas. O trecho a seguir mostra uma dessas unidades sendo elaborada na conversa sinalizada. No primeiro trecho, Wilson (W) está contando a Regiane (R) uma situação em que ele estava brincando na rua quando era criança e, por estar descalço, à medida que foi se aproximando do meio-dia, o asfalto aquecido começou a queimar o seu pé. As ações faciais de W nesse momento demonstram o seu desconforto com a dor que o asfalto aquecido provocava em seu pé descalço; a ação facial de R, ação que se configura como interpretante das ações de W, co-emerge com as ações dele para co-constituir o significado dessas ações como uma unidade intercorporeada

⁷⁴ Em estudos das ações faciais em conversas faladas, Bavelas e Gerwing (2011) mostram evidências de que a atuação dos interlocutores é crucial para o andamento da interação, em ações que se valem de canais de retorno genéricos (por exemplo, “m-hm” ou acenando com a cabeça), de respostas que demonstram que o destinatário entendeu (por exemplo, abrindo bem os olhos para mostrar surpresa), ou agindo de modo a contribuir com aquilo que é dito, dando respostas temporalmente alinhadas à fala do outro, como a de estremecer enquanto o falante descreve algo doloroso (BAVELAS, GERWING, 2011, p.178-9). Esses aspectos das ações faciais descritos pelas autoras a respeito das interações orais são observados na conversa sinalizada em análise, como é mostrado na descrição apresentada mais adiante.

em curso nesse momento da interação. A configuração de boca de R – com os cantos da boca bem esticados mostrando os dentes – é parte de uma ação facial mais abrangente envolvendo sobrancelhas franzidas e olhos levemente fechados. Ela se estende do início ao fim do trecho em que W descreve a dor provocada pelo contato do pé descalço com o asfalto quente.⁷⁵

Figura 26 - Ações de ambos os interlocutores se co-constituindo como ação co-operativa em uma unidade de significação [trecho 1]

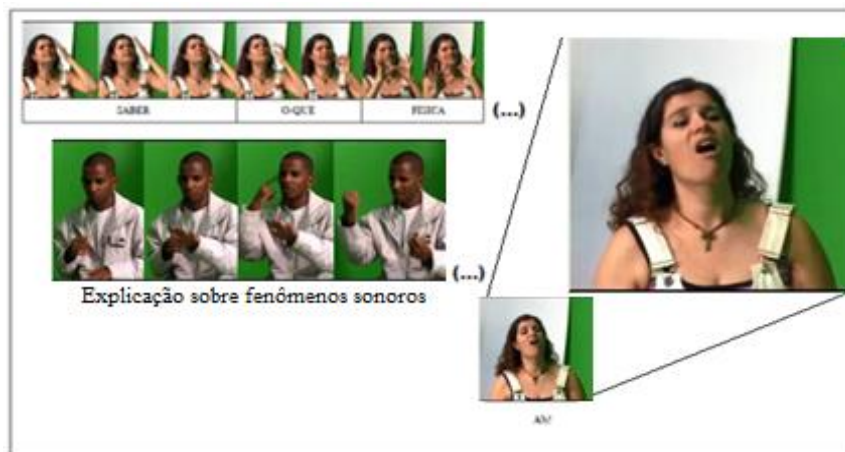


Fonte: elaboração própria

Como as ações faciais revelam o interpretante em co-constituição com aquilo que está sendo dito, elas são monitoradas no momento a momento. Em outro momento da conversa, R pergunta a W se ele sabe o que significa um determinado conceito de física. W responde, dizendo que não, mas que conhece outras palavras relacionadas, e explica um dos termos do seminário que apresentou em sala, relacionado a ‘ondas sonoras’. Ao final da explicação, R se dá por satisfeita e abre bem a boca, ergue as sobrancelhas e inclina a cabeça para trás, demonstrando que o entendimento foi alcançado. A demonstração de entendimento, que envolve o uso da ação bucal ilustrada na figura é uma parte importante da continuidade da interação. Entendendo que a compreensão foi alcançada, esse tópico da conversa pode ser encerrado e os interlocutores iniciam a discussão de um outro tópico, a partir da tomada de turno por R.

⁷⁵ A mão em suspensão próximo ao rosto é parte de uma ação manual que R fez no momento anterior, para comentar o que W acabava de dizer, em um enunciado que poderia ser traduzido para o português como ‘é muito calor (na Bahia)’.

Figura 27 - Ação facial de R como demonstração de entendimento [trecho 2]



Fonte: elaboração própria

Essas ações, fundamentais à constituição da significação, além de intercorporeadas - visto que são co-constituídas 'formal' e temporalmente pela sua integração com as ações do interlocutor, elaboram significação de modo intracorporeado. Além dos aspectos já mencionados, o olhar de R direcionado a W, com o seu rosto e o seu torso, que apontam na mesma direção, são ações intracorporeadas importantes para indicar que as ações faciais nesse momento são entendidas como sendo da própria sinalizadora R (e não de algum outro referente que poderia ser parte da narrativa de algum relato). Como descrito por autores que estudam a organização das narrativas em línguas sinalizadas (MCCLEARY; VIOTTI, 2010; 2011; 2014), mudanças na direção do olhar e, em certos casos, do posicionamento da cabeça e do torso, podem indicar que o sinalizador está agindo como se fosse outra pessoa, em uma das estratégias de referenciação comumente empregadas nas narrativas elaboradas nessas línguas (BOLGUERONI, 2013; BOLGUERONI; VIOTTI, 2014), conhecida na literatura como diálogo construído, detalhado a seguir. O trecho apresentado na **Figura 28** ilustra essa estratégia de referenciação descrita pelos autores.

Figura 28 - Ações co-operativas da cabeça, olhos, torso, boca e mão na elaboração de ações construídas de um diálogo [trecho 3]



Fonte: elaboração própria

Como dito acima, as ações apresentadas nos quadros de *a* até *h* constituem a prática corporeada descrita na literatura das línguas de sinais como *diálogo construído* (METZGER, 1995), isto é, um tipo de prática semiótica icônica realizada em narrativas pelo reuso com transformações de ações em que as ações do corpo do sinalizador, incluindo a ação de sinalizar, são entendidas como ações de outra pessoa. Essa prática é um tipo específico de uma prática mais abrangente, denominada ‘ação construída’ (METZGER, 1995; METZGER; LIDDELL, 1998; LIDDELL, 2003), em que, como foi explicitado acima, os sinalizadores sempre fazem uso de diferentes partes dos seus corpos para atuar como se fossem pessoas em outras situações, ou seja, participantes dos eventos das narrativas que eles, sinalizadores, elaboram. A diferença está no fato de que, nos diálogos construídos, as ações manuais grosso modo são entendidas como o discurso verbal produzido por outra pessoa (ou pela mesma pessoa em outra interação), sendo reportado em primeira pessoa, integrando a prática mais abrangente de ação construída de que esse diálogo participa (ver também TANNEN, 1989; CLARK; GERRIG, 1990; CLARK, 1996 para a discussão dessas práticas em línguas orais). Na figura acima, os sinais manuais

produzidos por W são entendidos como a fala dele na situação do relato, reportada em discurso direto. O trecho acima pode ser traduzido como “eu disse a ele: Não! (É o) outro (exemplo). Lembra (que você) entendeu (o) exemplo (que) expliquei? (Ele respondeu): Ah!”

No quadro *h* da imagem acima, é possível observar o momento da conversa em que W reusa a ação bucal feita por R na Figura 27 para demonstrar como o seu colega de classe entendeu o que precisava ser feito depois que W interagiu com ele e lhe explicou o que ele precisava saber (quadros *a* até *g*, da **Figura 28**). O desvio do olhar é uma estratégia intracorporeada pela qual W demonstra que está agindo como ele mesmo (W) agiu na sala de aula ao dar instruções ao colega na situação do relato (quadros *a* até *g*) e que o colega respondeu demonstrando que tinha entendido a instrução (ou se lembrava dela) (quadro *h*). Todas essas ações são parte da prática que constitui esse diálogo construído, reportado por W. As diferentes posturas de cabeça e direcionamento do olhar operam em cada um desses momentos com outras ações para criar um todo multidimensional de significação em que as ações apresentadas nos quadros *a* até *g* são entendidas como sendo ações de W enquanto estava na sala de aula conversando com o colega e a ação apresentada no quadro *h* é entendida como sendo do seu colega de sala, com quem ele conversava no momento do evento que essas ações buscam reconstituir. A figura abaixo apresenta as ações de W e R em reuso lado a lado.

Figura 29 - Reuso de ação bucal na elaboração de uma demonstração de entendimento na interação corrente e em um diálogo construído



Fonte: elaboração própria

Em termos de ação co-operativa, os diálogos construídos (bem como qualquer outra forma de ‘ação construída’) são práticas que envolvem o reuso com transformação não só

de signos verbais utilizados em uma determinada situação, como também o reuso de ações não linguísticas (VIOTTI, 2021) que uma pessoa possa ter feito em uma dada situação. Desse modo, se a personagem de uma história ou uma pessoa sobre quem se está falando moveu o corpo ou qualquer parte dele de uma determinada maneira na situação que está sendo reportada, ou se ela fez uma determinada expressão facial, essas ações podem ser reusadas com as transformações pretendidas por quem reporta aquele discurso. Nos termos do que está sendo tratado nesta tese, ações construídas são entendidas como o *reuso com transformações* de práticas corporeadamente conhecidas para apresentar as emoções, atitudes e entendimentos, dentre outras possibilidades, de outras pessoas que são os referentes das histórias relatadas na conversa.

As transformações, que normalmente envolvem a mudança do direcionamento do olhar, da cabeça e da postura do torso em cada uma das ações apresentadas, não se limitam a isso: no reuso com transformações que constitui essas práticas enquanto ações cooperativas, outras tantas transformações são feitas, observadas no fato de que a réplica da ação não é perfeita, antes envolvendo a escolha de apenas algumas ações realizadas pelo referente, com algumas alterações, como, por exemplo, o exagero de expressões. Nesse processo, as transformações possíveis seriam inumeráveis: há diferença na escala dos cenários, nas posições de visualização dos cenários, nos traços dos personagens cujas ações são reusadas, dentre outros (SILVA, J.P., 2014). Essa é, portanto, uma prática de habitar ações que são bem conhecidas na comunidade de falantes/sinalizadores da qual os falantes/sinalizadores se valem para, por meio dessa habitação, organizar o discurso, distinguindo os níveis de intersubjetividade indispensáveis no reconhecimento de quem é o agente – enunciador, narrador, personagem – que está realizando aquela ação em um determinado relato.

Essa discussão chama a atenção para o fato de que as ações construídas são elaboradas em práticas nas quais as ações bucais podem ser reusadas como ações cooperativas intracorporeadas, para, em co-operação com o direcionamento do olhar, da cabeça e, em certos casos, do torso, demonstrar como alguém agiu em uma outra situação, reportada por esse discurso. Trata-se, pois, do reuso de uma ação comumente empregada em ações do corpo, por exemplo, na interação com objetos (e.g. manuseio de objetos, por exemplo) ou na interação corrente entre falantes/sinalizadores para compor, a partir do reuso, um todo multidimensional icônico em uma prática de ação construída. Além do reuso da ação bucal usada para demonstrar entendimento, os diálogos construídos podem ser

elaborados com o reuso de outras ações bucais, observadas na primeira parte do diálogo construído (dos quadros de *a* até *g* da **Figura 28**), mas ainda não discutidas nesta seção. A diferença está no tipo de ajuste motor e de alinhamento temporal entre essas ações e ações não manuais, no caso discutido nesta seção, ou entre essas ações e ações manuais, como no caso dos quadros de *a* até *g* da **Figura 28**. Antes de analisar essas ações usadas nas práticas de diálogo construído, vamos discutir o reuso de recursos de línguas orais na sinalização, que pode eventualmente estar envolvido em casos como o que acabei de mencionar, e que será retomado mais adiante.

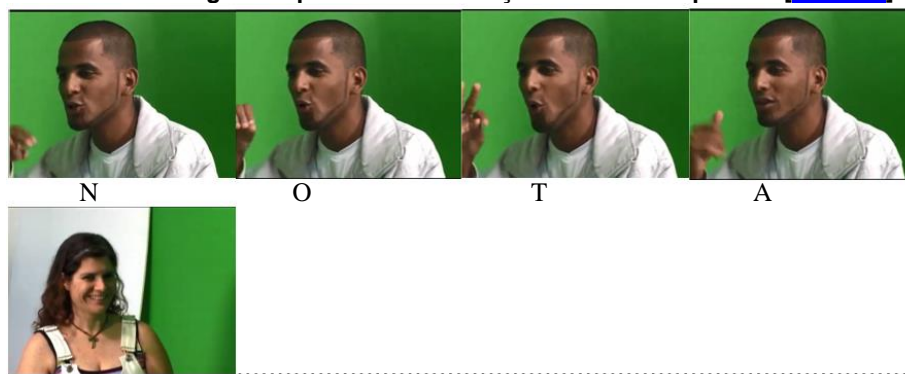
4.2. A articulação bucal de (partes de) palavras como reuso de recursos de línguas orais

Por habitar um ambiente sociocultural em que a maioria das pessoas usa o trato bucal/vocal para articular palavras de uma língua oral, muitos surdos (senão a maioria deles) acabam por incorporar elementos das línguas orais às suas práticas de sinalização, como parte do reuso com transformações de recursos semióticos disponíveis nos ambientes das interações. O trecho em que W diz a R que conseguiu uma boa nota no seminário ilustra bem esse reuso. Depois de contar que cada um dos integrantes do grupo fez a sua apresentação, W diz a R que a sua colega de sala foi até a mesa da professora para se informar de qual havia sido a sua nota. A palavra ‘nota’ é digitalizada com o alfabeto manual e acompanhada de ações bucais que se assemelham a alguns aspectos da articulação da palavra ‘nota’ em português.^{76,77}

⁷⁶ As ações bucais que se assemelham a articulações bucais de palavras divergem no quanto essa articulação pode se assemelhar à articulação da palavra por um falante do português enquanto fala em língua oral. A figura mostra que, no momento em que a mão digitaliza a letra ‘t’, a boca ainda permanece na configuração de lábios arredondados que remete à articulação da primeira vogal. Em outros casos, apresentados mais adiante, a relação entre as ações da mão e articulação da boca são mais precisas.

⁷⁷ Prefiro aqui usar o termo ‘digitalização’ para nomear a prática que em inglês é conhecida como *fingerspelling*, isto é, uma forma de soletração da palavra da língua oral fazendo uso do alfabeto manual da língua de sinais.

Figura 30 - Digitalização manual da palavra 'nota' em português simultânea a ações de boca remetendo a alguns aspectos da articulação bucal dessa palavra [trecho 4]



Fonte: elaboração própria

Esse reuso de elementos de língua oral durante a sinalização pode não acontecer só durante as práticas de digitalização manual, mas também durante a realização de sinais manuais convencionais da libras, como nas realizações posteriores do sinal NOTA, feito por R, que são acompanhadas por ações bucais que se assemelham a certos aspectos da articulação da palavra, diferentes daqueles usados por W na digitalização anteriormente feita por ele. Na articulação bucal de W, o aspecto da articulação da palavra mais visível é o arredondamento dos lábios, correspondendo à vogal inicial, acompanhado de um movimento da mandíbula para baixo, seguido de um movimento dos lábios e movimento da mandíbula para cima, na parte final da digitalização manual; na articulação de R, observa-se que a ponta da língua se aproxima dos dentes superiores, em uma articulação que se assemelha à da consoante inicial, seguida de um movimento da língua para trás e um movimento da mandíbula para baixo (figuras *a* e *b*); esse mesmo movimento se repete (figuras *c* e *d*) durante a realização do sinal, o que pode remeter à articulação das duas sílabas da palavra em português.

Figura 31 - Realização manual do sinal NOTA em libras simultânea a ações de boca remetendo a certos aspectos da articulação bucal da palavra 'nota' em português [trecho 5]



Fonte: elaboração própria

Como acontece com qualquer ação co-operativa, todo reuso opera com transformações no material tomado para esse fim, de maneira que aquilo que é resultante do reuso pode não corresponder àquilo que serviu como substrato para as operações. Assim, no reuso de elementos provenientes de possíveis palavras em língua oral, os surdos podem reusar a configuração de boca correspondente a apenas uma parte da palavra, como uma consoante, uma vogal ou uma sílaba ou mais sílabas, ou ainda uma ação em que o movimento da mandíbula para baixo lembre a articulação de uma sílaba sem que seja exatamente claro qual seria a possível vogal em reuso, como pode ser visto nas diferentes articulações da palavra 'nota' em português pelos dois sinalizadores.⁷⁸ Como pronunciado no segundo capítulo teórico, o argumento aqui, sustentado por observação empírica, é o de que essas articulações podem não ter como função principal a de contribuir com o conteúdo proposicional daquilo que é elaborado pelas ações das mãos. Em vez disso, essas ações, uma vez que emergem em co-operação com as ações manuais, parecem conferir uma maior perceptualidade ao signo, constituído pela ação unificada das mãos e da boca, ao mesmo tempo em que, sustentada por práticas de habitar as ações dos outros em um ambiente sociocultural em que as ações da boca são constantemente usadas, promove a habitação das

⁷⁸ Algumas ocorrências podem, ainda, remeter a certos aspectos da articulação da palavra, mas se diferenciar da articulação prototípica em português, como em algumas ocorrências de NOTA em que R coloca os dentes superiores *sobre* a ponta (em alguns casos sobre a região mais central) da língua [trecho 5b]. Essa articulação se assemelha à consoante alveolar inicial, mas diverge da articulação prototípica em português falado por ouvintes. Como o que está em jogo no uso que R faz dessa ação não é o som que resulta dessa articulação, as diferenças de articulação não parecem ter consequências para a interação, como teriam se essa mesma articulação fosse produzida por um ouvinte em uma interação falada.

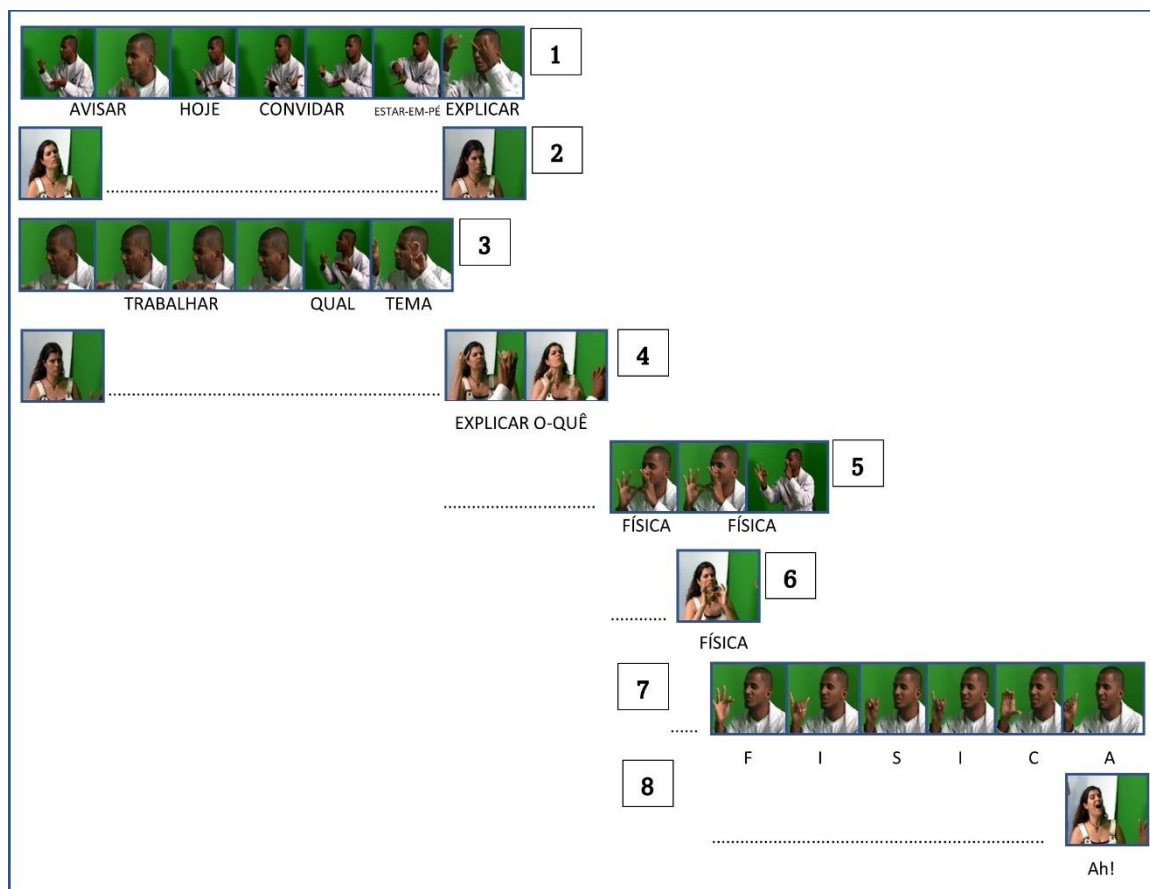
ações dos outros em um hábito amplamente compartilhado na comunidade de falantes/sinalizadores.

Nesta seção, vou apresentar esses reusos de possíveis elementos de língua oral nos momentos em que os sinalizadores fazem digitalização manual de palavras do português. A motivação para tratar desses casos separadamente daqueles em que a articulação bucal é usada com os sinais manuais é a de que, no caso das digitalizações manuais, como não restam dúvidas de que os sinalizadores estão fazendo uso de palavras do português brasileiro pelo uso do alfabeto manual, as ações de boca elaboradas com essas ações manuais podem ser mais facilmente relacionadas a articulações bucais de palavras de português. No caso da articulação bucal nos momentos em que os sinalizadores estão realizando algum sinal manual, essa associação pode não ser tão clara, como será discutido mais adiante, em outra seção. O propósito das análises que apresento a seguir é o de explicitar como essas ações bucais podem emergir com as digitalizações manuais como ações co-operativas intra- e intercorporeadas e/ou como resultantes de um hábito desenvolvido ao longo de um histórico de interações de um dado sinalizador.

4.2.1. Análise 1 - Digitalização manual com articulação bucal de palavra como forma de produzir entendimento situado

A primeira ocorrência de digitalização manual de palavra acontece no momento inicial da conversa, quando W diz a R que teria que ficar em pé na sala de aula para explicar conceitos de física em um seminário. Esse trecho da conversa, que será retomado posteriormente para ilustrar outra análise, é aqui apresentado por inteiro para contextualizar a ocorrência da digitalização da palavra.

Figura 32 - Análise da primeira ocorrência de digitalização manual e articulação bucal de palavra no trecho inicial da conversa [trecho 6]



Fonte: elaboração própria

A gravação da conversa se inicia no momento em que W diz a R algo que poderia ser traduzido como: “me disseram: hoje seremos convidados a ficar em pé para explicar...” (linha 1).⁷⁹ Depois disso, W desvia o olhar do contato visual com R para elaborar a resposta que ele deu ao colega na situação do relato, reusando os sinais e expressões possivelmente usados por ele naquela situação para criar um diálogo construído, em que ele, com a face apreensiva, olha para o colega e pergunta algo que poderia ser traduzido como “um trabalho? Qual é o tema?” (linha 3). Como R ainda não tinha entendido o que ele ia explicar, ela, que apresenta uma configuração facial sugestiva de que poderia não estar entendendo (sobrancelhas franzidas, com os cantos da boca levemente esticados para baixo), pergunta algo que seria traduzido como “o que você ia explicar?” (linha 4). W responde, realizando o sinal FÍSICA por duas vezes (linha 5). R, mantendo a configuração facial que apresentava anteriormente, com as sobrancelhas franzidas sugerindo não entendimento, reusa (repete)

⁷⁹ A figura acima apresenta o momento em que a gravação começa, com a narração de um relato que não se parece com o início prototípico de uma conversa, mas como parte de uma conversa já iniciada antes de iniciar a gravação, fora do estúdio.

o sinal feito por W (linha 6), ao que ele, prontamente, reage, recorrendo à digitalização manual da palavra em português por meio do alfabeto manual, acompanhada de articulação bucal (linha 7). Esse recurso é eficiente para resolver a questão: R desfaz a expressão de dúvida e realiza a ação facial de abrir bem a boca, erguer a sobrancelha, inclinando a cabeça para trás, dando a entender que o entendimento foi alcançado (linha 8), em um dos reusos da ação discutida anteriormente.

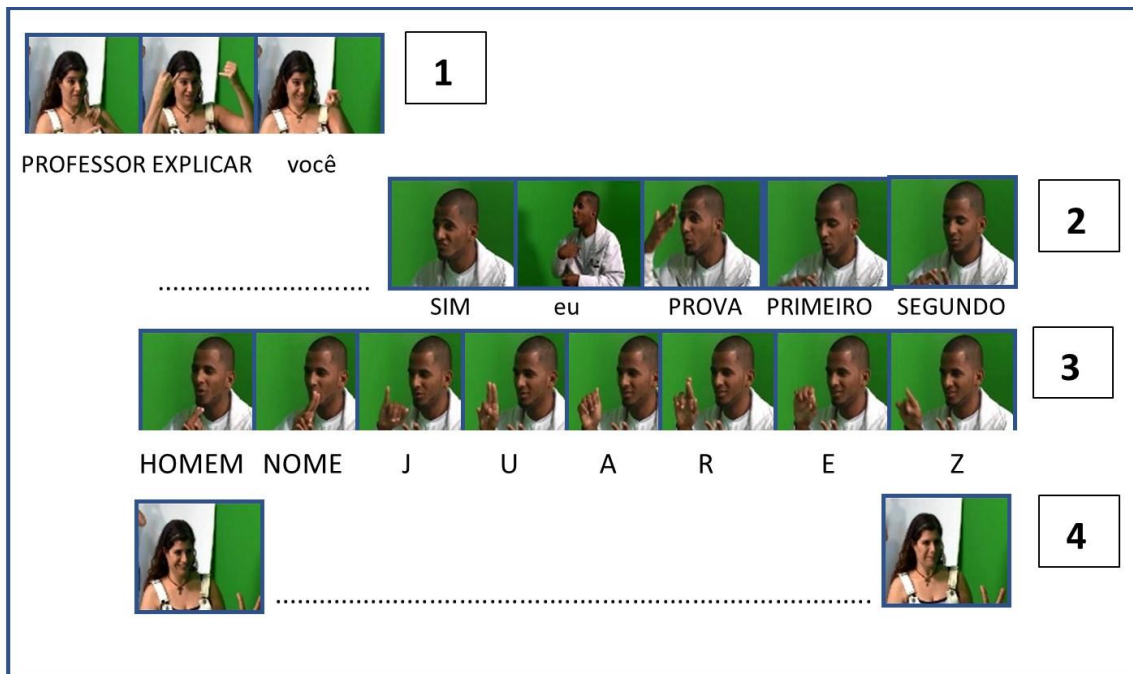
Para os propósitos da discussão, cabe notar que praticamente todos os sinais manuais empregados por W nesse trecho são usados com uma ou mais ações bucais. O sinal FÍSICA, que é um sinal mais específico do que os outros sinais anteriormente usados por W, foi usado sem ação bucal. No momento em que R reusa o sinal feito por W ainda demonstrando não entendimento, W move os lábios de um modo que pode remeter à articulação bucal da palavra 'física' enquanto digitaliza a palavra 'física'. O entendimento nesta análise é o de que a articulação de boca co-ocorrente à digitalização pode se constituir com a ação manual de modo simultaneamente intra- e intercorporeado, isto é, como uma forma de promover uma sinergia entre as ações da mão e da boca de modo a auxiliar o movimento motor das mãos na realização da tarefa e, simultaneamente, em resposta à ação de R, que continua demonstrando não entendimento. Como se observa nesse trecho, essa estratégia é bem sucedida. Essa análise, que pode ser bastante especulativa quando feita a partir de um único exemplo, é sustentada por observação empírica das demais digitalizações de palavras elaboradas durante a conversa, como apresento a seguir.

4.2.2. Análise 2 - Digitalização manual *sem* articulação bucal de palavra na listagem de membros de um grupo

A ocorrência de digitalização manual de palavra apresentada acima difere daquela que acontece mais adiante na conversa, quando W, ao apresentar os componentes do grupo que iria realizar o trabalho (um seminário de física), digitaliza o nome de um dos integrantes do grupo. Nesse momento, diferentemente da primeira ocorrência de digitalização manual em que R demonstrava não entendimento, R faz um movimento de cabeça afirmativo durante a elaboração de toda a listagem da qual a digitalização manual participa. Dessa vez, a articulação bucal equivalente à palavra digitalizada manualmente não é usada, isto é, a

boca permanece em posição neutra durante a digitalização da palavra. A figura a seguir ilustra uma parte do trecho da conversa.⁸⁰

Figura 33 - Digitalização manual e articulação bucal do nome de um colega em português [trecho 7]



Fonte: elaboração própria

O fato de a digitalização manual estar sendo realizada por W durante um momento em que há confirmação de entendimento por parte de R pode ter sido suficiente para que as articulações bucais de palavras não tenham sido recrutadas nesse momento, de modo que as ações de R, como interpretante desse processo semiótico, servindo de signo para W, faz com que W dispense as articulações bucais.

4.2.3. Análise 3 - Digitalização manual da expressão ‘ondas sonoras’ com articulação bucal parcial de palavra

⁸⁰ Neste momento, não estou inserindo todos os elementos da listagem. Essa lista será retomada mais adiante para a discussão de outros aspectos.

O trecho seguinte de articulação bucal co-ocorrente à digitalização manual é aquele em que W digitaliza a expressão ‘ondas sonoras’. Nesse trecho, W começa a digitalizar a palavra com uma articulação bucal que se assemelha à articulação da palavra ‘ondas’. Mais precisamente, é possível ver o arredondamento de lábios que remete à articulação da primeira vogal e o movimento da língua que se dirige ao alvéolo, que pode remeter à articulação de -nd-. A figura a seguir ilustra esse trecho da conversa.

Figura 34 - Digitalização manual e articulação bucal como ação intra- e intercorporeada [\[trecho 8\]](#)



Fonte: elaboração própria

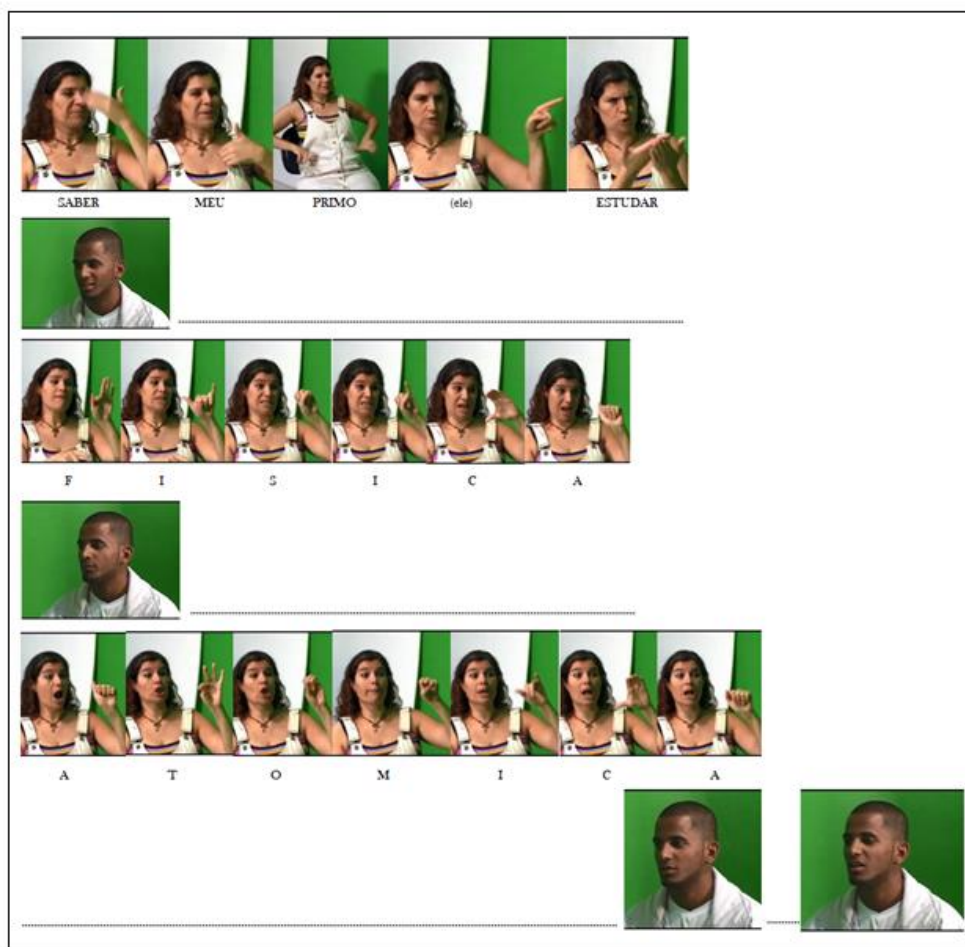
Como é apresentado na figura, R mantém a ação facial mais próxima de uma configuração neutra, com um aceno de cabeça afirmativo curto de início da digitalização da palavra ‘ondas’ (primeira figura da linha 2). No final da digitalização da palavra, R usa a ação bucal de abrir bem a boca, erguendo a sobrancelha e inclinando a cabeça para trás, na demonstração de entendimento (primeira figura da linha 4). Nesse momento, W, que ainda estava olhando para R, desvia o olhar para a mão que digitaliza (linha 3, durante os quatro primeiros quadros). Ele faz uma leve protrusão de lábios na parte inicial da digitalização da palavra ‘sonora’, mas não chega a fazer a articulação bucal da palavra. De modo semelhante ao que foi mostrado no exemplo anterior (Figura 33), nesse trecho, a ação

responsiva de R, fazendo um leve aceno de cabeça no começo da articulação da palavra ‘ondas’, pode ter sido suficiente para a palavra não ser articulada bucalmente por inteiro e, em seguida, a ação de demonstrar entendimento por parte de R, pode ter sido suficiente para W não articular a palavra ‘sonora’, apesar de, em uma dinâmica intracorporeada, realizar uma pequena protrusão de lábios no início da palavra, enquanto olhava para a mão. Os trechos de digitalização de palavras criados por W, então, parecem revelar uma forte sensibilidade às ações de R, de modo que as ações dele nessas práticas têm um forte caráter intercorporeado.

4.2.4. Análise 4 - Digitalização manual da expressão ‘física atômica’ com articulação bucal de palavra quando há demonstração de entendimento

As práticas de articular palavras do português por R parecem divergir um pouco daquelas realizadas por W no sentido de que ela sempre articula ações que se assemelham a palavras do português enquanto digitaliza manualmente, mesmo quando W apresenta ação facial neutra durante a digitalização. Precisamos considerar que, como parte de uma ação co-operativa, o emprego dessas ações nas interações pode ter a ver com o modo como os recursos são operados tanto localmente quanto como resultantes do histórico de interação de um sinalizador, sendo reiteradas na situação presente de acordo com o que estiver acontecendo em um dado momento. No trecho que se vê na figura a seguir, R digitaliza manualmente o sintagma ‘física atômica’ enquanto articula com a boca o sintagma equivalente. Nesse momento da conversa, a expressão de W é neutra enquanto faz eventualmente acenos curtos com a cabeça, o que indica que ele está entendendo. A articulação bucal de palavra pode, nesse sentido, ser resultado da dinâmica intracorporeada, em que a atividade da boca estaria servindo para guiar a atividade das mãos, ou ainda ser resultado de hábitos arraigados de articular palavras sempre que o sinalizador digitaliza uma palavra manualmente. Embora a motivação para o emprego de ação bucal por R nesse momento não seja explícita na interação local, é possível pensar que a configuração de face neutra de W, quando desacompanhada dos curtos acenos com a cabeça, não seja suficiente como uma demonstração de entendimento, de modo que, tal como W, ela estaria usando ações bucais como uma ação responsiva à possibilidade de W não estar entendendo. A figura a seguir ilustra esse trecho da conversa.

Figura 35 - Ação co-operativa como prática habitual resgatada de interações passadas [trecho 9]

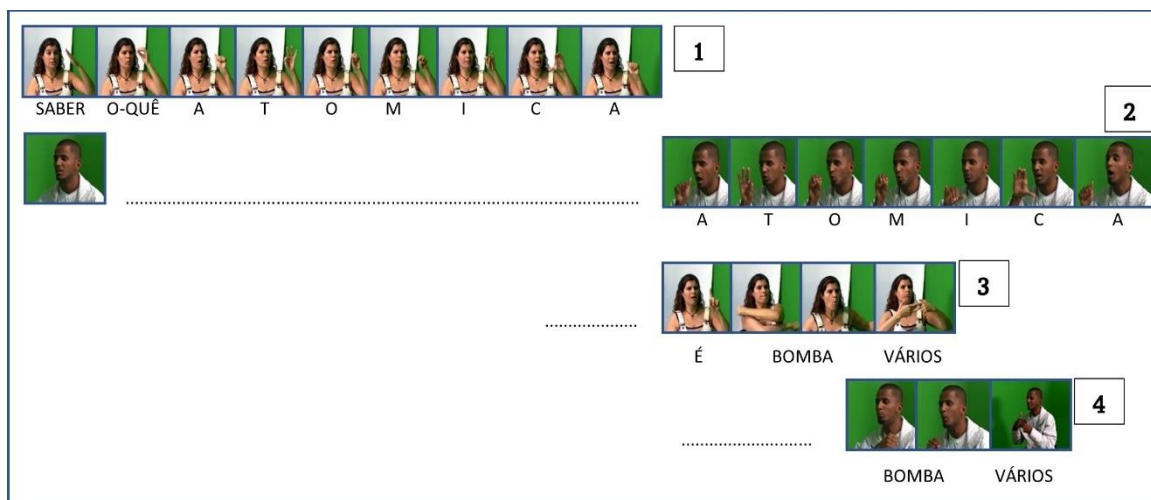


Fonte: elaboração própria

4.2.5. Análise 5 - Digitalização manual e articulação bucal da expressão 'física atômica' como reuso de ações produzidas pelo interlocutor na interação

Depois disso, R pergunta se W sabe o que é 'atômica'. Ela faz isso digitalizando a palavra manualmente e articulando bucalmente a palavra em português. No momento em que R termina de digitalizar e articular com a boca a palavra 'atômica', W inicia a digitalização da mesma palavra acompanhada da articulação bucal da palavra. Enquanto W ainda digitaliza manualmente e articula bucalmente a palavra 'atômica' para responder à pergunta, R inicia a explicação, dizendo algo que pode ser traduzido como 'é (relacionado a) bombas'. Quando R termina de elaborar esse enunciado, W reusa o enunciado de R, dizendo o mesmo que ela havia dito e usando os sinais manuais usados por ela e as mesmas articulações bucais. Trata-se do reuso dos recursos empregados por R, em uma forma de ação co-operativa intercorporeada.

Figura 36 - Articulação bucal como reuso com transformações de materiais oferecidos na própria interação [trecho 10]

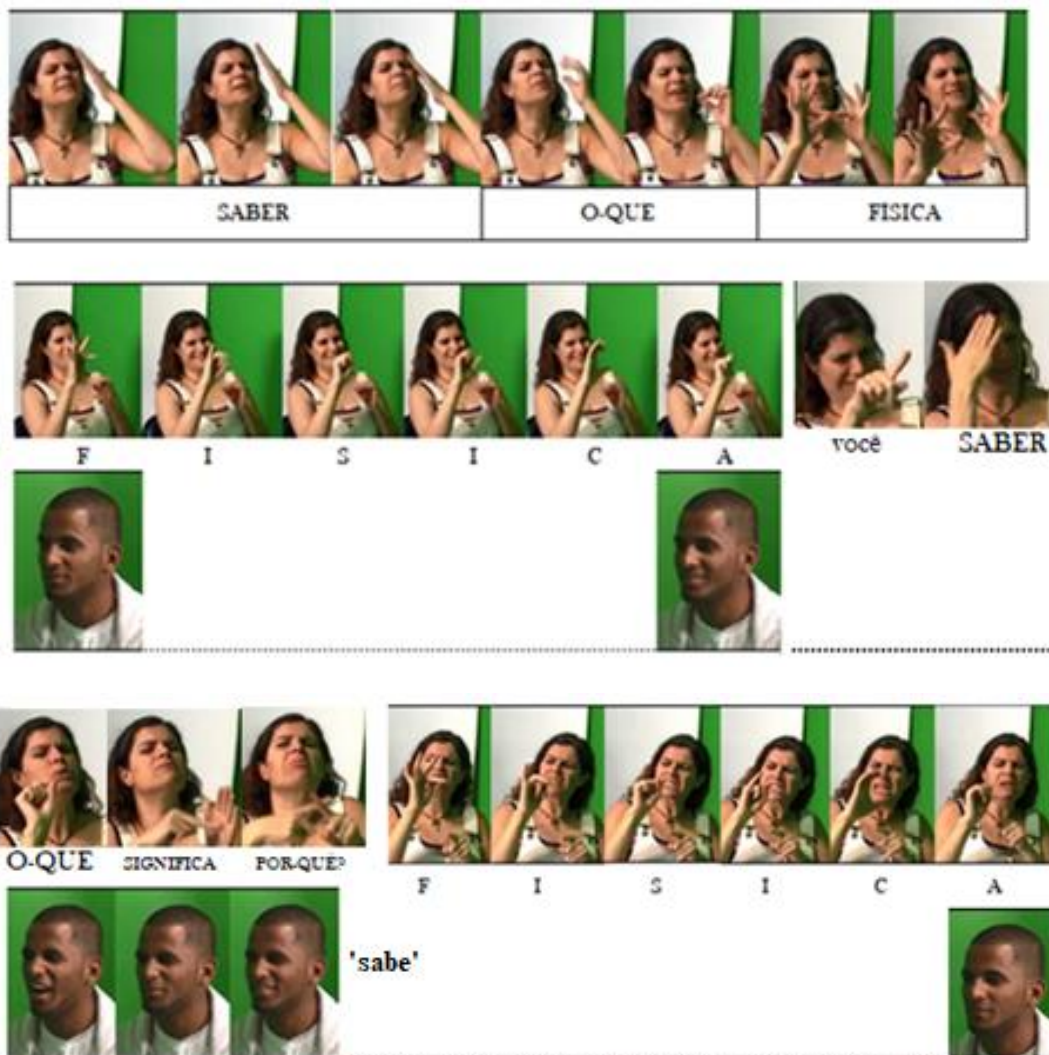


Fonte: elaboração própria

4.2.6. Análise 6 - Digitalização manual e articulação bucal da palavra 'física' em pergunta reformulada

O último trecho relativo à digitalização manual que vou apresentar é aquele em que a ação bucal de R elabora a reformulação de uma pergunta que acabou de ser feita. Nesse trecho, R pergunta a W se ele sabe o que significa a palavra 'física'. W responde articulando uma possível palavra do português sem qualquer sinal manual. Trata-se do reuso da articulação bucal da palavra 'sabe', que R tinha usado simultaneamente ao sinal SABER para formular a sua pergunta. W resgata essa articulação bucal e, sem qualquer sinal manual, acena afirmativamente e diz bucalmente algo que se assemelha à articulação de 'sabe'. Depois de fazer a pergunta, R parece perceber que a sua pergunta pode não ter ficado clara o suficiente, ela repete a digitalização, com movimentos de boca ainda mais articulados e com o olhar direcionado à mão. Nesse momento, tal como no exemplo anterior, W não apresenta expressão de dúvida. Mas, o fato de R ter reformulado a pergunta mesmo com uma resposta afirmativa de W, pode servir como uma evidência de que ela teria percebido que a sua pergunta não estava clara o suficiente na sua formulação original, o que teria sido uma motivação para usar as ações manual e bucal conjuntamente com ações ainda mais articuladas do que aquelas feitas na primeira formulação da pergunta.

Figura 37 - Digitalização manual e articulação bucal em pergunta reformulada [trecho 11]



Fonte: elaboração própria

As análises apresentadas nesta subseção sugerem que as articulações bucais de possíveis palavras, co-ocorrentes à digitalização manual de palavras, operam em uma dinâmica que pode ser intra- e/ou intercorporeada, motivada pela co-operação de elementos encontrados na própria interação, e/ou como resultantes de um processo de co-operação mais estendido no histórico de interações de um dado sinalizador. As práticas de digitalização manual e articulação de possíveis palavras elaboradas por W se mostraram mais sensíveis à interação imediata do que aquelas criadas por R, que, diferentemente das elaboradas por ele, foram sempre elaboradas mesmo quando o seu interlocutor não demonstrava não estar entendendo. Nessa discussão argumento a favor da importância de não se negligenciarem as ações do interlocutor nas análises das ações bucais, sob a pena de perder de vista a participação de elementos relevantes para o entendimento global das ações co-operativas.

4.3. Co-constituição das ações das mãos e da boca e de outras partes do corpo na emergência de unidades icônicas, indexicais e/ou simbólicas

Durante a sinalização, as ações bucais podem apresentar diferentes formas de ajuste motor e alinhamento temporal com ações manuais, em certos casos, e não manuais, em outros, em processos semióticos complexos nos quais a significação emerge pela co-operação intracorporeada dessas ações. Desse processo, emergem unidades que podem ser predominantemente icônicas, indexicais e/ou simbólicas, ou, mais comumente, que se caracterizam por ser uma combinação das três estratégias semióticas em diferentes medidas. Nas ações construídas e nos diálogos construídos discutidos anteriormente, o ajuste motor e alinhamento temporal das ações bucais pode se dar com ações manuais ou não manuais, como será demonstrado em um exemplo analisado nesta seção; alternativamente, nas digitalizações manuais e articulação bucais de palavras, apresentadas na seção anterior, as ações bucais entram em co-operação intracorporeada com as ações manuais (além da co-operação intercorporeada discutida na seção anterior). Outros exemplos de co-operação das ações das mãos e da boca para formar unidades multidimensionais de significação serão discutidos a seguir.

4.3.1. Análise 1 - A unificação entre as ações das mãos e da boca quando há contato visual entre os interlocutores

Para iniciar uma discussão sobre as ações bucais que podem ser usadas em co-operação intracorporeada com ações das mãos no curso de uma conversa, recupero o trecho inicial da conversa, já apresentado anteriormente na **Figura 32**. O momento que antecede esse trecho é aquele, capturado por uma das câmeras, em que R, sentando-se em frente a W, arruma os cabelos, olha para algo à sua direita e direciona o olhar para W, ainda sorrindo. O trecho capturado pelas imagens a seguir tem a duração de nove segundos.

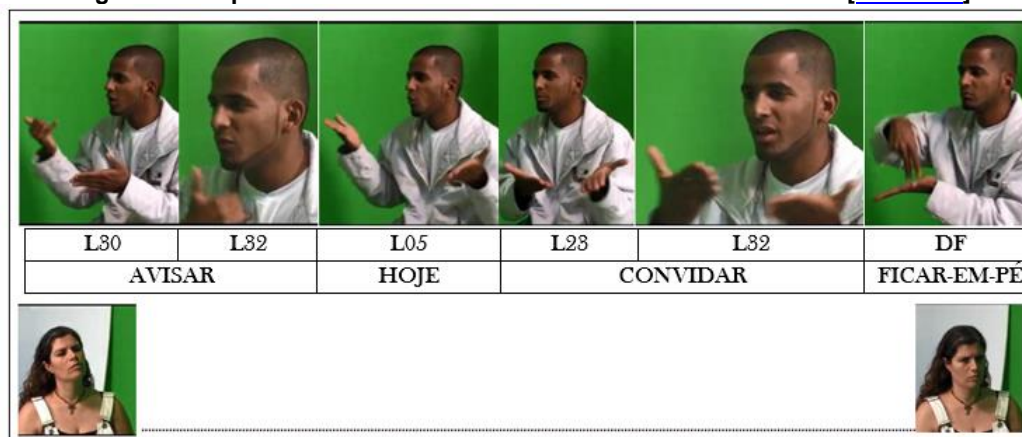
Figura 38 - Preparação de um dos interlocutores para o início da conversa [trecho 12]



Fonte: elaboração própria

Em seguida, com o contato visual entre eles estabelecido, W começa a dizer algo que não parece ser o início prototípico de uma conversa, mas a continuação de um relato que pode ser traduzido como “me disseram: hoje seremos convidados a ficar em pé...”. A figura a seguir, que é um recorte da primeira linha da **Figura 32**, ilustra a primeira unidade entoacional da conversa, que constitui um turno de fala iniciado por W.

Figura 39 – A primeira unidade entoacional na conversa em análise [trecho 13]



Fonte: elaboração própria

Como se pode observar, nesse trecho da conversa os três primeiros sinais manuais são usados com ações bucais, que discuto a seguir. Em termos de sua realização, as ações bucais que são produzidos em co-operação intracorporeada com os sinais manuais acima apresentados na figura têm as seguintes características:

Tabela 2 - Ações bucais empregadas no trecho em análise

Ação bucal	Descrição
DF	Configuração da parte inferior da face neutra
L30	Lábios pouco abertos e não arredondados, a mandíbula inferior se move para baixo
L32	Lábios fechados um pouco projetados para frente
L05	Lábios abertos e arredondados, a mandíbula inferior se move para baixo
L23	Lábios pressionados um contra o outro (levemente, sem inspiração anterior)

Fonte: elaboração própria

A fase expressiva do sinal AVISAR é realizada em ajuste motor e alinhamento temporal com as ações bucais L30 e L32. Essas ações bucais se alinham temporalmente com as suspensões dependentes do sinal manual apresentadas nos dois primeiros quadros da figura. Observe-se que, apesar de uma possível semelhança dessas ações bucais com articulações bucais do português (um possível ‘a’ inicial da palavra ‘avisar’ e uma possível

configuração de consoante labiodental ‘v’ em seguida), o estatuto dessas ações bucais enquanto possíveis visemas iniciais da palavra ‘avisar’ não é claro: enquanto a primeira ação bucal pode ser associada à articulação de -a-, a ação seguinte não pode ser entendida claramente como a articulação de uma consoante labiodental ‘v’, pois não é possível ver o dente superior sobre o lábio inferior. O que se observa é, antes, os lábios fechados um pouco projetados para frente. O sinal seguinte é glosado como HOJE e é usado com uma ação bucal em que os lábios estão um pouco abertos e arredondados, e a mandíbula inferior se move para baixo. Nesse caso, a associação entre essa ação bucal e a parte inicial da palavra ‘hoje’ é feita de forma mais clara. Diferentemente do sinal AVISAR, uma única ação bucal é empregada durante a realização do sinal manual, se estendendo ao longo de toda a sua realização.

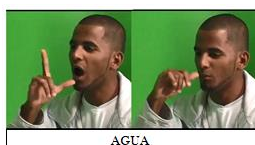
De modo semelhante ao que acontece no sinal AVISAR, a fase expressiva do sinal CONVIDAR é realizada em ajuste motor e alinhamento temporal com as ações bucais L23 e L32. A ação bucal L23 se ajusta e se alinha à primeira suspensão dependente do sinal manual, apresentada no quarto quadro da figura. Em seguida, quando as mãos realizam o golpe, a boca também realiza um golpe, que se caracteriza pelo movimento da mandíbula para baixo enquanto as mãos estão se movendo. Não é clara fazer qualquer associação entre essas ações bucais e alguma palavra em português. As ações da boca estariam tão-somente ‘espelhando’ ou ‘ecoando’ o movimento das mãos.⁸¹ A observação aqui é a de que

⁸¹ O último sinal realizado com ações bucais nessa unidade entoacional parece ser um representante mais prototípico daquilo que Sieratzki e Woll considerariam uma ocorrência de fonologia de eco (echo phonology). Para as autoras, “o termo ‘fonologia de eco’ é usado porque os componentes do movimento oral encontrados nesse grupo de sinais espelham ou ecoam os movimentos manuais. Por exemplo, em BSL, a separação abrupta das mãos é acompanhada pela sílaba oral [pa]. Devemos assumir para esses exemplos, na medida em que não são derivados da linguagem falada, que as mãos “conduzem” a boca, e não o contrário, como nos gestos que acompanham a fala. Esses elementos são obrigatórios nas formas de citação de certos sinais lexicais, e não são derivados de palavras faladas nem motivados visualmente. Todos os exemplos requerem a exalação ou inalação da respiração, geralmente com uma mudança na configuração da boca durante a articulação do sinal (ao invés de arranjos estáticos da boca, como ‘saliência da língua’”. (SIERATZKI; WOLL, 1998, p.531, tradução minha; no original: “The term echo phonology is used because the oral movement components found in this group of signs mirror or echo the manual movements. For example, in BSL, abrupt separating of the hands is accompanied by the oral syllable [pa]. We must assume for these examples, as they are not derived from spoken language, that the hands “drive” the mouth, and not the other way around, as in gestures accompanying speech. These elements are obligatory in citation forms of certain lexical signs, and are neither derived from spoken words nor visually motivated. All examples require the exhalation or inhalation of breath, usually with a change in mouth configuration during the articulation of the sign (rather than static mouth arrangements such as “tongue protrusion,””). A observação dos dados no corpus desta pesquisa sugere que tal ajuste motor acontece tanto com as ações bucais que se assemelham a palavras do português quanto com aquelas que não se assemelham, de modo que não estou assumindo aquilo que as autoras chamam de fonologia de eco como uma categoria especial de ações bucais, mas como uma prática corporeada fundamental para a unificação das ações da mão e da boca para criar unidades multidimensionais complexas. Para ilustrar, observe-se que, na articulação bucal que coparticipa da articulação de um sinal como ÁGUA é

AVISAR, HOJE e CONVIDAR apresentam o mesmo ‘espelhamento’, como resultante da sinergia das ações da mão e da boca que se co-constituem formando uma unidade de significação perceptual e semioticamente unificada.

A análise do primeiro enunciado da conversa mostra que as ações bucais e os sinais manuais que compõem o enunciado estão em co-operação intracorporeada se co-constituindo e constituindo processos semióticos multidimensionais com características icônicas e indexicais, sendo que algumas dessas ações são somente potencialmente simbólicas. A iconicidade a que me refiro aqui não diz respeito à relação entre signo e o objeto com o qual ele se co-constitui, mas a uma relação de semelhança entre as qualidades materiais (dos qualisignos) das ações manual e bucal. A sinergia promovida pelas mãos e pela boca se organiza em um padrão motor ajustado das ações das mãos e da boca, em um processo pelo qual essas ações se tornam assemelhadas em termos da realização de suas fases expressivas e temporalmente alinhadas em termos de sua produção. As configurações de boca semelhantes a certos elementos de uma possível palavra associada ao sinal manual parecem se ajustar temporalmente ao padrão motor das ações manuais, de modo que aquilo que uma parte da literatura reconhece como articulação temporalmente reduzida de palavras (*reduced mouthings*, ver BANK, 2014) podem ser mais bem entendidos, por uma perspectiva de habitação, como elementos heterocrônicos que conectam experiências em múltiplas escalas de tempo: ações bucais resgatadas de um histórico de interação são ajustadas dinamicamente na situação presente para fazer surgir unidades multidimensionais complexas, conferindo uma maior perceptualidade ao sinal manual, do que se ele fosse produzido apenas pela ação das mãos. Nesse sentido, embora essas ações possam se mostrar disponíveis para contribuir com a interpretação dos sinais manuais, não há evidência, neste momento da conversa, de que esses elementos, que o analista pode vir a

praticamente impossível determinar se se trata do segmento inicial da palavra -a- seguido de um arredondamento de lábios característicos de -u- ou simplesmente de um ajuste motor do dedo e da boca, que se fecham em sincronia. A análise é que essa diferenciação entre o que seria movimentos resultantes da sinergia entre ações de mão e da boca e ações que são parte de palavras não é relevante, visto que as ações bucais observadas nesses casos podem mudar de sinalizador para sinalizador, e no uso que um mesmo sinalizador faz em diferentes momentos. A figura a seguir ilustra as ações bucais no uso do sinal ÁGUA. [\[trecho 14\]](#)



relacionar a articulações do português, estejam contribuindo para a interpretação desses sinais.⁸²

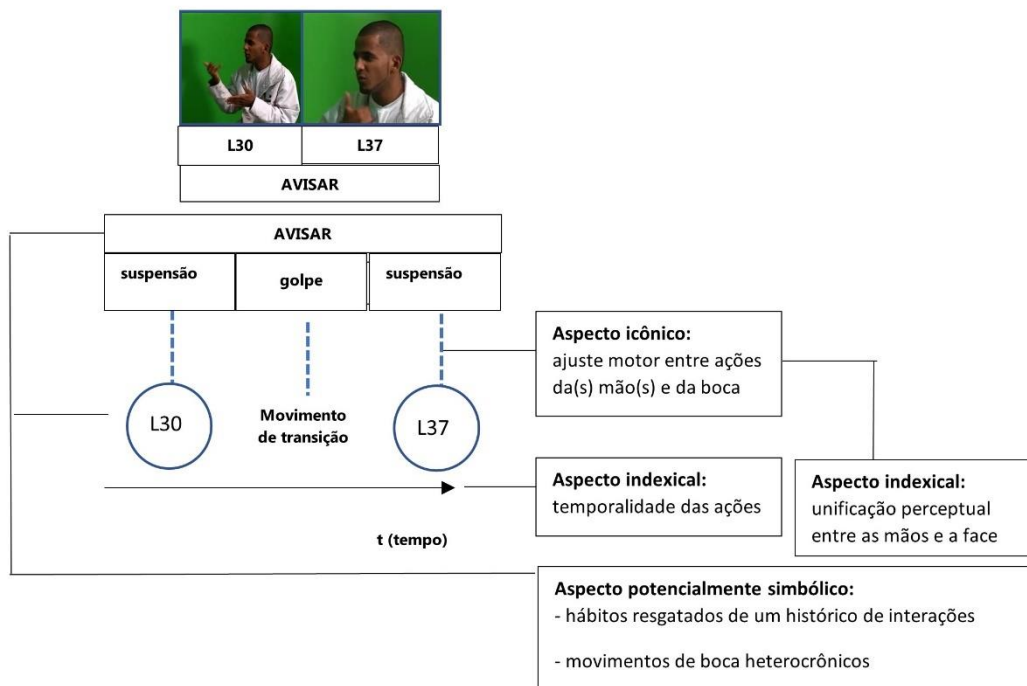
Essas ações bucais, nesse momento, não estão contribuindo com a delimitação de unidades entoacionais, mas operando, no interior delas, para dar maior perceptualidade ao enunciado elaborado por essas ações. Desse modo, as ações bucais atuam no interior da unidade entoacional constituindo internamente signos com características icônicas e indexicais que elaboram certos aspectos dessa prática corporeada: a iconicidade se manifesta no ajuste motor que as ações da boca realizam ao ser produzidas em sinergia com a ação da(s) mão(s), que torna ambas as ações assemelhadas no que diz respeito ao ajuste das ações da boca em relação à ação da mãos em diferentes aspectos da fase expressiva do sinal manual; a indexicalidade é observada no alinhamento temporal das ações da mão e da boca e no fato de que as mãos e a face se tornam um unidade perceptual e semioticamente unificada.⁸³ As ações bucais selecionadas podem constituir hábitos resgatados de um

⁸² Apesar de ser amplamente aceito na literatura que tais formas constituem articulações bucais de palavras da língua falada com a qual uma determinada língua de sinais convive, alguns autores têm questionado se essas articulações de possíveis partes de palavras deveriam ser consideradas de fato como tal. A questão em discussão é se essas ‘formas reduzidas’ seriam vistas por sinalizadores como itens lexicais de uma língua falada (Schermer, 2001, p. 271). Na discussão que levanta, Schermer cita o seguinte trecho de Schroeder (1985) sobre essa discussão: “Vemos, portanto, que a variável B (articulações que fazem parte da língua de sinais norueguesa) originalmente emprestou palavras da língua falada, que desde então foram remodeladas por causa da necessidade e das regras da língua de sinais. Não é uma pronúncia arrastada; é uma pronúncia especial com os lábios conectados com a parte manual do sinal. Os imigrantes surdos que vêm para a Noruega geralmente dominam os componentes manuais e não manuais da NSL em um curto período de tempo, a ponto de outros surdos sinalizadores típicos os descreverem como “falando norueguês fluentemente”. Embora eles dominem a NSL, eles não podem entender ou reconhecer o norueguês falado ou escrito. Esta é uma evidência adicional de que a variável B não é mais norueguesa, mas uma derivação desta, desenvolvida para ser uma parte necessária das estruturas do signo” (SCHROEDER 1985, p.199, citado por SCHERMER, 2001, p.271, tradução minha). No original: “We see therefore that variable B (mouthings that are part of Norwegian Sign language) originally borrowed words from the spoken language, which since have been remolded with the need and rules of the sign language. It is not slurring pronunciation; it is a special pronunciation with the lips connected with the manual part of the sign. Deaf immigrants who come to Norway often master both the manual and nonmanuals components of NSL in a short amount of time to the point where other typical deaf signers describe them as “speaking Norwegian fluently”. Although they master NSL, they cannot understand or recognize spoken or written Norwegian. This is additional evidence that variable B is no longer Norwegian but a derivation of these (sic) developed to be a necessary part of the structures of the sign”.

⁸³ A iconicidade a que me refiro aqui não é aquela que se manifesta na relação entre o representamen e o objeto a que ele se refere, mas aquela manifesta na formação de um representamen constituído, por ações de diferentes partes do corpo. Trata-se, então, de semelhança perceptual entre as ações que compõem o representamen e não entre representamen e objeto (como aquela que se manifesta na pegada de um animal na areia, que remete, por semelhança, ao formato da pata do animal que pisou ali). Esse segundo tipo de iconicidade pode, contudo, se valer do primeiro. No exemplo apresentado na Figura 36, o sinal BOMBA é acompanhado de uma ação bucal que pode remeter iconicamente tanto à explosão de uma bomba, quanto à primeira sílaba da palavra *bomba* em português. Uma distinção categórica entre a natureza semiótica dessa ação bucal seria infrutífera, pois o interpretante gerado a partir dessa ação poderá ser interpretado de diferentes maneiras, a depender do que estiver em jogo no curso da interação.

histórico de interações, razão pela qual elas podem ser vistas como potencialmente simbólicas. O esquema a seguir apresenta visualmente os aspectos discutidos.

Figura 40 - Relações semióticas envolvidas em um signo [trecho 15]



Fonte: elaboração própria

Uma análise geral das unidades entoacionais que constituem os turnos de fala de cada um dos sinalizadores revelou o mesmo padrão nessa conversa: nos momentos em que o que está em jogo é a interação corrente entre os sinalizadores (explicitado pelo contato visual que eles mantêm entre si) ou a elaboração de uma interação imaginária na forma de diálogo construído (em que, como discutido, o sinalizador, desviando o olhar do interlocutor, age como se estivesse em um diálogo corrente), os sinalizadores fazem corresponder uma ou mais ações bucais às fases expressivas da ação manual, tal como acontece no esquema que especifica os aspectos semióticos envolvidos no uso do sinal AVISAR acima. O comportamento da boca nessas situações contrasta com aquele assumido por ela em momentos em que outras ações não manuais participam de práticas como as ações construídas que não constroem um diálogo e em práticas em que os sinais manuais exploram o espaço de modo significativo na elaboração de cenários de dimensão reduzida em frente ao corpo, apresentado mais adiante.

Embora esse padrão de ajuste motor e de alinhamento seja consistente, a ação usada para criá-lo, pelo observado até o momento, varia quase que livremente, como parte do processo de reuso com transformações dos materiais de que os sinalizadores se valem para produzir essas ações. Assim, a análise dessas unidades sugere, tal como acontece com o sinal AVISAR acima, que o que essas ações de boca fazem é se constituir como ações cooperativas intracorporeadas com as ações das mãos, em uma prática que faz com que as ações das mãos e da boca e da face sejam unificadas, dando maior perceptualidade ao processo semiótico multidimensional em curso e se constituindo como uma prática de habitação de ações em um ambiente sociocultural diversificado.⁸⁴ Além disso, a análise do trecho na seção a seguir sugere que, como a atividade da boca mantém diferentes formas de alinhamento temporal e ajuste motor com outras ações, as ações da boca podem servir para guiar a percepção para diferentes práticas, conduzindo o olhar para diferentes partes do corpo em cada uma delas. É o que observaremos na análise do trecho a seguir, distinguindo a unificação da boca com ações manuais, em um caso, e não manuais, em outro.

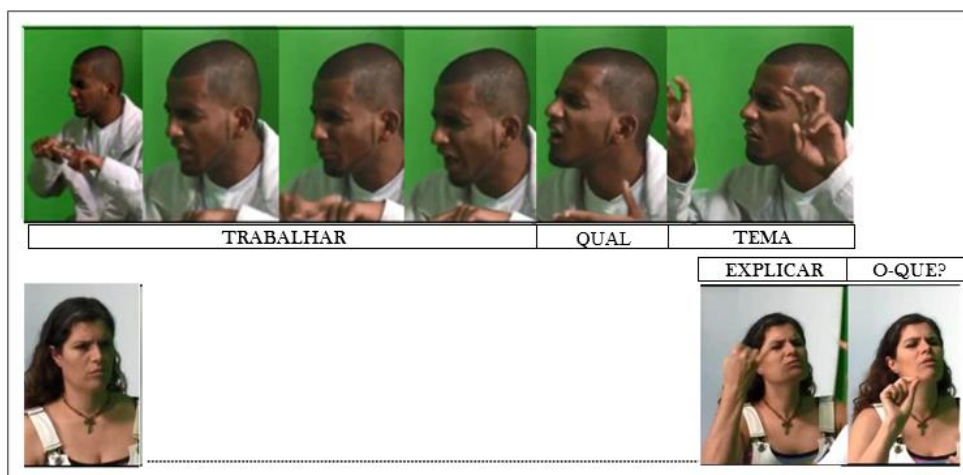
4.3.2. Análise 2 - A unificação entre a) as ações das mãos e da boca e b) ações da boca e de outras ações não manuais durante um diálogo construído

Nos diálogos construídos, como discutido anteriormente, os sinalizadores agem como se estivessem em um diálogo real, reportando o que foi dito em discurso direto, como se o diálogo estivesse acontecendo naquele momento. O excerto apresentado na linha 2 do trecho inicial da conversa (ver **Figura 32** apresentada anteriormente) é ilustrativa dessa prática.

⁸⁴ Apesar desse ajuste motor e temporal se mostrar como uma tendência na conversa, há momentos em que certas ações bucais podem escapar aos limites temporais de uma determinada ação manual, como parece ser o caso na realização do sinal FEIJÃO por R, em um momento em que, depois de usar o sinal manual acompanhado da ação L32, que se assemelha à consoante labiodental inicial enquanto o sinal manual é realizado, a atividade bucal continua em um arredondamento de lábios com movimento da mandíbula para baixo na continuação do sinal, quando R fazia um apontamento para o dedo médio da mão esquerda, como em uma prática de listagem, como ilustram as figuras a seguir [[Trecho 15a](#)]



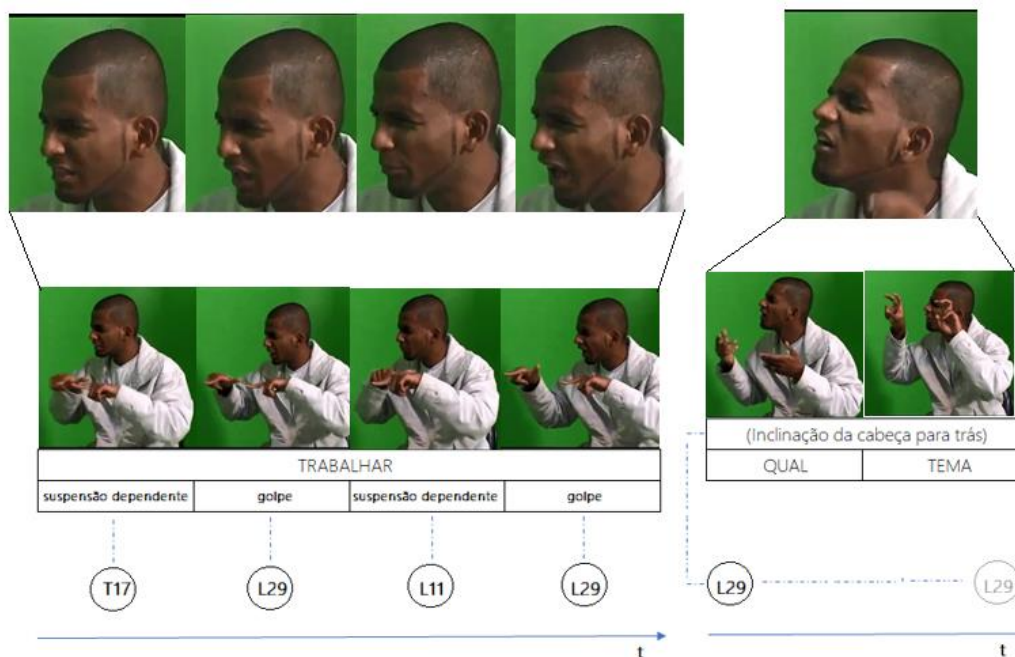
Figura 41 - As unidades entoacionais na conversa em análise [trecho 16]



Fonte: elaboração própria

W, ao desviar o olhar do contato visual com R, elabora uma prática de diálogo construído, demonstrando como ele respondeu ao comunicado dos colegas de que eles teriam que apresentar um seminário. Direcionando o olhar um pouco para direita e para baixo, W age como se ele estivesse na sala de aula com os seus colegas (que lhe disseram anteriormente que eles teriam que apresentar um seminário), e pergunta a eles qual é o tema do trabalho que eles precisariam apresentar. Como parte de diferentes práticas de reuso, as ações bucais apresentam diferentes formas de alinhamento com as ações das mãos: na realização do sinal TRABALHAR (ver figura abaixo), W realiza quatro ações bucais diferentes. Diferentemente da ação bucal que vem em seguida, essas quatro ações bucais mantêm alinhamento temporal com o sinal TRABALHAR. Durante a realização de QUAL TEMA, uma única ação bucal se mantém ao longo dos dois sinais. Nesse caso, essa ação bucal mantém alinhamento temporal não com os sinais manuais, mas com outro aspecto da ação construída, que é a inclinação da cabeça para trás, indicando que se trata de uma pergunta. Há, então, no trecho apresentado, dois padrões de associação da boca distintos: um em que essas ações se associam aos movimentos das mãos e outro em que se associam a outros aspectos da ação construída, como ilustra o esquema a seguir.

Figura 42 - Diferentes padrões de alinhamento temporal das ações bucais em relação a outras ações



Fonte: elaboração própria

Na realização do sinal TRABALHAR cada uma das quatro ações bucais se alinha temporalmente a uma fase de realização expressiva do sinal manual: T17 e L11 às suspensões dependentes e L29 a golpes. No caso da ação bucal realizada enquanto se realizam os sinais manuais QUAL TEMA, há um alinhamento temporal não com os sinais manuais, mas com um outro aspecto da ação construída, isto é, a inclinação da cabeça para trás expressando que se trata de uma pergunta. Note-se que a ação L29 constitui a sequência final do sinal TRABALHAR. Essa mesma ação bucal se mantém sincronizada com o movimento da cabeça para trás, simultânea ao sinal manual QUAL e se mantém inalterada na realização do sinal TEMA, enquanto a cabeça está inclinada para trás. Há então, uma sequência de quatro ações bucais durante o sinal TRABALHAR e um espriamento de uma mesma ação bucal ao longo de QUAL TEMA, que coincide com a inclinação da cabeça para trás. Essa diferença me leva a considerar que há, assim, dois padrões de alinhamento de ações distintos, que resultam na elaboração de diferentes unidades multidimensionais: uma que unifica as ações da boca à ação manual que realiza o sinal TRABALHAR e outra que unifica as ações da boca ao movimento da cabeça para trás. Note-se que tanto a ocorrência do sinal TRABALHAR quanto a da pergunta QUAL TEMA são partes de uma ação construída, mas as ações bucais acabam por guiar a percepção para diferentes aspectos da ação em cada um deles pelo padrão de alinhamento que apresentam. Essa diferença

constitui duas formas distintas pelas quais as ações bucais participam de modo intracorporeado com outras ações do corpo na constituição de unidades multidimensionais complexas na interação.

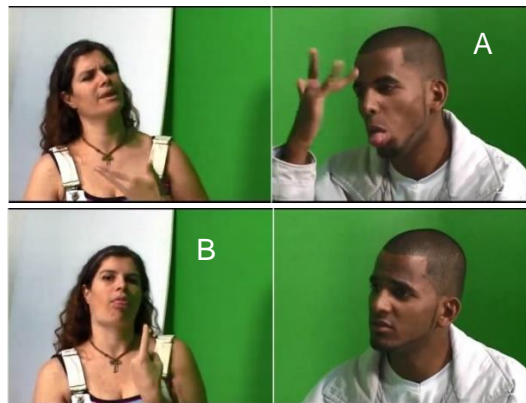
4.3.3. Análise 3 – Co-constituição potencialmente simbólica da ação das mãos e da boca: a língua estendida para fora

Além das articulações bucais de possíveis palavras do português co-ocorrentes (ou não) com digitalizações manuais de palavras ou com sinais manuais,⁸⁵ que, se fizerem parte dos hábitos de interação de um surdo, podem vir a ser interpretadas como predominantemente simbólicas, algumas ações bucais sem qualquer relação com o português podem eventualmente ser interpretadas dessa maneira. Trata-se de ações que, tendo alguma motivação icônica, podem não ser entendidas de modo muito evidente em sua iconicidade, sendo mais bem entendidas como símbolos do que como ícones usados recorrente e consistentemente em associação com certas ações manuais. O exemplo mais recorrente no corpus é a ação de estender a língua para fora para significar consistentemente “aquilo que é avaliado pelo enunciador como sendo desprovido de valoração positiva, prestígio, qualidades desejáveis”. Essa ação bucal é usada em diferentes momentos da conversa para, em co-operação com a ação manual, criar esse tipo de avaliação do enunciador em relação a o que é dito manualmente.⁸⁶ Para ilustrar com dois exemplos retirados do corpus, no primeiro quadro da figura abaixo, W diz que o seu colega afirmava que não sabia fazer a atividade escolar, avaliando essa atitude como algo negativo (ao que R reage respondendo “ele é seu amigo!”); no segundo quadro, R faz uma paráfrase do discurso anterior de W, avaliando o fato de ficar sozinho em casa como algo negativo. Outros usos da ação bucal pelos dois sinalizadores estão aptos a constituir objetos semelhantes a esses.

⁸⁵ Há no corpus uma ocorrência de uma articulação de uma possível palavra do português que é realizada só com ações bucais, sem qualquer ação manual. Trata-se do emprego de ações que se assemelham à articulação da palavra ‘sabe’ em português, ilustrado na última linha da **Figura 37**, feita por W.

⁸⁶ Diferente do que é feito por uma parte da literatura que descreve as ações bucais em línguas sinalizadas, não estou atribuindo a essa ação o estatuto gramatical de adjetivo ou advérbio. A sugestão é a de que, na análise que proponho nesta tese, esse tipo de categorização não só não é pertinente como pode enviesar o olhar sobre os dados, impedindo que eles permitam ao analista perceber como essas unidades são interpretadas pelos participantes surdos.

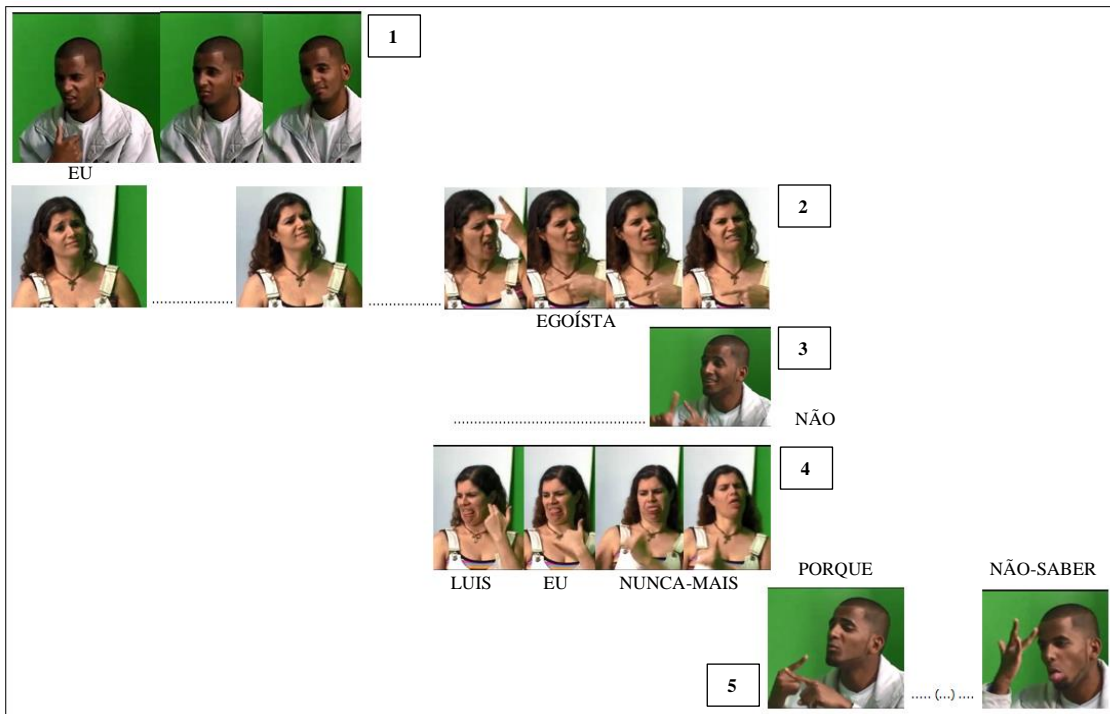
Figura 43 - Ação bucal de estender a língua para fora na co-constituição de objetos envolvendo uma avaliação depreciativa [trecho 17]



Fonte: elaboração própria

A primeira ocorrência, feita por W no quadro A, foi retirada de um trecho da conversa em que R faz uma avaliação negativa da atitude de W de afirmar que não gostaria de realizar a atividade com um dos seus colegas de sala, em um momento em que W está contando a R que o professor lhe disse que ele deveria fazer a atividade em dupla com um determinado colega. A figura a seguir ilustra esse trecho da conversa.

Figura 44 - Ação de estender a língua para fora em avaliação negativa feita por um enunciador em reuso no trecho da conversa [trecho 18]



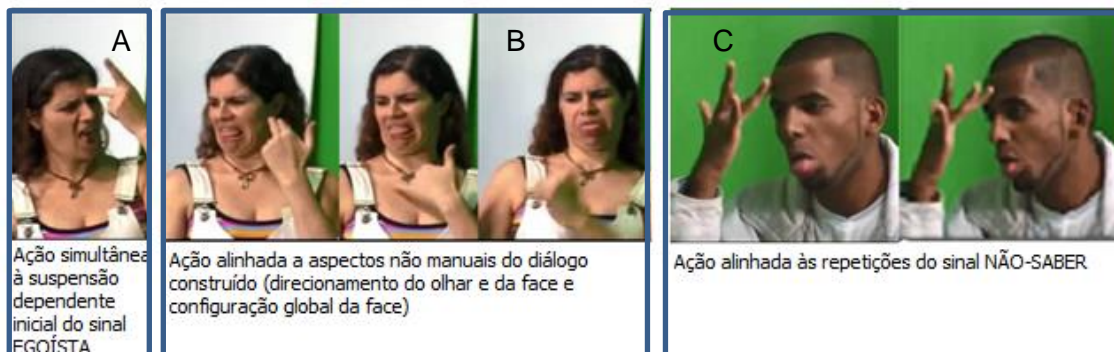
Fonte: elaboração própria

No trecho ilustrado pela figura acima, W relata a sua reação no episódio, apontando com o dedo indicador com o peito, ao mesmo tempo em que revira os olhos, com uma ação facial que sugere que ele estava contrariado, e acena com a cabeça negativamente (linha 1). No mesmo instante, a ação facial de R se modifica e ela, realizando o sinal EGOÍSTA, faz corresponder à suspensão dependente inicial do sinal manual uma leve protrusão da língua, articula um certo arredondamento de lábios (que sugere que ela pode estar reusando certos aspectos da articulação da palavra ‘egoísta’ em português) e termina esse conjunto de ações bucais com os cantos da boca esticados, com dentes à mostra (linha 2). Essa ação bucal final compõe com outras ações faciais, como a sobrancelha franzida, uma unidade que sugere reprovação da atitude de W. W sorri no momento em que R faz esse comentário e tenta se justificar, realizando a ação manual significando NÃO (linha 3) enquanto R, desviando o olhar do contato visual com ele, elabora um diálogo construído em que ela age como se fosse W dizendo que não queria fazer mais a atividade com o colega, em um enunciado que poderia ser traduzido como “Com o Luís, eu (não faço trabalho) nunca mais!” (linha 4). Durante toda a realização do diálogo construído, ela estende a língua para fora, desfazendo essa ação em seguida, para comentar aquilo que W teria dito no diálogo construído: “Não! (Você precisa fazer) junto com seu amigo!”. Nesse momento em que R retorna o olhar para W, ele começa a sua justificativa, dizendo algo que poderia ser traduzido como “Não! É por que o Luís (alega que) nunca sabe fazer a atividade” (linha 5).

Nesse trecho, observa-se que a ação apresentada acima de estender a língua para fora é usada três vezes. A primeira vez é durante a suspensão dependente do sinal EGOÍSTA. Ao avaliar negativamente a atitude de W de manifestar desinteresse por fazer a atividade com o colega, R faz uma abertura inicial de boca que projeta a língua para fora. Em co-operação com outras ações faciais e com o sinal manual, essa ação de boca se torna apta para ser interpretada como uma ação potencialmente simbólica de avaliar negativamente a atitude de W, de modo semelhante aos exemplos apresentados anteriormente. Na sequência, R se vira e começa a elaborar um diálogo construído em que ela reporta o que ela está entendendo que W estaria dizendo com a sua fala (i.e. nunca mais quero fazer a atividade com esse colega), ao mesmo tempo em que estende a língua para fora durante todo o trecho. Ao estender a língua para fora, R pode estar atribuindo à fala de

W um caráter que ela considera negativo em relação ao colega.⁸⁷ W tenta se justificar dizendo que o colega sempre alega que não sabe fazer a atividade. A língua estendida para fora na repetição do sinal NÃO-SABER sugere que W avalia negativamente essa atitude do colega. A figura a seguir apresenta as três ocorrências e os alinhamentos que elas realizam com as ações manuais (quadros A e C) e com ações não manuais (quadro B).

Figura 45 - Ação bucal de estender a língua para fora na avaliação negativa feita por um enunciador: diferentes alinhamentos com outras ações



Fonte: elaboração própria

É relevante observar que, apesar essa ação bucal estar sendo descrita como sendo potencialmente simbólica não significa que ela seja uma unidade específica da língua de sinais. Ela é, antes, parte do habitar um mundo sociocultural em que a língua para fora está associada a alguma coisa que não nos agrada. Embora a motivação nesses casos não seja diretamente evidente, a protrusão da língua para jogar para fora alguma coisa desagradável é própria de habitar um mundo em que essa ação – motivada possivelmente pelo comportamento dos bebês humanos ao estender a língua para fora para expulsar da boca algum alimento cujo sabor não lhes agrada (DARWIN, 2009, p.223) – já é praticamente um emblema de desgosto, desprezo, nojo ou ainda raiva.

4.3.4. Análise 4 - Co-constituição potencialmente simbólica da ação das mãos e da boca: outros casos envolvendo iconicidade e/ou indexicalidade

⁸⁷ Embora essa ação possa envolver certa ambiguidade, no sentido de não ser claro se é R que avalia negativamente tudo aquilo que seria dito por W nessa situação ou se R atribui a W essa avaliação negativa em relação à atitude do colega, como essa ação é parte de um diálogo construído em que as ações de R são entendidas como sendo atribuídas a W, provavelmente a segunda interpretação seja a que o interlocutor venha a fazer dessa ação.

A observação geral de ações bucais nessa conversa revelou que não é frequente no corpus a ocorrência de uma mesma ação bucal associada a um mesmo sinal com objetos recorrentemente consistentes. Mas, algumas ocorrências existem. Em algumas, as ações bucais podem ser mais icônicas, e não simplesmente simbólicas, como é o caso do sinal DESENVOLVER, associado, em vários momentos da conversa (mas não exclusivamente) a um assopro que remete iconicamente à noção de um processo contínuo (tal como é contínua a ação de assoprar) ou a um inflar das bochechas, sem que um assopro fosse feito (quadro C da figura abaixo).⁸⁸ Outros sinais que descrevem um processo contínuo em curso também foram usados ao mesmo tempo em que um assopro estava sendo realizado, como nas ocorrências dos sinais CRESCER (quadro A da figura abaixo) ou AUMENTAR (quadro B da figura abaixo).

Figura 46 - Ação de assoprar na expressão da noção de processo contínuo em curso [trecho 22, trecho 23 e trecho 24]



Fonte: elaboração própria

Outras ações bucais potencialmente simbólicas com forte associação icônica também são empregadas. Alguns dos usos do sinal INOCENTE-2 são feitos com as bochechas sugadas, expressando metaforicamente, pela ausência de ar no interior da boca,

⁸⁸ Em alguns momentos, o sinal DESENVOLVER (que teve várias ocorrências no corpus) era acompanhado de outras ações bucais, como uma ação construída que sugeria como o referente se percebia durante o desenvolvimento (com a sugestão de uma autopercepção de surpresa) [trecho 19, trecho 20]



ou ações bucais que se assemelham à articulação de 'vai' em português, em um exemplo em que a ação bucal parece ser usada para, em co-operação com uma palavra do português, expressar a ideia de tempo futuro [trecho 21].



ideia de falta de conhecimento (quadros A e B da figura abaixo).^{89,90,91} De modo semelhante, R suga as bochechas no momento em que usa ações manuais para expressar a ideia de ‘nenhum’ (quadro C da figura abaixo), em um momento em que dizia que fazer dois exercícios é melhor do que não fazer nenhum (a mão realizando o sinal ZERO é colocado sobre a mão esquerda aberta com a palma para cima, que expressa a noção de uma folha de papel na qual estariam grafados os exercícios).

Figura 47 - Ação de sugar as bochechas na expressão de 'falta' [trecho 25, trecho 26 e trecho 27]



Fonte: elaboração própria

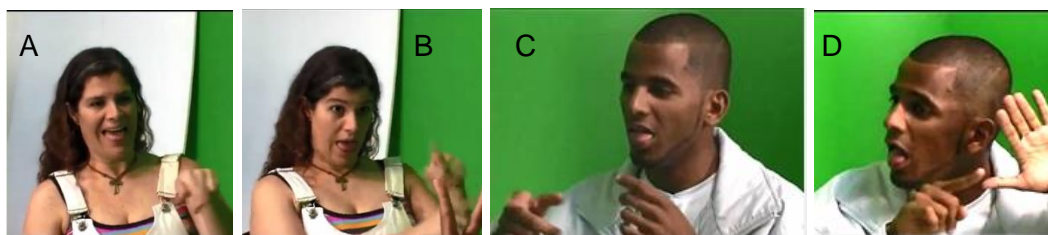
Além desses casos que apresentam certa motivação icônica, observei no corpus também a ocorrência de língua estendida para fora consistentemente nas ocorrências do sinal glosado aqui como É (mão horizontal virada para baixo, com dedo indicador estendido com os demais dedos fechados, realiza um movimento com o pulso movendo a mão para baixo) por ambos os sinalizadores. Apesar de não poder determinar se há uma possível motivação icônica ou indexical no uso desse sinal, chamou a minha atenção o fato de que, quando esse sinal era precedido de um apontamento manual (como no quadro C da figura abaixo), a língua se estende para fora já na realização do apontamento manual, o que pode sugerir uma possível motivação indexical associada a essa ação (como será apresentado mais adiante, algumas instâncias de apontamento manual podem ser elaboradas com co-operação intracorporeada de ações da mão e da língua estendida para fora). As figuras a seguir ilustra algumas dessas ocorrências.

⁸⁹ Esse sinal glosado como INOCENTE no dicionário de Capovilla e Raphael (2001) é usado na conversa para expressar falta de conhecimento ou experiência com um dado assunto.

⁹⁰ A ocorrência de INOCENTE-1 é registrada com as bochechas sugadas no dicionário de libras de Capovilla, Raphael e Maurício (2009), mas não a ocorrência de INOCENTE-2. As glosas apresentadas neste trabalho são provenientes de Capovilla e Raphael (2001), mas busquei a glosa para o sinal INOCENTE-2 na edição de 2009.

⁹¹ Uma das ocorrências de INOCENTE-2 não é feita com as bochechas sugadas. W estava se queixando de que não aprendia o conteúdo na escola onde estudava e que, em vez de avançar, estava regredindo. O sinal INOCENTE-2 é usado sem ação bucal e o sinal usado para significar ‘regredir’ (uma ação manual que se assemelha ao sinal DESENVOLVER com o movimento das mãos sendo realizado para trás, em vez de para frente) é acompanhado, na sequência, da língua estendida para fora.

Figura 48 - Língua estendida para fora durante a realização do sinal É e no apontamento precedente a esse sinal [trecho 28, trecho 29, trecho 30 e trecho 31]

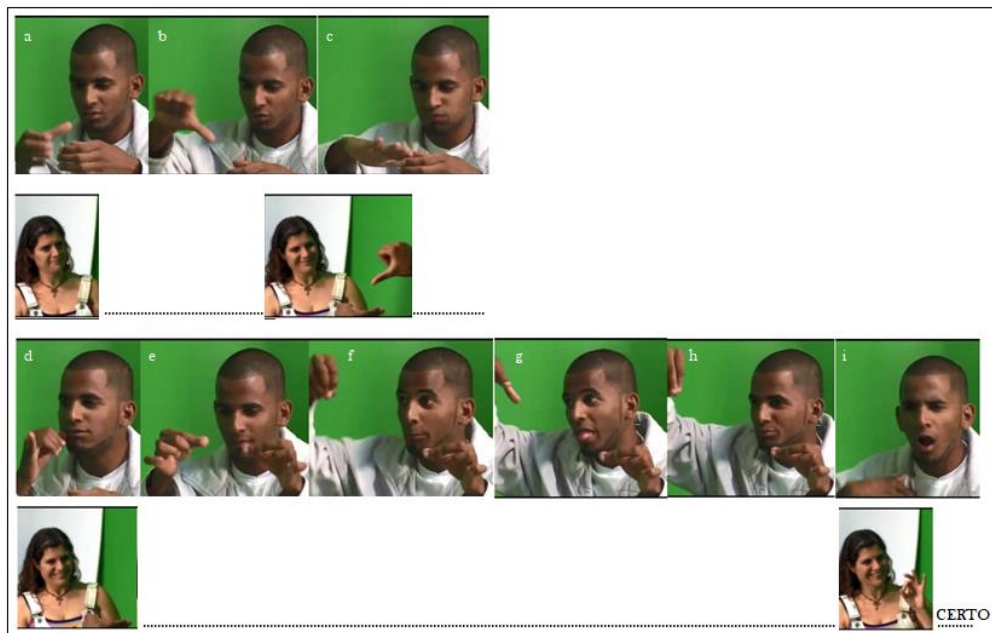


Fonte: elaboração própria

4.3.5. Análise 5 – Co-constituição icônica das ações das mãos e da boca no relato de eventos em uma aula no laboratório

O trecho a seguir, que ilustra o momento da conversa em que W narra o momento em que um experimento foi realizado pelo professor em uma das aulas, é ilustrativo de co-constituições icônicas entre, de um lado, de ações das mãos e da boca e, de outro, certos objetos.

Figura 49 - Ações bucais na constituição perceptual de estados de coisas (recipiente cheio) e de processos (fluidos, com vibração, com expansão a partir de um centro) [trecho 32]



Fonte: elaboração própria

Como se pode observar na figura, ao longo dessa sequência de ações, W realiza nove ações bucais diferentes. Essas ações estão em co-operação com as ações das mãos,

contribuindo com a iconicidade de modo a formar com elas um todo multidimensional interpretado como uma unidade. Nesse processo, as ações de W fazem emergir a concepção de um ambiente em que há objetos com certos formatos e posições no espaço (um recipiente de formato arredondado, alguma coisa que se possa segurar com os dedos em pinça e um objeto para o qual se pode olhar à altura dos olhos) que vão se co-constituindo juntamente com as ações feitas por W, como se ele estivesse interagindo com objetos físicos autênticos, manipulando-os durante o seu uso. A partir do conhecimento acumulado no manuseio de objetos físicos, W promove um reuso desse conhecimento com função semiótica (ver MCCLEARY; VIOTTI, 2017; VIOTTI, 2021). As ações que têm a função de agir no mundo organizando-o, controlando-o, denominadas *ergóticas*, como na ação de manusear os objetos, como a ação de segurar um recipiente nas mãos, são reusadas nessa situação com função semiótica, isto é, aquela em que uma ação é feita para ser interpretada por alguém (CADOZ, 1994; apresentado por MCCLEARY; VIOTTI, 2017, p.174). Uma vez que ação e percepção são intimamente interrelacionadas nas nossas experiências, a emergência da significação de um cenário em que os objetos manuseados existem acontece à medida que as ações vão sendo realizadas.

Na prática apresentada na figura acima, constituída a partir da sincronização de ações das mãos e da boca, a iconicidade elaborada por umas e por outra se manifesta de maneiras diferentes e complementares no processo semiótico. Enquanto as mãos, com a sua maleabilidade para se configurar de diferentes maneiras, expressam bem o formato de objetos que estão sendo manuseados (tal como eles são manuseados em nossas ações ergóticas), a iconicidade elaborada pelas ações da boca, flexível o bastante para elaborar diferentes ações bem conhecidas pelo corpo – como assoprar (quadro b), encher as bochechas de ar (quadro c), vibrar e apertar os lábios (quadros e, f) e colocar a língua para fora (quadro g) – contribui com essa prática fazendo emergir a noção de *processos*: a ação de assoprar, realizada no quadro b, em co-operação intracorporeada com a ação de virar o punho tendo o dedo polegar distendido, traz à tona experiências em que cotidianamente, manuseando recipientes cheios de algum líquido e virando o recipiente do modo que W vira a mão, fazem despejar o seu conteúdo para fora. O assopro, enquanto uma ação contínua e fluída, faz emergir a noção de ‘líquido sendo despejado’ à medida que somos capazes de, integrando as diferentes ações que são realizadas ao mesmo tempo, recuperar, a partir da fluidez característica de um assopro contínuo, a nossa própria experiência

corporeada do evento de despejar líquidos em recipientes como algo fluido e contínuo, de um modo semelhante ao das ações que W está reusando no seu relato.

Uma vez que a concepção de objetos sendo manuseados emerge dessa ação inicial, outras ações realizadas posteriormente vão se agregando à ideia iniciada para elaborar uma noção mais e mais elaborada desse cenário emergente das ações: as bochechas cheias de ar, realizadas com a mão espalmada sobre a borda da mão que remetem a um recipiente, fazem emergir a significação de um recipiente cheio (quadro c); a vibração dos lábios enquanto W usa o sinal ELETRICIDADE remete à percepção da eletricidade como um fenômeno menos fluído, que acontece por ondulações como aquelas geradas por uma vibração; a localização do sinal convencional icônico ACENDER-A-LUZ, à altura dos olhos, com ações bucais de apertar os lábios, para abri-los em seguida com a língua esticada para fora, traz à baila hábitos corporeadamente conhecidos de mudança de estados, que, nesse caso, têm a ver com o momento em que os fios foram inseridos no recipiente (quadro letra e) a lâmpada, que estava em um estado *apagado* (um ícone elaborado a partir de dedos e lábios cerrados), muda para estado *aceso* (um ícone elaborado por dedos e lábios abertos, com a língua estendida para fora). Finalmente, o último quadro da figura, elabora a prática descrita anteriormente como ação construída, por meio da qual W demonstra a sua reação ao observar aquela experiência sendo realizada no laboratório.⁹²

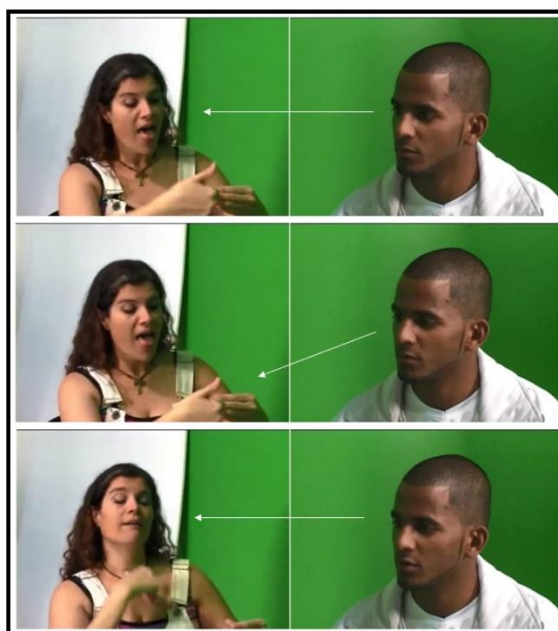
4.3.6. Análise 6 – Co-constituição indexical das ações da mão, da boca e dos olhos: apontamento feito com a língua

Em relação a práticas em que as ações das mãos, da boca e de outras partes do corpo se co-constituem para elaborar unidades predominantemente indexicais, podemos mencionar aqueles casos em que a língua é colocada para fora como uma forma de criar um apontamento para algum elemento que esteja sendo constituído no espaço da interação. No trecho a seguir, em que R conta a W que aconselhou o seu filho a tomar cuidado com a faca quando ele estava cortando o pão, há um exemplo ilustrativo de uma ação bucal, que,

⁹² Da perspectiva de abordagens de inspiração enatista, o que as narrativas fazem – em qualquer língua em que elas estão sendo contadas – é possibilitar que as pessoas operem com objetos materiais e semióticos (i.e., os recursos que elas têm à sua disposição) para criar uma coordenação na qual possa emergir a significação de referentes que vão sendo entendidos como originalmente experienciados em outros tempos e/ou espaços. A observação do relato acima revela uma maneira habilidosa de operar em interação sinalizada com práticas mundanas bem conhecidas, fazendo emergir um cenário e alguns eventos constituídos pelas ações do corpo do sinalizador. Não passa despercebido o fato de R manter um sorriso bem expressivo do começo ao fim do relato, que parece revelar certo entusiasmo pela percepção da emergência desse cenário minuciosamente detalhado pelo reuso com transformações de ações que lhe são bem conhecidas.

em co-operação intracorporeada com outras ações do corpo, pode ser interpretada como predominantemente indexical. Trata-se da ação de esticar a língua para fora enquanto realiza um apontamento com o dedo indicador, com o olhar e a face direcionados para a mesma região. A figura a seguir ilustra esse momento específico do apontamento, com as mudanças no direcionamento do olhar de W da face de R para as mãos e novamente para a face ao final do apontamento.

Figura 50 - Co-operação intracorporeada na organização de um apontamento para as mãos envolvendo o uso da língua [trecho 33]



Fonte: elaboração própria

O olhar por si só, acompanhado de um apontamento manual, poderia ser suficiente se o apontamento estivesse sendo feito para as mãos. Como o apontamento feito pelo dedo indicador é muito específico (a saber, ele aponta para a ponta dos dedos que seguram um pão em uma ação construída, em que R age como se estivesse segurando um pedaço de pão nas mãos), o olhar direcionado para as mãos e o apontamento pontual dos dedos podem não ser suficientes: R estende a língua para fora para direcionar o olhar de W para as mãos, para fazê-lo ver a localização específica especificada pelo apontamento do dedo indicador.

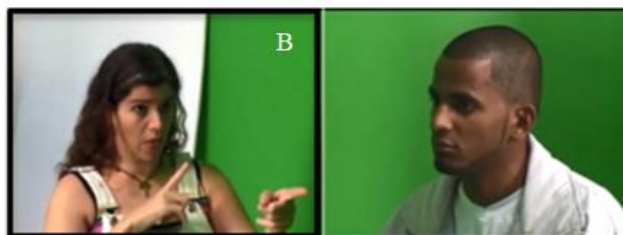
Enfield (2001), em um estudo sobre o uso de apontamentos feitos com a participação dos lábios nos dados de lao (língua oral falada em Laos, no sudeste asiático), sugere que o que os lábios – assim como outros apontamentos feitos a partir da região da cabeça – fazem ao apontar não é servir de vetor para um apontamento, mas o de ativar o olhar como vetor naquele momento, levando o interlocutor a seguir o direcionamento do

olhar para encontrar o objeto para o qual se aponta.⁹³ A análise que apresento aqui segue na mesma direção daquela apresentada por Enfield a respeito dos apontamentos de lábios: como o olhar não é usado sempre com a função de apontar para algo, ao estender a língua para fora em co-operação intracorporeada com um apontamento manual e com a inclinação do corpo para a frente, a ação bucal co-opera com as outras ações, direcionando o olhar de W para esse ponto específico das mãos, para elaborar o entendimento de que a ponta do dedo era a região a ser atingida pela faca.

Outras ocorrências em que a língua é projetada para fora da boca na realização de apontamentos manuais feitos por ambos os interlocutores foram observadas ao longo da conversa. Algumas delas parecem divergir da apresentada acima, no sentido de que o que se busca não é direcionar o olhar para um referente em uma região específica no espaço de sinalização. Uma das ocorrências observadas é aquela em que, depois de W contar a R sobre as dificuldades de um colega surdo de entender o conteúdo escolar, R lhe pergunta se esse colega tem intérprete de libras na sala de aula. W responde que os colegas de sala sabem um pouco de libras, o que possibilita a comunicação entre eles. R reage com um enunciado que poderia ser traduzido como: “Um aluno não! (Um intérprete) sentado na frente dele. Você tem intérprete?”. W responde que não. A figura a seguir (quadro B) mostra o momento final da pergunta em que R, realizando o sinal TER com a mão direita, aponta para W com a mão esquerda e, simultaneamente, faz uma protrusão da língua para fora. Essa ação da língua configura-se como uma protrusão, em contraste com a ocorrência apresentada no trecho anterior em que a língua estava estendida para fora. Nesse caso, o entendimento é o de que essa protrusão de língua entra em co-operação com o apontamento manual, conferindo a ele maior perceptualidade do que se tivesse sido feito somente com a ação manual.

⁹³ É interessante observar essa ocorrência de apontamento com a língua estendida para fora da boca porque, até onde eu tenha notícia, não há qualquer referência na literatura das línguas orais ou sinalizadas a apontamentos como esse. Apesar de Enfield (2001), entre outros autores, mencionar os apontamentos de lábios, não encontrei nenhuma referência na literatura a apontamentos feitos com a língua.

Figura 51 - Protrusão de língua em co-operação com apontamento manual [trecho 34]

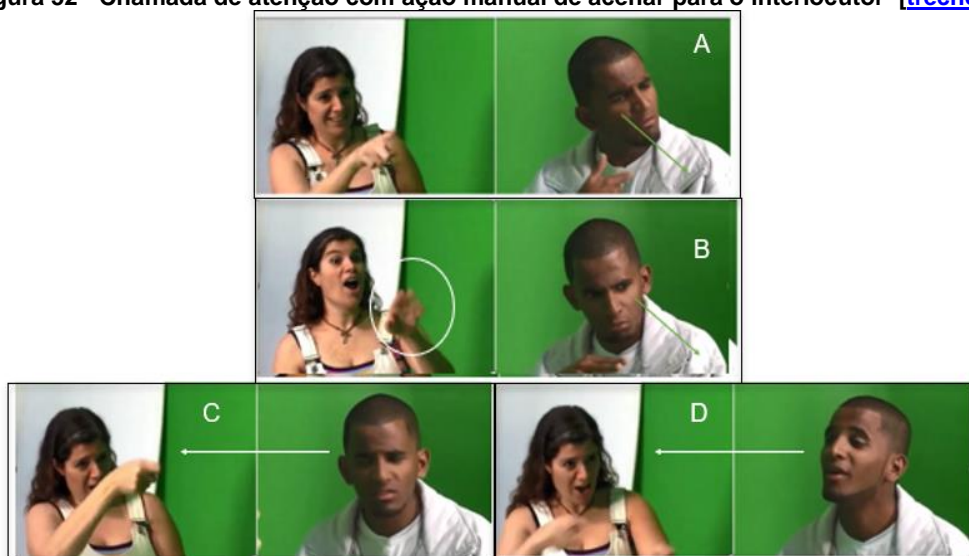


Fonte: elaboração própria

4.4. Ações bucais como estratégias para a chamada de atenção e possíveis indicações de movimento para tomada e manutenção do turno

Antes de apresentar o uso *de uma ação bucal* como uma possível estratégia de chamada de atenção para tomada de turno, observemos um momento em que R *usa a mão* para chamar a atenção de W para o que ela quer dizer, como mostra a figura a seguir. Nessa figura, coloquei as imagens lado a lado, para capturar o direcionamento do olhar de R e W um para o outro.

Figura 52 - Chamada de atenção com ação manual de acenar para o interlocutor [trecho 35]



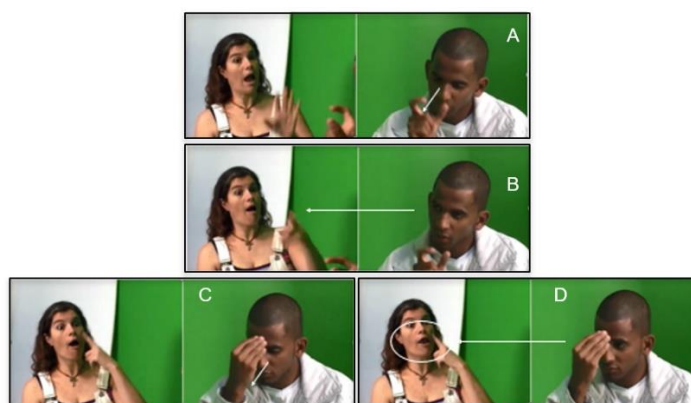
Fonte: elaboração própria

No quadro A, W está com o olhar desviado de R porque ele está elaborando uma ação construída. Essa estratégia de referenciação envolve, nas línguas de sinais, como discutido anteriormente, desviar o olhar do contato visual com o interlocutor. Para conseguir o contato visual necessário à tomada de turno, R acena para W fazendo a ação que se observa no quadro B, circulado por uma linha branca. Quando W retorna o olhar, no

quadro C, R já havia começado a sinalizar, realizando um apontamento para ele (não capturado pela figura), e, em seguida, realiza o sinal OBRIGAR. Nesse momento, o olhar de W se volta para ela e vê R realizando a suspensão dependente do sinal OBRIGAR. O aceno manual realizado por R no quadro B, que é a ação de interesse neste momento da análise, é feita com vários movimentos de mover o pulso para cima e para baixo repetidas vezes.

Em outro momento da interação em que R quer tomar o turno para fazer um comentário sobre o que acabou de ser dito, uma situação semelhante acontece: W está com o olhar desviado, olhando para baixo, enquanto elabora uma ação construída; R levanta a mão, o que é suficiente para W voltar o olhar para ela. Ela move a mão para a região do rosto e sinaliza OLHAR. No momento em que o sinal se inicia, W desvia o olhar novamente do contato visual e, olhando para baixo, sinaliza MEMORIZAR. Vendo que W poderia não lhe ceder o turno, R, persistindo em tomar o turno para fazer o comentário a respeito daquilo que ele diz, mantém o dedo indicador no rosto, na configuração usada para a realização do sinal OLHAR, e, assim que W olha novamente para ela com a mão ainda posicionada na realização do sinal MEMORIZAR, R move a língua para cima e para baixo repetidas vezes, de um modo que se assemelha ao movimento manual apresentado no quadro B da Figura 52, descrita acima, para pedir a atenção dele. Há nesse momento uma pequena sobreposição de falas até que W cede o turno, permitindo a R fazer o comentário que pretendia fazer. Essa ação bucal é um reuso da ação manual, desta vez sendo feita com a língua, para indicar o seu pedido de atenção para o que ela queria dizer.

Figura 53 - Chamada de atenção com ação bucal de acenar para o interlocutor [trecho 36]



Fonte: elaboração própria

Em outros momentos da conversa que não envolvem uma tentativa de manter o olhar do interlocutor voltado para a face, os sinalizadores podem elaborar outras formas de

ação manual e bucal para sinalizar a sua intenção de iniciar um turno de fala. Um dos exemplos pode ser observado no quadro C da Figura 53 acima, em que R aponta para o olho, realizando o sinal OLHAR e move a mandíbula, mantendo a boca com certo grau de abertura em um formato não arredondado, em uma configuração que se assemelha à articulação de “ó”. Esses movimentos de boca são observados nas tentativas de tomada e troca de turno, mas são necessários outros estudos para determinar a relação que pode haver entre eles e a organização da conversa.

4.5. A ausência de ação bucal em diferentes práticas na conversa: análise de trechos selecionados

Como dito anteriormente, as ações bucais são usadas de modo ubíquo durante toda a interação. Nos momentos em que não há ação bucal, deve haver alguma motivação para o não uso, como procurarei descrever a seguir, a partir de alguns trechos retirados da conversa. Divido essa subseção nas quatro análises a seguir.

4.5.1. Análise 1: Ação construída sem ação bucal

Algumas práticas de ação construída podem envolver o uso da boca em posição neutra como parte significativa da própria ação construída. A figura abaixo foi retirada de um trecho da conversa em que W dizia a R que ele achava que um colega de sala olhava para os outros avaliando-os e, sem nada dizer, *pensava* algo como “acho que ele não vai conseguir fazer a atividade”. A ausência de ação bucal nesse caso é parte da própria ação construída, em que o referente da história está em silêncio, pensando.⁹⁴ A ação manual de usar o sinal OLHAR-PARA é entendida como sendo a voz discursiva do narrador dessa história, que, partindo o corpo conceitualmente, age com o torso, cabeça, olhos e ação facial como o referente da história, enquanto usa as mãos simultaneamente como narrador para descrever verbalmente o que está sendo demonstrado pelas outras ações do corpo

⁹⁴ Como apontam McCleary e Viotti (2014), embora a literatura discuta bastante os diálogos construídos como tipos de ação construída, pouca menção se faz a outro tipo de ação construída que são os *pensamentos construídos*, como o que se observa nesse trecho. É interessante como isso reforça a ideia já discutida anteriormente de que algumas ações bucais são sensíveis à interação corrente, sendo empregadas quando o que está em jogo é a dinâmica da interação. Agradeço à Evani Viotti (c.p.) por chamar a minha atenção para o fato de que, no pensamento construído, não há uma interação dialógica (nem real, nem construída), de modo que não é surpreendente que não haja ação bucal nesse caso.

entendidas como ações do referente que ele está introduzindo com a ação construída (DUDIS, 2007; MCCLEARY; VIOTTI, 2014).⁹⁵

Figura 54 - Ausência de ação bucal como parte significativa de uma ação construída [trecho 37]



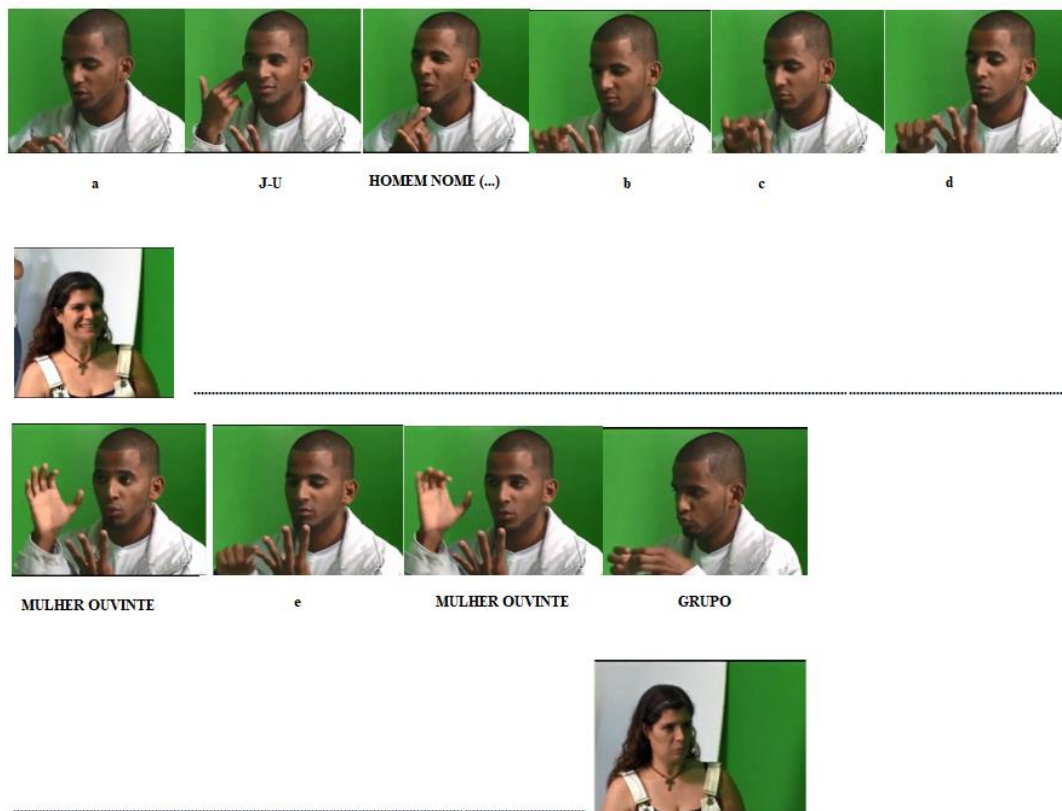
Fonte: elaboração própria

4.5.2. Análise 2: O direcionamento do olhar para as mãos na elaboração de uma prática de listagem

Durante a realização de uma prática de listagem, os sinalizadores podem oscilar o direcionamento do olhar para os dedos da mão que lista os itens que estão sendo enumerados e para o interlocutor, para comentar do que trata aquele item enumerado. É o que acontece na prática de listagem ilustrada pela figura a seguir. Trata-se de uma lista em que W apresenta quem são os membros que compunham o grupo para apresentação do seminário de física.

⁹⁵ O conceito de partição conceitual do corpo é proveniente do trabalho de Dudis. McCleary e Viotti, estudando os níveis de intersubjetividade em narrativas sinalizadas, se valem desse conceito para descrever as diferentes vozes e perspectivas pelas quais as narrativas são organizadas na língua de sinais brasileira.

Figura 55 - Prática de listagem com ações bucais durante o contato visual [\[trecho 38\]](#)



Fonte: elaboração própria

Observa-se nesse trecho o seguinte: a prática de listagem é elaborada com um apontamento para os dedos da mão esquerda que enumeram os itens da lista. Com exceção do primeiro item (quadro a), em que W realiza uma ação bucal que se assemelha à articulação da palavra ‘eu’ em português, iniciada enquanto ele aponta para o dedo que integra o primeiro item da lista, durante o apontamento para os demais dedos, nenhuma ação bucal é usada. A ação bucal também não é usada durante a realização de um sinal que designa o nome de um dos integrantes em libras, glosado como J-U (como visto em uma análise já apresentada anteriormente) Nas demais ações, o que se observa é o seguinte: direcionando o olhar para o dedo que enumera um item na lista, W aponta para o dedo sem usar ação bucal; depois disso, ele volta o olhar para R e usa sinais que designam o membro que é listado: HOMEM NOME, com a configuração de boca em lábios arredondados ao longo dos dois sinais; MULHER OUVINTE, com uma leve protrusão de lábios na realização de MULHER e lábios arredondados na realização de ouvinte, nos dois usos seguidos. No uso do último sinal, GRUPO, os lábios se projetam para frente. A análise desse trecho sugere que o que a ação bucal faz nesses momentos é criar uma unificação entre mãos e face, nos momentos em que o contato visual dos interlocutores é estabelecido,

dando maior perceptualidade ao signo quando há contato visual entre os interlocutores. Quando o que está em jogo é o olhar direcionado para a lista, as ações bucais são dispensadas.

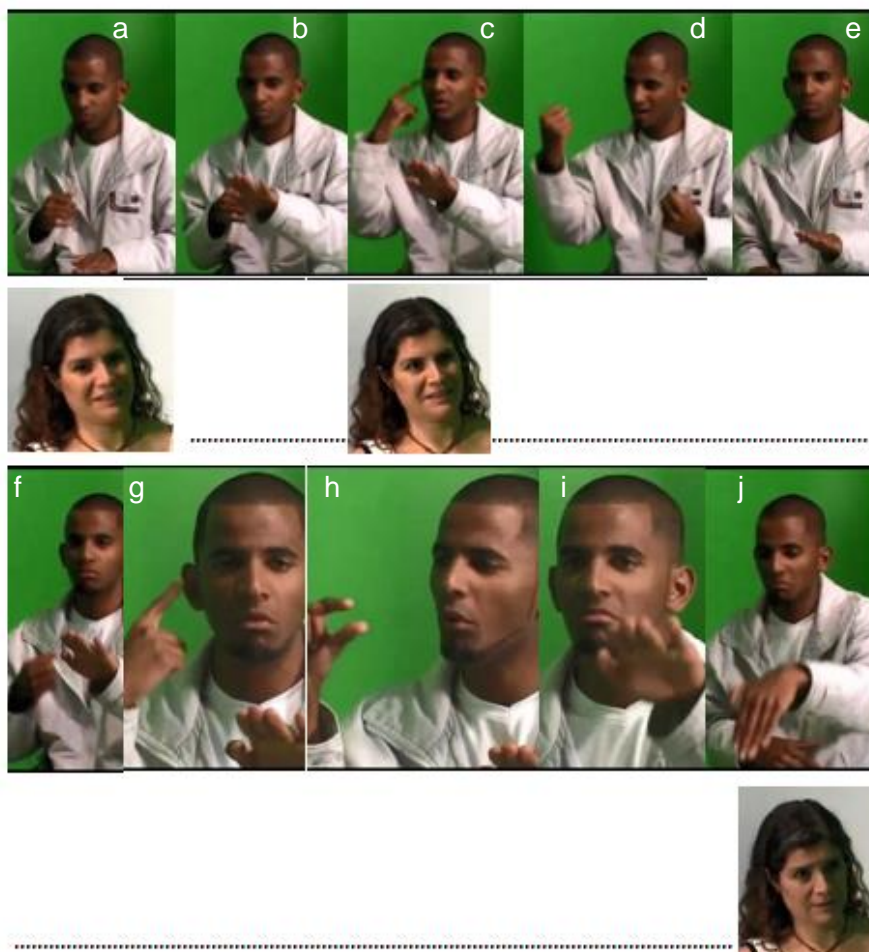
4.5.3. Análise 3: O direcionamento do olhar para as mãos na elaboração de cenário em dimensão reduzida

Uma prática já bastante explorada tanto nas narrativas em línguas orais quanto sinalizadas é aquela em que a ação das mãos no espaço em frente ao corpo faz emergir a significação de cenários e eventos em dimensão reduzida em frente aos corpos dos falantes/sinalizadores (CLARK, 1996; LIDDELL, 2003; MURPHY, 2004; STREECK, 2009; SILVA, J.P., 2014). Nessas práticas, as mãos e antebraços participam de um processo pelo qual o movimento desses articuladores – em co-operação com o olhar, que vai sendo direcionado alternadamente para a face do interlocutor e para as mãos do falante/sinalizador com o turno, e com elementos linguísticos que participam da sua organização – evoca as experiências corporeadas que temos com a criação depictiva de cenários em outras atividades que desenvolvemos nas nossas práticas intersubjetivas de habitar e entender o mundo com outros (e.g., em práticas como desenhar em superfícies, localizar objetos em espaços; ver Streeck, 2009). Na análise dessa prática em interações orais, Streeck (2009) chama a atenção para como o olhar do falante direcionado para as suas mãos, em parceria com elementos linguísticos como *assim* (“tinha um buraco *assim* no gramado”, enquanto olha para as mãos que se configuram em um formato arredondado), direcionam o olhar do interlocutor para as mãos. Nas interações sinalizadas, os sinalizadores também contam com estratégias para guiar a percepção dos interlocutores para a face, para as mãos e/ou para outro elemento do espaço de sinalização.

A primeira análise que vou apresentar dessa prática é aquela em que W elabora uma resposta a uma pergunta de R, que poderia ser traduzida como “você sabe explicar o que a palavra ‘física’ significa?”. W responde dizendo algo traduzido como ‘eu não sei dizer sobre essa palavra, mas sei sobre outra (relacionada), da lista que expliquei antes’. E, então, ele começa a dar exemplos sobre as propriedades do som. A figura a seguir apresenta um recorte dessa prática, que é elaborada como uma parte de uma prática mais abrangente.⁹⁶

⁹⁶ A prática mais abrangente é uma prática de contraste, em que diferentes regiões do espaço são usadas para diferenciar uma parte do discurso de outra. Na primeira parte do contraste, W apresenta o evento que será comentado na análise a seguir e, depois disso, usando outra região do espaço de sinalização, contrasta a primeira com o som produzido por um ônibus em movimento.

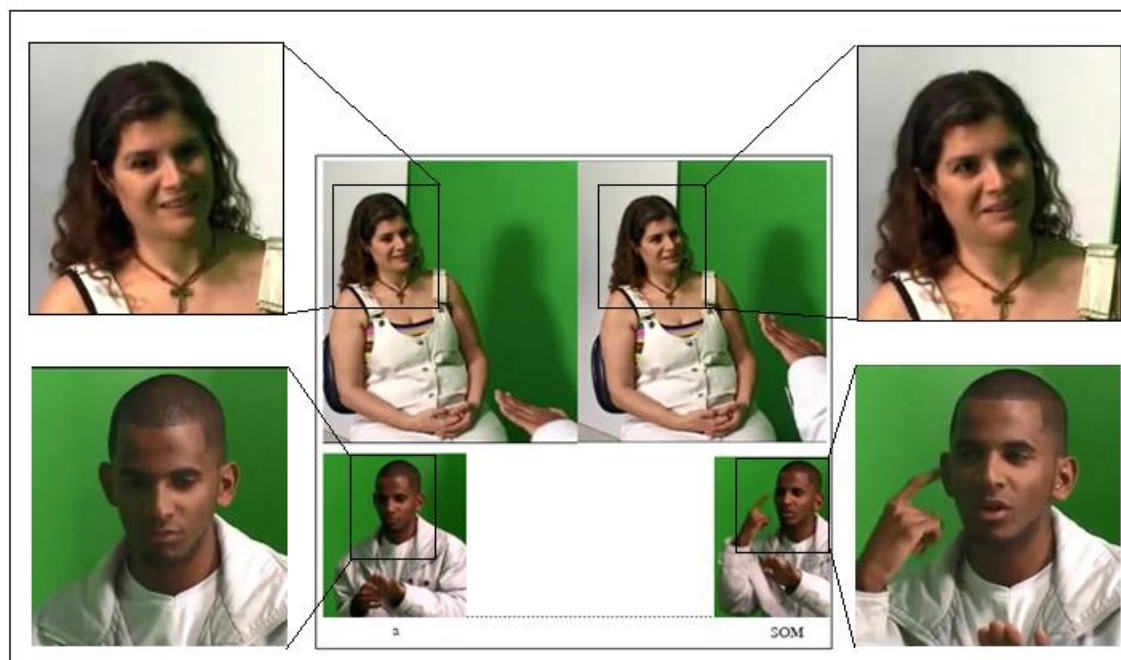
Figura 56 - Ausência de ação bucal durante o direcionamento do olhar para as mãos [trecho 39]



Fonte: elaboração própria

No trecho apresentado nessa figura, W está explicando que veículos diferentes produzem sons diferentes: no trecho da figura, ele diz que um carro em movimento pode produzir muito pouco som, enquanto um ônibus (segunda parte do contraste, não ilustrada na figura) pode produzir um ruído muito intenso. Nos quadros a e b, os olhares de W e R estão direcionados para a mão direita de W, que realiza uma ação manual expressando o movimento de um veículo subindo uma rua. Quando a mão esquerda encerra essa ação, e W move a mão esquerda, que estava parada no ar, para fazer os sinais SOM CARRO nos quadros c e d, respectivamente, o olhar de R se move da mão de W para o rosto dele. Com o olhar garantido na face, W usa ações bucais durante a produção dos sinais manuais. A figura a seguir, amplificada, registra bem o direcionamento do olhar dos interlocutores para as mãos na exploração do espaço pela ação que constitui iconicamente como objeto um carro em movimento e, em seguida, para o rosto, no uso do sinal SOM.

Figura 57 - Co-operação de ações das mãos, da boca e dos olhos na elaboração de um cenário em dimensão reduzida



Fonte: elaboração própria

Depois da ação manual icônica de mover a mão para fazer emergir o significado de um veículo em movimento, a ação bucal de W, que estava em uma configuração neutra enquanto o olhar se direcionava para as mãos, é usada em ajuste motor e em alinhamento temporal na produção dos sinais SOM e CARRO (figuras c, d). Essas ações se assemelham à articulação de certos aspectos dessas palavras em português: o arredondamento dos lábios durante o sinal SOM à vogal -o- e o movimento da mandíbula para baixo com a boca em formato não arredondado durante o sinal CARRO à primeira vogal dessa palavra. Em seguida, W retoma a ação manual de mover a mão para significar o movimento do carro. Na sequência, W faz um comentário a respeito do movimento do carro usando os sinais manuais SOM POUCO (quadros g, h). Esses sinais são usados com um arredondamento de lábios que podem remeter às vogais dessas palavras em português. Depois disso, W projeta o lábio inferior para frente enquanto move a mão que significa o movimento do veículo (quadro i, j), significando, em parceria com os sinais manuais SOM POUCO, que, durante o movimento do carro, não houve expressão sonora (iconicamente constituído pela ausência de movimento na face e do olhar sem foco).

Desse modo, a análise é a de que a ausência de ação bucal no início do trecho (quadros a, b) é motivada pelo deslocamento da percepção para o movimento das mãos no

espaço, no uso de uma ação que explora o espaço de forma significativa, fazendo do espaço um alvo para o olhar; em seguida, o olhar se volta para a ação das mãos integradas à face (quadros c, d) e depois disso, novamente para as mãos constituindo o espaço como alvo para o olhar. Uma vez que a ação manual empregada nesse momento é a mesma que a feita anteriormente, a repetição da ação permite que novos elementos sejam adicionados à face, mesmo que a mão e o espaço em que ela se move estejam recebendo destaque nesse momento. A protrusão do lábio inferior passa então a contribuir, em co-operação com outros aspectos da ação facial e com o comentário manual feito antes (SOM POUCO), para constituir a noção de uma quase inexistência de ruído. Como venho discutindo a respeito de outros casos, essa ação bucal também parece ser parte do processo de habitar ações em um ambiente sociocultural, neste caso, em que a protrusão do lábio inferior pode ser usada em situações em que alguma ausência não esperada é notada, expressando uma certa quebra de expectativa por parte de quem percebe a ausência.

Observa-se que em práticas em que as mãos exploram a percepção do espaço, fazendo dele um alvo para o olhar (i.e., quando a mão se move como se fosse um veículo em movimento, o espaço em que a mão se move é entendido como o espaço em que o evento aconteceu e se torna um alvo perceptivo), há um trabalho co-operativo minucioso da atividade das mãos, da boca e dos olhos para guiar momento a momento, a percepção para aquilo que deve ser visto a cada instante. Essa mesma co-operação das ações das mãos, da boca e dos olhos acontece em uma elaboração icônica do cenário ainda mais elaborada do que aquela feita por W no exemplo anterior.

4.3.4. Análise 4: O uso reiterado de ações manuais durante a prática de criar um cenário em dimensão reduzida e o uso progressivo de ações bucais: direcionamento do olhar para as mãos e para a face

Nesse trecho da conversa, R está contando um episódio em que o seu filho escorregou na grama e machucou a cabeça. O trecho se inicia no momento em que R reporta o que um amigo do filho tinha ido contar a ela sobre como o incidente aconteceu. O contexto anterior da conversa é o seguinte: como seu filho tinha escorregado e batido a cabeça, ela queria saber onde isso tinha acontecido, para saber que tipo de cuidado teria que ter com ele (no caso de ter batido a cabeça em algum metal enferrujado, por exemplo). Inicia-se uma pequena disputa de versões por parte das crianças sobre o que aconteceu. O

trecho a seguir é a versão do amigo do filho. R diz algo que poderia ser traduzido como “o outro amigo (disse): “olha...” e a narração inicia. “(ele) estava em pé (no) gramado...”⁹⁷

Figura 58 - A elaboração de um cenário icônico de dimensão reduzida em frente ao corpo [trecho 40]



Fonte: elaboração própria

No momento em que começa a falar do evento, R parece perceber que precisava dar mais detalhes sobre o espaço onde seu filho estava, para tornar compreensível o modo como ele caiu. O trecho que vem a seguir é o detalhamento do cenário do evento, onde havia um tronco de árvore. Observe-se que o olhar de R oscila entre se direcionar para as suas mãos e para W. O olhar para as mãos é parte de uma determinada perspectiva que ela assume sobre o cenário sendo elaborado; o olhar para W, dentre outras funções, pode garantir a R que W está acompanhando o que ela está elaborando e entendendo o que ela diz. Observe

⁹⁷ Seguindo o sistema utilizado em Silva (2014), a anotação das ações manuais é feita em minúscula quando não se trata de um sinal convencional da libras ou quando a ação manual faz alguma depicção de elementos visualmente perceptíveis no evento narrado, como o formato de superfícies, a localização específica de uma pessoa em pé, dentre outros.

que o olhar de W está a todo momento direcionado à face de R, direcionando-se às mãos dela no momento inicial da figura anotada como ‘tronco’. No final da figura, o olhar dele já retornou para o rosto dela. Para fazer considerações sobre a co-operação das mãos, da boca e do olhar na emergência do cenário, faço primeiramente uma apresentação e descrição da prática inteira, dividida em quadro figuras, e, depois disso, teço comentários sobre o que se pode observar ao longo da prática em desenvolvimento.

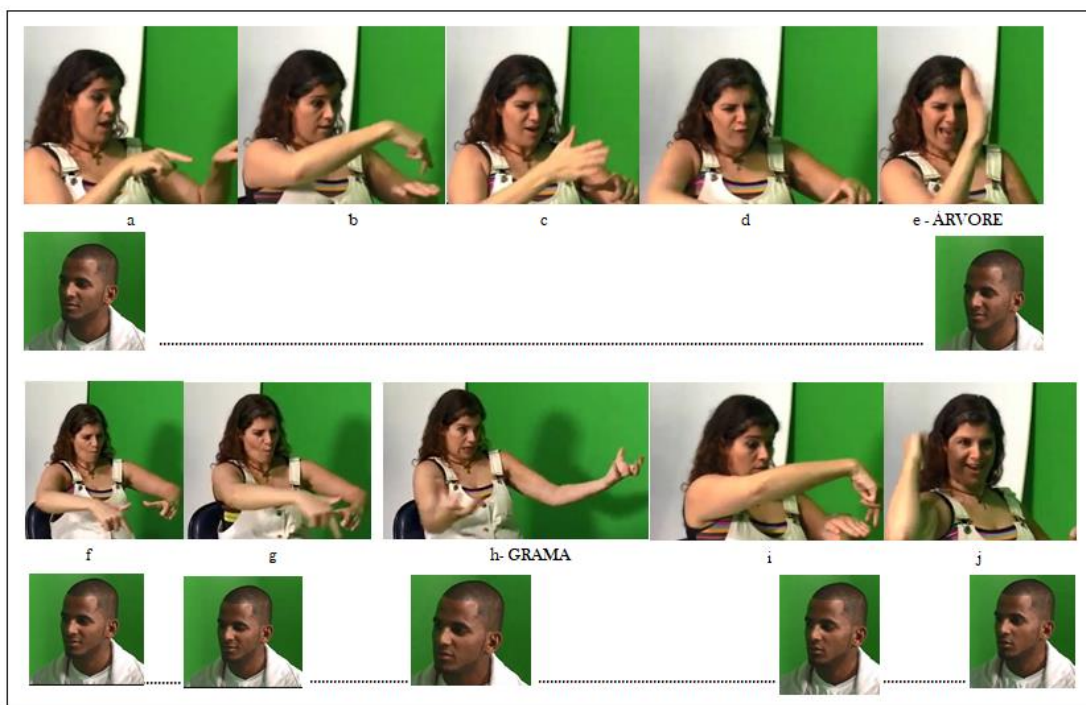
Figura 59 - Cenário emergente da co-operação das mãos, olhos e boca em imaginação situada [trecho 41]



Fonte: elaboração própria

No trecho que vem a seguir, R dá mais detalhes sobre o cenário do evento. Ela repete inicialmente que ele estava de pé e volta a apresentar a localização de elementos no cenário. Ela diz que havia um espaço oco no tronco e usa o dedo indicador da mão direita para desenhar no ar o formato do tronco oco. Em seguida, olhando para W, R diz que, em volta do tronco, havia grama, ela repete mais uma vez a ação que significa uma pessoa em pé (quadro i) e, em seguida, interrompe mais uma vez para, com o polegar da mão direita, apontando para trás de suas costas, significar que o tronco oco estava atrás de seu filho, em pé na beirada do tronco da árvore, que foi constituído anteriormente pela ação das mãos.

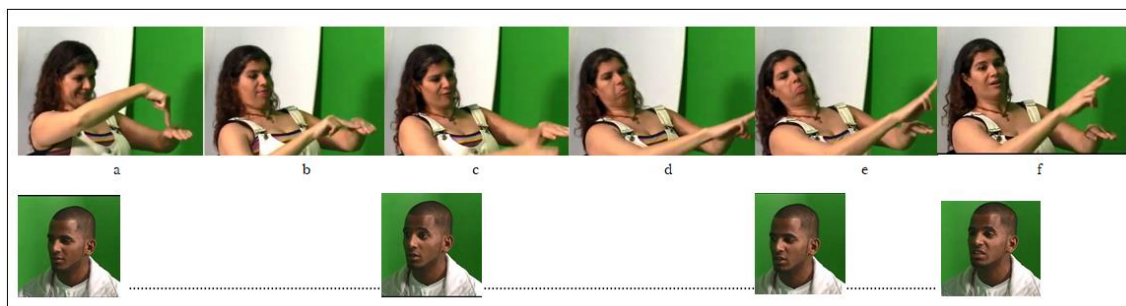
Figura 60 - Apresentação de outros detalhes do cenário [trecho 42]



Fonte: elaboração própria

Feito isso, R finalmente apresenta o modo como a queda aconteceu. Ela diz que o seu filho foi andando de costas, e, quando pisou na borda do tronco, escorregou para trás, e o seu corpo se inclinou para trás durante a queda.

Figura 61 - Apresentação do evento no cenário do evento (fonte: elaboração própria) [trecho 43]



Fonte: elaboração própria

Para mostrar como ele bateu a cabeça, ela apresenta ainda outros detalhes do cenário. Como se observa na figura a seguir ela diz que no tronco havia uma quina. Feito isso, ela repete a ação manual para significar que ele escorregou (quadro h) e, então, diz que ele bateu a cabeça (quadro i).

Figura 62 - Apresentação de detalhe mais específico do evento (local onde o menino bateu a cabeça)
(fonte: elaboração própria) [trecho 44]



Fonte: elaboração própria

Uma observação geral desse trecho revela que o cenário foi elaborado em partes que foram sendo reiteradamente apresentadas ao longo de sua elaboração. Nos momentos iniciais em que o olhar dos interlocutores estava direcionado às mãos, as ações bucais foram evitadas. Em momentos em que o contato visual era reestabelecido, ações bucais que elaboraram uma prática de unificação entre mãos e face (como aquela ilustrada anteriormente com o sinal AVISAR e o enunciado de que esse sinal participou) foram recrutadas. Ao longo da elaboração do cenário, ações manuais já usadas foram reusadas e, a partir do momento em que eram repetidas, ações bucais eram empregadas mesmo quando o olhar se dirigia às mãos. As ações bucais recrutadas quando as ações manuais são repetidas contribuem com a semiose que emerge a partir dessas ações: as bochechas sugadas (nos quadros f, g da Figura 60), com a noção de que o tronco estava oco; a língua para fora (nos quadros d, e da Figura 61 e h da Figura 62) com a noção de que o movimento que resultou na queda foi descuidado.

A análise das ações bucais nessas práticas sugere que elas exigem a co-operação de ações dos olhos, da mão e da boca: quando o olhar está voltado para a face, ações bucais que unificam a atividade das mãos e da boca são empregadas; quando a atividade das mãos guia a percepção para uma observação do espaço com algum elemento que é introduzido

pela primeira vez, as ações bucais podem ser evitadas; quando esses elementos são reintroduzidos, algumas ações bucais podem ser usadas junto com a ação das mãos em um processo semiótico mais bem elaborado.

4.6. Conclusão

O objetivo deste capítulo foi o de apresentar uma análise das práticas corporeadas em uma conversa sinalizada das quais as ações bucais participam, contribuindo com o processo semiótico que promove o desenvolvimento da conversa. Essa discussão se iniciou com a chamada de atenção para a versatilidade semiótica de várias partes do corpo e para a maneira como as ações de órgãos diferentes co-operam para a emergência da significação. Nesse sentido, a descrição apresentada ao longo do capítulo procurou evidenciar o modo como as ações bucais estão em co-operação intra- e intercorporeada com outras ações de ambos os participantes da conversa. As ações usadas e reusadas no momento a momento da interação têm a ver com o que está em jogo em um dado ponto da conversa e, por isso, essas análises devem ser entendidas como parte do processo local, situado e temporal que se desenvolveu nessa interação, de acordo com as condições em que estava o sistema multiagentes (que é a própria interação) em cada momento.

Ao longo da apresentação dos dados, as possibilidades de significação elaboradas pela co-operação de ações da boca com outras ações foram ilustradas com análises de alguns trechos da conversa. Nessa discussão, busquei evidenciar que as ações co-operativas são a base da dinâmica que organiza as diferentes práticas de que as ações bucais participam. As ações bucais são usadas como parte de um processo de reuso com transformações de ações habituais bem conhecidas na comunidade de falantes/sinalizadores. Nesse processo, os interlocutores habitam as ações um do outro, bem como habitam as práticas desenvolvidas ao longo de seus próprios históricos de interações com outros membros da comunidade. Perseguindo uma das perguntas fundamentais desta pesquisa, a saber, o que as ações bucais fazem nas interações sinalizadas, a análise procurou mostrar que elas:

- i) entram em co-operação *intracorporeada* com outras ações para a expressão de emoções, atitudes e/ou entendimentos, tornando-se aptas a compor unidades de significação *intercorporeadas* com as ações do interlocutor e

possibilitando a emergência da significação no momento-a-momento da interação, indispensável à progressão da conversa;

- ii) entram em co-operação *intracorporeada* com outras ações para a expressão de emoções, atitudes e/ou entendimentos interpretadas como sendo ações de referentes dos relatos que compõem as narrativas elaboradas durante a conversa;

Visto que os sinalizadores habitam um ambiente sociocultural em que as pessoas ouvintes e surdas movem a boca para produzir significação em língua oral, muitas dessas ações constituem reusos de certos aspectos da articulação de palavras da língua falada na região, com a qual os sinalizadores têm experiência nos seus históricos de interações. A análise das ocorrências de articulação bucal co-ocorrentes à digitalização manual de palavras revelou que, em alguns casos, elas manifestam um forte caráter intra- e intercorporeado:

- iii) nos momentos em que R expressava não entendimento, W empregava ações bucais que se assemelhavam a uma possível palavra co-ocorrente à digitalização manual e não as empregava quando havia demonstração de entendimento;
- iv) R, por sua vez, usou articulações bucais todas as vezes em que realizou digitalização manual de palavras, mesmo quando W não demonstrava falta de entendimento, o que sugere que esse pode ser um hábito arraigado em seu histórico de interações;

Distinguindo os ajustes motores e alinhamentos temporais que as ações bucais fazem com ações manuais e não manuais, iniciei uma descrição de ações bucais que cooperam com as ações manuais. Uma análise geral do corpus revelou que,

- v) nos momentos em que o que estava em jogo era a interação corrente (evidenciada pelo contato visual entre os interlocutores), os sinalizadores fizeram corresponder uma ou mais ações bucais às fases expressivas dos sinais manuais com ações bucais que podiam se assemelhar a certos aspectos da articulação de uma possível palavra equivalente em português;

Apesar da semelhança dessas ações com partes de palavras, não foi possível perceber na conversa qualquer evidência de que essa associação estivesse sendo relevante

para os interlocutores surdos na interpretação dos sinais manuais. Uma exceção parece ser as ações de boca que se assemelham à ‘sabe’ em português: essas ações são usadas acompanhadas do sinal manual SABER em uma pergunta feita por R e são reusadas por W como resposta, acompanhadas de um aceno de cabeça afirmativo (para significar ‘eu sei’). Em quase todos os casos, contudo, as ações bucais, assemelhando-se ou não a aspectos de palavras de língua oral, realizam um ajuste motor e alinhamento temporal com as ações das mãos, tornando as mãos e a face uma unidade multidimensional e/ou multimodal complexa. Algumas ações bucais escaparam aos limites temporais da realização de alguns sinais manuais, alinhando-se a uma ação subsequente.

- vi) Nos diálogos construídos, em que os sinalizadores, desviando o olhar do contato visual com o interlocutor, agem como se estivessem em uma interação real, ações bucais que unificam as ações manual e bucal com possíveis associações com aspectos de palavras faladas também foram empregadas;
- vii) Como os diálogos construídos são um tipo específico de ação construída, nessa prática, as ações bucais podem se ajustar também a ações não manuais. Nesse caso, as ações bucais foram usadas para a apresentação de atitudes, emoções, entendimentos, dentre outros, de referentes que compõem um dado relato;

Ainda no que diz respeito à relação entre as ações das mãos e da boca,

- viii) ações bucais foram usadas para fazer um “aceno” com a língua (movimento de mover a língua para cima e para baixo repetidas vezes), enquanto se realizava o sinal manual OLHAR para conseguir atenção do interlocutor para a tomada de turno;
- ix) outras práticas foram usadas para criar unidades predominantemente icônicas, indexicais e/ou simbólicas.

As análises apresentadas sugerem que, apesar de habituais, essas ações também parecem envolver alguma improvisação característica da sua dinâmica temporal e localmente situada. As qualidades materiais de certas ações bucais (e.g., como a fluidez característica de um assopro) entram em co-operação com ações manuais para criar iconicamente qualidades de um processo diretamente perceptível (e.g., a fluidez

característica de um líquido sendo despejado) ou mais abstratos (e.g., um assopro durante a realização de um sinal como DESENVOLVER, contribuindo com a noção de processo em curso).

A última seção tratou dos momentos em que ações bucais *não foram* empregadas. A observação dessas ocorrências revelou momentos em que a ausência de ação bucal aconteceu

- i) como parte de uma ação construída, isto é, a ausência de ação bucal era parte do conjunto de ações que constituíam as ações de um referente em relatos feitos na conversa;
- ii) quando o que estava em curso não era a interação corrente, mas o direcionamento do olhar para os dedos que enumeravam itens de uma lista;
- iii) quando o que estava em curso era a organização de elementos que constituíam um cenário em dimensão reduzida (com o olhar do sinalizador direcionado ao espaço de sinalização). Nesses casos, a repetição dos sinais manuais se mostrou importante no uso das ações bucais, porque a ação bucal foi realizada durante a repetição de sinais manuais já realizados anteriormente, de modo que a organização sequencial de diferentes partes do cenário reduzido e dos eventos que aconteceram nele envolveu o direcionamento do olhar para diferentes regiões do espaço: em um primeiro momento para as mãos e, em posteriormente, para uma unificação entre mãos e face.

Nessas análises, procurei evidenciar, como dito, a importância de observar as ações de ambos os interlocutores, bem como levantar considerações sobre o que estava acontecendo em cada momento para a emergência da significação e de entendimentos situados. Levando em consideração ambas as ações, pode-se chegar ao entendimento da emergência de práticas que unificam mãos e face ao longo de uma sequência de ações manuais; do uso ou não uso de ações bucais em um dado momento da interação, tendo em vista a reação do interlocutor; do momento como as ações bucais podem ser empregadas para manter a atenção em um dado sinalizador, dentre outros. Essa é uma análise do processo semiótico visto de uma perspectiva local, situada e temporal, com o objetivo de contribuir com a descrição das práticas corporeadas habituais em libras de que as ações bucais participam.

CONCLUSÃO

Enquanto conversam entre si, os surdos normalmente usam ações bucais que são parte da sinalização fluente nas línguas de sinais. Esta tese teve como objetivo fazer uma análise das ações bucais observadas no curso de uma conversa sinalizada em libras entre dois surdos, descrevendo de que maneira essas ações participam da significação emergente no momento-a-momento da interação. Para tanto, esta pesquisa tomou como base propostas teóricas que entendem a semiose como um *processo* resultante da dinâmica de auto-organização nas ações entre seres vivos, e não como um produto de uma mente descorporeada; e analisou essas ações no transcorrer de uma interação, levando em consideração aquilo que poderia estar em jogo em um dado instante para fazer emergir entendimentos situados. Com isso, a pesquisa procurou trazer para o cerne da discussão a dinamicidade no uso das ações bucais em interações sinalizadas. Neste capítulo final, apresento uma discussão dos principais pontos tratados nesta tese, chamando a atenção para as suas contribuições, limitações e para os caminhos que se abrem, a partir dela, para futuras pesquisas.

O ponto fundamental da discussão empreendida na tese é o argumento enatista de que viver é produzir significação: todo organismo, para se manter vivo, significa a sua existência nas atividades nas quais está envolvido, confrontando-se adaptativamente com as perturbações com que depara e buscando aquilo que é necessário para manter a sua atividade vital. Nesse sentido, a existência de um organismo é entendida como uma *atividade*, e não como uma mera condição: cada evento na sua existência pode vir a ser interpretado por ele, para criar dinamicamente, na relação entre o organismo e ambiente, as condições para a manutenção e continuidade da vida. Para os humanos, como nos lembra Haan (2020, p.91), os ambientes de interação são sempre constituídos socialmente, não só pelo fato de interagirmos constantemente com outras pessoas, mas porque o mundo material e sociocultural nos quais estamos inseridos desde o nascimento é resultante de reiteradas práticas de ação co-operativa que se desenvolvem historicamente e que se colocam para nós como possibilidades de reuso de ações dos outros, que constituem cada ação que desempenhamos cotidianamente.

Desse processo de habitação de ações, que envolvem todas as práticas que desempenhamos como participantes de uma comunidade, não escapam as ações usadas

com fins propriamente semióticos (i.e., aquelas ações que são feitas para ser interpretadas por alguém) que realizamos em nossas interações: os usos de recursos que fazemos para realizar semiose e nos comunicar com outros são sempre parte de um processo mais abrangente de habitar as ações de outras pessoas, seja no curso das interações em que estamos diretamente envolvidos, seja no resgate de ações que experienciamos com outros em outras interações e que, sendo bem sucedidas, podem ser retomadas com transformações em situações presentes, na busca de produzir entendimentos situados. Além disso, os processos de habitações também se manifestam no reuso de materiais criados por outros (por exemplo, o *laptop* que uso para digitar este capítulo, a cadeira que uso para me sentar, e assim por diante), que acabam por conferir certo curso às nossas ações. Em contraposição, as análises das ações bucais em interações sinalizadas que tomam a língua como um sistema autocontido e autossuficiente, produto de uma mente descorporeada, deixam de considerar uma condição fundamental da existência dos seres vivos e dos sistemas semióticos emergentes de suas interações: todo sistema vivo e todo sistema emergente de suas interações mantêm a sua existência em acoplamento com seus ambientes, dos quais eles dependem para sobreviver.

Nesse sentido, as ações bucais são, em primeiro lugar, resultantes de atividades advindas do acoplamento de indivíduos em um ambiente sociocultural em que os recursos semióticos emergentes de movimentos do trato bucal se tornam disponíveis para reuso na atividade dinâmica de produzir significação com outros. Nesse sentido, não é de estranhar que elas manifestem um caráter altamente interacional, sendo recrutadas majoritariamente como reuso de ações bem conhecidas da comunidade de falantes/sinalizadores em momentos em que os sinalizadores mantêm contato visual: ao empregar as ações bucais usadas nas interações com outros à sua volta, os surdos habitam as ações de outros em uma comunidade de práticas heterogêneas, multifacetadas e plurais. Os usos de ações bucais com desvio do olhar são, como discutido ao longo da tese, demonstrações de práticas realizadas em outras interações, *re-enacionadas* (i.e., *reenacted*) na interação presente como se estivessem acontecendo naquele momento tal como acontecera na interação original. Esta pesquisa contribui, assim, com o entendimento do uso de ações bucais, ao articular propostas de base enativa com uma perspectiva de habitação e com uma semiose de base peirceana. Dessa última proposta teórica, vem o entendimento de que um signo só se constitui enquanto tal quando, em relação de co-constituição com um objeto, é interpretado por alguém vindo a produzir um interpretante. Esse entendimento de signo

confere ainda mais dinamicidade à descrição do processo, que passa a ser entendido como local, situado, temporal e sensível às contingências da situação de interação.

Com base nesses fundamentos, discutimos algumas propostas teóricas que nos permitem tratar, sob um olhar unificado, as dinâmicas intra- e intercorporeadas envolvidas nas interações, evitando recorrer a noções que mantêm ainda dicotomias que são próprias das ciências da Modernidade. O argumento central foi o de que essas dimensões corporeadas são a base dos processos de significação emergentes nos *sistemas multiagentes*, isto é, sistemas em que a semiose (em suas múltiplas e diversificadas facetas) se manifesta como um processo em que eventos se co-constituem, co-emergem e se coorganizam temporalmente, conciliando a um só tempo as dimensões situada e multiescalar que caracteriza a existência dos agentes que dela participam. Discutindo esse entendimento de semiose a partir de um modelo de signo inspirado em Peirce, o argumento foi o de que a semiose é um sistema complexo aberto que se organiza dinamicamente em face a perturbações. Esse é o fundamento para a noção de que, uma vez que as interações em línguas de sinais se organizam predominantemente em torno de elementos gestovisuais, ações emergentes em interações dessa modalidade se co-constituem, em cada interação, enquanto um sistema com identidade própria (i.e., um sistema multiagentes) que coorganiza dinamicamente as diferentes partes que o compõem em face a perturbações advindas de suas interações com o ecossistema em que elas estão inseridas.

De acordo com esse entendimento de semiose, esta pesquisa assentou as descrições na análise de dados reais, obtidos de uma interação espontânea entre surdos fluentes em libras. A análise de uma interação em libras buscou, então, identificar de que maneira as ações bucais participam de práticas corporeadas mais ou menos habituais em libras, a fim de explicitar de que maneira essas ações contribuem para o processo semiótico em curso ao longo de uma conversa. A análise dos excertos selecionados do corpus mostrou que as ações bucais manifestam um caráter tanto intracorporeado quanto intercorporeado, que pode diferir de caso para caso, de acordo com o que estiver acontecendo em determinado momento da interação. Durante as análises, busquei enfatizar o argumento de que não se trata de práticas estáticas, recorrentemente usadas da mesma maneira em todas as situações e por todos os sinalizadores, mas práticas dinamicamente remodeladas à situação presente para produzir entendimento situado em uma dada situação específica de interação.

Naturalmente, a confirmação empírica desse argumento só será possível quando outras interações forem analisadas minuciosamente, tal como feito nesta tese. A esse respeito, convém chamar a atenção para a relevância do rigor na transcrição dos dados, com uso de ferramentas metodológicas que permitam fazer uma distinção clara entre o que é a transcrição dos dados e a sua análise. Esta pesquisa procurou tratar a transcrição dos dados com o mesmo cuidado com o qual foram tratados os dados de outras pesquisas semelhantes a esta no âmbito do grupo em que este trabalho se insere. O rigor na transcrição acaba por possibilitar uma observação de detalhes na sinalização que podem passar despercebidos em transcrições menos minuciosas. Além disso, a constituição de um corpus detalhadamente transcrito abre possibilidades de análises para outras pesquisas que venham a se valer dos mesmos dados previamente transcritos. Esse aspecto, que constitui um dos pontos fortes desta pesquisa, enseja também aquela que pode ser considerada sua principal limitação, que é a mesma enfrentada por outras pesquisas de língua de sinais baseadas em corpus com certo detalhamento de anotações de cunho multimodal. Ela tem a ver com o corpus restrito para análises, que impõe que as generalizações feitas sejam entendidas como válidas unicamente para a conversa em questão, e não para outras interações. Esse aspecto, apesar de constituir uma limitação, não restringe a descrição do fenômeno, pois o entendimento é o de que cada interação é, por si só, um sistema dinâmico em auto-organização, de modo que – valendo-se de uma única conversa ou de um corpus mais estendido – as análises entendem o sistema dinâmico em curso em cada interação específica, e não um sistema abstrato fora da dinâmica da interação.

Além disso, esta pesquisa apresenta uma contribuição inovadora, ao conjugar propostas teóricas que abrem perspectivas de análise diferentes daquelas já disponibilizadas por outros pesquisadores que têm se debruçado sobre o fenômeno. A inovação está no fato de que a perspectiva assumida nesta tese contribui para um entendimento mais abrangente do fenômeno das ações bucais, na medida em que olha para ele do ponto de vista das interações e de sua participação no processo semiótico global, sem colocar em questão se o fenômeno é ou não parte de uma "gramática" consolidada das línguas de sinais, ou da libras em particular. Com isso, não se nega que as línguas de sinais se organizem em "gramáticas", mas entendidas antes como hábitos de uso linguístico em interações comunicativas, e não um conjunto de regras que se impõem sobre as práticas linguísticas. Igualmente, evita-se partir de categorias a priori que tendem a enviesar os dados quando elas são tomadas como ponto de partida. Procedendo desse modo, foi possível descrever o

que as ações bucais *fazem* nos trechos tomados para análise, isto é, de que maneira essas ações operam com outras ações para fazer emergir significação no momento a momento da interação.

Nesse sentido, esta pesquisa chamou a atenção para aspectos do uso dessas ações para os quais foi dada, até o momento, pouca relevância na literatura sobre o fenômeno, como o papel da reação dos interlocutores no processo semiótico que pode resultar no uso ou não uso de ações bucais por um sinalizador com o turno; além disso, procurou-se descrever as ações que podem emergir do uso da boca, algumas delas ainda pouco mencionadas na literatura, dentre as quais estão certas formas de apontamento feito com a língua estendida para fora ou ainda possíveis configurações que eventualmente podem vir a ser uma dentre outras estratégias de tomada de turno e organização da interação. Esses aspectos foram contemplados nesta pesquisa, mas será necessária uma investigação mais aprofundada no futuro, com base em um corpus ampliado, a fim de confirmar:

- (i) as observações feitas sobre o uso dessas ações para fins de gerenciamento da interação;
- (ii) as observações sobre a função das ações bucais como elemento para atrair a atenção para um sinal;
- (iii) as sincronizações inter- e intracorporeadas; e
- (iv) as observações sobre os materiais reusados nessa conversa em outras interações, descrevendo como eles foram reusados e apontando para outros reusos possíveis.

Durante as análises feitas a partir da conversa entre dois surdos, foi possível observar diferenças no uso de ações bucais entre os sinalizadores, que parecem ter a ver com os seus históricos de interação e não com elementos encontrados na própria interação. Nesse sentido, uma pesquisa de cunho etnográfico com os participantes – e com outros participantes, em pesquisas semelhantes a esta – pode trazer luz a certos aspectos do emprego das ações bucais pelos participantes surdos conversando entre si que podem ser de difícil verificação observando unicamente a interação em curso. É importante notar que não se trata de um estudo sociolinguístico que parta de macro categorias sociais (nível socioeconômico, escolaridade, gênero etc), mas um estudo que busque trazer às análises elementos dos históricos de interação específicos dos sinalizadores dos quais as ações bucais sejam recursos semióticos relevantes.

Finalmente, não foi objeto de análise o emprego de ações bucais entre surdos e ouvintes ou entre surdos com pouco conhecimento do português e surdos que fazem uso frequente dessa língua oral, dentre outras tantas possibilidades. Certamente, outras maneiras de produzir semiose podem ser descritas em tais interações, que serão objeto de pesquisa futura. Isso mostra que este trabalho não responde todas as questões relacionadas ao fenômeno, mas abre um campo de investigação para um entendimento mais aprofundado dos recursos semióticos empregados em interações sinalizadas em uma comunidade socioculturalmente diversificada. Assim, ainda será interessante investigar em pesquisas futuras:

- i) Existem diferenças nas ações bucais empregadas por surdos fluentes conversando entre si e surdos conversando com pessoas ouvintes fluentes em libras? Que diferenças são essas? É possível perceber no comportamento dos interlocutores nessas situações que as articulações bucais de palavras se tornam mais relevantes do que na interação entre surdos?
- ii) Em que medida ações bucais usadas em interações sinalizadas por pessoas pouco fluentes em uma língua sinalizada podem envolver diferentes formas de organizar a interação? Que formas de semiose podem emergir nessas interações?

Em relação aos estudos da linguagem, de modo mais abrangente, as descrições desta tese chamam a atenção para a necessidade de uma maior abertura para aquilo que, ao lado dos hábitos, caracteriza as práticas comunicativas dos agentes em seus ambientes socioculturais: o caráter situado, local, temporal, corporeado e contingencial das ações que constituem as diferentes facetas do processo semiótico no mundo experiencial dos seres vivos. Se, por um lado, alguns estudos (a exemplo da análise da conversa de base etnometodológica) têm se voltado para a descrição do caráter situado dos processos de ordenamento local que se desenvolvem nas interações, levantando evidências do seu caráter localmente constituído, ainda são poucos os trabalhos que assumem a tarefa de buscar entender a participação de corpos vivos em ação e sua plena participação na significação. Esta tese busca, pois, trazer uma contribuição nesse sentido, na expectativa de que as descrições em línguas orais e sinalizadas levem mais em consideração os corpos que significam no seu envolvimento necessário nas atividades que constituem as nossas experiências no mundo da vida.

REFERÊNCIAS

- AJELLO, Roberto; MAZZONI, Laura; NICOLAI, Florida. Linguistic gestures: mouthing in Italian Sign Language (LIS). In: BRAEM, Penny Boyes; SUTTON-SPENCE, Rachel (ed.). **The hands are the head of the mouth: the mouth as articulator in sign languages.** Hamburg: Signum-Verlag, 2001. p. 231-246. (International Studies of Sign Language and Communication of the Deaf - Volume 39).
- ÁNGEL-OSORNO, Juliana. **A leitura de ficção como interação deslocada: um estudo etnometodológico.** São Paulo: Universidade de São Paulo, 2020. Manuscrito não publicado de tese em preparação.
- ATÃ, Pedro; QUEIROZ, João. Emergent sign-action classical ballet as a self-organized and temporally distributed semiotic process. **European Journal Of Pragmatism And American Philosophy**, [S.L.], v. 11, n. 2, p. 0-19, 2019. Disponível em: <https://journals.openedition.org/ejpap/1652>. Acesso em: 05 abr. 2022.
- ATÃ, Pedro; QUEIROZ, João. O externalismo semiótico ativo de C. S. Peirce e a cantoria de viola como signo em ação. **Trans/Form/Ação**, [S.L.], v. 44, n. 3, p. 177-204, set. 2021. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/0101-3173.2021.v44n3.15.p177>. Disponível em: <https://revistas.marilia.unesp.br/index.php/transformacao/article/view/10980>. Acesso em: 06 abr. 2022.
- BAKER, Cassandra; PADDEN, Carol. Focusing on the nonmanual components of American Sign Language. In: SIPLE, P. (ed.). **Understanding language through Sign Language Research.** New York: Academic Press, 1978. p. 27-57.
- BANDEIRA, Manuel. **Meus Poemas Preferidos.** Rio de Janeiro: Ediouro, 2005.
- BANK, Richard. **The ubiquity of mouthings in NGT: a corpus study.** 2014. 152 f. Tese (Doutorado) - Curso de Linguística, Radboud University, Amsterdam, 2014.
- BARBIERI, Filippo; BUONOCORE, Antimo; VOLTA, Riccardo dalla; GENTILUCCI, Maurizio. How symbolic gestures and words interact with each other. **Brain And Language**, [S.L.], v. 110, n. 1, p. 1-11, jul. 2009. Elsevier BV. <http://dx.doi.org/10.1016/j.bandl.2009.01.002>. Acesso em: 22 de dez. 2022.
- BAVELAS, Janet Beavin; GERWING, Jennifer. The Listener as Addressee in Face-to-Face Dialogue. **International Journal Of Listening**, [S.L.], v. 25, n. 3, p. 178-198, set. 2011. Informa UK Limited. <http://dx.doi.org/10.1080/10904018.2010.508675>. Acesso em: 22 de dez. 2022.
- BERGMAN, Brita; WALLIN, Lars. A preliminary analysis of visual mouth segments on Swedish Sign Language. In: BRAEM, Penny Boyes; SUTTON-SPENCE, Rachel (ed.). **The hand are the head of the mouth: the mouth as articulator in sign languages.** Hamburg: Signum-Verlag, 2001. p. 51-68. (International Studies of Sign Language and Communication of the deaf - Volume 39).
- BRAEM, Penny Boyes. Functions of the mouthings in the signing of Deaf early and late learners of Swiss German Sign Language (DSGS). In: BRAEM, Penny Boyes; SUTTON-

- SPENCE, Rachel (ed.). **The hand are the head of the mouth**: the mouth as articulator in sign languages. Hamburg: Signum-Verlag, 2001. p. 99-132. (International Studies of Sign Language and Communication of the deaf - Volume 39).
- CHAFE, Wallace L. **Discourse, consciousness and time**: The Flow and displacement of Conscious Experience in Speaking and writing. Chicago: University of Chicago Press, 1994.
- CHEMERO, Anthony. Sensorimotor empathy. **Journal Of Consciousness Studies**. Imprint Academic, p. 138-152. jan. 2016.
- CLARK, Hebert; GERRIG, Richard. Quotation as demonstrations. **Language**, Stor, v. 4, n. 66, p. 764-805, dez. 1990.
- CLARK, Hebert. **Using language**. Cambridge: Cambridge University Press, 1996. 418 p.
- COURTINE, Jean-Jacques; HAROCHE, Claudine. **História do rosto**: exprimir e calar emoções. Petrópolis, Rj: Vozes, 2016. 253 p. Título original: Histoire du visage - exprimer et taire ses émotions (XVI-début XIX siècle).
- COWLEY, Stephen J.; FESTER, Marie-Theres. Voices in human agency: the power of presence. **Reti, Saperi, Linguaggi**, [S.L.], n. 2, p. 303-320, 2017. Società Editrice Il Mulino. <http://dx.doi.org/10.12832/88787>. Disponível em: <https://www.rivisteweb.it/doi/10.12832/88787>. Acesso em: 05 abr. 2022.
- CRASBORN, Onno A.; KOOIJ, Els van Der; WATERS, Dafydd; WOLL, Bencie; MESCH, Johanna. Frequency distribution and spreading behavior of different types of mouth actions in three sign languages. **Sign Language & Linguistics**, [S.L.], v. 11, n. 1, p. 45-67, 12 dez. 2008. John Benjamins Publishing Company. <http://dx.doi.org/10.1075/sll.11.1.04cra>.
- DUDIS, Paul. Types of depiction in ASL. Department of Linguistics: Gallaudet University, 2007.
- ENFIELD, Nick J. 'Lip-pointing': a discussion of form and function with referenceto data from laos. **Gesture**, [s. l], v. 2, n. 1, p. 185-212, jan. 2001. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/228530494_Lip-pointing_A_discussion_of_form_and_function_with_reference_to_data_from_Laos. Acesso em: 14 out. 2022.
- ENFIELD, Nick J. **The anatomy of meaning**: speech, gesture, and composite utterances. Cambridge: Cambridge University Press, 2009. Disponível em: <https://www.cambridge.org/core/books/anatomy-of-meaning/921F44DA29ECA011BFB66DFCC4D6C072>. Acesso em: 06 abr. 2022.
- ENFIELD, N. J. **Relationship Thinking**: agency, enchrony, and human sociality. New York: Oxford University Press, 2013. 278 p.
- FONTANA, Sabina. Mouth actions as gesture in sign language. **Dimensions Of Gesture**, [S.L.], v. 8, n. 1, p. 104-123, 15 maio 2008. John Benjamins Publishing Company. <http://dx.doi.org/10.1075/gest.8.1.08fon>. Disponível em: <https://benjamins.com/catalog/gest.8.1.08fon>. Acesso em: 06 abr. 2022.
- FREUD, Sigmund. **O mal-estar na civilização**. Rio de Janeiro: Imago, 1976. (versão originalmente publicada em 1929)

- FROESE, Tom; PAOLO, Ezequiel A. di. The enactive approach. **Pragmatics And Cognition**, [S.L.], v. 19, n. 1, p. 1-36, 26 jul. 2011. John Benjamins Publishing Company. <http://dx.doi.org/10.1075/pc.19.1.01fro>. Disponível em: <https://www.jbe-platform.com/content/journals/10.1075/pc.19.1.01fro>. Acesso em: 06 abr. 2022.
- GALLAGHER, Shaun. Philosophical antecedents to situated cognition. In: ROBBINS, Philip; AYDEDE, Murat (ed.). **Cambridge Handbook of Situated Cognition**. Cambridge: Cambridge University Press, 2009. p. 35-51.
- GALLESE, Vittorio. Mirror Neurons, Embodied Simulation, and the Neural Basis of Social Identification. **Psychoanalytic Dialogues**, [S.L.], v. 19, n. 5, p. 519-536, 13 out. 2009. Informa UK Limited. <http://dx.doi.org/10.1080/10481880903231910>.
- GENTILUCCI, Maurizio. Grasp observation influences speech production. **European Journal Of Neuroscience**, [S.L.], v. 17, n. 1, p. 179-184, jan. 2003. Wiley. <http://dx.doi.org/10.1046/j.1460-9568.2003.02438.x>.
- GENTILICCI, Maurizio; CORBALLIS, Michael. From manual gesture to speech: a gradual transition. **Neuroscience & Biobehavioral Reviews**, [S.L.], v. 30, n. 7, p. 949-960, jan. 2006. Elsevier BV. <http://dx.doi.org/10.1016/j.neubiorev.2006.02.004>.
- GOMES, Antonio; GUDWIN, Ricardo Ribeiro; QUEIROZ, João. Meaningful agents: a semiotic approach. **International Conference On Integration Of Knowledge Intensive Multi-Agent Systems**. Cambridge, Ma, Usa, p. 399-404. jan. 2005. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1109/KIMAS.2005.1427114>. Acesso em: 14 out. 2022.
- GOODWIN, Charles, GOODWIN, Marjorie Harness. Seeing as a Situated Activity: Formulating Planes. **Cognition and Communication at Work**. Y. Engeström and D. Middleton. Cambridge, Cambridge University Press, 1996. pp. 61-95
- GOODWIN, Charles. **Co-Operative Action**. New York: Cambridge University Press, 2018. 521 p. Disponível em: <https://www.cambridge.org/core/books/cooperative-action/409E1455713D43131F04C3F6B6815FF7>. Acesso em: 06 abr. 2022.
- HAAN, Sanneke de. **Enactive Psychiatry**. Cambridge: Cambridge University Press, 2020. 287 p.
- HANKE, Thomas; LANGER, Gabriele; METZGER, Christiane; HONG, Sung-Eun; MARSHALL, Ian; SÁFÁR, Eva; SCHMALING, Constanze; BENTELE, Susanne; BLANCK, Dolly; DORN, Renate. **ViSiCAST Deliverable D5-1: interface definitions**. Hamburg: University Of Hamburg, 2001. 69 p.
- HEIDEGGER, Martin. **Poetry, language, thought**. New York: Harper And Row, 1971. Tradução: A. Hofstadter.
- HOFFMEYER, Jesper. Semiotic scaffolding of living systems. In: BARBIERI, Marcello (ed.). **Introduction to biosemiotics**. Dordrecht: Springer, 2007. p. 149-166.
- HOFFMEYER, Jesper. Knowledge Is Never Just There. **Biosemiotics**, [S.L.], v. 11, n. 1, p. 1-5, abr. 2018. Springer Science and Business Media LLC. <http://dx.doi.org/10.1007/s12304-018-9320-4>. Acesso em: 22 de dez. 2022.

- HUTCHINS, Edwin. Enaction, Imagination, and Insight. In: STEWART, John; GAPENNE, Olivier; PAOLO, Ezequiel A. di (ed.). **Enaction**: toward a new paradigm for cognitive science. Cambridge, Massachusetts: The Mit Press, 2010. p. 425-447.
- ILIOPOULOS, Antonis. The Evolution of Material Signification: tracing the origins of symbolic body ornamentation through a pragmatic and enactive theory of cognitive semiotics. **Signs And Society**, [S.L.], v. 4, n. 2, p. 244-277, set. 2016. University of Chicago Press. <http://dx.doi.org/10.1086/688619>. Acesso em: 22 de dez. 2022.
- INGOLD, Tim. **Being alive**: essays on movement, knowledge and description. New York: Routledge, 2011. 270 p.
- INGOLD, Tim. **The perception of the environment**: essays on livelihood, dwelling and skill. London: Routledge, 2000.
- JAEGHER, Hanne de; FROESE, Tom. On the Role of Social Interaction in Individual Agency. **Adaptive Behavior**, [S.L.], v. 17, n. 5, p. 444-460, 23 set. 2009. SAGE Publications. <http://dx.doi.org/10.1177/1059712309343822>. Acesso em: 22 de dez. 2022.
- JAEGHER, Hanne de; PAOLO, Ezequiel di; GALLAGHER, Shaun. Can social interaction constitute social cognition? **Trends In Cognitive Sciences**, [S.L.], v. 14, n. 10, p. 441-447, out. 2010. Elsevier BV. <http://dx.doi.org/10.1016/j.tics.2010.06.009>. Acesso em: 22 de dez. 2022.
- JEANNEROD, Marc. **Motor Cognition**: what actions tell the self. Oxford, Uk: Oxford Univ. Press, 2006.
- JOHNSON, Steven. **Emergence**. New York: Scribner., 2001.
- JOHNSTON, Trevor; VAN ROEKEL, Jane; SCHEMBRI, Adam. On the Conventionalization of Mouth Actions in Australian Sign Language. **Language And Speech**, [S.L.], v. 59, n. 1, p. 3-42, 22 fev. 2015. SAGE Publications. <http://dx.doi.org/10.1177/0023830915569334>. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1177/0023830915569334?journalCode=lasa>. Acesso em: 06 abr. 2022.
- KLEISNER, Karel. Semantic Organs: the concept and its theoretical ramifications. **Biosemiotics**, [S.L.], v. 8, n. 3, p. 367-379, 26 ago. 2015. Springer Science and Business Media LLC. <http://dx.doi.org/10.1007/s12304-015-9246-z>. Acesso em: 22 de dez. 2022.
- KNOBLICH, Günther; THORNTON, Ian; GROSJEAN, Marc; SHIFFRAR, Maggie (ed.). **Human body perception from the inside out**. Oxford: Oxford University Press., 2006.
- KELLER, Jörg. Multimodal representations and the linguistic status of mouthings in German Sign Language (DGS). In: BRAEM, Penny Boyes; SUTTON-SPENCE, Rachel (ed.). **The Hands are the Head of the Mouth**: the mouth as articulator in sign languages. Seiten: Signum, 2001. p. 191-230.
- KITA, Sotaro; VAN GIJN, Ingeborg; HULST, Harry van Der. Movement phases in signs and co-speech gestures, and their transcription by human coders. **Gesture And Sign Language In Human-Computer Interaction**, [S.L.], p. 23-35, 1998. Springer Berlin

- Heidelberg. <http://dx.doi.org/10.1007/bfb0052986>. Disponível em: <https://dl.acm.org/doi/10.5555/647590.728559>. Acesso em: 06 abr. 2022.
- KOCKELMAN, Paul. Biosemiosis, Technocognition, and Sociogenesis. **Current Anthropology**, [S.L.], v. 52, n. 5, p. 711-739, out. 2011. University of Chicago Press. <http://dx.doi.org/10.1086/661708>. Disponível em: <https://www.journals.uchicago.edu/doi/10.1086/661708>. Acesso em: 06 abr. 2022.
- KRAMPEN, Martin. Phytosemiotics. **Semiotica**, [S.L.], v. 36, n. 3-4, p. 187-209, jan. 1981. Walter de Gruyter GmbH. <http://dx.doi.org/10.1515/semi.1981.36.3-4.187>. Acesso em: 22 de dez. 2022.
- KULL, Kalevi; EMMECHE, Claus (ed.). **Towards a Semiotic Biology: life is the action of signs**. Londres: Imperial College Press, 2011.
- LAKOFF, George; JOHNSON, Mark. **Metaphors We Live by**. Chicago: University Of Chicago Press, 1980.
- LAKOFF, George; JOHNSON, Mark. **Philosophy in the flesh: the embodied mind and its challenge to the western thought**. New York: Basic Books, 1999. 624 p.
- LANGACKER, Ronald. Chapter 4: a dynamic usage-based model. **Grammar And Conceptualization**, [S.L.], p. 91-145, jan. 2000. DE GRUYTER MOUTON. <http://dx.doi.org/10.1515/9783110800524.91>. Acesso em: 22 de dez. 2022.
- LEE, Namhee; MIKESELL, Lisa; JOAQUIN, Anna Dina L.; MATES, Andrea W.. **The Interactional Instinct: the evolution and acquisition of language**. New York: Oxford University Press, 2009.
- LEITE, Tarcísio de Arantes. **A segmentação da língua de sinais brasileira (libras): um estudo linguístico descritivo a partir da**. 2008. 280 f. Tese (Doutorado) - Curso de Letras, Letras Modernas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8147/tde-25092008-160005/pt-br.php>. Acesso em: 05 abr. 2022.
- LEITE, Tarcísio de Arantes.; McCLEARY, Leland. The identification of grammatical units in Brazilian Sign Language: a usage-based approach. **Todas as Letras**, São Paulo, v. 15, n. 1, p. 62-87, 2013.
- LEITE, T. de A.; AMPESSAN, J. P.; BOLDO, J.; TASCALOHN, J.; AZEVEDO, G. S. de O. Semântica lexical na libras: Libertando-se da tirania das glosas. **Revista da ABRALIN**, [S. l.], v. 20, n. 2, p. 1-23, 2022. DOI: 10.25189/rabralin.v20i3.1833. Disponível em: <https://revista.abralin.org/index.php/abralin/article/view/1833>. Acesso em: 16 maio. 2023.
- LEMKE, Jay L. Across the Scales of Time: artifacts, activities, and meanings in ecosocial systems. **Mind, Culture, And Activity**, [S.L.], v. 7, n. 4, p. 273-290, nov. 2000. Informa UK Limited. http://dx.doi.org/10.1207/s15327884mca0704_03. Disponível em: https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1207/S15327884MCA0704_03. Acesso em: 06 abr. 2022.
- LEMKE, Jay L. Opening Up Closure: semiotics across scales. **Annals Of The New York Academy Of Sciences**, [S.L.], v. 901, n. 1, p. 100-111, 25 jan. 2006.

Wiley. <http://dx.doi.org/10.1111/j.1749-6632.2000.tb06269.x>. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/10818561/>. Acesso em: 06 abr. 2022.

LIDDELL, Scott K.; METZGER, M.. Gesture in sign language discourse. **Journal Of Pragmatics**, [s. l.], v. 1, n. 30, p. 657-697, fev. 1998.

LIDDELL, Scott K.. **Grammar, Gesture and Meaning in American Sign Language**. Cambridge: Cambridge University Press, 2003. 384 p.

LIMA, Cacilda Vilela de. A multimodalidade da conversa face a face em episódios de desacordo. 2017. 280 f. Tese (Doutorado) - Curso de Letras, Letras Modernas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8147/tde-04062018-182512/>. Acesso em: 30 abr. 2023.

MÄÄTTÄNEN, Pentti. Habits as Vehicles of Cognition. In: BERGMAN, M.; PAAVOLA, S.; PIETARINEN, A. V.; RYDENFELT, H. (ed.). **Ideas in Action**: proceedings of the applying peirce conference. Helsinki: Nordic Pragmatism Network, 2010. p. 201-210.

MACNEILAGE, Peter F.. The frame/content theory of evolution of speech production. **Behavioral And Brain Sciences**, [S.L.], v. 21, n. 4, p. 499-511, ago. 1998. Cambridge University Press (CUP). <http://dx.doi.org/10.1017/s0140525x98001265>. Acesso em: 22 de dez. 2022.

MADEIRA, Miguel Carlos. **Anatomia da Face**: bases anatomofuncionais para a prática odontológica. 5. ed. Colaboração especial Roelf Justino Cruz Rizzolo; com desenhos de Paulo Henrique Ferreira Caria, Renata Solci Madeira Cruz. São Paulo: Sarvier, 2004. 272 p.

MALAFOURIS, Lambros. **How Things Shape the Mind**: a theory of material engagement. Cambridge, Ma: Mit Press, 2013. 304 p.

MATURANA, Humberto; VARELA, Francisco. **De máquinas y seres vivos**: autopoiesis, la organización de lo vivo. Santiago: Editorial Universitária, 1973.

MATURANA, Humberto; VARELA, Francisco. **Autopoiesis and Cognition**: the realization of the living. Dodrecht: Reidel, 1980.

MATURANA, Humberto; VARELA, Francisco. **The tree of knowledge**: the biological roots of human understanding. Washigton: New Science Library/Shambhala Publications, 1987.

MCCLEARY, Leland; VIOTTI, Evani. Espaços integrados e corpos partidos: vozes e perspectivas narrativas em línguas sinalizadas. **Scripta**, [S.L.], v. 18, n. 34, p. 121-139, 18 dez. 2014. <http://dx.doi.org/10.5752/p.2358-3428.2014v18n34p121>. Acesso em: 22 de dez. 2022.

MCCLEARY, Leland; VIOTTI, Evani. Fundamentos para uma semiótica de corpos em ação. In: FIORIN, José Luiz (org.). **Novos Caminhos da Linguística**. São Paulo: Contexto, 2017. p. 171-194.

MCCLEARY, Leland; VIOTTI, Evani; LEITE, Tarcísio de Arantes. Descrição das línguas sinalizadas: a questão da transcrição dos dados.. **Alfa**: Revista de Linguística, São Paulo,

- v. 54, n. 1, p. 265-289, 2010. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/alfa/article/view/2880>. Acesso em: 06 abr. 2022.
- METGZER, M.. Constructed dialogue and constructed action in American Sign Language. In: LUCAS, C. (ed.). **Sociolinguistics in Deaf Communities**. Washington, Dc: Gallaudet University Press, 1995. p. 255-271.
- MILLER, George. The cognitive revolution: a historical perspective. **Trends In Cognitive Sciences**, [S.L.], v. 7, n. 3, p. 141-144, mar. 2003. Elsevier BV. [http://dx.doi.org/10.1016/s1364-6613\(03\)00029-9](http://dx.doi.org/10.1016/s1364-6613(03)00029-9). Acesso em: 22 de dez. 2022. Acesso em: 06 abr. 2022.
- MITTELBERG, Irene. **Metaphor and metonymy in language gesture**: discursive evidence for multimodal models of grammar. 670 f. Tese (Doutorado) - Curso de Linguística, Cornell University, New York, 2006.
- MITTELBERG, Irene. Peirce's universal categories: on their potential for gesture theory and multimodal analysis. **Semiótica**, [S.L.], v. 2019, n. 228, p. 193-222, 28 mar. 2019. Walter de Gruyter GmbH. <http://dx.doi.org/10.1515/sem-2018-0090>. Acesso em: 22 de dez. 2022.
- MOHR, Susanne. The visual-gestural modality and beyond. **Sign Language & Linguistics**, [S.L.], v. 15, n. 2, p. 185-211, 17 dez. 2012. John Benjamins Publishing Company. <http://dx.doi.org/10.1075/sll.15.2.01moh>. Disponível em: <https://benjamins.com/catalog/sll.15.2.01moh>. Acesso em: 06 abr. 2022.
- MORAN, Dermot; COHEN, Joseph. **The Husserl Dictionary**. Londres: Bloomsbury Publishing, 2012. 384 p.
- MOREIRA, Renata Lúcia. **Um Olhar da Semiótica para os Discursos em Libras**: descrição do tempo. 2016. 207 f. Tese (Doutorado) - Curso de Linguística, Semiótica e Linguística Geral, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016.
- MOREIRA, Renata Lúcia. **Uma descrição da dêixis de pessoa na língua de sinais brasileira**: pronomes pessoais e verbos indicadores. 2007. 150 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Linguística, Semiótica e Linguística Geral, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.
- MURPHY, Keith M.. Imagination as Joint Activity: the case of architectural interaction. **Mind, Culture, And Activity**, [S.L.], v. 11, n. 4, p. 267-278, nov. 2004. Informa UK Limited. http://dx.doi.org/10.1207/s15327884mca1104_3. Acesso em: 22 de dez. 2022.
- NÖE, Alva. **Out of our heads**: why you are not your brain and other lessons of consciousness. New York: Hill and Wang, 2009. 214 p.
- PAOLO, Ezequiel A. di. Autopoiesis, Adaptivity, Teleology, Agency. **Phenomenology And The Cognitive Sciences**, [S.L.], v. 4, n. 4, p. 429-452, dez. 2005. Springer Science and Business Media LLC. <http://dx.doi.org/10.1007/s11097-005-9002-y>. Acesso em: 22 de dez. 2022.
- PÊGO, Carolina Ferreira. **Sinais não-manuais gramaticais da LSB nos traços morfológicos e lexicais: um estudo do morfema-boca**. 2013. 88f. Dissertação (Mestrado) – Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas – LIP, Universidade de Brasília, Brasília, 2013.

- PÊGO, Carolina Ferreira. **Articulação-boca na libras: um estudo tipológico semântico-funcional**. 2021. 158f. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-graduação em Linguística, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2021.
- POLANYI, Michael. On the modern mind. **Encounter**, (S.L), n. 24, p. 12-20, jan. 1965.
- POLANYI, Michael. **The tacit dimension**. Chicago: The University of Chicago Press, 2009. 108 p. Foreword by: Amartya Sen.
- POLANYI, Michael; PROSCH, Harry. **Meaning**. Chicago: University of Chicago Press, 1977.
- POPOVA, Yanna B.. Narrativity and enaction: the social nature of literary narrative understanding. **Frontiers In Psychology**, [S.L.], v. 5, p. 1-14, 22 ago. 2014. Article 895. Frontiers Media SA. <http://dx.doi.org/10.3389/fpsyg.2014.00895>. Acesso em: 22 de dez. 2022.
- POPOVA, Yanna B.. **Stories, meaning, and experience: narrativity and enaction**. Londres, Reino Unido: Routledge, 2015. 210 p.
- PUUPPONEN, Anna. Towards understanding nonmanuality: a semiotic treatment of signers head movements. **Glossa: a journal of general linguistics**, [S.L.], v. 4, n. 1, p. 1-39, 19 mar. 2019. Open Library of the Humanities. <http://dx.doi.org/10.5334/gjgl.709>. Acesso em: 22 de dez. 2022.
- QUEIROZ, João. Introdução à divisão 3-tricotômica de signos. **Cadernos de Estudos Linguísticos**, [S.L.], v. 46, n. 2, p. 271-282, 2 ago. 2011. Universidade Estadual de Campinas. <http://dx.doi.org/10.20396/cel.v46i2.8637173>. A resenha data originalmente de 2004. Publicação online em 2011.
- QUEIROZ, João; EL-HANI, Charbel Niño. Semiosis as an Emergent Process. **Transactions Of The Charles S. Peirce Society: A Quarterly Journal in American Philosophy**, [S.L.], v. 42, n. 1, p. 78-116, jan. 2006. Indiana University Press. <http://dx.doi.org/10.2979/tra.2006.42.1.78>. Disponível em: <https://philpapers.org/rec/QUESAA>. Acesso em: 06 abr. 2022.
- RIZZOLATTI, Giacomo; CRAIGHERO, Laila. The mirror-neuron system. **Annual Review Of Neuroscience**, [S.L.], v. 27, n. 1, p. 169-192, 21 jul. 2004. Annual Reviews. <http://dx.doi.org/10.1146/annurev.neuro.27.070203.144230>. Acesso em: 22 de dez. 2022.
- SCHERMER, Trude. **In Search of a language: influences from spoken Dutch on sign language of the Netherlands**. 1990. 184f. Tese (Doutorado) – University of Amsterdam, Amsterdam, 1990.
- SCHERMER, Trude. The role of the mouthings in sign language of the Netherlands: some implications for the production of sign language dictionaries. In: BRAEM, Penny Boyes; SUTTON-SPENCE, Rachel (ed.). **The hands are the head of the mouth: the mouth as articulator in sign languages**. Hamburg: Signum-Verlag, 2001. p. 273-284. (International Studies of Sign Language and Communication of the Deaf - Volume 39).
- SCHUTZ, Alfred. **The Phenomenology of the Social World**. Evanston, Il: Northwestern Univ. Press, 1967.

- SHAROV, Alexei; MARAN, Timo; TØNNESSEN, Morten. Organisms Reshape Sign Relations. **Biosemiotics**, [S.L.], v. 8, n. 3, p. 361-365, 16 out. 2015. Springer Science and Business Media LLC. <http://dx.doi.org/10.1007/s12304-015-9251-2>. Acesso em: 22 de dez. 2022.
- SHROEDER, O. I. A problem in phonological description. In: STOKOE, William; VOLTERRA, V. (ed.). **SLR'83**. Md: Linstok: Silver Spring, 1985.
- SEBEOK, Thomas A.. Communication, language and speech: evolutionary considerations. In: HERZFELD, Michael; MELAZZO, Lucio (ed.). **Semiotic Theory and Practice: proceedings of the third international congress of the IASS, Palermo, 1984**. Berlin: Mouton de Gruyter, 1988. p. 1083-1091.
- SHEETS-JOHNSTONE, Maxine. **The primacy of movement**. Philadelphia: John Benjamins B.V, 2012. 574 p.
- SIDNELL, Jack. Sign Theory and the Materiality of Discourse. In: FINA, Anna de; GEORGAKOPOULOU, Alexandra (ed.). **The Cambridge Handbook of Discourse Studies**. Cambridge: Cambridge University Press, 2020. p. 282-305.
- SILVA, João Paulo da. **Demonstrações em uma narrativa sinalizada em libras**. 2014. 137 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Linguística, Departamento de Linguística, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014. Disponível em: https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8139/tde-07052015-170319/publico/2014_JoaoPauloDaSilva_VCorr.pdf. Acesso em: 14 out. 2022.
- SILVA, João Paulo da. As ações bucais como recurso na construção de ações cooperativas. **Estudos Linguísticos (São Paulo. 1978)**, [S.L.], v. 49, n. 3, p. 1658-1674, 17 dez. 2020. Grupo de Estudos Linguísticos do Estado de São Paulo. <http://dx.doi.org/10.21165/el.v49i3.2527>. Acesso em: 22 de dez. 2022.
- SONESSON, Göran. Mastering phenomenological semiotics with Husserl and Peirce. **Semiotics And Its Masters**, [S.L.], p. 83-102, 22 maio 2017. De Gruyter. <http://dx.doi.org/10.1515/9781501503825-005>. Acesso em: 22 de dez. 2022.
- SONESSON, Göran. The Natural History of Branching: approaches to the phenomenology of firstness, secondness, and thirdness. **Signs And Society**, [S.L.], v. 1, n. 2, p. 297-325, set. 2013. University of Chicago Press. <http://dx.doi.org/10.1086/673251>. Acesso em: 22 de dez. 2022.
- STEWART, John. Foundational Issues in Enaction as a Paradigm for Cognitive Science: from the origin of life to consciousness and writing. In: STEWART, John; GAPENNE, Olivier; PAOLO, Ezequiel A. di (ed.). **Enaction: toward a new paradigm for cognitive science**. Cambridge, Massachusetts: The Mit Press, 2010. Cap. 1. p. 1-31.
- STREECK, Jürgen. Embodiment in Human Communication. **Annual Review Of Anthropology**, [S.L.], v. 44, n. 1, p. 419-438, 21 out. 2015. Annual Reviews. <http://dx.doi.org/10.1146/annurev-anthro-102214-014045>. Disponível em: <https://www.annualreviews.org/doi/abs/10.1146/annurev-anthro-102214-014045>. Acesso em: 06 abr. 2022.

- STREECK, Jürgen. **Gesturecraft**: the manu-facture of meaning. Amsterdam: Netherlands: John Benjamins Publishing Company, 2009. 235 p. (Gestures Studies, 2). Disponível em: <https://benjamins.com/catalog/gs.2>. Acesso em: 06 abr. 2022.
- STREECK, Jürgen; JORDAN, J. Scott. Communication as a Dynamical Self-Sustaining System: the importance of time-scales and nested context. **Communication Theory**, [s. l.], n. 19, p. 445-464, jan. 2009.
- SUTTON-SPENCE, Rachel; DAY, Linda. Mouthings and mouth gestures in British Sign Language (BSL). In: BRAEM, Penny Boyes; SUTTON SPENCE, Rachel (ed.). **The hand are the head of the mouth**: the mouth as articulator in sign languages. Hamburg: Signum-Verlag, 2001. p. 69-86. (International Studies of Sign Language and Communication of the deaf - Volume 39).
- THOMPSON, Evan. Life and mind: from autopoiesis to neurophenomenology. a tribute to Francisco Varela. **Phenomenology And The Cognitive Sciences**, Netherlands: Kluwer Academic Publisher., n. 3, p. 381-398, 2004.
- THOMPSON, Evan. **Mind in Life**: biology, phenomenology, and the sciences of mind. Cambridge, Massachusetts: Havard University Press, 2007. 543 p.
- TOULMIN, Stephen. **Cosmopolis**: the hidden agenda of modernity. 2. ed. Chicago: University of Chicago Press, 1992. 228 p.
- UEXKÜLL, Jakob von. A Stroll through the Worlds of Animals and Men: A Picture Book of Invisible Worlds. SCHILLER., Claire H. (ed.). **Instinctive Behavior**: the development of a modern concept. New York: International Universities Press, 1934[1957]. p. 5-80.
- VARELA, Francisco J.. **Principles of biology autonomy**. New York: Elsevier North Holland, 1979.
- VARELA, Francisco. Autopoiesis and a biology of intentionality. In: B., McMullin (ed.). **Proceedings of the workshop “Autopoiesis and Perception”**. Dublin: Dublin City University, 1992. p. 4-14. Disponível em: <https://cepa.info/1274>. Acesso em: 22 de dez. 2022.
- VARELA, Francisco; THOMPSON, Evan; ROSCH, Eleanor. **Embodied Mind**: cognitive science and human experience. Cambridge, Massachusetts: The MIT Press, 1991. 392 p.
- VARELA, Francisco J.. **El fenomeno de la vida**. Santiago: Dolmen, 1999.
- VIOTTI, Evani. Dossiê Língua de Sinais: apresentação. **Todas As Letras**: Revista de Língua e Literatura, São Paulo, v. 15, n. 1, p. 12-14, 2013a.
- VIOTTI, Evani. Mudança linguística. In: FIORIN, José Luís. **Linguística? Que é isso?** São Paulo: Contexto, 2013b. p. 137-179.
- VIOTTI, Evani. 68° GEL - Mesa-redonda: Perspectivas para a linguística em tempos de interdisciplinaridade. Youtube, 9 de jul. de 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=TVNDLvVeGEg>. Acesso em: 15 de outubro de 2022.
- VIOTTI, Evani. FLL5163 - Bases epistemológicas da Semiótica das Interações. Disciplina de pós-graduação. Edisciplina; USP, 2022. Disponível em: <https://edisciplinas.usp.br/enrol/index.php?id=97575>. Acesso em 15 de outubro de 2022.

- VOGT-SVENDSEN, Marit. A comparison of mouth gestures and mouthing in Norwegian Sign Language. In: BRAEM, Penny Boyes; SUTTON-SPENCE, Rachel (ed.). **The hand are the head of the mouth: the mouth as an articulator in sign languages**. Hamburg: Signum-Verlag, 2001. p. 9-40. (International Studies of Sign Language and Communication of the deaf - Volume 39).
- WAGNER, Petra; MALISZ, Zofia; KOPP, Stefan. Gesture and speech in interaction: an overview. **Speech Communication**, [S.L.], v. 57, p. 209-232, fev. 2014. Elsevier BV. <http://dx.doi.org/10.1016/j.specom.2013.09.008>. Acesso em: 22 de dez. 2022.
- WEBER, Andreas. **Enlivenment: towards a fundamental shift in the concepts of nature, culture and politics**. Berlin: Heinrich-Böll-Stiftung, 2013. 71 p.
- WILSON, Margaret; KNOBLICH, Günther. The Case for Motor Involvement in Perceiving Conspicuous. **Psychological Bulletin**, [S.L.], v. 131, n. 3, p. 460-473, 2005. American Psychological Association (APA). <http://dx.doi.org/10.1037/0033-2909.131.3.460>. Acesso em: 22 de dez. 2022.
- WOLL, Bencie; SIERATZKI, Jechil S.. Echo phonology: signs of a link between gesture and speech. **Behavioral And Brain Sciences**, [S.L.], v. 21, n. 4, p. 531-532, ago. 1998. Cambridge University Press (CUP). <http://dx.doi.org/10.1017/s0140525x98481263>. Acesso em: 22 de dez. 2022.
- WOLL, Bencie. Moving from hand to mouth: echo phonology and the origins of language. **Frontiers In Psychology**, [S.L.], v. 5, n. 1, p. 1-9, 4 jul. 2014. Frontiers Media SA. <http://dx.doi.org/10.3389/fpsyg.2014.00662>. Acesso em: 14 out. 2022.

ANEXO A – DOCUMENTO DO COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA (CEP)

FACULDADE DE FILOSOFIA,
LETRAS E CIÊNCIAS
HUMANAS DA UNIVERSIDADE
DE SÃO PAULO



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: Ações bucais em libras: um estudo linguístico-descritivo a partir de sinalizações semi-espontâneas entre surdos adultos

Pesquisador: João Paulo da Silva

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 52446821.3.0000.0138

Instituição Proponente: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 5.097.187

Apresentação do Projeto:

Trata-se de uma pesquisa de doutorado que articula linguística e semiótica, já que o tipo de unidades que analisa não se limita às da linguagem verbal. A perspectiva teórica é de cunho cognitivo. Partindo da caracterização de "ações bucais" na performance de surdos como categorizáveis em figuras e gestos de relativa estabilidade, e do pressuposto da comunicação presencial como sempre multimodal, o projeto se pergunta por como essas ações intervêm na construção da significação na especificidade da Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS).

Objetivo da Pesquisa:

Os objetivos da pesquisa são estabelecer fatores que favorecem o emprego de figuras e gestos bucais na interação; observar sua coordenação e suas diferença temporal com outras ações corporais, e indagar os tipos de unidades linguísticas articuladas nessas figuras.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

A realização da pesquisa não envolve novas ações com os participantes, dado que o pesquisador apenas utilizará imagens que já foram gravadas anos atrás por outro pesquisador do mesmo laboratório, e que estão disponíveis, com autorização dos participantes, em uma base de dados para a pesquisa em línguas de sinais. Portanto, entendemos que a realização desta pesquisa em especial não comporta um novo risco. Os benefícios da pesquisa, explicados no termo que será apresentado aos participantes, consistem em acrescentar conhecimento sobre o funcionamento da

Endereço: DO LAGO 717, Sala 110 - Cidade Universitária
Bairro: BUTANTA **CEP:** 05.508-080
UF: SP **Município:** SAO PAULO
Telefone: (11)2648-6560 **E-mail:** ceph-ffch@usp.br

FACULDADE DE FILOSOFIA,
LETRAS E CIÊNCIAS
HUMANAS DA UNIVERSIDADE
DE SÃO PAULO



Continuação do Parecer: 5.097.187

língua brasileira de sinais em um aspecto pouco explorado até agora.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Nada a comentar do ponto de vista ético.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

O requerente apresenta os termos assinados em 2005 pelos dois participantes, em que eles autorizam o uso da gravação de imagem da sua performance "integralmente ou em partes, sem restrições de prazos e limites de citações" e sua disponibilização em bases de dados internacionais. Além disso, apresenta também um novo termo, denominado "Autorização de uso de material visual para pesquisa" que será submetido aos dois participantes para que deem consentimento para a nova utilização, incluindo a publicação da imagem do rosto e do corpo, que efetivamente são necessárias para a adequada explicação das ações bucais e sua relação com outras ações corporais. No projeto, o pesquisador informa que "Em caso de os participantes não desejarem ter suas imagens reconhecidas na tese e nos artigos dela decorrentes, comprometo-me usar as imagens apenas com filtro produzido por um software de conversão de fotos em desenhos (e.g. ToonApp), que permita ocultar suas identidades, retendo os aspectos fundamentais de sua expressão, especialmente em relação às configurações dos movimentos da boca."

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Sem pendências.

Considerações Finais a critério do CEP:

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1760119.pdf	16/09/2021 21:00:42		Aceito
Folha de Rosto	FolhaDeRosto_JoaoPauloDaSilva.pdf	16/09/2021 20:59:57	João Paulo da Silva	Aceito
Outros	TermoCompromissoResponsabilidade.pdf	16/09/2021 20:54:47	João Paulo da Silva	Aceito
Outros	Termo2.pdf	16/09/2021 20:22:51	João Paulo da Silva	Aceito
Outros	Termo1.pdf	16/09/2021 20:22:21	João Paulo da Silva	Aceito
Outros	Termo_Uso_Imagem_Tese.pdf	16/09/2021 20:20:34	João Paulo da Silva	Aceito

Endereço: DO LAGO 717, Sala 110 - Cidade Universitária
Bairro: BUTANTA **CEP:** 05.508-080
UF: SP **Município:** SAO PAULO
Telefone: (11)2648-6560 **E-mail:** ceph-fflch@usp.br

FACULDADE DE FILOSOFIA,
LETRAS E CIÊNCIAS
HUMANAS DA UNIVERSIDADE
DE SÃO PAULO



Continuação do Parecer: 5.097.187

Projeto Detalhado / Brochura Investigador	ProjetoDetalhado_2Versao.pdf	16/09/2021 20:12:51	João Paulo da Silva	Aceito
---	------------------------------	------------------------	---------------------	--------

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

SAO PAULO, 10 de Novembro de 2021

Assinado por:
Ana Lúcia Pastore Schritzmeyer
(Coordenador(a))

Endereço: DO LAGO 717, Sala 110 - Cidade Universitária
Bairro: BUTANTA **CEP:** 05.508-080
UF: SP **Município:** SAO PAULO
Telefone: (11)2648-6560 **E-mail:** ceph-ffich@usp.br

ANEXO B - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Autorização de uso de material visual para pesquisa

Instituição acadêmica: Universidade de São Paulo
 Unidade: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas
 Departamentos: Letras Modernas e Linguística
 Grupos de pesquisa: LLICC-Laboratório Linguagem, Interação, Cultura e Cognição e
 ECS-Estudos da Comunidade Surda
 Pesquisadores responsáveis: Prof. Dr. Leland Emerson McCleary (DLM); Profa. Dra.
 Evani de Carvalho Viotti (DL)

Eu, _____, portador da cédula de identidade R.G. no. _____, autorizo os pesquisadores mencionados acima e os grupos de pesquisa da Universidade de São Paulo sob sua responsabilidade, a usar, para fins de pesquisa linguística, os vídeos gravados pelo pesquisador Tarcísio de Arantes Leite, no dia 02/12/2005, no Estúdio Multimeios do Centro de Computação Eletrônica da Universidade de São Paulo.

Autorizo, ainda, que os filmes sejam analisados por outros pesquisadores da comunidade acadêmica, desde que recomendados pelos pesquisadores responsáveis acima mencionados, e desde que as especificações desta autorização sejam respeitadas.

Os itens assinalados abaixo com minha rubrica especificam a extensão desta autorização.
 [Assinale (a) ou (b) para cada item.]

	1a	As gravações podem ser usadas nas pesquisas e análises, podendo integrar bases de dados científicos, e podem ser citadas por escrito em transcrição, por imagem, e por vídeo digital, em publicações e apresentações acadêmicas, no Brasil e no exterior.
	1b	As gravações podem ser usadas apenas confidencialmente nas pesquisas e análises, não podendo nunca ser utilizadas em publicações ou apresentações acadêmicas.

	2a	As imagens do meu rosto e do meu corpo podem ser usadas em apresentações acadêmicas públicas e em publicações impressas e digitalizadas, no Brasil e no exterior.
	2b	As imagens do meu rosto e do meu corpo podem ser usadas em apresentações acadêmicas públicas e em publicações impressas e digitalizadas, no Brasil e no exterior, desde que meu rosto não seja reconhecível.

3a	Devo ser identificado nos agradecimentos, nas transcrições e nas legendas das imagens por meu nome completo e por um nome curto, da seguinte forma: Nome completo: Nome curto:
3b	Devo ser identificado nos agradecimentos, nas transcrições e nas legendas das imagens apenas por um pseudônimo. [Indique um, se quiser, da seguinte forma]: Nome completo: Nome curto:

Confirmo que o pesquisador João Paulo da Silva me explicou presencialmente em sinais os objetivos das pesquisas para as quais estou autorizando o uso do material acima mencionado. Confirmo, também, que li atentamente os termos desta autorização, da qual tenho uma cópia. Estou ciente de que não há nenhum benefício direto para mim ao fornecer esta autorização, mas entendo que, com ela, estou ajudando a comunidade científica a ter um conhecimento melhor da gramática e do discurso em língua de sinais brasileira (libras). Estou ciente, também, que os resultados dos estudos relativos a esta autorização serão usados exclusivamente para fins de pesquisa acadêmica, e não serão usados para nenhum fim comercial.

São Paulo, 21 de janeiro de 2022

Nome do participante

João Paulo da Silva

Obs.: Os documentos originais assinados pelos dois participantes autorizando o uso de suas imagens nesta tese estão arquivados no LLICC. Eles não foram incluídos aqui para preservar os seus dados pessoais.